



Eu não posso
resistir a ele.

Inimigo TENTADOR

M. ROBINSON

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Eu não posso
resistir a ele.

Inimigo TENTADOR

M. ROBINSON

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

M. ROBINSON

Inimigo TENTADOR

Tradução: Helena Roque Pancetti

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

Inimigo Tentador

Copyright © 2023 M. Robinson

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: One Minute Design

Tradução: Helena Roque Pancetti

Preparação: Thátia Gonçalves de Sá

Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: rawpixel.com/Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R658

Robinson, M.
Inimigo Tentador [livro eletrônico] / M.
Robinson ; tradução Helena Roque Pancetti — 1. ed.
— Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. —
— (Série Dinastia Beckham ; 1)
ePub

Título original: Tempting Enemy
ISBN 978-65-85185-55-4

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Epílogo

Agradecimientos

Sobre a autora

Sobre a Five

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.

Para as leitoras que amam seus heróis de boca suja e pau grande...



PRÓLOGO

HAVEN



— Me solta! — gritei, tentando me desvencilhar do seu abraço.

Ignorei a dor que circulava por todo o meu ser e tentei me soltar de qualquer jeito, mas isso só fez com que ele me segurasse com muito mais força.

— Docinho, estou por um fio aqui... Por favor... — ele pediu quando não parei de lutar contra ele. — Nunca quis te machucar. Você sabe disso... Eu te avisei, mas você não me escutou. Você se recusou a me escutar e agora olha o que aconteceu.

— Por que você não me contou? — falei sinceramente, sentindo que ia despedaçar a qualquer momento. — Você teve tantas chances de me contar a verdade! Por que preferiu que eu descobrisse desse jeito?

Ele me virou para que eu pudesse encará-lo, ainda segurando meus braços.

— Eu não queria perder você. Não depois que me apaixonei.

Ouvi-lo dizer aquelas palavras pela primeira vez era como sentir ácido corroendo a minha pele.

Queimava.

Assustava.

Fazia meu coração arder.

Eu me soltei e comecei a bater o punho contra o seu peito, e ele aceitou cada golpe, sabendo que merecia.

Eu queria machucá-lo.

Eu precisava.

Mas também, apesar de tudo...

Eu queria continuar a amá-lo com cada milímetro do meu ser.

Quando, de repente, ele segurou meu pulso no meio de um golpe e me puxou de encontro ao seu corpo, me segurando contra seu peito, contra seu coração. Contra a agonia e a dor que iria sempre existir dentro dele.

Eu desabei, perdendo todas as forças.

Para lutar.
Para chorar.
Para odiá-lo.
Eu caí no chão...
E ele caiu comigo.



CAPÍTULO 1

HAVEN



Minha melhor amiga, Cove, entregou com tranquilidade sua identidade falsa ao segurança do Fora-da-Lei, um bar de motoqueiros. O infame bar ficava do lado feio da cidade de Jackson Hole, no Wyoming. O lugar estava lotado de gente e a fila circulava o prédio. Apesar de estar localizado numa região duvidosa, aquilo não parecia incomodar nem um pouco quem era da cidade.

Nós só estávamos lá por causa de Cove. Meu aniversário de 18 anos seria na semana seguinte e ela tinha me surpreendido com um presente adiantado alguns dias antes. Era a minha própria identidade falsa dizendo que eu tinha 21 anos, como a dela. Cove esteve usando a dela durante o último mês e não tinha tido nenhum problema. Depois de ouvi-la contar com frequência sobre os caras gostosos que estava conhecendo, ela decidiu que era a minha vez de experimentar o mesmo.

Eu estava um pouco nervosa. Se meu pai e meus cinco irmãos mais velhos soubessem onde eu estava, vamos dizer que eu provavelmente nunca mais teria permissão de sair de casa de novo. Eu estaria ferrada. Ser a caçula da família não era algo que nenhum deles esquecia com facilidade. Para eles, eu seria sempre a menininha que os seguia para cima e para baixo, como uma sombra, querendo fazer tudo o que eles faziam. Na maior parte do tempo, eles me deixavam fazer. Sempre me davam o que eu queria.

Não importava se era o tempo deles ou a sua afeição, ou se eu apenas queria aprender tudo o que existia para aprender sobre a fazenda ou a escola, eles sempre me atendiam com alegria. Sem fazer perguntas. Eu era a menina dos olhos deles, mas não tinha um dia em que não me lembrassem disso, com dor nos olhos amorosos, quanto eu estava cada vez mais parecida com a nossa mãe.

Principalmente quando estavam encarando a cicatriz na minha sobrancelha esquerda; o lembrete diário do pior dia da minha vida. Mesmo que eu quisesse muito odiá-la, quando eu desejava me sentir

perto dela, me pegava esfregando a pele marcada para cima e para baixo com meu polegar até diminuir a dor no meu coração e restar apenas...

Apenas escuridão.

A cicatriz tinha só três centímetros, mas não parecia. Ao contrário, consumia todo o meu ser.

Mudando de assunto, como eu já era mimada por seis homens, nunca tive necessidade de um namorado. Não que os homens da minha vida fossem permitir, de qualquer jeito. Dizer que eram protetores e dominadores era pouco. Eles não tinham limite quando se tratava de mim.

A diferença de idade entre nós era cômica. Eu era vinte anos mais nova que meu irmão mais velho, Jace, que tinha 38 anos. Depois vinha Reid com 33, Ledger com 29, Alexander com 25 e Troy com 21.

Depois vinha eu.

O bebê.

Nosso pai era fazendeiro e dono de dois mil hectares de terra usados para a criação do nosso gado. Ele era o melhor dos melhores, o que significava que trabalhava dia e noite. Ele vivia e respirava a fazenda, e uma parte de mim sabia que era mais fácil para ele viver daquela forma. Embora isso não significasse que a fazenda era mais importante na sua vida do que nós. Nosso pai sempre estava presente para cada um de nós. Não importava o que acontecesse. Ele fazia o papel do pai e da mãe.

A fazenda também era uma parte bem importante da nossa vida. Eu a amava. Nós todos a amávamos, e ajudávamos sempre que possível. Lá estavam as minhas melhores lembranças. Ninguém imaginava como era crescer em uma casa cheia de garotos. Eu era durona. Eles fizeram questão que eu fosse. Provavelmente cresci rápido demais, mas não tinha importância, eu não iria querer que fosse de nenhuma outra forma.

Meus irmãos me ensinaram tudo o que eu sabia, até como andar de bicicleta. Tecnicamente, eu era a única que ainda morava em casa com o papai, mas ninguém saberia ou pensaria isso considerando a frequência com que os outros estavam lá. A nossa casa era que nem uma porta giratória, em que todos eles podiam ir e vir como bem entendessem.

Exceto eu, é claro.

Eu tinha hora para chegar e, se me atrasava, eles atravessavam a cidade toda tentando me encontrar. Chegaram ao ponto de ativar o rastreador do meu celular uma vez e infernizei meu pai por causa disso. Ainda bem que ele ficou do meu lado. Se eles soubessem onde eu estava agora... No nosso grupo, no celular, eles quase só perguntavam onde eu estava e o que estava fazendo. Principalmente

conforme fui ficando mais velha.

Agora, as coisas que eu tinha aprendido com eles e visto eles fazerem, era uma história bem diferente. Incluindo o número de garotas entrando e saindo de casa escondido enquanto nosso pai estava dormindo.

Eles eram descarados tanto quanto eram bonitos.

— Aí está a minha garota, — um cara cumprimentou animadamente, segurando Cove pela cintura, puxando-a para o seu lado e me trazendo de volta do meu devaneio enquanto esperávamos na fila.

O cara fez um aceno de cabeça para o segurança, que devolveu a identidade falsa à Cove.

— Essa aqui é a minha melhor amiga, Haven, — ela anunciou. — Ela não é linda?

Sorri, sedutora, entregando minha identidade falsa ao segurança.

Nunca tive problema para chamar atenção dos garotos. E era por isso que minha família me mantinha na rédea curta. Sempre me falavam que eu parecia uma boneca de porcelana, com meus olhos verdes e lábios carnudos. Tinha cabelo castanho longo que geralmente usava solto, o que emoldurava meu rosto oval e minhas maçãs do rosto salientes.

Pela cara de satisfeito do segurança, ele ia me deixar entrar.

— Ela é bonita mesmo, — ele sorriu para mim. — Você deve ser nova. Eu me lembraria de uma beldade como você.

Mordi meu lábio inferior, olhando para ele através dos meus longos cílios escuros.

Cove sorriu e mexeu a boca, dizendo:

— Te vejo lá dentro.

Quando ela e o cara que a havia reconhecido entraram, o segurança perguntou:

— O que acha de eu te pagar uma bebida?

Sorri maliciosamente.

— Não aceito bebida de desconhecidos.

— Haven, — ele esticou a mão. — Sou o Chris.

Apertei sua mão. O cara era fofo.

— Pronto, — ele acrescentou puxando a corda de veludo preto. — Agora não somos mais estranhos.

Dei um sorriso brilhante, fazendo a minha parte. Enquanto me dirigia à porta, olhei para trás quando passei por ele.

— Te vejo lá dentro, — falei.

Assim que a última palavra saiu da minha boca, uma voz áspera preencheu o ar.

— Vai o caralho, — eu ouvi enquanto trombava bruscamente

no peito sólido de alguém que bloqueava a minha entrada.

Eu fui para trás, tropeçando nos meus próprios pés calçados com as botas de cowboy. A parede de tijolos na minha frente não se mexeu até passar o braço pela minha cintura, me segurando contra ele por alguns segundos enquanto eu recuperava o equilíbrio. Depois, num piscar de olhos, ele me soltou, deixando uma pequena distância entre nós.

Meu coração se agitou e meu estômago se contraiu quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez. Ele se erguia sobre a minha figura de um metro e sessenta e três, roubando completamente todos os meus sentidos. Desde a regata preta que ele usava e que acentuava as tatuagens escuras no braço esquerdo e peito, até os olhos azuis brilhantes que jurei estarem prevendo meu futuro.

Seu rosto era tão bem-feito quanto o seu corpo, com maxilar e estrutura óssea fortes. Alguns fios do cabelo loiro escuro pendiam sobre o seu olhar fulminante, e isso era apenas um extra àquela sua áspera aparência exterior que me atraiu completamente.

Nunca na minha vida tinha experimentado o que estava sentindo naquele momento em relação a um completo estranho. Quase instantaneamente, um fogo ardente incendiou todo meu corpo, formando uma lava no meu estômago

Era esmagador.

Alarmante.

Me consumia.

Não foi até que ele encarou Chris, que estava atrás de mim e repreendeu:

— Que merda você está fazendo deixando essa *menininha* entrar no meu bar?

Eu estremeci. Não pude evitar.

— Não sou uma *menininha*, — falei sem recuar, levantando a cabeça, tentando fingir que ele não estava me afetando.

Seu olhar mais uma vez encontrou o meu quando ele inclinou a cabeça para o lado e estreitou o olhar, me observando com uma expressão que eu não conseguia decifrar. Sem dizer uma palavra, ele se inclinou para trás e cruzou os braços sobre o peito largo e musculoso, me observando de cima a baixo. Estava me deixando ligeiramente desconfortável. Obviamente, era fácil para o cara intimidar as pessoas, e comigo não era diferente.

Eu me livrei daquela sensação e pigarreei.

— Se você tem algum problema comigo, — falei querendo quebrar o efeito que ele tinha sobre mim, — então fala na minha cara, e não para o seu segurança. Estou bem aqui na sua frente.

Mais uma vez, nenhuma expressão surgiu em seu rosto de *bad boy*. Ele não demonstrou nada.

— Não passou da hora de você estar em casa? — ele zombou, fazendo meu sangue ferver e minha pele se avermelhar.

Eu nunca tinha sido boa em esconder minha raiva. Crescer com cinco garotos fazia isso com uma garota.

Sem deixar a peteca cair, ele acrescentou maliciosamente:

— Vai pra casa brincar de Barbie e deixe os homens fazerem os seus negócios.

— Minha hora de chegar em casa não é da sua conta.

— Você passou a ser da minha conta no momento que tentou entrar escondida no meu bar.

— Escondida como? Estou bem na sua frente, não estou?

— Não preciso nem olhar sua identidade pra saber que é falsa. Você não pode ter mais que, o quê? Uns quinze?

Meus olhos se arregalaram sentindo a ofensa.

O que ele fez em seguida me pegou completamente desprevenida. O idiota esticou o braço e segurou meu queixo, como seu eu fosse uma criança.

— Este é um bar de motoqueiros, docinho. Quer voltar? Volte quando for adulta. Até lá, — ele me soltou de modo grosseiro, — dê o fora da minha propriedade. Você não passa de encrenca.

Com isso, ele virou as costas e saiu, me deixando sem palavras.

Eu não conseguia acreditar no que acabara de acontecer. Estava em choque. Eu nunca tinha sido tratada daquela forma, não sabia como reagir além de ficar lá parada, sem acreditar na vergonha que aquele babaca me tinha feito passar na frente de todo mundo.

Ainda assim, minha atração por ele vinha em ondas. Minha mente girava com aquela mistura de emoções.

Eu o observei sair com a arrogância de um homem mal-humorado, mas antes de passar pela porta lateral que eu não tinha notado quando estava na fila, ele se virou e olhou firmemente para o segurança.

— Você está demitido.

Chris levantou os braços com relutância.

— Hayes, qual é, cara!?

Ele nem ligou, em vez disso, olhou para o cara que saía do bar.

— Mark! Vai cuidar da porta. Se o Chris não for embora em cinco minutos, peça para o segurança levar ele para fora.

— Hayes! — ele exclamou de novo, tentando chamar a sua atenção.

Por um breve segundo, algo dentro de mim desejava que os olhos de Hayes encontrassem os meus de novo. Mesmo que fosse só por um instante, eu queria um último momento com ele.

Porém, quando ele deu a seguinte ordem:

— E coloque a *menininha* pra fora da minha propriedade antes

que a polícia apareça e encontre uma menor que não tinha nada que estar aqui.

... eu sabia que não ia conseguir o que queria. Tudo o que consegui foi que ele batesse a porta atrás de si.

Nem uma vez...

... olhou de volta para mim.

CAPÍTULO 2

HAVEN

— *Tem certeza de que não quer que eu vá com você?* — Cove perguntou do outro lado da linha. — *Só tenho que terminar de fazer xixi e já saio.*

Eu ri, apesar de estar irritada.

— Tenho certeza. Aproveite a noite. Vou pegar um Uber.

— *Me manda mensagem quando chegar em casa, ok?*

— Prometo.

Desliguei e ouvi uma voz familiar atrás de mim.

— Posso levar você para casa, — ele ofereceu.

Eu me virei e dei de cara com Chris ali parado, de pé, com uma garrafa de uísque na mão.

— Roubou do bar?

— Chamo isso de indenização.

Eu ri de novo.

— Deixa eu te levar para casa.

— Você não deveria beber e dirigir.

Ele levantou a bebida no ar.

— É uma garrafa novinha.

Eu nunca ia para casa com homens que não conhecia, sabia que não devia fazer aquilo, mas tinha acabado de ser rejeitada pelo único homem por quem me sentira atraída na vida. Minha autoestima tinha sofrido um golpe inesperado e nem vi de onde tinha vindo.

— Eu deixo você me levar para casa desde que você não beba.

Ele levantou três dedos.

— Palavra de escoteiro.

Dei um meio sorriso.

Ele andou na minha direção e ofereceu o braço para eu segurar.

— Alguém já te disse quanto você é linda, querida?

Eu sorri; não pude evitar. Ele estava me fazendo sentir melhor. De braços entrelaçados, fomos até o seu carro.

— Cadê o Mark?

— Está pagando de lacaio do Hayes.

Curiosa e sem conseguir me segurar, perguntei:

— Você trabalha aqui há quanto tempo?

— Alguns meses.

— E conhece o Hayes desde quando?

— Todo mundo conhece o Hayes, — ele deu de ombros. —

Pelo menos neste lado da cidade todo mundo conhece. O pai dele fez questão.

O que ele queria dizer com aquilo?

Chris abriu a porta do passageiro para mim e eu entrei. Quando estava sentado no banco do motorista, ele ligou o carro.

— De qualquer forma, o que é que uma garota como você está fazendo aqui? Um bar desse tipo não parece ser o seu estilo.

Olhei para ele.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, olhe pra você, — ele disse. — As garotas que vêm aqui querem transar. — Nossos olhos se encontraram. — A menos que eu esteja errado. Você quer transar, Haven? — Minha boca se abriu. Ele procurou no bolso do seu jeans a minha identidade falsa. — Ou Hayes estava certo? Você é menor? Quantos anos você tem?

— Não é meio tarde para perguntar? Já estou sentada no seu carro.

— Ainda não saímos do lugar.

Brincado com fogo, joguei a isca:

— Quantos anos você quer que eu tenha?

— O suficiente para eu te beijar.

Joguei a precaução pela janela e respondi:

— Pode beijar.

Com um sorriso, ele se inclinou até estar a alguns centímetros dos meus lábios.

Eu já tinha beijado antes. Não era tão inocente. Três caras, para ser mais exata. Nenhum deles importava. Eram só caras aleatórios de festas em outras escolas. Eles convenientemente não sabiam quem eram os meus irmãos.

Quando Chris segurou minha nuca, fechei os olhos. No instante em que senti seu hálito na minha boca, o caos começou.

Quando dei por mim, ouvi a porta do carro se abrir no mesmo instante em que meus olhos agitados também se abriram.

O que aconteceu em seguida só podia ser descrito como um dos momentos mais intensos da minha vida. Num curto espaço de tempo, vi com descrença que Hayes estava parado atrás de Chris. Ele rapidamente agarrou o colarinho da camisa de Chris, não lhe dando nem um segundo para entender o que estava acontecendo. Hayes não

lhe deu tempo para reagir.

Na verdade, ele se moveu com a precisão de um homem que já tinha feito aquilo antes.

Muitas vezes.

— Que porra... — Chris falou enquanto Hayes literalmente o arrancava do carro pela camisa.

— Ai, meu Deus! — Corri atrás deles, gritando: — Você perdeu a cabeça?

Hayes ignorou minha pergunta para fazer a sua própria:

— Que parte dela ser uma menor você não entendeu?

Arfei.

Ele estava fazendo aquilo por mim?

Desde que eu era uma menininha, tudo o que queria era o meu próprio Príncipe Encantado. Meu cavaleiro de armadura brilhante.

Mal sabia eu...

... que Hayes seria o vilão do meu conto de fadas.



Hayes

Chame de instinto.

Percepção.

Maldita loucura.

Eu sabia que aquele filho da puta não ia ouvir.

Eu devia ter deixado pra lá.

Eu devia ter me afastado.

Eu devia ter parado de observá-los pelas câmeras de segurança, mas não consegui.

A última coisa que eu queria era me envolver na vida dela. Porém, alguém tinha que ensinar para aquele filho da puta uma lição e eu não tinha problema nenhum em ser essa pessoa. A raiva rapidamente me dominou quando bati seu rosto com força no capô do carro, fazendo seu corpo se chocar contra o metal.

— Relaxa! — ele argumentou. — Ela não é menor!

— Mentira!

Virei ele de frente e soquei seu estômago, bem nas costelas. Ouvi um estalo brusco na ponta do meu punho, ele gemeu e caiu sobre mim.

— Para com isso! — ela gritou. — Ele não fez nada de errado!

Antes que eu pudesse pensar melhor, joguei ele de volta no banco do motorista do seu carro.

— Se eu te ver perto dela ou do meu bar de novo, vou fazer muito mais do que só te dar um soco. Entendeu?

— Sim, — Chris se apoiou no volante e tossiu.

— Agora, dê o fora da minha propriedade.

Peguei a identidade falsa dela que estava no painel antes de bater a porta do carro dele, mais do que furioso por estar naquela situação. Lá estava eu, protegendo essa *menininha* como se fosse da minha conta.

— Caramba! — exclamei, observando-o enquanto saía do meu estacionamento levando consigo a minha sanidade.

— Você tá louco?

Meu olhar se prendeu no dela.

— Não sou eu que está aprontando.

— Até parece. Ou você normalmente bate nos outros sem motivo?

— Você sentada no carro dele foi motivo suficiente para mim.

— Uau, — ela balançou a cabeça com os olhos arregalados. — Está falando sério? Por que você se importa se eu estava no carro dele? Você acabou de me expulsar do seu bar, lembra?

— E me lembro claramente de ter mandado você ir embora.

— E eu estava! Mas você acabou de bater no meu motorista. Além disso, até onde eu saiba, você não manda em mim.

— Você está certa, esse trabalho é do seu papai. Mas como pelo visto você não escuta direito, vou ter que fazer isso pra você.

— Como é que é?

— Você me ouviu. Agora vamos. Já perdi tempo suficiente tomando conta de você. Vou te levar pra casa e depois vou voltar para o meu bar. Entendeu?

— Você sempre conversa com os outros como se fossem crianças ou eu tenho esse efeito em você?

— Você quer dizer sendo um pé no saco?

Seu queixo caiu.

— Ai, meu Deus! Você é mesmo muito idiota!

— Já me chamaram de coisa pior. A essa altura, é até um elogio. Agora, você vai começar a andar ou vou ter que fazer isso pra você também?

Ela balançou a cabeça com firmeza.

— Você está mesmo louco se acha que vou a algum lugar com você.

— Docinho... — tentei ser persuasivo. — Podemos fazer isso do jeito fácil ou do jeito difícil, escolha com sabedoria, meu bem. Minha paciência com você está ficando cada vez menor.

Pude ver nos seus olhos que ela queria me contrariar.

Com uma postura desafiadora, ela retrucou:

— Qual é o jeito difícil?

Segurando a sua identidade falsa, zombei:

— Eu ligo para o papai vir buscar a sua menininha encrenqueira.

Apertando os dentes, ela enfatizou:

— Não. Sou. Uma. Menininha.

Ela só estava conseguindo alimentar a minha raiva.

Estreitando meu olhar aquecido para ela, eu cedo.

— O que você acha que ia acontecer se eu não tivesse parado ele? Você acha que ele teria parado antes de estar no meio das suas pernas, docinho? Porque tenho certeza de que você está tão madura quanto um pêssego.

Ela me encarou.

— Ele só ia me beijar.

— Homens que nem ele não beijam, eles transam. Que essa seja a sua primeira lição sobre os homens.

— E você? Hein? — Com um movimento determinado, ela entrou no meu espaço pessoal. — Que tipo de homem você é?

Inclinei a minha cabeça para o lado resmungando:

— Do tipo que fica longe de boceta menor de idade.

Ela foi para trás, surpresa diante da minha rispidez.

— Agora entra no carro, — ordenei sem rodeio. — Não vou te pedir de novo.

Ela podia até ser jovem.

Inocente.

Ingênua.

Mas eu sabia muito bem que aquele pêssego maduro...

... era problema.

CAPÍTULO 3

HAVEN

— Parabéns pra você! — cantavam minha família e Cove. — Nesta data querida!

Meu pai fez um aceno de cabeça na direção do bolo de chocolate.

— Assopre as velas, filhinha.

Fechei os olhos e fiz o mesmo desejo que fazia todos os anos. Porém, ele ainda precisava se realizar. De qualquer forma, isso não me impedia de fazê-lo. Assoprei todas as velas, esperando silenciosamente que ele se realizasse daquela vez.

— Não posso acreditar que o meu bebê fez dezoito anos, — meu pai anunciou, me apertando contra a lateral do seu peito, me beijou o topo da minha cabeça e eu sorri, me inclinando para o seu abraço.

Jace foi o primeiro a me puxar.

— Não importa a sua idade, pequena. Você será sempre a nossa irmãzinha.

Bati alegremente em seu peito.

— Quantas vezes já tive que te pedir para não me chamar assim? Eu não tenho três anos faz tempo.

Troy riu.

— Azar o seu, pequena.

Revirei os olhos, lembrando imediatamente da voz de Hayes; das suas palavras... *Menininha*.

Suas palavras tinham se repetido na minha mente a semana toda. Não tinha como afastar meus pensamentos dele. O trajeto até a minha casa foi silencioso. Hayes colocou a música para tocar alto na sua enorme caminhonete Denali preta. Ele tinha um belo carro, não tinha como negar. Meu irmão Reid gostava de carros e tinha me ensinado bastante sobre o assunto. Me segurei para não mostrar interesse pelo motor enquanto ele me levava para casa, em vez disso encarei a janela.

De qualquer forma, a música alta impedia qualquer tipo de conversa. Ele só diminuiu o volume quando entramos no meu bairro e me pegou de surpresa o fato de ele se preocupar com a lei antirruído. Embora Hayes não tenha se preocupado o suficiente em me deixar na porta da frente. Em vez disso, me deixou no portão de entrada. Nós morávamos numa propriedade de dois mil hectares. Era uma bela caminhada do portão até a porta de entrada.

Quando disse isso para ele, ele simplesmente respondeu:

“É melhor correr se quiser chegar no horário, docinho.”

Babaca.

Não importava quantas vezes eu tenha tentado afastar os meus pensamentos de Hayes, ele os consumia. Era frustrante e confuso ao mesmo tempo.

Por que eu não conseguia parar de pensar nele?

Ele me tratou que nem merda, mas, ainda assim, tinha me protegido. Não fazia sentido. Eu não acreditava na desculpa de que eu era menor de idade. Cove tinha curtido à beça no bar dele durante semanas com sua identidade falsa. Ele a teria expulsado se esse fosse realmente o problema. Tinha mais coisa naquela história e eu estava louca para descobrir.

Eu queria que ele engolisse as suas palavras e se desculpasse pela forma como tinha me tratado.

Quem diabos ele pensava que era?

Quanto mais eu pensava, mais brava ficava.

— Está pensando em Hayes de novo? — Cove me perguntou alto o suficiente para que apenas eu ouvisse, me trazendo de volta dos meus pensamentos inconsequentes.

Curvei a cabeça enquanto abria um dos meus presentes sobre a mesa.

— Não.

— Mentirosa.

Levantei os ombros.

— Você fica com essa cara de irritada quando pensa nele.

— É, — ri. — Faz sentido.

— O que há entre vocês, afinal? Desde quando você fica obcecada por algum cara?

— Não estou obcecada.

— Vi mais essa sua cara feia essa semana do que no ano inteiro, — ela sorriu. — Você não pode esconder isso da sua melhor amiga.

— Eu sei, — sorri.

Éramos melhores amigas desde os cinco anos de idade, unidas pelo fato de que ambas amavam azul-petróleo, em vez de rosa ou roxo como as outras garotas da pré-escola. Cove era filha única, passando

mais tempo na minha casa do que na casa dela. Seus pais tinham trabalhos que exigiam muito, em cargos de relevância, e nunca estavam muito por perto.

Jace chamou a nossa atenção quando perguntou:

— Em que encrenca vocês duas vão entrar hoje?

Cove sorriu.

— Como você sabia que encrenca era o meu segundo nome?

— Eu sinto o cheiro em você.

Ela sorriu de um jeito irritante.

— Sempre soube que você era um cachorro.

Depois acenou com a cabeça para as dog tags que ele ainda usava no pescoço.

— Gracinha, — ele zombou.

Jace e Cove não se davam muito bem. Ele achava que ela era má influência para mim, e ela achava que ele era um cuzão que não sabia cuidar da própria vida.

Palavras dela, não minhas.

A culpa, para mim, era da sua carreira. Depois de servir vinte anos no *Navy Seals*, Jace tinha se aposentado há seis meses. Ele era das Forças de Elite e nunca sabíamos muito bem onde ele estava ou o que estava fazendo. Quando estava de licença nos visitando, nunca falávamos da sua vida militar. Era como se ele fosse duas pessoas, vivendo duas vidas completamente diferentes. Tudo o que Jace fazia era altamente confidencial. Tudo o que sabíamos era que ele era o melhor dos melhores, meu irmão não aceitaria ser menos do que isso.

Ele com certeza já tinha visto muita merda. E era o irmão com quem eu tinha menos proximidade. Principalmente porque não estava por perto durante a maior parte da minha vida. Quando eu nasci, ele já estava na ativa. Eu o via apenas algumas vezes por ano, alguns dias por vez.

Apesar de escrever cartas para ele sempre que podia, Jace era fechado.

Reservado.

Mal-humorado.

Nunca demonstrava nenhuma emoção.

Eu sentia que ele sempre nos mantinha a uma certa distância. Meu pai dizia que era assim que ele nos mantinha a salvo, seja lá o que ele quisesse dizer com aquilo.

Depois que terminei de abrir os presentes, comemos bolo e Cove e eu saímos. Minha família entendeu que eu gostaria de sair com os meus amigos na noite do meu décimo oitavo aniversário. Não me deram sermão por causa disso.

Aquela era a primeira vez que eu não precisava chegar em casa até a meia-noite. Agora que eu cheguei à maioridade, tinha

conseguido convencer meu pai de que não precisava mais de horário para chegar em casa, mas tinha prometido mantê-lo sempre a par de onde estava e que horas chegaria. Demorei algumas semanas para convencê-lo, mas finalmente consegui.

Meu principal argumento foi que nenhum dos meus irmãos tinha horário para chegar em casa, todos tinham permissão para fazer o que bem entendessem. Eu era boa aluna, capitã da equipe de líderes de torcida, sempre fiquei longe de problemas. Eles não tinham muito o que falar, legalmente eu era adulta e acho que a minha família tinha finalmente entendido isso.

Meu último ano do colégio tinha começado há alguns meses e eu ainda precisava comemorar o fato de ter me tornado capitã da equipe de líderes de torcida. Eu tinha trabalhado muito para conseguir aquilo. Eu era líder de torcida desde o ensino fundamental, já Cove tinha começado no primeiro ano do ensino médio. Ela percebeu o quanto eu amava aquilo e resolveu tentar também. No final das contas, ela se tornou um destaque no nosso time.

— Haven, — Cove me chamou enquanto dirigia seu Jeep.

Mais uma vez, ela me trouxe de volta dos meus pensamentos.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Sorri enquanto ela balançava a cabeça. — O que é exatamente que você quer conseguir esta noite?

Não hesitei em responder.

— Minha independência.



Hayes

Minha cabeça estava explodindo quando passei pela entrada lateral do bar e fui para o meu escritório. Depois de sentar na cadeira de couro, coloquei os cotovelos na mesa na minha frente para descansar a cabeça nas palmas das mãos, me preparando mentalmente para a noite que viria.

Ainda era cedo para os padrões de um bar, mas o lugar já estava cheio de gente, como costumava ficar nas noites de sexta-feira. Pelo menos estava ganhando uma boa grana. O Fora-da-Lei estava bem comentado na cidade. Era o primeiro bar de motoqueiros da região, aberto pelo meu tataravô em 1902.

O único motivo para ele abrir o bar, para começar, foi para tocar a merda duvidosa do seu clube de motoqueiros, o Fora-da-Lei, onde ele era o presidente na época. Meu pai seguiu os passos do meu tataravô. Assim que seu pai passou o bastão para ele, que também tinha assumido o bar.

Acho que podia dizer que o lugar era o legado da minha família. Além do clube que eu não queria fazer parte, mas meu pai tinha conseguido me convencer a ter quarenta e nove por cento do bar no dia em que completei 21 anos, quatro anos atrás, enquanto a sua parte permaneceu em cinquenta e um por cento. Do dia para a noite, o lugar se transformou na minha vida. Junto com todas as merdas que vinham junto com ele.

Reclinando na cadeira, esfreguei o polegar na boca, perdido nos meus pensamentos até ouvir uma batida na porta.

— Posso entrar, chefe? — Mark berrou.

Meus funcionários sabiam que era melhor não ir entrando no meu escritório.

— Pode, — respondi.

Ele abriu a porta e já foi declarando:

— Temos um problema.

Já olhei para a tela de segurança, deduzindo que tinha a ver com o Clube. Agarrando minha nuca, eu desabafei:

— Puta que pariu!

— Ela exige ver o senhor, chefe. O que quer que eu faça?

Acenei com a cabeça, dando a ele uma resposta silenciosa.

Minutos depois, a pessoa que eu menos esperava entrou no meu escritório. Um passo mais determinado do que o outro.

Balancei a mão na direção de Mark e ordenei em tom exigente:

— Saia.

Não precisei falar duas vezes.

Não deixei de encará-la nem por um minuto.

Linda como um pêssego, Haven perguntou:

— Posso me sentar?

— Não, — respondi rudemente.

— Vai ser assim?

— Me diz você.

— Só preciso de cinco minutos do seu tempo.

— Você e todo mundo.

— Vai me fazer implorar?

— Eu poderia te curvar sobre o meu joelho em vez disso?

Quem sabe assim você aprende a me ouvir, caralho.

— Só estou aqui para...

— Não dou a mínima para o que você está aqui.

— Isso é obvio. Vou direto ao assunto, então.

— Só que eu ainda estou esperando.

— Jesus! — ela exclamou. — Qual diabinos é o seu problema?

— No momento, *você*. Aparecendo no meu bar. Fazendo exigências. Quem você acha que é, *menininha*?

Num movimento rápido, ela jogou a habilitação na minha

mesa.

— Você disse para eu voltar quando fosse adulta. — Olhei para o documento, meu olho batendo na data. — Muito bem, seu babaca. Parabéns para mim. — Mas foi a sua próxima fala que me pegou desprevenido: — Preciso de um emprego.

— E por que isso é problema meu?

A pequena senhorita *docinho* tinha culhões do caralho para continuar exigindo...

— Porque você é o cara que vai me contratar.

CAPÍTULO 4

HAYES

Ela deve ter esquecido com quem estava lidando, e eu estava totalmente pronto para refrescar a sua memória.

— Você poderia, pelo menos, me dar os parabéns, — ela me provocou.

Ignorando o seu pedido, retruquei:

— Não contrato menores de idade.

— Não sou menor, Hayes. Pode verificar a minha identidade nessa sua máquina. É verdadeira.

Estava mais do que óbvio que eu não ia poder ficar ameaçando-a. Pelo contrário, ela amava o desafio.

Estreitando os olhos na sua direção, me reclinei na cadeira. Um de cada vez, o som dos meus coturnos batendo no tampo da mesa ecoava pela sala antes de eu cruzar os braços sobre o peito. Agora que ela era maior de idade, eu poderia realmente observá-la pela primeira vez.

Devagar, meus olhos passearam pelo seu corpo pequeno, mas curvilíneo, com pensamentos predatórios. Desde o longo cabelo castanho que emoldurava as laterais do seu rosto, até o delineador grosso e preto que ela usava que de forma simples intensificava seus olhos verdes brilhantes, que estavam desesperadamente tentando me mostrar que era uma mulher de verdade.

Seus lábios vermelhos carnudos me faziam querer passar o dedo para tirar o batom. Gradualmente, desci os olhos pelo pescoço em direção aos seus seios em total exibição. Ela usava uma blusinha branca transparente com os seios empertigados apenas esperando para serem libertados do sutiã de renda rosa.

Sua barriga mostrava a porra de um piercing de umbigo. Ela tinha completado o *look* de piriguete com uma minissaia jeans e botas de cowboy pretas. Suas pernas eram longas e eu sabia que se ela se virasse, eu veria sua bunda gostosa apenas esperando para levar uma palmada por não me dar ouvidos.

Essa garota estava implorando para ser fodida de todas as maneiras entrando no meu bar vestida daquele jeito. Era hora de usar a única carta que tinha sobrado...

Ela queria brincar com fogo.

Eu não tinha nenhum problema em acender o fósforo.

— Então, me diga, docinho, — falei. — Você se vestiu que nem puta pra mim?



Haven

Eu tinha mudado de roupa no carro da Cove. Eu nunca ia conseguir sair de casa vestida daquele jeito.

— Por quê? — Dei um largo sorriso. — Gosta do que está vendo?

Ele zombou:

— Deixa eu te dar uma dica. Estou cercado de bocetas, docinho. Elas aparecem às dúzias, querida. Basta eu sair por aquela porta e elas se ajoelham só para poder experimentar o gosto do meu pau. É isso que você quer?

Eu me sentei na cadeira em frente a sua mesa e desafiei:

— Não tanto quanto você.

Passei a última semana me perguntando se eu ia mesmo fazer aquilo, mas ele era a minha última esperança. Acredite em mim, eu não queria ceder àquilo. Ele era a única escolha que eu tinha.

Ou pelo menos era isso que eu repetia a mim mesma.

Subitamente, seus olhos ficaram insolentes e dilatados.

— Você está certa.

Me endireitei. Eu esperava que ele fosse me ofender, parecia ser o seu jeito de amar.

O que ele estava tramando?

Não precisei esperar muito por uma resposta.

— Você quer um trabalho, — ele se levantou abruptamente.

Eu o observei com o olhar interrogativo enquanto ele se dirigia ao sofá de couro do outro lado da sala. Quando se sentou, se inclinou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos enquanto seus olhos fulminavam os meus. Havia algo animalesco na forma como ele me olhava. Quase como um leão antes de atacar a presa, tentado me atrair com seu olhar desonesto e seu sorriso sádico.

Nada poderia ter me preparado para o que ele diria a seguir. Nada mesmo.

— Então fique de joelhos e chupe o meu pau, — ele ordenou, usando um tom rude e dominante.

— O quê? — bradei, atordoada com a reviravolta nos acontecimentos.

— Por acaso eu gaguejei?

— Eu... eu... eu tô... eu...

— Qual é o problema, docinho? Não está mais tão petulante, não é? Você é cão que ladra, mas não morde.

— Não deveria me surpreender o fato de você não ter ideia de como ser um cavalheiro, levando em conta que você nem me deixou na porta de casa.

— Não tenho nem um traço de gentileza no corpo.

Do nada, eu o desafiei:

— Eu sei o que você está fazendo.

— Ah, é mesmo?

— É, — assenti com a cabeça. Eu não era idiota. — Você só está tentando me intimidar. Me fazer ir embora e não voltar mais. Mas adivinha só, Hayes, eu não tenho medo de você. Você está blefando.

Eu sabia que ele estava testando os meus limites. Me provocando de propósito, mas aquela era uma luta de poder que eu não estava disposta a perder. Tinha muita coisa em jogo.

O meu futuro.

Hayes deslizou para trás no sofá com as pernas bem abertas, preenchendo o espaço que agora parecia menor com ele ali sentado. Estendendo os braços em seguida, ele os apoiou no encosto do sofá.

Esperando.

Me observando.

Antes de ordenar:

— O que seja, docinho. Chupe meu pau.

Meu coração, de repente, estava batendo na minha garganta e meus batimentos aumentavam a cada respiração. Hayes, porém, nem piscava.

Ele estava calmo.

Tranquilo.

Sereno.

Sem mostrar nenhuma emoção que fosse. Controlando seus pensamentos, seu comportamento... *A mim.*

Ele estava acostumado com aquilo? Com que frequência a mulherada chupava seu pau para conseguir emprego?

Engoli em seco enquanto me levantava, me apoiando nas costas da cadeira em que estava sentada. O ar frio fazia a minha pele já sensível se arrepiar ainda mais. Nossos olhos ficaram o tempo todos conectados, e ele observava cada movimento meu como se tentasse gravar na memória. Aprendendo tudo o que podia sobre mim, só pelo jeito como eu reagia a ele.

Hayes era perceptivo, como se fosse seu trabalho decifrar as

pessoas.

— Você sabe que exigir sexo em troca de um emprego é ilegal, certo?

— Assim como tentar entrar escondida no meu bar com uma identidade falsa.

— Com certeza não dá para comparar uma coisa com a outra.

— Dois erros não fazem um acerto, docinho.

Engoli em seco de novo. Meu estômago vibrou, ouvi-lo me chamar de “docinho” de novo foi diferente naquele momento.

— Seus cinco minutos acabaram, — ele me lembrou. — Você tem duas alternativas. Pode ir embora, ou pode cair de boca no meu pau.

— Eu nunca...

— Eu sei, — sorriu maliciosamente.

Ele só estava tentando me fazer ir embora e eu me recusava a lhe dar aquela satisfação. Eu não ia recuar.

Colocando um pé na frente do outro, caminhei a passos firmes até Hayes. Sem mostrar medo, ele parecia viver por aquilo. Antes que pudesse pensar duas vezes, fiz o que me pedia e lentamente me ajoelhei na sua frente.

Ele inclinou a cabeça para o lado, me provocando.

Respirei fundo pela última vez e coloquei a mão no seu cinto. Determinada a fazê-lo mostrar que estava blefando, desafivelei o cinto e depois abri o botão da sua calça jeans. Seu cheiro me envolvia e me dominava de uma forma que eu não conseguia descrever. Meu peito subia e descia a cada respiração que escapava dos meus lábios enquanto eu descia o zíper.

Hayes não hesitou em dar ordens.

— Agora tire o meu pau pra fora e faça um carinho nele, docinho.

Mais uma vez, ele não tinha expressão nenhuma no rosto.

Neutro.

Inabalável.

Como se isso acontecesse todos os dias.

— Não tenho a noite toda. Tic, tac.

Incapaz de resistir, perguntei:

— Você realmente vai me dar um emprego se eu fizer isso?

— Você realmente vai fazer isso pra conseguir um emprego? — retrucou.

Ficamos assim por não sei quanto tempo. Seus olhos em mim e os meus, nele, enquanto a sua pergunta pairava no espaço entre nós como se fosse uma bomba atômica. O ar estava pesado e o silêncio, ensurdecedor, até que eu assenti firmemente com a cabeça.

No momento em que coloquei a mão na sua cueca para tirar

seu pau para fora, ele puxou grosseiramente o meu cabelo para trás e caí de bunda no chão. Eu choraminguei, inesperadamente refém de um homem sobre quem eu não sabia absolutamente nada.

Quando, de repente, seu olhar se desviou para a cicatriz na minha sobrancelha, o comportamento dele mudou se transformando em algo que eu não conseguia entender. Eu estava acostumada ao fato de as pessoas ficarem curiosas a respeito dela e me perguntarem o que tinha acontecido.

Hayes, não.

Em vez disso, ele estendeu a mão e esfregou a pele com o polegar. Por um breve momento, ele baixou a guarda e substituiu sua frieza pela tristeza. Normalmente, não me incomodava que as pessoas olhassem assim pra mim. Estava acostumada. Mas no caso dele...

Era agonizante.

Pura tortura.

Eu não disse uma palavra.

Mal respirava.

De repente, seu polegar escorregou da minha cicatriz para os meus lábios. Ele deslizou o dedo pela minha boca antes de limpar o batom vermelho que eu usava, como se quisesse fazer isso desde o momento em que eu tinha chegado.

Foi tudo tão rápido, mas parecia passar lentamente. Senti uma conexão com ele, e no momento em que ele percebeu que também sentia, tudo acabou.

Seu toque.

Seu olhar.

Seu consolo.

Arrebatados num piscar de olhos.

Soltando meu cabelo, ele grunhiu:

— Dá o fora do meu escritório!

Eu estremei, tentando me recompor.

— Espera... O quê? Por quê?

Em um movimento rápido ele agarrou meu braço e me arrastou em direção à porta.

— O que está acontecendo? O que você está fazendo?

— Se eu quisesse me aproveitar de você, — ele vociferou, — teria deixado você chupar o meu pau.

Com o maxilar tenso, ele me colocou para fora do escritório.

— Eu não entendo, — balancei a cabeça veementemente, encarando-o. — Achei que...

Eu sentia as lágrimas querendo brotar dos meus olhos e não queria chorar de pura frustração diante da sua total indiferença.

Não até ele rosnar:

— Meninhas não me deixam de pau duro, — e bateu a porta

na minha cara.

Naquele exato momento, aprendi a dura realidade sobre Hayes.

Agora ele era...

... o meu inimigo.

CAPÍTULO 5

HAVEN

Eu estava furiosa por dentro. Não podia acreditar que ele teve a audácia de me envergonhar de novo. Se ele queria ir à guerra, então eu daria a ele uma batalha e tanto.

Caminhando até o bar encontrei Cove com um grupo de caras que usavam colete de couro preto com as palavras Fora-da-Lei nas costas. Era o mesmo logo do bar. Alguns circulavam a mesa de bilhar, enquanto outros estavam sentados numa mesa atrás dela. Era uma área reservada no fundo do bar, eu diria que eles eram frequentadores assíduos e aquele era o lugar que normalmente ficavam.

Cove estava jogando bilhar com alguns deles, se exibindo como ela fazia quando a gente saía. Minha melhor amiga era um estouro. Ela parecia uma Barbie com seus olhos azuis e cabelos loiros. Tinha seios grandes, cinturinha fina e bunda redonda.

Ela me viu andando em sua direção e sorriu, mas seu sorriso sumiu rapidamente quando percebeu que eu não sorria de volta.

— Opa, — ela me cumprimentou quando cheguei ao lado dela.
— Deixa eu adivinhar, não deu certo?

— Eu. Odeio. Ele.

— Foi ruim assim?

— Você não vai acreditar no que ele fez comigo.

— Eu imagino, levando em conta quanto você está irritada.

Quer ir embora?

— Não.

— Então, quer ficar?

— Com certeza.

Ela balançou a cabeça, preocupada.

— Não gosto do seu olhar. O que você está tramando agora?

Dei um sorriso largo.

— Vou fazer o que sei fazer melhor.

— Que é?

— Irritá-lo.

Antes que ela pudesse responder, fui até o DJ e pedi a música *7 Rings*, da Ariana Grande. Era a minha música preferida para dançar. Assim que a batida começou, subi no balcão do bar. Era fácil para mim ser o centro das atenções. Estava acostumada a dançar na frente de grandes estádios lotados. Eu era uma artista e saber chamar a atenção da multidão era a minha especialidade.

O som alto do baixo vibrava em meu interior. Devagar, comecei a mexer a cintura, minhas mãos subindo da cintura para a cabeça. Passei os dedos sedutoramente pelo meu cabelo e o levantei na nuca, sem parar o movimento do meu corpo ritmado com a música.

Houve uma grande mudança no ar, no espaço e na energia ao meu redor conforme os homens foram se juntando. Não demorou muito para o pessoal começar a assobiar e gritar, só encorajando o meu show.

A respiração presa.

O pulso acelerado...

Meu coração começou a bater forte.

Devagar, lambi os lábios e abaixei a bunda até o chão, cantando a letra de Ariana:

— *I want it. I got it. I want it. I got it.*

Meu cabelo caía em cascatas sobre meu rosto e eu usava isso como vantagem, jogando-o sedutoramente para o lado. Os homens ficaram lá parados, admirados com a forma como eu conseguia mover o corpo. Com os olhos deles em mim, eu pecaminosamente me ajoelhei.

Engatinhei até o outro lado do balcão, tentando parecer o mais sedutora possível, totalmente consciente de que o shortinho de líder de torcida que eu usava por baixo estava totalmente exposto.

Ei, pelo menos não era a minha calcinha.

Os bartenders não se importaram nem um pouco, se afastando do bar para me assistir também. A luz estava fraca, o que melhorava a minha performance pecaminosa. Quando cheguei do outro lado, joguei a bunda para cima, rebolando muito e devagar. Fiz a minha parte, deixando todos na palma da minha mão.

A música já estava quase acabando, e eu terminei me curvando exageradamente. A multidão vibrou, gritando obscenidades, assobiando e batendo palmas.

— Vocês querem me ver dançar de novo? — gritei mais alto que seus gritos de animação.

— Com certeza! — eles responderam.

— Então digam para o dono me contratar, e eu vou dançar para vocês quando quiserem!

Encontrei Cove, que estava morrendo de rir. Totalmente convencida de que eu conseguiria o que queria. Como a Ariana. Outro

motivo pelo qual eu tinha escolhido aquela música. Era perfeita, combinava com o meu pedido de emprego.

— Billy! Billy! Billy! — começaram a chamar e eu estreitei os olhos, confusa a respeito de quem seria esse.

Um senhor atraente, de provavelmente uns sessenta anos estava repentinamente parado ao meu lado, estendendo a mão para eu segurar.

Eu a segurei, feliz com a ajuda para descer do balcão do bar.

— Querida, — ele falou, me posicionando na sua frente.

Foi só então que notei a palavra *Pres* no seu colete de couro igual aos dos outros motoqueiros. Eu não sabia muita coisa sobre clubes, mas deduzi que era um motoclub.

Chamando a minha atenção, ele declarou:

— A vaga é sua. Começa quando?

— Você trabalha aqui? — perguntei, confusa.

— Eu sou o dono.

— Achei que Hayes era o dono.

— *Eu sou.*

Nossos olhares se dirigiram para um Hayes lívido, que jurei ter saído não sei de onde. Ele estava espumando de raiva e adorei o fato de que demonstrava alguma emoção. Ele podia estar me olhando feio, mas eu sorria para ele com orgulho.

Apenas três palavras ecoavam na minha cabeça...

Xeque mate, babaca.



Hayes

— Onde você estava? — meu pai perguntou. — Você viu o show dela?

Não podia acreditar que ela tinha me desrespeitado. Ninguém me contrariava. Tentei lastimavelmente controlar a reação que ela me provocava, mas a garota sabia como me desafiar.

Mas que porra estava acontecendo comigo?

Eu não era assim. Mulheres nunca significavam nada para mim. Eu não tinha tempo para as bobagens sentimentais que acompanhavam seus desejos e necessidades. Eu não era aquele tipo de homem.

Eu fodia, pura e simplesmente. De verdade, era fácil assim para mim.

Eu devia saber. Percebi que ela não iria embora. Era minha culpa, e não podia culpar ninguém além de mim mesmo. No segundo em que ouvi do meu escritório que todo mundo gritava no bar, olhei

para a tela de segurança, mas não esperava ver o que vi. Lá estava ela dançando em cima do balcão do bar.

Só que ela não era como as outras garotas bêbadas mexendo a bunda. Ela se mexia como se o seu corpo fosse feito para aquilo. A precisão, o ritmo, a forma como se comunicava com a audiência só com o olhar. Docinho era uma artista, aquilo estava claro. Fiquei sentado no escritório, resistindo à tentação de ir tirá-la do bar. A sua sorte foi que ninguém tocou nela.

Foi só quando a ouvi gritando que queria o emprego que percebi onde queria chegar. Sem pensar duas vezes, corri para o bar, mas já era tarde demais. Meu pai chegou nela primeiro.

— É, — ela acrescentou, vingativa. — Você assistiu o meu show?

Cerrei o maxilar, e isso me garantiu um sorrisinho metido a besta dela. Meus dedos se contraíram diante do pensamento de bater em sua bunda nua por me desafiar de novo.

Sem responder à sua pergunta, meus olhos encontraram os de meu pai.

— O que você acha que está fazendo?

Ele sorriu, divertido com a minha reação.

— Estou cuidando do *meu* bar, filho.

Os olhos dela se arregalaram, em choque.

— Você é pai dele?

— Sou, querida.

— Então, você também é dono?

— Cinquenta e um por cento.

Sua descrença se transformou em maldade quando seus olhos grudaram nos meus.

— Seu *papai* acabou de me contratar, Hayes. Parece que vou trabalhar aqui afinal de contas.

— Querida, você tinha pedido emprego para ele?

— Tinha, — ela assentiu com a cabeça, parecendo uma donzela aflita. — Mas ele agiu como um babaca comigo e hoje é o meu aniversário.

— Seu aniversário? — ele perguntou. — Quantos anos está fazendo?

— Dezoito.

— Hayes! — ele me repreendeu como se fosse importante para mim. — No que você estava pensando?

— Ela tentou entrar escondida no bar semana passada usando uma identidade falsa.

Ela me olhou feio.

— Bem, — ele desabafou. — Isso são águas passadas. Ela já tem dezoito anos. É isso que importa. — Meu pai passou o braço em

volta do seu ombro. — Venha, querida. Vamos pegar os dados da aniversariante. Você pode começar amanhã.

Fechei os punhos na lateral do meu corpo quando ele propositadamente passou do meu lado ainda abraçado com ela e me mediu de cima a baixo.

Fiquei o resto da noite no meu escritório, tentando desesperadamente controlar meu temperamento que era como uma maldita chama furiosa que me queimava por dentro. A vontade que eu tinha de socar meu pai por ter contratado ela era tentadora demais. Eu tinha que ficar longe dele.

No entanto, aquela não seria a primeira, nem a última, vez que eu resolveria meus problemas por meio da violência. Principalmente quando se tratava dele. Simplesmente adicionando mais besteiras intermináveis que ele deixava para eu resolver.

Ela não seria problema dele, seria *meu*.

Os funcionários respondiam a mim. Meu pai não lidava com ninguém. Nem me lembrava da última vez que ele tinha contratado alguém. Ele estava fazendo aquilo só para me irritar, era o que mais gostava de fazer. Não podia lhe dar aquela satisfação. Se ele soubesse quanto ela estava me tirando do sério, ele iria usá-la para me atingir ainda mais.

Nós não éramos exatamente pai e filho. Pelo menos não nos termos normais. Nosso relacionamento sempre tinha sido tenso. Eu não o respeitava e ele sabia. Ele era o tipo de homem que exigia admiração e nunca tinha tentado conquistar nada.

Até tínhamos o mesmo sangue, mas isso não significava nada.

A porta do meu escritório se abriu e pensei que era meu pai porque ele era o único que nunca batia.

Mas não era.

Num tom sarcástico, eu avisei:

— Docinho... também vou precisar te dar educação?

Inclinando o quadril, ela declarou:

— Primeiro, meu nome não é docinho. É Haven.

Eu sorri maliciosamente e me encostei na cadeira de couro.

— Haven significa santuário e você é, com certeza, o inferno.

— Bom, se eu sou o inferno, então você é o demônio.

— *Docinho*. — Me inclinei para frente, apoiando os braços na mesa. — Você não tem a porra de ideia do demônio que eu posso ser.

Os olhos dela brilharam em desafio.

— Eu teria batido, mas você não teria me deixado entrar.

— É isso que você quer de mim? Que eu deixe você entrar?

— Vamos trabalhar juntos, — ela levantou os ombros. — Você poderia tentar ser legal comigo.

— Eu não sou legal.

— O seu pai é. E os amigos motoqueiros dele também.

— Você precisa ficar longe deles.

— Não *preciso* fazer nada. Quantas vezes preciso dizer que você não manda em mim?

— Na verdade, querida, eu mando. Você garantiu isso quando balançou a bunda para aquele bando de homens que teria subido em cima de você se tivesse a chance.

— Não estou aqui para isso.

— Então, por que você está aqui? Tem centenas de bares na nossa cidade. Que porra você está fazendo no meu?

— Não é da sua conta por que estou aqui.

— Você poderia trabalhar em qualquer outro lugar. Quero saber por que escolheu o meu bar.

— Talvez, se você aprender a ser legal comigo, vou te contar um dia. Por enquanto, fiquei amiga do seu pai e dos seus amigos motoqueiros. Eles não têm problema nenhum em serem legais comigo.

— Não vou te avisar de novo, docinho. Fique longe do meu pai e do seu clube.

— É um clube de motoqueiros?

— Eles fazem parte do um por cento.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que não são flores que se cheire e você precisa manter a distância de qualquer um que esteja usando um gilê. Entendeu?

— O que é um gilê?

— O colete.

Ela pensou por um segundo.

— Você faz parte do um por cento?

— O que eu faço não é da sua conta.

Ela virou os olhos.

— É assim que você vai me tratar sempre?

— Eu sou assim.

— Eu não acho...

— Eu não dou a mínima para o que você acha.

— Certo, — ela declarou com confiança. — Quer ser meu inimigo? Não tenho problema nenhum em ser o seu também.

— Tá falando que nem gente grande, docinho.

— É. Aqui vão mais três palavras: vai se foder! — dizendo isso, ela bateu a porta e foi embora.

Mais uma vez, lutei contra a vontade de trazê-la de volta para o escritório e curvá-la sobre minhas pernas para ensinar a ela um pouco de respeito. Em vez disso, me concentrei em terminar de calcular o dinheiro que tinha entrado naquela noite.

Quando saía do bar, encontrei meu pai.

— Haven virá ao meio-dia, — ele me contou. — Mark vai treiná-la.

Incapaz de me conter, vociferei:

— Você tem a mínima ideia de quem acabou de contratar?

— Tenho, — ele sorriu maliciosamente. — Uma bunda gostosa que vai me trazer um monte de dinheiro. — Eu sorri com desdém. — Cuidado, Hayes. Alguém vai achar que você se preocupa com a garota e isso pode ter consequências.

Entrei na frente dele e o encarei de perto.

— Só vou dizer isso uma vez, então é melhor você ouvir. Se você ou o seu clube mexer com ela, vão estar mexendo comigo também. E deixa eu te lembrar uma coisa. — Medi ele de cima a baixo desafiadoramente e falei com convicção: — Ninguém mexe comigo.

CAPÍTULO 6

HAVEN

Acordei cedo, animada com o dia que tinha pela frente.

— Tá indo pra onde? — Ledger me perguntou quando estava saindo.

— Ah! — exclamei, pega de surpresa. — Tenho ensaio.

Ele concordou com a cabeça.

— Tome cuidado na estrada. Está armando um temporal.

De todos os meus irmãos, ele era o que mais parecia da roça. Também era ele que iria assumir a fazenda quando nosso pai se aposentasse. Ledger era um cowboy da cabeça aos pés. Acho que vi mais ele andando a cavalo do que de carro. Usava chapéu e botas para todo lugar que ia. Era o mais parecido com o nosso pai.

Teimoso.

Controlador.

Achava que estava sempre certo.

Tinha só 29 anos, mas agia como mais velho e mais sábio para a sua idade. Também era provavelmente o mais confiável dos meus irmãos. Assumiu seu papel de braço direito do nosso pai com imenso orgulho e admiração.

Ele beijou a minha testa e eu sorri de volta.

— O que vai fazer hoje?

— Preciso agrupar o gado.

— Divirta-se, — brinquei. — Talvez você devesse tentar passar mais tempo arrumando uma namorada em vez de ficar casado com a fazenda, não acha? Você não vai ficar bonito para sempre.

— Tá muito cedo pra você vir falar merda pra mim, pequena.

— Sendo assim, te vejo mais tarde.

— Que horas você volta?

— Tarde.

Antes que ele pudesse me interrogar com um milhão de perguntas, saí mais rápido do que o diabo fugindo da cruz. Ainda não estava preparada para responder perguntas a respeito do que estava

aprontando.

Quando cheguei no bar, faltavam dez minutos para o meio-dia. Era o meu primeiro dia no emprego novo e queria causar boa impressão chegando mais cedo. Tranquei o carro e entrei.

Billy tinha dito que Mark me treinaria. Pelo menos eu já o conhecia um pouco, embora não tivéssemos trocado uma palavra na noite em que Hayes me expulsou do bar. Tentei não pensar em Hayes, não queria que isso estragasse o meu bom humor. Não ia deixar que destruísse esse momento para mim. Ele já tinha mexido o suficiente com a minha cabeça e eu precisava dar um tempo dele para o meu cérebro.

A porta tilintou quando entrei, ficando frente a frente com a última pessoa com quem eu queria ter que lidar naquele momento. Não dei bola para ele e perguntei:

— Cadê o Mark?

Hayes respondeu:

— Não se preocupe com ele. — E acrescentou simplesmente:
— Preocupe-se apenas comigo.



Hayes

— Sabe, pra alguém que não me quer por perto, — ela provocou, — você sempre encontra um jeito de aparecer.

— Você não me dá alternativa.

— Não sou responsabilidade sua. Já sou adulta, Hayes. Estou me saindo muito bem sozinha há dezoito anos.

— Acho difícil de acreditar.

— Então, isso vai ser divertido, — ela comentou de modo sarcástico. — Você quer me ofender de alguma outra forma antes de começar com o meu treinamento? Meu batom está ok? Minha roupa está muito vulgar? Tenho que te chamar de senhor? Por favor, me ilumine antes de começarmos, oh, sábio dos sábios.

— Terminou?

Com uma expressão sarcástica, ela cruzou os braços sobre o peito.

— Podemos terminar logo com isso?

— Finalmente concordamos em alguma coisa.

Em três passos eu estava na frente dela, me inclinando sobre sua pequena estrutura. Em seguida, segurei a sua nuca e ela arfou quando apertei com firmeza.

— Que porra...

Meu polegar limpando o seu batom rosa a fez ficar quieta. No

último segundo Haven tentou afastar o rosto, mas eu segurei mais forte.

— Você não precisa me agarrar. Era só dizer que não gostava.

— E qual seria a graça disso?

— Ah, é isso que você acha engraçado? Ser um babaca é divertido pra você? E a minha roupa? Quer tirar ela também?

— Não tanto quanto você quer que eu tire.

Ela lastimavelmente tentou se soltar de novo.

— Seu desgraçado arrogante.

— Você desenvolveu um linguajar bem adulto, docinho.

— Como posso explicar? Você traz à tona o que há de pior em mim.

— Você é com certeza uma coisinha brava, — eu ri.

— É nisso que dá crescer com cinco irmãos mais velhos. — Eu a soltei e ela, surpresa, arqueou as sobrancelhas. — Foi algo que eu disse?

— Você não precisa de maquiagem, — declarei, ignorando a pergunta.

Seus lábios se abriram.

— É um elogio?

— Não é um insulto.

— Por que você não pode só dizer “sim”?

— Não sou boa companhia, querida.

— Então, por que veio me treinar?

— Se eu quero que algo seja feito direito, tenho que fazer eu mesmo.

— Eu não sou estúpida. Sei atender uma mesa.

— Quem falou que você vai atender as mesas? — sorri.

Ela estreitou o olhar para mim.

— O que você...

— Eu não tenho o dia todo. — Acenando com a cabeça, dei meia volta. — Vem comigo.

Ouçõ-a respirar fundo e me seguir como uma boa menina, mas eu sabia que aquilo não duraria muito.

— Você está de brincadeira comigo!

Ela exclamou quando chegamos ao nosso destino.

— Você queria um emprego. É aqui que vai começar.

— Não me inscrevi para limpar o banheiro, Hayes.

— É pegar ou largar.

— O seu pai sabe o que você está fazendo comigo?

— Eu não respondo a ele.

— Você vai me punir por quanto tempo até me deixar servir as mesas?

— Depois, você vai organizar o estoque.

- Isso não é treinamento.
- Agora é, — sorri.
- Você é inacreditável.
- Eu sei.
- Não foi um elogio.
- Esfregue bem o vaso. Alguém vomitou aí ontem à noite.
- Hayes...
- Saiba o seu papel, docinho.
- Você com certeza sabe o seu de cor.
- Você podia trabalhar no shopping ou alguma merda do tipo.

Por alguma razão desconhecida, decidiu vir ao meu bar. Agora quer brincar de garçõete. Prove para mim que sabe ouvir. Mais tarde eu volto para ver se está tudo bem. Tente não entrar em nenhuma confusão, não tenho tempo de tomar conta de você hoje. — Ela não disse uma palavra, mas nem precisava. Sua expressão falava por si mesma. — Quer dizer alguma coisa? — Ela mordeu a língua e balançou a cabeça. — Já é um começo, — murmurei. — Seja uma boa garota.

— Não sou um cachorro.

Meu celular tocou.

— Alô? — respondi enquanto a observava lançar um olhar para o vaso.

Ela fez uma cara de nojo. Escondi a risada e entreguei a ela as luvas que tirei do bolso.

Ela pegou, dizendo:

— Nossa, obrigada.

Durante o resto da tarde, ela fez o que pedi. Na hora do bar abrir, eu a encontrei no estoque. Só que ela não estava sozinha. Taz estava com ela. Ele era candidato a fazer parte do clube do meu pai.

Fiquei atrás da parede, ouvindo a conversa entre os dois. Queria saber o que ele estava tramando e o que ela contaria a ele.

— Seu espetáculo ontem à noite foi um show e tanto, — ele declarou, se debruçando no armário de bebidas para olhar para a sua bunda.

Ela estava de costas para ele, organizando os enlatados nas prateleiras ao lado da geladeira.

— Obrigada.

— Onde aprendeu a dançar assim?

— Você não gostaria de saber.

— Certo.

— E você?

— Eu, o quê?

— Também trabalha aqui?

— Trabalho para o Billy, mas não no bar.

Ela olhou para o bordado no seu colete.

— O que quer dizer candidato?

— Acho que é tipo como em um recrutamento. Tenho que provar o meu valor para entrar no Fora-da-Lei.

— Ah. Então Hayes também faz parte do um por cento?

Ele sorriu.

— Alguém fez o dever de casa.

— Eu não sei de verdade o que isso quer dizer.

— Quer dizer que sou um *bad boy*, Haven. Você gosta de *bad boys*?

— Acho que meus irmãos mais velhos não gostariam.

— A opinião deles importa?

Aquele filho da puta.

— Você pode ficar aqui atrás comigo?

Respeitei o fato de que ela conseguia lidar muito bem com ele, mostrando que não era tão ingênua assim.

— Eu gosto de quebrar as regras.

Não tanto quanto vou gostar de quebrar a sua cara.

— Acho que Hayes não gostaria disso.

Eu me concentrei em Haven, chocado que ela estivesse do meu lado.

— Por que está tão preocupada com Hayes? Você é dele?

— Não.

— Quer ser?

— Não. — Arqueei as sobrancelhas, intrigado. — Hoje é meu primeiro dia e não quero começar com o pé esquerdo, sabe?

Tarde demais.

— O Billy gosta de você e, neste bar, isso é tudo o que importa.

— Achei que o bar era dos dois.

— Diga isso para o Billy.

— O que os dois têm? Percebi uma certa tensão entre eles ontem à noite.

— Você não faz ideia.

— Então me conte.

— Vamos dizer apenas que eles podem ser pai e filho, mas se odeiam como inimigos.

— Por quê?

— Hayes não quer entrar para o clube. E o presidente não vai parar até ele entrar.

Tá brincando!

— Ah...

— Isso não significa que as mãos dele estejam limpas, Haven. Pense bem, devem estar mais sujas do que as nossas.

— Sujas de quê?

Ele saiu de trás do armário.

— A curiosidade matou o gato. Se eu fosse você, parava de fazer tantas perguntas.

Em tom cauteloso, ela perguntou:

— É seguro trabalhar aqui?

Não.

Taz contestou:

— O que você acha?

— Não vi nada que provasse o contrário.

— Como você disse, é o seu primeiro dia. Dê tempo ao tempo, não vai demorar.

— E a mulher do Billy? A mãe de Hayes? Ela também trabalha aqui?

— Não, gata. Ela...

— Que porra você está fazendo aqui? — interrompi, me revelando.

Ele levantou os braços.

— Foi mal.

Ela ficou olhando de um para o outro até que ele se afastou e saiu.

— Uau, — ela murmurou. — E eu achando que meus irmãos eram os únicos mestres em fazer os caras desaparecerem. As pessoas geralmente fogem quando você entra nos lugares?

— Se elas tiverem sorte o suficiente, sim. O que eu disse para você sobre manter a distância de caras com coletes?

Incapaz de se conter, ela provocou:

— Você parece estar com ciúmes, Hayes.

— Já derrubei outros por muito menos, docinho.

Ela me olhou de cima a baixo e perguntou:

— As suas mãos estão muito sujas?

— Agora, — mostrei as mãos para ela, — elas estão bem limpas. Vamos ver como estarão quando eu voltar.

— Aonde você vai?

— Pagar minhas dívidas, docinho.

Ela desceu os olhos para os bolsos da minha calça jeans.

— O que você está procurando não está aí.

— Como você sabe o que estou procurando?

Dei um passo à frente com os braços abertos.

— Quer me revistar, querida? — Ela arregalou os olhos. — Você não vai gostar do que achar. — Ela mordeu o lábio inferior. — Ele está certo, sabe...

Ela se afastou, entendendo o que eu queria dizer.

— Você sempre escuta a conversa alheia?

Não hesitei em confirmar...

— A curiosidade matou *mesmo* o gato.

CAPÍTULO 7

HAVEN

— Aí está você! — Cove gritou enquanto eu andava em sua direção no bar. Ela estava jogando bilhar com alguns motoqueiros.

— Oi! — sorri.

— Como está indo o primeiro dia?

— Não como eu pensei que seria.

— Por quê? O lugar está lotado. Você deve estar ganhando uma nota em gorjeta.

— Eu estaria se estivesse atendendo as mesas.

Ela franziu o cenho.

— E você está fazendo o quê?

— Limpando e organizando.

— Espera. Como é que é?

— É, é exatamente isso que eu estava pensando.

— Oi de novo, — Taz falou, aparecendo de repente ao meu lado. — Por que não faz uma pausa e jogamos uma partida de bilhar?

— Não sei jogar bilhar.

— Você está com sorte. Sou professor profissional.

Eu ri.

— Com certeza.

— Gata, vem aqui e me deixe mostrar a você o caminho.

— Que nobre da sua parte.

Ele me ofereceu o braço e eu entrelacei o meu no dele. Depois de terminar de arrumar a mesa, Taz me entregou um taco.

— Pronto. — Segurando os meus ombros, ele me colocou na ponta da mesa longa e estreita. — Fique aqui.

— Tá bom.

— Agora pegue o taco e mire nas bolas.

— Qual eu acerto?

— Todas. Qualquer uma que você acertar nos buracos, cor sólida ou com listra, será a sua bola. Não acerte a bola oito preta antes de ter acertado as outras, ou você perde. É a última que você precisa

acertar para ganhar. Faz sentido?

— Faz.

Acertei a minha mira e bati na bola branca o mais forte que consegui, mas a bola escorregou no taco e eu não acertei nada.

— Isso foi patético. Você estava tentando?

— Ei! Isso não é nada motivador.

— Você está certa. Onde estão meus modos? Deixa eu te ajudar.

Ele rapidamente se posicionou atrás de mim moldando a frente do seu corpo com a parte de trás do meu.

— Espero que seja o seu celular cutucando a minha bunda, Taz.

— Gata, você pode chamar do que quiser.

— Taz!

— Tudo bem, tudo bem, estou brincando. Não se desespere. — Com a mão direita, ele segurou a minha, que agora segurava o taco da forma correta, enquanto a sua outra mão segurava minha cintura. — Você precisa ter sintonia com o jogo, Haven. Você sente isso?

— Não sei, achei que fosse o seu celular, mas agora já não tenho certeza.

Ele riu.

— Você precisa se soltar; está muito rígida. Você está jogando uma partida de bilhar, não está prestes a dar o cu. Relaxa.

Olhei para ele e nossos lábios foram se aproximando.

— Eu estou relaxada.

— Isso aí é você relaxada? Que tal você sacudir os nervos?

Balancei o corpo.

— Faz de novo, só que, desta vez, rebole um pouco para a esquerda.

— Taz!

— Adoro quando você grita o meu nome.

Eu ri.

Ai, meu Deus.

Pelo menos ele estava transformando meu dia horrível em algo um pouco melhor. Hayes definitivamente tinha me feito passar por poucas e boas. Eu não me lembrava da última vez que tinha limpado tanto. Eu precisava daquele emprego; precisava acreditar que ele, em algum momento, me deixaria servir algumas mesas.

Eu poderia ter ido reclamar com Billy. Eu estava certa de que ele colocaria Hayes no seu devido lugar. No entanto, eu queria fazer as coisas sozinha. Provar para ele que não importava o castigo que me desse, eu iria vencê-lo em seu próprio jogo.

Por mais que eu quisesse parar de pensar nele, não conseguia. O dia todo eu tinha pensado no quanto queria estrangulá-lo.

Principalmente depois de ter lavado o quinto vaso sanitário do dia. As horas demoravam a passar e voavam ao mesmo tempo. Meu ódio por ele só aumentava com o passar dos minutos; era a motivação que eu precisava para tolerar aquela palhaçada sem fim.

Meu olhar encontrou o de Billy. Ele estava sentado no espaço reservado atrás da mesa de bilhar com o grupo de motoqueiros.

Eles estavam virando *shots* de bebida e jogando conversa fora. Quando nossos olhares se encontraram, ele levantou o copo para mim.

Eu sorri de volta.

Depois de bater o copo na mesa a sua frente, ele tomou tudo em um único gole enquanto os outros motoqueiros gritavam e assobiavam. Um grupo de mulheres quase sem roupa andava em volta deles, bajulando tudo o que eles falavam.

Meu olhar se dirigiu para Cove. Ela jogava dardos com o cara que eu tinha conhecido rapidamente na semana anterior.

— Ei, — Taz disse no meu ouvido, mandando arrepios pela minha espinha. — Aonde você foi?

— Estou aqui.

— Certo, vamos fazer isso juntos. Está pronta?

— Mais pronta do que nunca.

Num movimento fluido, ele atirou o quadril de encontro a minha bunda e mandou o taco diretamente nas bolas. Três bolas de cores sólidas caíram em buracos diferentes.

— Ah! — gritei de animação.

— Somos um bom time.

— Conseguimos!

Eu me virei instantaneamente e me joguei nos seus braços. Taz não vacilou me levantando do chão para me sentar na borda da mesa, se posicionando no meio das minhas pernas.

Ele ia me beijar?

— Essa é a minha garota.

— Sua garota? — perguntei, pega de surpresa.

— Quer ser a minha *old lady*?

— O que você quer dizer com isso?

— Você quer ser *minha*?

Engoli em seco e abri a boca para responder, mas fui interrompida.

Foi como se tivesse sentido a sua presença no salão. Nem precisei procurar. Meu olhar intuitivamente encontrou o olhar furioso de Hayes.

Olhando. Diretamente. Para. Nós.

Ele devia ter acabado de chegar do lugar de onde tinha ido, pois estava perto da porta, de jaqueta preta por cima da habitual regata preta, calça jeans rasgada e coturnos. Usava um gorro preto na

cabeça, o que o fazia parecer ainda mais o *bad boy* que ele era. Hayes nunca tinha me atraído tanto quanto naquele momento. Havia uma energia que imediatamente alterava o ar do lugar, como se nós fôssemos as únicas duas pessoas ali.

Engoli em seco de novo. Minha boca ficou subitamente seca e meu coração começou a martelar no peito. Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo com a gente e eu não queria que parasse.

Nem por um segundo.

Tinha algo na forma como ele me olhava que fazia meu corpo explodir com uma urgência de querer senti-lo encostado em mim de qualquer jeito que eu pudesse. Vê-lo daquele jeito só provocava a minha vontade de ver até onde eu podia levar a situação.

Passei os braços em volta do pescoço do Taz e desviei os lábios para a sua bochecha. Sem quebrar o contato visual com Hayes.

Não deveria ter feito aquilo. Eu era uma garota esperta. Porém, estava aprendendo rápido que, em se tratando daquele homem, eu não poderia ser mais estúpida.

Por um momento, ele me mostrou tudo o que eu queria ver. Misturado com a loucura, estava o seu desejo por mim.

Era brilhante.

Atrevido.

Completamente intoxicante.

Com um passo determinado atrás do outro, ele começou a caminhar em nossa direção. Meu corpo tremeu com uma força inesperada que eu nunca tinha experimentado antes.

Quando estava bem atrás do Taz, disse:

— Parece que você está aprontando.

Eu sorri, esperando por não sei o quê.

Taz não teve tempo de se virar. Com um puxão brusco pela gola do colete, Hayes o afastou de mim como se ele não pesasse nada. Antes que Taz pudesse se defender, Hayes rosnou e inclinou a cabeça para o lado de forma ameaçadora, fazendo Taz recuar.

— Você perdeu a cabeça? — Billy perguntou, chegando abruptamente do nosso lado.

Uma multidão havia se formado e os olhos de todos estavam em nós.

— Que porra você acha que está fazendo? — Billy bradou, só de olho em Hayes, que tinha os olhos focados em mim.

Num piscar de olhos, Hayes estava de pé no meio das minhas pernas, segurando a minha nuca de uma forma carente, mas confiante. Eu arfei, colocando as mãos no seu peito para me apoiar.

Não tive tempo de registrar o que estava acontecendo, sua boca se chocou com a minha de um jeito tão poderoso que consumiu completamente todo o meu ser.

Não era um beijo.

Era uma reivindicação.

Sua língua separou os meus lábios sem pedir, mas sim exigindo entrar em minha boca. Não havia recusa. Minha língua seguiu a dele por conta própria naquele movimento pecaminoso de ir e vir de desejo inebriante entrelaçado com luxúria. Eu nunca tinha sido beijada daquela forma. Era como eu havia lido nos livros e visto nos filmes. A forma como nos devorávamos deveria ser um crime.

Ele só se afastou porque o bar todo estava gritando e assobiando, e eu gemi diante da separação. Só que, em outro movimento rápido, Hayes agarrou minha bunda e me jogou por cima do ombro, depois me deu uma palmada bem forte.

— Isso aqui, — ele declarou publicamente para todos no bar, olhando diretamente nos olhos do pai. Foram aquelas duas palavras que mudaram tudo entre nós quando ele disse abertamente... — *É meu.*

CAPÍTULO 8

HAVEN

Ele me levou daquele jeito para o escritório e bateu a porta com um chute depois de entrar.

— Pare de me carregar!

— Pare de agir como se você não quisesse.

— Seu arrogante desgraçado.

— Sério? É uma das minhas maiores qualidades.

Ele jogou a minha bunda na borda da mesa e ficou entre as minhas pernas, como havia feito na mesa de bilhar.

Abri a boca para responder, mas ele me interrompeu rapidamente.

— É assim que as coisas vão funcionar agora. Pisou no meu bar, você é *minha*, Haven. — Era a primeira vez que ele dizia o meu nome. Saiu num tom tão áspero que as minhas coxas se contraíram. — Você me entendeu?

— Uhm... — balancei a cabeça, confusa. — Como assim *sua*?

— Que parte você não entendeu? A que eu te avisei mais de uma vez para ficar longe dos motoqueiros? Ou a que você não me deixa escolher senão a reivindicar como minha?

— Eu não entendo.

— Óbvio.

— É sério. Eu honestamente não entendo você. Num minuto você é um babaca, me trata que nem merda, depois você banca o herói e anuncia essa propriedade sobre mim. Que merda é essa?

— Que merda digo eu! Você acha que eu quero isso? Eu preciso fazer isso.

— Por quê?

— Porque você não sabe escutar! Mais uma vez sou eu que vou ter que lidar sozinho com as coisas. Ninguém vai tocar em você agora. Não se quiser continuar vivo.

— Continuar vivo? — Meus olhos se arregalaram. — Você tá falando sério?

— Uma coisa que você tem que saber sobre mim é que eu sempre falo sério.

— Eu... eu... eu...

— Me guie pelos seus pensamentos, docinho. Me ilumine, porra.

— Não vou falar com você enquanto estiver agindo assim. Você está fora de si e não há motivo pra isso.

— Você quer trabalhar no meu bar, então é parte do meu mundo quer você queira, quer não. Não vou perguntar de novo. Que porra você está tentando provar?

Suspirei, sabendo que ele não iria desistir enquanto não conseguisse uma resposta direta.

— Eu estava só...

— Querendo bancar a provocadora.

Bati nele, mas Hayes não se moveu um milímetro.

— Você não pode falar comigo assim.

— Vou falar com você do jeito que eu bem entender e nunca se esqueça disso, porra.

— Meu Deus, Hayes! Que porra aconteceu com você pra ficar assim? Não consigo ter uma conversa com você.

— E eu achando que estávamos tendo uma.

— É assim que você fala com as pessoas? Como se elas fossem propriedade sua? Escuta só, babaca: eu não sou sua!

— Você vai ser se quiser continuar trabalhando aqui. Ou então eu vou ligar para o papaizinho e contar para ele o que você anda aprontando. Vamos ver quanto tempo vou demorar para fazer a sua cabeça rolar quando ele descobrir que a sua menininha está trabalhando num bar de motoqueiros.

Meu queixo caiu.

— Você não pode fazer isso!

Se aproximando dos meus lábios ele rugiu:

— Quer apostar?

— Então é isso? Se eu não concordar com a sua mentira você vai me entregar como um maldito dedo-duro?

— Num piscar de olhos.

— Como você sabe quem é o meu pai?

— Eu só preciso fazer uma ligação e consigo saber o número do seu seguro social.

Meu peito subia e descia, cheio de ódio por ele.

— Isso não é justo.

— A vida não é justa, querida.

— Ah, acredite em mim. Eu tenho plena consciência disso.

Seu olhar se suavizou quando me ouviu dizer aquelas palavras e seus olhos se desviaram para a cicatriz em minha sobrancelha. Mais

uma vez, num curto espaço de tempo, aquele homem me mostrou um outro lado dele que eu não sabia existir.

Não durou muito; ele piscou, e tudo passou. Em seu lugar, havia raiva, mas também preocupação.

Aquilo fez a minha luta interna diminuir um pouco.

— Por que você se preocupa tanto com o que acontece comigo? Você nem me conhece.

Nada.

Nem uma palavra.

Silêncio total...

O que só me confundia ainda mais.



Hayes

Eu precisava acabar com essa merda rapidinho.

Tentando me manter concentrado na tarefa iminente, afirmei:

— Essas são as minhas regras, Haven. Ou você é minha neste bar, ou não trabalha aqui.

— Você acha que fingir ser meu namorado vai afastar os caras de mim?

— Eu não acho, *eu sei*.

— Como?

— Porque, querida, ninguém vai mexer com você. Quem mexer com você, vai mexer comigo, e ninguém quer isso.

— Por quê? Achei que você não fosse parte do um por cento?

— Não use palavras que você não entende.

— Então me explica.

— Pra quê? Você não vai ouvir.

Eu me afastei da mesa. Precisava me distanciar dela por um segundo.

— Você é de longe a pessoa mais complicada do planeta. Não acredito que você seria capaz de fingir gostar de mim quando é obvio que não gosta.

— Está tentando conseguir um elogio? O que quer ouvir, hein? Quer que eu diga que é linda como uma flor?

— Só se for verdade.

— Você sabe que eu acho, — zombei, segurando um sorriso.

Ela corou. Um vermelho sutil coloriu seu rosto.

— Se eu concordar com os seus termos...

— Se?

— É.

— Está fazendo exigências agora? Conheça o seu público,

docinho. Não quero que trabalhe aqui. Você não tem apoio nenhum.

Ela desceu da mesa e caminhou em minha direção como se fosse adulta. Quando estava na minha frente, colocou as mãos no meu peito e foi me empurrando para o sofá de couro atrás de mim. Eu queria ver até onde ela iria com aquilo. Era o único motivo para deixá-la sentir que estava no controle.

Devagar, ela me sentou no sofá e se sentou no meu colo, com a boceta em cima do meu pau.

— É assim que vamos fingir que temos um relacionamento, Hayes? Tenho que te foder também?

Eu sorri, incapaz de me segurar daquela vez.

— Querida, não seria você que estaria fodendo.

Ela puxou o ar.

— Está nervosa, Haven?

— Talvez.

— Por quê?

— Por sua causa.

— Eu te deixo nervosa?

— Às vezes.

— Por que você acha que isso acontece?

— Não sei.

— Sabe, — eu disse. — Você sabe, sim.

Segurei sua nuca, trazendo os seus lábios para perto dos meus sem me dar conta do que fazia.

Ela era a primeira mulher que tinha o poder de me fazer perder o controle. Para um homem que vivia e respirava controle, perdê-lo era uma coisa bem perigosa.

Seus lábios eram suaves e gentis, e me convidavam a entrar. Atacavam cada fibra do meu ser a cada golpe da sua língua. Sem parar nem por um momento a tortura deliciosa de esfregar a sua boceta no meu pau.

Ela gemeu e inclinei sua cabeça para trás segurando no cabelo de sua nuca para olhar bem fundo em seus olhos.

Ela arfou quando seus lábios se abriram.

Excitada.

Desejando.

Querendo.

— Você acha que está fodendo com quem, docinho? Agindo como adulta quando nós dois sabemos que você nunca foi tocada. — Empurrei meu pau duro na sua direção, afastando ainda mais a sua cabeça de mim. — Está sentindo?

— Estou...

— Esse elogio tá bom pra você? — Ela estava vulnerável e à minha mercê enquanto ainda estava completamente vestida, e só de

pensar nisso, meu pau se contraiu. — Por acaso falei que podia me tocar? Você está sempre fazendo o que quer, nunca prestando atenção em uma palavra que eu digo. Não importa quantas vezes eu fale.

Ela sorriu maliciosamente.

— Você gosta disso.

— É mesmo?

— É.

— Se eu te comesse agora, você deixaria.

Os olhos dela brilharam de desejo por mim.

— Mas vamos combinar uma coisa antes, você concorda em ser minha neste bar, — eu disse. Eu não queria machucá-la, mas era o único jeito de mantê-la à distância. — Não sou a porra do seu herói. Isso aqui não é o seu conto de fadas.

Ela fez uma careta, sabendo que eu diria alguma coisa desagradável, e eu não a decepcionei...

— Eu sou o seu vilão, e nunca se esqueça disso, — falei entredentes.

CAPÍTULO 9

HAVEN

- Mamãe, o que tá fazendo? — perguntei pulando na sua cama.
- Estou só costurando a calça jeans do papai. Ele a rasgou de novo.
- É porque ele está sempre montado no cavalo.
- É isso aí.
- Eu sorri.
- Você pode costurar a minha quando tiver terminado?
- De novo? Costurei na semana passada.
- Eu sei.
- O que aconteceu dessa vez?
- O cavalo do Reid não gosta muito de mim.
- É porque você puxa o rabo dele.
- Dei de ombros.
- Eu só estava tentando fazer uma trança.
- Querida, quantas vezes já te dissemos que não pode fazer trança no rabo daquele cavalo?
- Dei de ombros de novo.
- Mas é tão comprido e bonito.
- Ela riu.
- Bobinha.
- Mamãe, — chamei. — Eu estava lendo sobre Paris. Acho que podíamos começar por lá.
- Paris, hein?
- É! Tem a Torre Eiffel e também é super chique. A gente podia usar uns vestidos bonitos e se exhibir como se a gente fosse de lá.
- Eu ia amar.
- Mal posso esperar, mamãe!
- Shh... não deixe seu pai ou seus irmãos ouvirem você.
- Eu ri.
- Adoro o nosso segredinho.
- Viver à sombra dos meus cinco irmãos mais velhos era, às vezes,

bem difícil pra mim. Mamãe sempre tentava me lembrar quanto eles tinham esperado para que eu viesse ao mundo. Sempre me contava como eles haviam tentado cinco vezes e acabado ficando com cinco meninos por causa disso até que eu finalmente tivesse chegado.

Mamãe dizia que nós tínhamos um relacionamento especial e ela havia rezado a Deus para ter uma menininha como eu por vinte e três anos. Era o tempo que eles estavam casados. Papai dizia que Deus sabia que eu seria tão linda que precisaria de cinco irmãos para me proteger.

Era por isso que não podíamos contar para eles sobre a viagem especial que faríamos no verão depois que eu me formasse no ensino médio. Eles ficariam preocupados demais conosco. Só iríamos nós duas e eu mal podia esperar. Eu queria que fosse amanhã e não só daqui a nove anos.

Pensando naquilo, eu observei:

— O tempo precisa passar mais rápido.

— Não deseje isso, pequena. O dia vai chegar quando você menos esperar.

— Tá bom, mamãe.

— Você está crescendo tão rápido. — Ela colocou de lado a calça jeans de papai. — Um dia você não vai mais ser a minha menininha.

Deitei a cabeça no seu colo para que ela pudesse brincar com o meu cabelo como sempre fazia antes de eu ir para a cama.

Ela lia para mim e eu dormia daquele jeito.

— Mamãe, eu vou ser sempre a sua menininha.

— Um dia você vai ser a menininha de outra pessoa.

— Eca... eu nem gosto dos meninos. Só amo os meus irmãos.

Ela sorriu para mim.

— Não vai ser sempre assim.

— Como você sabe?

— Porque vou me certificar de que você encontre o cara certo algum dia.

— Você vai?

— Aham.

— Como?

— Porque é isso que as mães fazem. — Ela beijou a minha testa.

— Então, para onde mais podemos ir quando estivermos no exterior.

— Que tal a Itália?

— Adorei a ideia.

— Vamos comer todo tipo de pizza!

— Sim! E massa!

Arfei.

— Eu amo lasanha!

— É seu prato preferido. Eu sei o que mais você prefere...

Segurei a respiração.

— O monstro da cócega!

Eu ri antes mesmo de ela começar a fazer cócegas.

— Te amo, mamãe.

— Também te amo, filha. Para todo o sempre. Vamos ser eu e você.



Arfei, sentando na cama com a mão sobre o coração.

— Merda, — sussurrei, tentando me recompor.

Não sei quanto tempo fiquei assim, perdida no passado em meio aos sonhos. Eles ficavam mais intensos conforme minha formatura se aproximava, embora ainda demoraria alguns meses. Joguei longe os cobertores, coberta de suor; os lençóis grudavam na minha pele extremamente quente. Em seguida, peguei meu telefone e verifiquei a hora.

Três e cinco da manhã.

— Legal...

Eu precisava estar cedo no bar para trabalhar um turno antes do grande jogo de futebol daquela noite. Iriamos jogar contra a escola rival da cidade de Hayes. Dado que estávamos invictos, o estádio estaria cheio de famílias animadas para assistir. Era sempre o meu tipo de jogo favorito para torcer. Eu adorava me alimentar da energia da multidão. Não havia nada no mundo como aquilo. Era adrenalina pura.

Meu time era o melhor. Vencemos os estaduais três anos seguidos e naquele ano não seria diferente. Mal podia esperar para fazer a nossa nova coreografia no intervalo do jogo daquela noite. Eu era uma *flyer*, o que significa que eu era uma das garotas que eram jogadas para cima pelas *bases*.

Respirando fundo, peguei meu robe e desci para fazer um chá de camomila. Era difícil eu pegar no sono novamente depois de sonhar com ela. Meu corpo ficava agitado quando sonhava com coisas que nunca seria capaz de mudar.

Não importava quanto eu quisesse.

Ou rezasse.

Ou desejasse...

Era para sempre.

Exatamente como meus sonhos com ela eram para mim.

— Ei, pequena, — Troy cumprimentou, sentado na ilha da cozinha.

Não fiquei surpresa de vê-lo ali. Troy era o mais novo dos meninos e três anos mais velho que eu.

A gente se encontrava ali frequentemente no meio da noite.

Todos os meus irmãos tinham suas próprias casas onde moravam, mas eles também dormiam direto aqui em casa. Nosso pai mantinha os quartos onde eles tinham crescido. Nada tinha mudado no estilo da nossa casa de fazenda de seiscentos e cinquenta metros quadrados que papai havia construído depois de se casar.

— Quer chá? — perguntei entrando na cozinha.

— Essa merda não funciona.

— Com essa atitude não vai funcionar mesmo, — sorri, fazendo ele rir.

Depois que terminei de fazer o meu, me sentei perto dele, trombando meu ombro com o dele.

— Tá tudo bem? — perguntei sabendo que não estava.

— Sempre, — ele mentiu. — E você?

Dei de ombros.

— Estou levando.

— Como está a escola.

— É a escola.

— E o negócio de líder de torcida? O pai falou que você virou capitã. Parabéns.

— Eu deveria te agradecer. É graças a você que me sinto tão confortável em ser jogada para cima.

Ele riu de novo.

Nós costumávamos brincar na piscina e ele me jogava para cima na água. De todos os meus irmãos, eu era mais próxima de Troy. Nossa diferença de idade não era tão grande e, por causa disso, éramos unidos.

Às vezes parecia que ele precisava compensar por ser o mais novo dos meninos. Tudo o que ele fazia era extremo, não tinha medo nenhum das consequências. Enquanto crescíamos ele estava sempre se metendo em confusão. Provavelmente mais do que todos nós.

— Como está a aula?

— Você quer dizer, quando eu apareço? — ele brincou.

— Troy... o pai vai ficar bravo se você levar bomba de novo.

— Qual é a novidade?

— Não faça isso, vai. Ele só quer o melhor pra você.

— Se nem eu sei o que é melhor pra mim, como é que ele vai saber?

— Não sei. Ele é nosso pai. Talvez ele tenha poderes mágicos ou algo do tipo.

Ele não riu da minha piada. Em vez disso, ficou de pé e acrescentou:

— Odeio estragar seu barato, Haven, mas o pai que tinha poderes mágicos já não é mais tão mágico.

Incapaz de me segurar, perguntei:

— Você sonhou com o quê?

— Não são sonhos, pequena. Nós dois sabemos que são pesadelos. — Eu não disse uma palavra, fiquei sentindo o peso das dele. — Tente dormir um pouco com essa merdinha desse chá.

Eu ri suavemente apesar da tristeza que pairava no ar.

Observei-o sair e continuei a minha manhã. Cheguei no bar um pouco depois das sete. Era para eu chegar às oito, mas achei que pudesse terminar de arrumar o estoque mais cedo do que planejava.

Se havia uma coisa que eu tinha aprendido desde que comecei a trabalhar no bar havia algumas semanas, era que Hayes praticamente morava ali. Na maioria das vezes, ele sempre estava lá quando eu estava trabalhando. Principalmente quando eu estava servindo as mesas. Além disso, eu era responsável por manter o estoque sempre em dia.

Embora, nesse meio tempo, Hayes fizesse seu papel de namorado protetor ao extremo.

Me beijava abertamente.

Apertava a minha bunda.

Me colocava sentada no seu colo.

Para quem olhasse de fora, éramos um casal. Ninguém diria que ele não colocava a mão em mim quando estávamos sozinhos. Ele ligava e desligava o modo namorado como se fosse a coisa mais fácil do mundo de fazer. Toda vez que eu pensava na sua atitude quente e fria, me irritava. Quem iria pensar que ele era tão mentiroso.

Estava ficando difícil fingir que seu toque não me afetava. Era uma linha muito tênue essa sobre a qual eu caminhava com ele. Só que estávamos de lados opostos, e eu só estava esperando cair do penhasco e me machucar.

Toda vez que ele me beijava.

Me acariciava.

Fazia um show para os outros verem.

Eu estava perdendo o controle pouco a pouco, incapaz de decifrar o que era real ou falso entre nós. Eu queria odiar ele e, de certa forma, eu o odiava, mas por outro lado...

Estava me apaixonando.

Nunca tive um namorado. Não sabia fazer esses jogos. Minhas defesas eram baixas e elas estavam começando a cobrar seu preço. Na forma como eu queria ser dele, mesmo que fosse só por um momento.

Eu ansiava por aquilo.

Por sua atenção.

Sua devoção.

Seu amor?

Não conseguia entender porque ele estava tão decidido a me proteger se não sentia nada por mim.

Qual era o objetivo daquilo?

Quanto mais pensava sobre o assunto, mais me afundava num abismo desconhecido.

Taz, por outro lado, não tinha problema nenhum em se aproximar quando Hayes não estava por perto. Não importava quantas vezes eu avisasse que Hayes ia descobrir, ele não ligava. No meu último turno, ele tinha tido a coragem de pedir o meu número. Ele estava brincando com fogo e eu sabia que era só uma questão de tempo até que Hayes descobrisse que ele não estava dando bola para suas ameaças sobre ficar longe de mim.

Eu só não achei que fosse acontecer naquela manhã.

A caminho do escritório de Hayes para avisar que tinha chegado mais cedo, congelei no meio do corredor quando ouvi um estrondo. Parecia um corpo sendo jogado contra a parede.

De olhos arregalados, esperei até ouvir Hayes rosnar...

— Eu avisei, seu filho da puta!

CAPÍTULO 10

HAYES

Agindo no piloto automático, meu punho colidiu com a mandíbula de Taz e a sua cabeça foi para trás, levando junto com ela metade do seu corpo. Ele cambaleou, tentando se recuperar, mas eu não hesitei. Segurando na parte da frente do seu colete, joguei ele contra a parede, onde bateu com um estrondo e perdeu o ar.

Não tirei os olhos dele enquanto dava soco atrás de soco no seu corpo.

— Seu bosta! — resmunguei, batendo nele no estômago e nas costelas. — Você achou que eu não ia descobrir que pediu o telefone dela? Que eu não estava te observando pelas câmeras de segurança nas últimas semanas?

Lancei seu corpo pela sala, trombando com as cadeiras e deixando destruição por onde passava.

Ele agarrou a barriga, tentando respirar.

— Você acha que pode me desrespeitar no meu bar, seu filho da puta? Você acha que está fodendo com quem?

Eu estava prestes a chutá-lo de novo no estômago quando a porta se abriu.

— Meu Deus! — Haven gritou, correndo para o lado dele. — Hayes, o que você está fazendo?

— Se você ajudar ele, docinho, vai se ver comigo.

Ela imediatamente parou onde estava. Seu olhar desviou de mim para ele algumas vezes até parar em mim. Imediatamente, ela notou minhas mãos ensanguentadas.

Dei um passo em sua direção, mas ela se afastou. Haven levantou os braços na sua frente e balançou fervorosamente a cabeça.

— Não olhe para mim assim, — exclamei em um tom rude.

— Como espera que eu olhe pra você? — Seus olhos se moveram na direção dele. — Hayes... — ela falou com a voz misteriosa. — Ele não está se mexendo.

— Ele está bem.

— Bem? — ela bradou. — Que parte dele está bem? Ele está o oposto de bem!

— Está parecendo que eu quero que alguém grite comigo?

Ela me encarou.

— Não dou a mínima! Qual é a porra do seu problema?

— Sou um homem de palavras, docinho. Quando a ameaça falha, eu uso o punho.

— É mesmo? E com que frequência faz isso?

Taz gemeu debilmente.

— Tá vendo? — fiz com a cabeça um aceno na direção dele. — Ele vai sobreviver.

— Ele precisa ir para o hospital.

— Dessa vez, não. Se ele der valor à vida, vai ficar longe de você de agora em diante.

— Eu... eu... eu nem sei que dizer pra você.

— Isso é novidade.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem para um dos candidatos do meu pai vir buscar aquele cafajeste, como se eu fosse melhor do que ele.

Eu sabia que teria que lidar com meu pai por causa disso, mas não dava a mínima. Do contrário, usaria aquilo a meu favor. Ele veria que eu estava mesmo falando sério quando se tratava dela, e não a usaria contra mim. Ele teria plena consciência do que eu faria se ele fizesse isso.

Aquilo ali não era só outro aviso para o Taz. Era também um aviso para meu pai. Eu via como ele me olhava toda vez que eu estava perto dela. Sua mente estava apenas girando com pensamentos malditos de como poderia usá-la contra mim.

— Limpem essa bagunça, — ordenei assim que os candidatos entraram no meu escritório e saí de lá.

Por alguma razão, achei que Haven já teria ido embora havia muito tempo depois que eu terminasse de me lavar, mas é claro que ela não tinha. Eu estava aprendendo rapidamente que o medo não a fazia se afastar de mim.

E isso apenas fodia ainda mais com a minha cabeça.

Quando voltei à minha mesa, ela comentou:

— Não acredito que fez aquilo com ele.

Haven estava sentada no sofá com a cabeça entre as mãos.

— Ele tem sorte por eu ter esperado tanto. Não sou paciente. Fiz aquilo por você.

Nós nos encaramos.

— Por mim? — ela perguntou. — Que nobre da sua parte esperar e quase matar alguém por mim.

— Relaxa. Eu só bati nele um pouco.

— Diga isso para o sangue no chão, Hayes.

— Essa não será a primeira nem a última vez que terei sangue nas mãos, Haven.

— O que você quer dizer com isso? É isso que faz o um por cento?

Sentei na minha cadeira.

— Vem cá.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Docinho...

— Não vou mais chegar perto de você até você começar a responder minhas perguntas.

Encostando na cadeira, coloquei os pés na mesa. Pelo menos eu ia ficar confortável, já que ela não ia parar de reclamar comigo.

— O que é um por cento? — ela repetiu.

— Já te ouvi da primeira vez.

— Mas não respondeu.

— Querida, eu não respondo a você.

— Então você responde a quem?

— A mim, — respondi num sussurro.

— Você é inacreditável.

Inclinei a cabeça para o lado e dei a ela o que queria.

— Taz é um fora da lei. É um criminoso. É isso que é um por cento, Haven. Ele faz o que o meu pai o manda fazer. Contrabandear droga, arma, e outras merdas... é uma lista interminável de coisas. É esse cara que estava mexendo com você.

— E você? Você não é melhor que ele.

— Você está ensinando o Pai Nosso ao vigário, docinho.

Ela se afastou.

— Taz só foi legal comigo.

— Ele quer te foder.

— Ah, é? — Ela se levantou de repente. — Bom, pelo menos alguém quer e não fica só fingindo. — Em três passadas eu estava bloqueando a sua passagem pela porta. — O que foi, Hayes? — ela me desafiou, cruzando os braços. — Vai me bater também por não te dar ouvidos?

Grunhi profundamente, segurando sua nuca para puxá-la na minha direção.

— Eu não bato em mulher.

— Não, só trata mal.

— Só você, querida.

Com a mandíbula cerrada, ela rosnou:

— Me solta.

— Nem fodendo. Você queria respostas. Estou te dando. Você

não vai fugir de mim só porque não gosta do que está ouvindo.

— Ah, desculpe, — ela zombou. — Que tal ficar de joelhos para você, então?

— É a última coisa que eu quero.

Ela fez uma careta, foi rápida, mas eu vi.

— Fala sério.

— Não era para você ter visto aquilo hoje.

— Ah, então está tudo bem?

— Eu não sou um por cento, Haven.

— Então, você é o quê?

Não hesitei em confessar:

— Eu me pergunto todos os dias.

— Se você não é um por cento, por que cuida desse bar de motoqueiros com o seu pai?

— Nem todo mundo cresceu em berço de ouro.

— Você não sabe nada de como eu cresci. Você não faz ideia do que eu já passei.

Meu olhar se desviou para a cicatriz na sobrancelha.

— O que foi, Hayes? Acha que não percebo você olhando para a minha cicatriz? Pergunta logo. Eu sei que é isso que você quer.

Soltei ela devagar, perguntando com sinceridade:

— O que você está fazendo aqui?

— Eu cheguei cedo...

— Não. Eu quero saber por que você está trabalhando aqui? De todos os lugares para trabalhar, por que aqui?

— Não importa.

— Importa pra mim.

— Por quê?

— Pelo amor de Deus! Podemos continuar em círculos jogando esse jogo.

— Você devia saber, só o que você sabe fazer é jogar. Nunca pensei que fosse tão mentiroso.

— O que você quer de mim, Haven? Posso não ser um por cento, mas nem por um segundo me acho melhor do que eles.

— Mentira! Se fosse verdade, você não estaria fingindo que me quer.

— Eu nunca disse que estava fingindo.

Ela se afastou de novo.

— Então, por que você só toca em mim quando tem gente por perto?

— Docinho...

— Não! Não me venha com “docinho”! Você não pode dar uma surra em alguém dizendo que é por mim e depois me excluir.

— É isso o que você quer? Quer que eu te deixe por dentro?

Por dentro do que, exatamente? Hein? Da minha cama? Do meu pau? Conta pra mim, querida. De que parte da minha vida fodida você gostaria que eu te deixasse por dentro?

Eu nunca iria esperar que ela colocasse a mão sobre o meu coração. Seu toque delicado queimou a minha pele.

— Que tal aqui, Hayes? Como faço para entrar aqui?

— Depois do que testemunhou, deveria estar fugindo de mim e deste bar.

Ela se engasgou de leve.

— É por isso que fez aquilo? Para me afastar?

— Está na hora de você ir embora.

— Não, você precisa parar de me dizer o que fazer. Já sou adulta. Você não tem ideia do que já passei. Não sou tão ingênua quanto você pensa.

Não tinha como convencê-la, então agi de acordo com o padrão que era natural para mim.

— Eu disse pra você no primeiro dia, — eu a relembrei, ciente de que as minhas próximas palavras iriam destruí-la. Odiando a mim mesmo mais do que eu já odiava, afastei sua mão e falei maliciosamente entre dentes: — Boceta de *menininha* não me deixa de pau duro.

CAPÍTULO 11

HAVEN

— T-I-R-A, tira a bola daqui! Hei, hei, hei, hei! T-I-R-A, tira a bola daqui!

Cantei mais tarde no jogo de futebol daquela noite.

O jogo estava trinta a treze. Nosso time estava arrasando, estavam invencíveis. Usei aquela distração divertida o melhor que pude para não pensar em Hayes. O que ele tinha me feito passar naquela manhã era algo que eu nunca teria previsto, mas você poderia até pensar que eu já tinha me acostumado ao inesperado quando se tratava dele.

Mas eu não tinha.

Quem me dera ter me acostumado.

Eu não podia acreditar nele. Hayes estava piorando com o passar dos dias. Eu tentava desesperadamente não pensar nele, mas era inútil. Meu cérebro parecia ter só um pensamento e este era consumido unicamente por ele.

— Você está bem? — Cove me perguntou depois do jogo que ganhamos.

Eu estava sentada na traseira da caminhonete de um dos jogadores. Metade da nossa escola estava concentrada num estacionamento quase vazio perto da escola rival. Não me passou despercebido o fato de que estávamos na parte da cidade que era de Hayes. Uma coisa era certa, havia toneladas de motoqueiros nas suas Harleys passeando por ali. Muito mais do que eu via onde morava.

A cidade de Hayes estava a aproximadamente quarenta e cinco minutos da minha. Essa era outra razão para ter escolhido o seu bar. Era longe o suficiente para eu não ter que me preocupar em encontrar alguém que conhecesse e fosse contar para a minha família.

Respondi para Cove:

— Não tenho mais certeza.

— Sinto muito sobre Hayes, Haven.

— Não é culpa sua.

— Mas eu não sinto isso. Se eu não tivesse te arrastado para lá você nunca teria conhecido ele e ficado assim.

— É... — concordei de brincadeira. — É meio que culpa sua. — Ela franziu a sobancelha. — Estou brincando. — Mudando de assunto, perguntei: — E qual é a sua com aquele cara que você encontra lá no bar?

— *Meh*.

— Ele parece bem interessado em você.

— E está mesmo.

— Você não está nele?

— Gosto dele o suficiente para deixá-lo em *stand-by*. Você sabe que eu gosto de ter muitas opções.

— Você é terrível, — eu ri.

— Eu sei, — ela sorriu maliciosamente. — Sabe, tenho um pouco de inveja do que você tem com Hayes.

— O quê? Não tenho nada com ele.

— Não é possível que você acredite nisso.

— Como não?

— Uhm... Ele deixou o outro cara literalmente inconsciente por sua causa.

— Isso é porque ele está nessa campanha para me proteger.

— Exatamente. Você tem esse cara que está disposto e é capaz de matar por você. Isso é muito sexy.

— Você está alucinando?

— Queria ter alguém que fosse capaz de matar por mim. É sinal de extrema devoção.

— Você está lendo romance demais.

— Não tenho culpa se gosto do anti-herói.

— Não é o vilão?

— Depende de para quem você pergunta.

— Eu honestamente não entendo ele, Cove. Ele é o cara mais confuso do planeta.

— Odeio estragar o seu barato, Haven, mas a maioria dos homens é assim.

— Será que é por isso que meus irmãos não namoram? Talvez seja por isso.

— Isso é um tiro no coração, — Adam, capitão do time da nossa escola, se intrometeu, chamando a atenção para ele. — Não me diga que perdi a minha chance com Hayes Beckham? — Revirei os olhos. Ele era um paquerador implacável. — Mas eu me contento com Cove Noel. Ou melhor ainda, que tal as duas ao mesmo tempo?

— Uau, — ela falou suspirando. — Como se nunca tivéssemos ouvido isso antes.

— Tenho certeza de que ouvem isso várias vezes ao dia, o que

não o torna menos verdadeiro.

Cove gritou quando Rob, um dos defensores do time, a jogou para cima dos seus ombros.

Joguei as mãos instintivamente para frente do meu corpo. Porém, isso não fez diferença. Adam me jogou para cima dos seus ombros também.

— Sempre quis colocar a sua bunda na minha cara.

— Adam! Seu sem-vergonha! Me põe no chão!

E ele colocou, ao mesmo tempo que me encostou no seu carro e me prendeu nos seus braços.

— Nossa, como você é cheirosa. Esse uniforme em você, Haven, é tudo de bom.

— Certo, Don Juan. Você está bêbado.

— Você é capitã, eu sou capitão. Devíamos fazer algo a respeito.

— Você não vai dirigindo pra casa, né?

— Eu consigo dirigir.

— Não, não consegue. Precisa chamar um Uber.

— Por que você não me leva pra casa?

Eu suspirei, olhando a minha volta. Todo mundo estava bebendo.

— Você me deve uma.

— Mal posso esperar para retribuir.

— Cove! — gritei. — Vou levar o beberrão pra casa! Amanhã te ligo!

— Tá bom! — ela gritou, girando com o Rob.

Não demorou cinco minutos para Adam estar dormindo no banco do passageiro do meu carro. Porém, tirar ele do carro foi outra história. Demorou uma eternidade. Eu finalmente consegui fazê-lo ficar de pé depois de ele ficar dez minutos tentando apertar a minha bunda.

A caminho de casa, percebi que tinha deixado o caderno que ia precisar para a aula na mesa de Hayes. Ele era a última pessoa que eu queria ver. Principalmente por causa do jeito que as coisas tinham ficado. Depois de ele me tratar de novo que nem merda, eu fui embora. Estava cansada de lutar por alguém que não era nada meu, para início de conversa.

Como o bar estava lotado de gente, usei a entrada lateral e encontrei Mark no meio do caminho para o escritório de Hayes.

— Eu não entraria lá se fosse você. — Meu coração imediatamente pareceu parar, com o pensamento de que ele estaria lá com outra mulher. — Ele está de péssimo humor. Até pros padrões dele. — Respirei aliviada. — Não abuse da sorte, Haven. É sério. Fica longe dele.

— Mas o meu caderno está lá.

— Que merda. Então, boa sorte.

— Ótimo...

Sentindo como se fosse entrar na zona de guerra, me preparei para a batalha e bati na porta.

— Vai se foder! — ele xingou do outro lado.

Com os olhos arregalados, abri a porta.

— Que parte de vai se foder você não...

Ele me viu e, por alguma razão, eu sorri com inocência.

— Oi.

Estreitando o olhar venenoso, que rapidamente se tornou predatório, ele observou o uniforme de líder de torcida que eu ainda estava usando. Era a primeira vez que ele me via com aquela roupa.

Havia algo na maneira como Hayes estava me olhando abertamente sem dizer uma palavra, nem uma única palavra, que me fez testemunhar aquele tormento no seu olhar normalmente sombrio e insensível. O conflito interno que ele mostrava era como uma batalha silenciosa.

Por alguma razão, eu queria me perder naqueles olhos, saborear a forma como ele me olhava abertamente. A forma como ele extraía todo sentimento do meu corpo, como se lhe pertencesse. E, principalmente, a forma como eu estava fazendo ele se sentir.

Eu não queria que o momento terminasse nunca.

Era como se fôssemos as duas únicas pessoas no mundo.

— Hayes, — eu disse, dominada pelas minhas emoções. — Você vai dizer alguma coisa ou vai só ficar aí sentado, sendo você mesmo?

Nunca pensei que cinco palavras pudessem fazer calafrios percorrer a minha espinha.

— *Não me enche o saco.*

Continuei de frente pra ele, fechando os punhos na lateral do meu corpo. Ele precisava descer do salto e me tratar com respeito. Eu sabia no fundo da minha alma que aquilo não ia acabar bem, mas não dava a mínima.

Bati a porta atrás de mim, fazendo as paredes tremerem e um quadro cair. O vidro quebrou, lançando estilhaços para todos os lados.

Ele não se moveu, nem um susto. Apenas continuou sentado ali com o cotovelo na mesa. Seu olhar ficou ameaçador. Eu sabia que entrar no seu escritório sem ser convidada iria irritá-lo ainda mais, mas não me importava.

Eu estava invadindo as linhas imaginárias dos seus limites, e não ligava. Nem por um segundo.

— Qual é a porra do seu problema? — falei entredentes, frustrada por ele estar agindo daquela forma comigo de novo. — Você

está me dando o maior gelo conhecido pelo homem, Hayes!

— Haven, eu não vou te avisar de novo.

— Ou o quê, hein? Você só fica latindo ordens para mim! Estou cansada disso! Não sou o seu cachorro! Num minuto você está dando uma surra em um cara que só estava tentando ser meu amigo! No outro você coloca essa máscara como se não tivesse ciúmes de todo cara com quem eu converso!

A cadeira dele deslizou para trás e bateu na parede, fazendo um barulho alto e seco, enquanto seus punhos encostavam na mesa abaixo dele.

— Não enche a porra do meu saco! — ele rosnou. — Não estou no clima de aguentar suas baboseiras hoje! É o último aviso, querida. Sai fora e para de me provocar! Vai cuidar da porra da sua vida! Dá meia volta e vai pra casa, Haven!

Eu me afastei como se ele tivesse me acertado um golpe...

— Você é um babaca filho da puta!

CAPÍTULO 12

HAVEN

Entrando ainda mais no seu espaço, mostrei para ele que não ia a lugar algum.

— Você não pode continuar fazendo isso comigo. Não é justo. Estou cansada de jogar esse jogo com você. Não aguento mais. Você não pode ter as duas coisas! Me mantém a uma certa distância e depois espanca qualquer cara com quem eu conversar! Quando tudo o que eu quero é que reconheça a conexão que temos! Eu sei que também sente! Tente negar o quanto quiser, mas você nunca teria feito o que está fazendo por mim se não se importasse comigo!

A raiva emanou de suas costas enquanto seu peito arfava. Passei as mãos pelo cabelo tentando me recompor, mas não adiantou. Eu estava muito irritada, muito transtornada, e totalmente cansada de toda a merda que ele me fazia passar.

— Só quero que seja honesto comigo e use as suas malditas palavras!

Balancei a cabeça com veemência, as emoções me dominando. Eu conseguia senti-las assumindo o controle, mas afastei tudo aquilo, pois não queria que ele me visse chorar.

— Você está fazendo merda por toda parte. Em um momento você é caloroso! No outro, você é frio! Não aguento mais! Quero ir embora, quero acabar com isso, e uma grande parte de mim não quer ver você de novo nunca mais, mas não consigo. Não vou fazer isso. Quero que isso entre nós se torne real. Não consigo mais fingir!

Bati o pé no chão, precisava expressar a minha opinião, precisava que ele entendesse.

Mais uma vez ele não se mexeu.

Nenhuma palavra.

Nem mesmo piscou.

Nada.

E era só disso que eu precisava para perder o controle.

— Meu Deus!

Em três passos eu estava na sua mesa, derrubando tudo com a maior força que consegui reunir.

Ele nunca nem mesmo hesitou, simplesmente me olhava.

— Você precisa do quê? Hein? O que preciso fazer para conseguir alguma reação sua?

Eu deveria saber que era melhor não cutucar a onça, mas eu não era do tipo que recuava para ninguém. Principalmente para aquele babaca.

Em um movimento rápido e repentino, o caos irrompeu ao meu redor. Ele estava na minha cara, invadindo meu espaço pessoal.

Antes mesmo que eu percebesse o que estava acontecendo, minhas costas se encostaram na parede adjacente. Fiquei atordoada com a virada drástica no curso dos acontecimentos, com a sua presença dominante pairando sobre mim.

Eu nunca poderia ter esperado pelo que aconteceria a seguir.



Hayes

— Eu não te avisei para não me encher o saco? — sibilei a centímetros da sua boca.

O imprestável do meu pai tinha ficado sabendo que eu tinha ferrado com o Taz. Eu estava no limite e agora Haven estava acabando com minha última porção de sanidade. Eu odiava como ela nunca ouvia uma palavra que saía da minha boca.

Ela não se amedrontava, levantando a cabeça para me desafiar, fazendo meu pau se contorcer só de vê-la. Imagens minhas levantando aquele quadril gostoso e fodendo ela contra a parede passaram rapidamente pela minha cabeça.

Dei um passo para trás antes que fizesse algo de que fosse me arrepender depois, e afastei as imagens e o efeito que Haven tinha sobre mim.

— Você quer que eu seja sincero? Quer a verdade? Então, vou te dar a porra dos fatos! Neste exato momento, estou me esforçando ao máximo para não encontrar o garoto que colocou as mãos em você hoje!

Ela arfou alto.

— Como você sabe disso?

— Você não deveria estar perguntando como eu sei. O que você deveria estar se perguntando é o que vou fazer a respeito. Então me diga, querida, como você quer ser punida por isso?

Ela não disse nada, mas nem precisava. Seu corpo já traía sua mente com sua respiração alta, rosto corado, e lábios abertos. O desejo

em seus olhos gritava para que eu a pegasse em meus braços e dar a ela o que tanto queria.

Ela queria que eu a beijasse.

Ela queria que eu a tocasse.

O pior de tudo, ela queria que eu ficasse por cima.

Em vez disso, levantei suas pernas, colocando-as em volta da minha cintura e a apertei contra a parede, com o meu pau alinhado com a sua boceta, para que ela pudesse sentir o meu desejo por ela. Deslizando minha mão da sua coxa para a sua cintura, apertei aquele quadril gostoso, imaginando quanto eu a deixaria molhada, quanto eu poderia fazê-la gozar e gritar a porra do meu nome. Meus lábios pairaram sobre os dela, quase se conectando enquanto ela ofegava.

Eu queria me entregar a ela.

Caralho.

Como eu conseguia ir de furioso com Haven a querer lhe dar tudo o que ela sempre quis era uma emoção que eu nunca havia experimentado antes. Pela primeira vez na minha vida, eu estava perdido. Ela entrou na minha vida como uma maldita granada, e eu estava esperando-a explodir a qualquer momento.

Pra valer.

Rápido.

Destruição completa.

Até que, finalmente, explodiu.

E eu não tinha onde me segurar. Principalmente com ela vestida como uma fantasia adolescente que eu nem sabia que tinha até aquele momento. Entrando no meu escritório naquela porra de uniforme de líder de torcida.

— Eu não sou bom pra você e você sabe disso, e a pior parte é que estou fazendo você fingir por este desgraçado violento que não sabe lidar com as emoções sem usar violência.

Os olhos dela se arregalaram.

— Não consigo parar de pensar em você, Haven. Cada vez que toco você, ouço ou estou perto de você, eu quero mais. Eu quero tudo. Você tem esse efeito sobre mim e não faz o menor sentido porque viemos de dois mundos completamente diferentes.

— Eu não ligo, — ela disse. — Quero ficar com você, e aceito você do jeito que for. Por favor...

— Você não sabe o que está me pedindo.

— Eu sei. Só quero você.

— Essa coisa entre nós não vai funcionar. Vou estragar tudo. É só uma questão de tempo.

— Então vou ficar com você o tempo que for possível. Por favor, Hayes... só me deixe ver quem você é de verdade.

— Olha só quem está se comportando porque quer alguma

coisa de mim. Também quero algo de você.

Eu a coloquei no chão e fiquei de joelhos. Seus olhos se arregalaram. Seu peito subia e descia a cada segundo que passava. Devagar, eu fui beijando deliberadamente a parte interna da sua perna de baixo para cima, começando pela panturrilha.

— Eu achava que ia te dar umas palmadas por não me ouvir, mas daí, você apareceu nessa porra desse uniforme e o que um homem pode fazer, Haven?

Sua boca se entreabriu, observando cada movimento meu enquanto eu continuava aquela doce tortura.

— Fazendo exigências, agindo como se fosse adulta, — provequei, abrindo mais as suas pernas.

Sua respiração ficou entrecortada quando cheguei na parte interna de suas coxas. Mordi suavemente a área macia e delicada e ela gemeu. Sem desviar o meu olhar provocador dos olhos dela, fiz questão de lambar meus lábios enquanto me dirigia para o lugar onde ela mais me queria.

— Tá gostoso? — instiguei, fazendo-a gemer com um olhar descarado. — Não faça tanto barulho quando minha boca estiver perto da sua boceta. Hein, docinho?

— Hayes, o que você está...

— Você quer que isso entre nós seja real, Haven?

Ela arfou, consciente do que eu estava insinuando.

— Então você vai ficar longe dos homens... — Puxei seu short, afastando-o de seu calor. — E dos garotos do ensino médio. — E soltei o short, que bateu na sua boceta.

— Ai! — ela exclamou, e num rosnado frustrado, bradou: — Não acredito que você vai me deixar na mão!

Fiquei de pé, mostrando a ela meu pau duro apertado na calça jeans e seus olhos se iluminaram como uma maldita árvore de Natal.

— Não foi só você.

— Então, por que não continua?

Pairando sobre o seu rosto, declarei:

— Quem sabe da próxima vez, quando você for boazinha, eu vou terminar o que comecei. — Eu a encarei de cima a baixo com o olhar ávido. — Até lá, garotas malvadas não gozam na minha boca.

— Isso significa que você está pronto para nos dar uma chance? Para que eu seja boazinha?

— Essa é a pior ideia de todos os tempos. Sei que vai destruir nós dois, mas porra... — Não hesitei em acrescentar: — Quero você pra mim.

CAPÍTULO 13

HAYES

— Mãe, brinca comigo? — perguntei enquanto brincava de Lego no chão da sala e ela estava na cozinha.

— Agora não, querido. Preciso fazer o jantar para o papai. Brinca sozinho, tá bom? Seja bonzinho.

Quem sabe quando papai chegar, ele brinca comigo.

Provavelmente não. Ele nunca brincou comigo. Ele estava sempre ocupado com o clube. Nós nunca fazíamos nada juntos. Na maior parte do tempo, ele ficava no clube em vez de ficar em casa. Isso deixava mamãe bem triste, mas eu me esforçava ao máximo para ser bonzinho com ela. Odiava vê-la chorar. Era horrível.

Ela chegou por trás de mim, encostando minhas costas no seu peito.

— Tá bom, a mamãe brinca uns minutinhos, mas depois vou terminar o jantar. Estou fazendo sua comida favorita.

— Lasanha, — respondi olhando para ela.

— Isso mesmo, mocinho. — Ela beijou a lateral do meu pescoço e fez cócegas na minha costela. Minha mãe era a melhor. Estava sempre presente, não importava o que acontecesse. — Você está ficando tão grandão, Chase.

— Vou fazer nove anos mês que vem.

— Eu sei. Meu homenzinho está virando um “homenzão” muito rápido. Você pode ir mais devagar?

Eu ri.

— Logo, logo, você não vai mais querer o meu colo.

— Adoro o seu colo, mãe. Te deixa feliz.

— Vou te contar um segredinho.

— Qual?

— Não são só as mães que gostam de colo. As garotas também. Um dia, você vai ter uma garota especial na sua vida.

— Não gosto de garotas.

— Você diz isso agora, mas não vai ser sempre assim.

— Papai não abraça você.

Ela franziu a sobrancelha.

— Prometa que nunca vai ser como o seu pai, mocinho. Vai ser sempre carinhoso com a sua namorada. Mostrará para ela o quanto se importa. Mesmo que não possa dizer em palavras. As ações sempre falam mais alto, Chase.

— Tem um monte de garotas em volta do papai no clube.

— Aquelas lá não são garotas, querido. Pelo menos não é o tipo de garota que quero ver com você. Fique longe daquele tipo de mulher, ok?

Concordei com a cabeça.

Ela estava triste de novo.

— Conheça uma garota gentil, de boa família. Uma que seja atenciosa, carinhosa, amorosa e com personalidade explosiva para se contrapor a você.

— Ok, mãe. Como vou encontrá-la?

— Ela vai encontrar você.

— Como você sabe?

— Porque estou manifestando ela para você.

— O que significa manifestar?

— Significa que seus pensamentos, desejos e necessidades são muito poderosos. Quando você coloca a mente em alguma coisa, essa coisa acontece.

— Posso manifestar para o papai não deixar mais você triste?

Ela não respondeu. Em vez disso, fez cócegas em mim de novo, e eu me libertei dos seus braços.

— Para de fazer cócegas, — eu ri, fugindo.

— Nunca, — ela riu.

O barulho do portão da garagem abrindo nos fez pular, interrompendo nosso momento juntos.

Mamãe se levantou imediatamente, arrumou o lindo vestido branco que ela dizia ter comprado para ele na semana passada.

A cada passo que ele dava, suas botas estalavam no chão. Nós nunca sabíamos com que humor ele estaria. A casa sempre ficava diferente quando ele estava lá, como se ele não devesse ficar conosco.

Quando ele já estava passando pela sala, ela cumprimentou:

— Oi, querido.

Ele olhou para mim e depois para ela e, então, segurou a parte de trás do seu pescoço. Ela não parecia confortável com o jeito como ele a segurava, mas quando percebeu que eu observava, ela olhou para mim sorrindo e isso me fez sentir melhor.

— O jantar está quase pronto, — ela disse.

— Ainda não está pronto? Pra que merda você serve? Eu chego em casa e sou recebido com preguiça?

— Billy...

A mão dele já estava no ar e desceu com um tapa em seu rosto. Ela caiu no chão. Eu não conseguia mais ficar parado assistindo ele tratá-la daquela forma. Ela não merecia. Nunca mereceu.

Eu me levantei, acusando-o:

— Não bata na minha mãe!

— Não, Chase! — ela gritou quando meu ombro bateu na barriga dele.

— Argh!

Suas costas bateram na parede atrás dele.

— Nunca mais bata na minha mãe!

Mas eu não parei ali. Peguei a primeira coisa que encontrei no balcão da cozinha. Era uma frigideira.

Rápido, tentei acertá-lo, mas ele segurou o meu pulso.

— Não, Billy!

Ele me empurrou tão forte que me arremessou pela sala.

— É pra isso que venho pra casa?! Pra essa baboseira de família?! Você colocou meu filho contra mim!

— Não! — Ela se levantou com as mãos erguidas. — Eu juro pra você...

— Vai se foder, Crystal! Não preciso dessa merda, — dizendo isso, ele se virou.

— Billy, por favor... não vá embora.

Eu odiava vê-la implorar para ele. Nunca entendi porque ela implorava ou porque ficava. Nunca fez sentido.

Ele bateu a porta atrás de si e segundos depois o som da sua Harley vibrou pela casa.

Não consegui não perguntar:

— Mãe, por que você fica com ele?

— Chase, você é criança. Não entende os problemas dos adultos.

— Então, me explique. Ele é sempre mau com você. Nenhum dos pais dos meus amigos tratam as mães deles assim!

— Meu amor...

— Eu o odeio, mãe. Não quero mais ficar aqui.

— Chase, nós não temos aonde ir. Somos só nós dois, meu pequenino, só nós dois.

— Mas mãe...

Ela se agachou na minha frente.

— Prometa para mim que nunca será como ele. Você vai ficar longe do clube. Nunca vai fazer parte dele, Chase. Nunca.

— Mãe...

Ela segurou os meus ombros.

— Prometa para mim!

— Prometo!

Ela me pegou nos braços e me abraçou bem forte contra o peito.

Minha mãe começou a chorar e isso me despedaçou por dentro.

— *Eu sinto muito, Chase. Sinto muito por não ser mais forte por você. Eu queria fazer a coisa certa pra você.*

— *Você faz. Você é a melhor.*

— *Não sou, não. Se eu fosse, não deixaria você passar por isso. Sinto muito, Chase. Por favor, me perdoe. Te amo tanto.*

Lágrimas começaram a rolar dos meus olhos, sem que eu pudesse controlá-las.

— *Eu te perdoo. Vou sempre te perdoar. Você é a minha mãe. Também te amo muito.*

Ela ficou por não sei quanto tempo me embalando em seus braços, para frente e para trás. Fiquei ali, tentando ser o mais bonzinho possível. Não era justo. Eu não queria aquela vida. Eu só queria que ela fosse feliz. Eu odiava vê-la sofrer assim, o que agora acontecia com frequência.

— *Você é meu garotão forte. Sou muito grata por ter você.*

— *Por favor, pare de chorar, mãe. Por favor...*

— *Fique longe dele, ok?*

— *Mas ele estava machucando você de novo.*

— *Não é problema seu, Chase. Preciso que você me prometa que nunca mais vai intervir daquele jeito.*

Eu me afastei, balançando a cabeça.

— *Não! Nunca mais vou deixá-lo te machucar!*

— *Chase, por fav...*



— Não!

Eu gritei sentando na cama, ofegante.

Parecia que não tinha ar para respirar, não estava conseguindo me situar rápido o suficiente. O suor cobria cada centímetro do meu corpo. Meu coração estava quase saindo do peito.

— *Caralho, — disse, afastando os lençóis encharcados do meu corpo.*

Olhei no relógio. Eram quatro da manhã. Nem adiantava voltar a dormir. Minha noite já era.

Fui até o banheiro limpar o suor do rosto, tentando desesperadamente me acalmar, mas sem sucesso. Meus sonhos estavam piorando e ficando mais intensos, como se eu estivesse lá, revivendo tudo de novo.

Tentando afastar o atordoamento, liguei o chuveiro no frio. Era a única coisa que me acalmava. O gelo daria um choque no meu corpo e me traria de volta à realidade.

Fiquei ali pelo que pareceu uma eternidade, pensando no passado e nas coisas que eu não podia mudar. Não importava quanto

eu quisesse.

Ou desejasse.

Ou rezasse.

Estava sempre ali, só esperando para me levar junto. Não eram sonhos, eram pesadelos.

A verdade nua e crua era que eram apenas lembranças...

Da minha infância perdida.

CAPÍTULO 14

HAVEN

— Oi, — disse Hayes atrás de mim, passando os braços em volta da minha cintura enquanto eu estava no estoque do bar.

Desde que começamos nosso relacionamento real, ou algo assim, havia algumas semanas, ele estava super carinhoso comigo. Principalmente quando estávamos sozinhos. Nunca imaginei que ele seria tão viciado em pôr as mãos em mim, mas apesar de nós apenas nos beijarmos, aquilo era suficiente para ele.

Mas não para mim.

Eu tentava não forçar os seus limites.

Ainda assim...

Passávamos bastante tempo juntos em seu escritório. Ele não achou que eu fosse notar que de repente todas as minhas mesas eram de mulheres. Era óbvio que ele tinha alguma coisa a ver com aquilo. Porém, eu não ligava. Ainda recebia excelentes gorjetas e estava ganhando um monte de dinheiro, então, estava tudo bem.

Ele beijou minha nuca, resmungando:

— Você é sempre tão cheirosa. Está pronta para sair?

Eu ri e me virei em seus braços.

— Sair? Nós vamos aonde? O bar vai abrir já, já.

— Você não vai trabalhar hoje.

Estreitei os olhos para ele.

— Não?

Ele sorriu, segurando a minha mão e me levando para fora do bar. Era a primeira vez que saíamos em público juntos e eu estaria mentindo se dissesse que não estava nervosa.

— Relaxa, — ele disse, abrindo a porta do lado do passageiro da sua caminhonete para mim. — Seu pai não vai ver você comigo.

Mudei de assunto, tentando não estragar aquele momento.

— Quem poderia pensar que você seria um cavalheiro e abriria a porta para mim?

— Não abuse da sorte, querida. Isso é o máximo que consigo

fazer.

Joguei os braços em volta do seu pescoço.

— Diz a pessoa que faz de tudo para me proteger desde o dia em que nos conhecemos. Vai me deixar na porta da frente desta vez?

— Tenho certeza de que seu pai adoraria.

— Talvez não no começo, mas uma hora ele iria se acostumar. Ele só quer me ver feliz e, na maior parte das vezes, você me deixa feliz, Hayes. Apesar de que também me enche o saco como ninguém.

— O sentimento é mútuo. — Com expressão sincera, ele acrescentou: — Mas não vamos nos precipitar, docinho.

— Como assim?

— Somos de mundos completamente diferentes.

— E daí?

— Eu sou só um homem dono de um bar de motoqueiros. Sua família vai querer algo melhor pra você e eu não poderia concordar mais com eles.

— Então, o que estamos fazendo?

Ele deu de ombros.

— O que parece natural.

— Por quanto tempo?

— Haven, você só tem dezoito anos. Sou sete anos mais velho. Você ainda tem muito o que viver para ficar amarrada comigo quando for para a faculdade. Você se forma este ano. Não consigo imaginá-la ficando em Wyoming.

— O que tem de errado com Wyoming?

— Tem um mundo inteiro para você conhecer e não quero ser o motivo para que não tenha essa experiência.

— Essa escolha não é sua. Além disso, não vou para a faculdade logo que me formar.

Ele recuou.

— Seu pai sabe disso?

— Por que você está tão preocupado com o meu pai?

— Só estou dizendo que se você fosse a minha menininha, eu ia por pra correr qualquer homem, como eu, que tentasse entrar na sua vida.

— Você fala isso como se fosse um monstro, Hayes.

— Docinho, — ele balançou a cabeça. — Você não me conhece. Não sabe nada sobre isso.

— Bem, o que eu sei é que você é protetor, leal, engraçado, charmoso e realmente muito sexy.

Dei nele um beijo.

Antes que eu pudesse entrar na caminhonete, ele me levantou e me colocou no banco. Olhando fundo nos meus olhos ele falou abertamente:

— Você também me deixa feliz, e mal me lembro da última vez em que me senti assim.

Eu sorri. Não era o que eu queria ouvir, mas aceitaria por enquanto.

Ficamos em silêncio, ambos perdidos em nossos pensamentos. Tentei não pensar no futuro, mas não conseguia evitar. Queria fazer perguntas sobre a sua vida. Por mais que quisesse saber as respostas, não conseguia criar coragem para perguntar.

Acho que estava tentando aproveitar aquele momento com ele. Desejando secretamente que aquilo fosse mais do que só um caso, e torcendo também.

Quando chegamos em um bairro afastado, num longo caminho que dava acesso a uma garagem, eu arqueei as sobrancelhas.

— Você está me raptando?

Ele olhou na minha direção.

— Não posso raptar se você está consentindo.

— Espertinho. Onde estamos?

— Na minha casa.

— Você está me trazendo para casa?

— Por que gosto de como isso soa?

Eu sorri, adorando o jeito como ele estava sendo honesto comigo.

Quando estacionamos, saí da caminhonete e o segui. Sua casa era maior do que eu esperava. Ele vivia no meio do nada e eu imediatamente me perguntei se havia alguma razão para aquilo.

Atrás do que parecia ser um sobrado, havia uma enorme construção de aço.

— O que é ali atrás? — perguntei querendo saber tudo sobre o seu refúgio seguro.

— É onde escondo os corpos.

Hayes piscou.

— Engraçadinho.

Ele destrancou o armazém. Segundos depois, levantou o portão da garagem, revelando uma enorme coleção de motocicletas Harley Davidson.

— Uau, — exclamei, pega de surpresa. — São todas suas?

Algumas motos estavam intactas enquanto outras estavam sendo arrumadas.

— São.

— Eu não sabia que você pilotava.

— Docinho, eu comecei a pilotar Harleys muitos antes de aprender a dirigir.

— Por que você não vai com elas para o bar?

— É coisa minha.

— Então, é como um passatempo particular?

— Algo assim.

Circulei as motocicletas, passando levemente os dedos no couro e no metal e amando o cheiro que sentia no ar.

— Então, é isso que você faz? Traz suas garotas para casa? Mostra para elas as suas motocicletas e elas já ficam *facinhas*?

— Seria assim se você não fosse a primeira garota que eu trago para casa.

Nossos olhos se encontraram.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Você está me dizendo que nunca trouxe uma garota para casa com você?

Ele sorriu.

— É tão difícil de acreditar?

— Uhm... — olhei em volta. — Olha pra isso, parece que está gritando “vamos fazer sexo gostoso e selvagem”.

Ele riu, jogando a cabeça pra trás.

— É sério. Sua casa de solteiro deixa qualquer mulher *facinha*.

— Como você viu, eu moro no fim do mundo. Gosto da minha privacidade. Não preciso de mulher nenhuma sabendo onde moro depois que já terminei de fazer o que queria com ela.

— E com que frequência isso acontece?

— Ultimamente, não muita.

— Tipo... — Curvei a cabeça, balbuciando: — Antes ou depois de mim.

— Sutileza não é o seu forte, docinho.

Dei de ombros, observando a sua sombra no chão se aproximar até ele estar de frente para mim.

Depressa, Hayes levantou meu queixo para eu olhar para ele.

— Não fico com ninguém desde que chutei você para fora do meu bar, — ele me contou em tom alegre.

— Por minha causa?

— Lá vem você querendo confete, mas vou morder a isca. Você é a primeira coisa em que penso de manhã quando acordo e a última, à noite antes de dormir. Não vou mentir para você e dizer que não tive oportunidades, mas a única pessoa *facinha* que eu quero pra mim é você.

Eu dei um largo sorriso.

— Até parece.

— Haven, vamos esclarecer uma coisa antes que as coisas entre nós comecem a se intensificar.

— O quê?

Ele me pegou de surpresa quando afirmou:

— Não vou te comer, docinho.

Meu sorriso desapareceu.

— Nunca?

— Você é virgem.

— E por que isso importa?

— Não vou tirar isso de você.

— Por que não?

Ele hesitou por um momento, olhando fundo nos meus olhos de uma forma que nunca tinha feito antes.

— Se eu tirar a sua virgindade, Haven...

O que ele disse em seguida me magoou. Porém, Hayes não estava sendo malicioso ou tentando me afastar. Ele só estava tentando ser brutalmente honesto comigo quando acrescentou:

— Vai ficar muito mais difícil quando você tiver que me dizer adeus.

CAPÍTULO 15

HAVEN

— Por que sou eu que vou dizer adeus e não você? Quero dizer, você poderia facilmente dizer adeus para mim também.

— Motivo ainda maior para deixar a sua virtude intacta.

— Minha virtude? — zombei e ri ao mesmo tempo. — Você parece um velho falando. Não estamos nos no século passado, não. As mulheres estão sexualmente libertas agora.

— Eu nunca disse que não faria você gozar, Haven.

— Ah... Espera, o quê? Então você acha que usar a boca é menos íntimo do que fazer sexo? Isso parece fazer sentido?

— É isso que você quer, docinho? Minha boca na sua boceta?

Meus olhos se arregalaram e eu corei ligeiramente.

— Vou te propor um acordo. Não vou comer você com o meu pau, mas vou usar minha língua e meus dedos. Tá bom pra você?

Minhas coxas se contraíram.

— Talvez.

— Talvez, hein?

— Quando isso vai acontecer?

— Depende de por quanto tempo você vai continuar boazinha.

— Eu acho que sou boazinha desde sempre.

— Sou eu quem decide isso.

— Tanto faz, — sorri. — Acho que é seguro afirmar que você nunca transou com uma virgem. — Ele simplesmente concordou com a cabeça. — Você está mentindo.

— De todas as coisas que eu poderia mentir, você acha que começaria por aí?

— Está me dizendo que nunca mentiu pra mim?

Seu olhar se desviou abruptamente para a minha cicatriz.

Incapaz de me conter, perguntei:

— A minha cicatriz te incomoda?

Se ele ficou surpreso com a pergunta não demonstrou nem um pouquinho.

— Escolhe uma, — ele mandou, ignorando a minha pergunta.
— Escolher, o quê?
— Quero levar você na garupa da minha Harley, então escolha em qual você quer andar.
— Sério?
— Eu não teria perguntado se não fosse sério.
— Nesse caso, — me dirigi para a Harley preta cromada. — Eu gosto desta.
— É a minha preferida.
— É uma garota, não é?
— É a Layla.
Eu ri, não pude evitar.
— Você dá nome para as suas motos? Meu Deus, é a coisa mais fofa do mundo.
Ele escondeu um sorriso.
— Tá me zoando?
— Não, — respondi, atrevida. — Acho fofo você ser todo fodão, mas não roubar virtudes e dar nome para as suas motos. Tem mais alguma coisa que eu precise saber? Você também dorme com bichinho de pelúcia? Ou você é o tipo de homem que dorme abraçado no cobertorzinho?
— Vou te mostrar o tipo de homem que eu sou, — ele esticou o braço para me alcançar.
— Não, senhor! — eu recuei. — Você disse que ia me levar para dar uma volta.
— Que tal te dar umas palmadas antes?
Revirei os olhos.
— Você só quer pôr a mão na minha bunda. — Fui até a prateleira onde estavam dispostos os capacetes. — Qual eu uso?
— Você pode usar o meu. Está naquela Harley ali.
Foi a minha vez de segurar um sorriso.
— Aonde vamos?
— Você vai ver quando a gente chegar.
— Isso é tipo um encontro, ou você também não combina encontros?
— Olha pra você, — ele acenou com a cabeça pra mim. — Fazendo pouco caso de mim.
— Não é fácil, mas alguém tem que fazer.
Depois que Hayes tinha terminado de prender o capacete na minha cabeça, pulei na garupa de sua moto. Eu nunca tinha andado na garupa de uma moto antes. Era provavelmente uma das coisas mais legais que eu já tinha feito. O vento balançando meu cabelo, o jeito como você se sente parte da estrada. Eu imediatamente amei a experiência e soube que ficaria viciada naquilo.

Também ficaria viciada naquele cara que me levava para passear como se eu fosse Miss Daisy, mas de um jeito muito mais legal.

Eu o abracei de encontro ao peito, querendo aproveitar ao máximo o momento. Andamos sem rumo e vimos paisagens incríveis das montanhas, que eram de tirar o fôlego. Era diferente vê-las daquela forma, era como se fosse a primeira vez que eu verdadeiramente olhava para elas. Foi o primeiro encontro perfeito, não apenas para nós, mas para mim no geral.

Eu nunca tinha tido um encontro antes e não poderia ter pedido por um melhor do que aquele. Hayes estava deixando uma impressão que eu sabia que nunca iria esquecer. Considerando a garota que eu era, minha queda por ele se transformou em paixão total. Eu estava me apaixonando por Hayes e ele nem estava se esforçando para conseguir aquilo. O cara podia até estar preocupado com a minha virgindade, mas, de modo geral, nem precisaria estar para eu me apaixonar por ele.

Quando chegamos no estacionamento de um restaurante, já era bem mais de nove horas. Passamos horas na sua Harley, sem dizer uma palavra, mas sentindo que tínhamos dito mil.

Eu o segui dentro do restaurante de mãos dadas, percebendo que era italiano. Olhei em volta quando nos sentamos. Era um lugar muito bonito, parecia um pedacinho da Itália, desde o desenho do layout até os funcionários.

Era perfeito.

Ele era perfeito.

— Você sabe ler mentes?

— Quem me dera.

— Como você sabia que meu prato preferido é lasanha?

— Bem...

— O quê?

— Também é o meu.

— Parece que temos algo em comum, Hayes.

— Temos mais em comum do que você pensa, Haven.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer com aquilo, a garçonete apareceu.

— Será que estou vendo direito? — ela cumprimentou com entusiasmo. — É o Chase Hayes sentado nesta mesa?

Chase?

— Não posso acreditar no que meus olhos estão vendo. Meu Deus, olhe para você. Já é um homem. Minha nossa! Faz quanto tempo que você não vem aqui?

— Faz um bom tempo.

— Mais do que isso. Acho que a última vez que você veio foi

antes da sua mãe...

— Vamos querer duas lasanhas, — ele interrompeu.

— Claro. Que modos os meus! Vai querer a Coca Cherry de sempre?

— Vou.

Ela olhou para mim.

— E você, querida?

— Vou querer a mesma coisa que ele.

— Bem, — ela disse sorrindo, — você é linda como uma flor.

— Obrigada.

— É tão bom ver você, Chase. Venha mais vezes, ok? Traga ela de volta para me ver.

— Vou tentar.

Ela acenou com a cabeça.

— Vou fazer o pedido de vocês e já trago uma cesta de pão de alho fresquinho.

— Está ótimo. Obrigado.

Assim que ela se retirou, perguntei:

— Chase?

— Ninguém mais me chama assim.

— Por que não?

— Difícil explicar.

— Essa resposta foi vaga. Você não gosta de falar de si mesmo, né?

— Sei tudo sobre esse desgraçado. Quero saber coisas sobre você.

— O que quer saber?

— Tudo.

Eu sorri.

— Você tem cara de Chase. Talvez eu comece a te chamar assim em vez de Hayes.

— Por favor, não faça isso.

— Você não gosta de Chase?

— É, tipo isso.

— Certo. — Me encostei na cadeira. — Então chamo de Hayes mesmo.

— Ela está certa, sabia?

— Sobre o quê?

— Você é linda como uma flor.

— Você está dizendo as coisas certas.

— Quero agradar.

— Tenho certeza que sim.

— Você vai fazer suspense?

— Tá bom, — desisti. — Começo por onde? — Pensei por

alguns segundos. — A primeira vez que andei a cavalo foi com meu pai quando eu tinha seis meses. Eu basicamente cresci em cima de um cavalo. Meu pai é fazendeiro e minha vida toda girou em torno da nossa fazenda.

— Deve ser gostoso crescer em uma fazenda.

— São as minhas melhores lembranças.

— Quantas cabeças de gado vocês têm?

— Mais do que posso contar. Quando era mais nova, eu dava nome para eles, mas daí ficava triste quando eram vendidos. Mas tive um porquinho chamado Wilbur.

— Você é fã de *A Menina e o Porquinho*? — Eu ri. — Pelo visto, é. Eu gosto de ler.

— É mesmo? De que tipo de livro você gosta?

— Um pouco de tudo.

— Você fez faculdade?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Fiz supletivo quando tinha dezesseis anos. Meu negócio não era a escola.

— É. A escola não é para todo mundo. Meu irmão também não é fã. Não sei porque ele continua desperdiçando o dinheiro do meu pai. Às vezes acho que é só para puni-lo.

Ele se concentrou em mim.

— Puni-lo pelo quê?

— Não tenho certeza. Troy sempre foi meio que a ovelha negra da família, eu acho. Ele é uma caixa de surpresas. De todos os meus irmãos, é dele que sou mais próxima. Temos só três anos de diferença.

— Entendi.

— Meu irmão mais velho, Jace, é vinte anos mais velho que eu. É meio louco se você pensar nisso, mas a minha mãe sempre disse que eles tiveram cinco filhos porque estavam esperando por mim.

— A sua filhinha.

— É, — respirei fundo. — É meio irritante. Sempre fui tratada diferente porque era menina e eles, meninos. Não me leve a mal, amo todos eles. Minha família é tudo pra mim, mas, às vezes, queria que eles não me tratassem como se eu não pudesse tomar as minhas próprias decisões.

— Eles apenas querem evitar que você cometa erros.

— Você fala como se tivesse alguma experiência com isso.

Eu não esperava que ele fosse confessar...

— Querida, meu sobrenome é erro.

CAPÍTULO 16

HAYES

Quando chegamos à minha casa, já era quase meia-noite. Passamos horas no restaurante só jogando conversa fora.

— Você vai me levar de volta para o bar? — ela perguntou descendo da minha Harley.

— Só posso de manhã.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— De manhã?

— Você pode passar a noite comigo?

— Por que, Chase Hayes, você quer dar uma festa do pijama?

— Você está pedindo para levar umas palmadas, docinho.

— O que posso dizer? — ela sorriu. — Sou uma garota malvada.

— De várias formas.

— Vou ligar para meu pai e dizer que vou dormir na Cove.

— É lá que ele acha que você está?

— Estou sempre com ela.

— Ela parece ser problema.

— Às vezes ela é.

— Imagino que os garotos na sua escola ficam loucos com vocês duas.

— Não gosto de garotos.

— É mesmo?

Ela concordou com a cabeça e jogou os braços em volta do meu pescoço.

— Eu gosto de você.

Eu estaria mentindo se dissesse que não gostava de ouvi-la dizer aquilo. Depois que Haven desligou a chamada com o pai, a levei para o observatório, que ficava em um deck ao lado do meu quarto. Era ali que eu terminava a maior parte das noites, olhando para o céu, perdido em meus pensamentos.

Minhas lembranças.

Deixei-a ali sozinha por um minuto. Precisava respirar um pouco e pensar no nosso dia. De todos os lugares onde poderia tê-la levado, escolhi o restaurante que não ia havia anos. Não foi nem intencional. Só dirigi para lá como se não houvesse nenhum outro lugar para ir.

Peguei o cobertor da minha cama e voltei para o deck sem ser notado, queria admirar por um minuto a visão à minha frente, à certa distância, sem que ela soubesse. Haven estava apoiada no parapeito. Seu cabelo escuro flutuava em volta do seu rosto e nas suas costas. Era a primeira vez que eu percebia como era longo. Ela era linda. Tão deslumbrante que deveria ser ilegal.

Quando, de repente, ela começou a girar com os braços abertos, capturando o vento e a lua que refletia na sua pele macia. Os olhos fechados e seu sorriso iluminaram todo o deck, me deixando sem ar e totalmente envolvido nela.

Me peguei tendo que me apoiar na porta de correr para me recompor. Senti uma dor física ao vê-la naquele momento de uma forma que nunca tinha visto. Eu queria me afogar naquele sorriso, no seu riso, no jeito como ela se movia e na alegria que ela criava.

Haven Beckham era uma força destruidora. Estava me destruindo. Tive que fechar os olhos e respirar fundo algumas vezes. Também tive que guardar de volta as emoções que ela estava provocando dentro de mim. Eu não estava acostumado a me sentir assim. Eu vivia bem sob controle. Era assim que sobrevivia.

Sabia que nosso tempo juntos iria terminar mais cedo ou mais tarde. Eu iria garantir que terminasse. Ela não era minha.

Mas, caralho, eu queria que fosse.

Contei até três para ajustar as batidas do meu coração, que tamborilava sem dó nas minhas costelas. E finalmente achei forças para abrir os olhos, que, inesperadamente, encontraram os dela me encarando. Eu não estava preparado para encontrar aquele olhar tão cheio de amor e devoção, que quase me fez ficar de joelhos.

Abri a porta e, num movimento rápido, levantei-a do chão e girei com ela em círculos. Haven riu, curtindo aquele momento despreocupado. Se ela apenas soubesse o tumulto que se espalhava dentro de mim. Era uma dor que eu não conseguia aliviar; eternamente encrustada e fazendo parte de mim.

Beijei o topo da sua cabeça e deixei meus lábios descasarem ali por um momento.

Parece que num piscar de olhos estávamos deitados na espreguiçadeira, olhando para as estrelas, com ela apoiada no meu peito. Eu brincava com o seu cabelo, adorando seu toque de seda nos meus dedos ásperos.

O tempo parecia ter parado com ela nos meus braços, falando

sobre uma coisa ou outra. Por mais que eu quisesse experimentar aquele momento com ela, minha mente estava em outro lugar completamente diferente.

Eu só estava deitado ali com ela, fingindo ouvir atentamente o que ela me contava. Desesperadamente tentando sufocar tudo que girava ao meu redor.

— Você viu aquela estrela cadente? — ela exclamou animada.

— Eu vejo estrela cadente toda noite.

— Você fez um desejo?

— Você fez?

— Fiz.

— O que você desejou?

— Não posso te contar, senão não vai se realizar.

— Você deveria fazer um pedido para a Estrela do Norte.

— Também posso fazer um pedido para Vênus e para o Cruzeiro do Sul. Você sabe onde está a Ursa Maior?

Aponte para ela.

— E a Princesa Andrômeda e seu marido, Perseu?

— As constelações que não dá pra saber onde começa uma e termina a outra.

— É porque estão de mãos dadas.

Ela ficou radiante, adorando o fato de eu conhecer as constelações.

— Perseu impediu que ela fosse sacrificada para o monstro.

— Daí, ele a fodeu até ela desmaiar e eles tiveram nove filhos.

Ela se virou para olhar para mim.

— Quando ela morreu, Atena, deusa da guerra e da sabedoria, colocou-a no céu como constelação, perto do seu amado marido, Perseu.

— Eles eram almas gêmeas destinadas a ficarem juntas para sempre e Atena transformou-os em estrelas para que isso pudesse acontecer.

Ela brilhava mais que as estrelas.

— Não acredito que conhece essa história.

— Falei para você que leio muito.

— Não achei que você pudesse ficar ainda mais atraente, mas você provou que eu estava errada.

— Qual é a sua preferida?

— Afrodite.

— Ah, a deusa do amor, mas ela não tem a sua própria estrela.

— Eu sei, mas ela ainda faz parte da constelação de Peixes, que é ela e o seu filho, Eros.

— Também conhecido como Cupido.

Haven concordou com a cabeça.

— É a constelação mais difícil de achar, então, se você achar Peixes você deve ter um dom.

— Eu nunca consigo encontrar.

Ela agitou as sobrancelhas.

— Qual é a sua?

— Orion.

Ela sorriu.

— Um grande caçador, sua constelação tem duas das estrelas mais brilhantes do céu porque ele não teve uma morte de herói.

— Você tem que tomar cuidado com os escorpiões, — respondi, me referindo ao fato de que ele pisou em um e morreu.

— Você só gosta do fato de ser uma constelação que pode ser vista de qualquer parte do mundo.

— Qualquer grande caçador gostaria disso.

— É isso que você acha que é? Um caçador?

— Eu não acho, eu sei.

— Você caça o quê?

— Respostas para as minhas perguntas pra você.

— Por exemplo?

— Por que você quer trabalhar no meu bar?

— Porque é o melhor.

— Puxar o meu saco não vai me acalmar.

Ela riu e eu amei sua risada.

— Está bem. Se eu te contar, também terá que me contar algo pessoal sobre você.

— Só se você responder a minha pergunta primeiro.

— Combinado.

— Estou esperando.

Ela respirou fundo.

— Eu quero viajar para o exterior quando terminar o colégio, mas a minha família nunca permitiria. Agora que estou ganhando meu próprio dinheiro, eles não vão poder fazer nada a respeito. Como você sabe, falta pouco para eu me formar, então preciso ganhar dinheiro rápido. Seu bar é o melhor e eu sabia que não demoraria muito para ganhar a quantia de dinheiro suficiente para passar alguns meses onde eu quisesse. Além disso, é longe o suficiente da minha cidade para que eu não precise me preocupar com o fato de que eles descobririam que eu estava trabalhando num bar de motoqueiros ou que eu estava trabalhando de modo geral.

— Você quer viajar para o exterior sozinha?

— Quero.

— Docinho, não é muito seguro.

— Não vale a pena se arriscar um pouco para aproveitar a vida?

— Não a sua segurança.
— Diz o cara que não toma cuidado com a própria segurança.
— Você mesma disse: sou um cara. As chances de eu ter problema são mínimas ou nenhuma.

— É exatamente por isso que preciso ganhar o meu próprio dinheiro para fazer isso. Minha família vai reagir da mesma forma que você.

— Você tem cinco irmãos. Um deles não pode ir junto?

— Não é essa a questão.

— Então, qual é?

— Você já fez a sua pergunta, agora é a minha vez.

— Esta discussão não terminou, Haven.

Ela revirou os olhos.

— Faça isso mais uma vez e vai ver o que acontece.

— Esta é uma ameaça que pode ser que eu goste.

— Vamos ver se vai gostar depois de ficar dias sem poder se sentar.

— Você e suas palmadas, — ela riu. — É um fetiche? Não levo palmadas desde que era criança.

— Então é disso que está precisando.

— Por que estou encrencada se tudo o que eu quero é um pouco de independência da minha família?

— Você não precisa viajar para o outro lado do mundo para conseguir isso.

— Tem mais coisa envolvida além da minha independência.

— Não é a viagem que me preocupa. É o fato de você ir sozinha.

— Então, venha comigo, — ela simplesmente declarou. — O Billy consegue cuidar do bar por alguns meses sozinho, não consegue? Considerando que você praticamente vive no bar, imagino que não viaje muito. Por que não viver essa experiência comigo? Quero dizer, muitos namorados viajam com as namoradas. Não seria incomum para nós fazermos isso juntos.

— Namorado, hein?

— Não é isso que você é?

— Não gosto de rótulos.

Ela se atreveu:

— Prefere ser meu caso? — Eu fiz cócegas na sua coxa e ela se contorceu. — Posso ser a sua *old lady* se isso fizer você se sentir melhor.

— Eu não sigo essas regras.

— Ah, é mesmo? Então eu sou o que para você?

Segurei sua nuca e trouxe os seus lábios para encontrar os meus. Depois de beijá-la, falei de encontro aos seus lábios:

— Você é o meu pêssego maduro.
— Este é o seu código para namorada?
— Namorada parece juvenil demais para descrever o que você significa para mim, Haven.

Ela sorriu.

— Agora você me deu uma boa resposta. Vou aceitar essa por enquanto.

Eu a beijei de novo, mas ela se afastou rapidamente.

— Não pense que esqueci que é a minha vez de fazer uma pergunta.

— Pega leve comigo.

— Qual é a graça nisso?

— Docinho...

— Não me venha com “docinho”. Vou perguntar o que quiser e a minha pergunta é por que você é dono de quarenta e nove por cento do bar se você não gosta do seu pai?

— Não tem uma resposta só.

— Então tem mais de uma razão?

— Mais ou menos isso.

— Isso não é resposta.

— É a que eu tenho.

— Hayes! Você está trapaceando!

— Você não deixou isso claro nas regras.

— Não achei você que fosse tentar se esquivar.

— Querida, tem muita história entre mim e meu pai só pra começar a responder essa pergunta.

— Ele não parece tão mau.

— Ele sabe fazer um bom show. Acredite em mim, ele tem anos de prática.

— E você?

— Que que tem eu?

— Você fica repetindo que não é bom para mim, mas fora ver você acabando com o Taz, não vi nada assustador.

— Você não perde por esperar. Vai acontecer em algum momento.

— Você acha que vai me assustar?

— Mais uma vez, docinho, eu não acho, eu sei.

— Não fico assustada facilmente.

— Veremos.

Ela me beijou.

— Minha proposta continua na mesa, Hayes. Eu iria adorar ver e experimentar outro mundo com você. Daí, você não precisa se preocupar com nada que aconteça comigo porque meu *namorado* grande e *fodão* vai me proteger.

Eu estaria mentindo se dissesse que não me sentia tentado a ir com ela. Também estaria mentindo muito se dissesse que não gostei quando ela me chamou de...

Namorado.

CAPÍTULO 17

HAVEN

Algumas semanas depois, eu estava trabalhando na sala de estoque quando Billy surgiu atrás de mim.

— Ai, meu Deus! — eu pulei. — Você me assustou.

— Desculpe, meu bem. Não queria te assustar. Como estão indo as coisas aqui atrás?

— Está tudo bem. Só que estamos quase sem uísque e vodca. Eu verifiquei os registros e o próximo pedido não chega antes da semana que vem.

— Não podemos permitir isso, não é mesmo? Vou entrar em reunião com alguns distribuidores. E se você fosse com a minha caminhonete até o centro da cidade e encontrasse com o nosso distribuidor local? Deixo avisado que você está indo. Eles sempre têm umas caixas extras disponíveis para nós.

— Claro, posso ir, sim.

— Seria ótimo.

— Sem problemas. Só vou avisar o Hayes.

— Ele deu uma saída, mas eu aviso quando ele voltar.

— Ah, ok.

— Como você está? Está gostando de trabalhar aqui?

— Adorando. Mais uma vez obrigada por me contratar. Estou faturando bastante com as gorjetas. Este bar é maravilhoso. De verdade, todos são ótimos.

— Principalmente Hayes? — Eu dei uma risada nervosa. — Não precisa ficar tímida, querida. Hayes tem esse efeito nas mulheres. Nunca consigo mantê-las por muito tempo no emprego, sabe? Ele sempre parte seus corações. Mas você... — Ele afastou o cabelo do meu rosto, colocando-o atrás da minha orelha. — Você parece estar causando um belo de um efeito no meu garoto.

— Ele também está causando um efeito em mim.

— O negócio está ficando sério?

— Acho que tão sério quanto possível em se tratando dele.

— Vocês têm passado bastante tempo juntos.

— É... — foi tudo o que consegui responder.

— Está apaixonada por ele, Haven? — Eu recuei, não esperava que ele me perguntasse aquilo. — Está tudo bem. Você pode me contar. Vou guardar segredo. — Lancei um olhar para a câmera de segurança. — Não se preocupe com isso. Eu desliguei. Depois do que ele fez com o Taz, prefiro ter privacidade quando estou aqui.

— Certo.

— Você sabe o que ele fez com Taz, não sabe?

— Sei...

— E você sabe que ele fez aquilo por você?

— Sim...

— Não se preocupe, querida. Não foi sua culpa. Meu filho sempre teve um temperamento difícil. Desde criança, ele nunca gostou de dividir os brinquedos. A culpa é da mãe. Ela mimava muito ele.

— Ele não fala nada sobre ela comigo.

— Já era de se esperar.

— Por quê?

— Assunto doloroso.

— Aconteceu alguma coisa?

— Muita coisa aconteceu, mas não tem por que ficar cutucando velhas feridas. — Eu concordei com a cabeça, ansiosa para saber mais. — Hayes não me conta nada, sabe? Ele está sempre me excluindo e olha que dei de tudo para ele. Até quarenta e nove por cento do meu bar.

— Tem alguma razão para vocês não serem próximos?

— Muitas. Começando pelo fato de ele estar destruindo meu legado. É o meu único filho e não quer saber do meu clube. Sabe o que isso significa para um pai que deu tudo a ele? Hayes é ingrato. Sempre foi um merdinha. Agora a merda é maior por que ele é um homem. — Eu não sabia o que dizer, então fiquei de boca fechada. — Mas você... — Ele enrolou uma mecha do meu cabelo nos dedos. — Você, querida, ele é apegado a você, e eu não consigo evitar me perguntar o motivo. — Engoli em seco. — Não me leve a mal, você é maravilhosa. Consigo entender por que ele está atraído, ainda assim, Hayes nunca foi homem de uma mulher só.

— Talvez seja coisa do acaso.

— Talvez, mas, de qualquer forma, fico feliz que todos estejam te tratando bem, querida. Vou pegar as minhas chaves para você, e também vou escrever o endereço.

— Está bem.

— Quando chegar lá, peça para falar com o Christoff. Ele vai te ajudar.

Depois que ele me entregou as chaves e o endereço, eu saí

rapidamente do bar, não queria mais ficar sozinha com Billy. Foi a primeira vez que me senti assim na presença dele, mas nunca tínhamos ficado muito tempo sozinhos para começo de conversa.

Hayes tinha sido enfático quanto a ficar longe dele e do seu clube, incluindo os seus membros, e eu, na maioria das vezes, fazia isso. Depois do que ele tinha me contado, eu entendi o porquê de Hayes não gostar deles. *Fiquei longe dos Foras-da-Lei.*

A única coisa que mudou entre nós foi que estávamos mais próximos. Passava a noite na sua casa quase todo fim de semana. Normalmente eu dormia na casa de Cove nos fins de semana, então não foi tão difícil ficar com ele.

Fechávamos o bar juntos e íamos para a casa dele. Hayes até começou a ir para o bar com a Harley que andamos no primeiro encontro quando ele sabia que eu ia passar a noite lá, pois sabia quanto eu gostava dela.

Ainda não tínhamos feito nada além de dar uns amassos. Quando as coisas começavam a esquentar muito, ele parava imediatamente e ia tomar um banho frio. Se ele não me tocasse logo, eu ia ficar pelada e entrar no chuveiro junto com ele.

Não tinha como Hayes me recusar se eu aparecesse pingando na frente dele. Ao mesmo tempo, eu estava aprendendo que Hayes era um paradoxo de contradições. Então, eu não estranharia se ele me recusasse.

Quanto mais eu o conhecia, mais me apaixonava.

Não tinha como evitar. Nós tínhamos uma conexão que eu nunca senti com ninguém. Era uma centelha que se avivava e respirava toda vez que estávamos juntos. Eu não conseguia expressar em palavras quanto ele significava para mim.

Nós ríamos.

Sorríamos.

Brincávamos.

Falávamos de tudo e de nada.

Era fácil.

Nosso relacionamento não exigia esforço.

Mais uma vez, a minha cabeça estava tão consumida por mil imagens dele que nem percebi que já tinha chegado ao destino até o GPS me informar. Foi então que percebi que o armazém era localizado no meio do nada. Um grande prédio de aço cercado de árvores e pasto. E o pôr-do-sol só deixava o fascínio ainda mais indefinível.

Peguei o celular, coloquei no bolso de trás e pulei para fora da caminhonete para entrar. Só havia uma entrada, mas a porta estava trancada.

— Merda, — desabafei.

Até que de repente, uma voz áspera anunciou atrás de mim:

— Ora, ora, olha só o que temos aqui.

Eu me virei imediatamente com a mão no coração.

— Eu te assustei?

— Christoff?

— Eu mesmo.

— Billy me mandou aqui para buscar algumas caixas de bebidas.

— É, ele falou pra gente.

— A gente?

— Por que você não me segue? As caixas estão lá dentro. Meus homens podem te ajudar a colocá-las na caminhonete.

— Ok.

Não conseguia me livrar da sensação desagradável enquanto o seguia para dentro do local frio e escuro. No entanto, fiz o que me pediram. Com o coração batendo ligeiramente apressado no peito, eu o segui. Quando entramos, dois homens se aproximaram.

Um dele vociferou:

— Quem é a piranha?

Eu franzi as sobrancelhas.

— Como é que é?

Antes que a última palavra tivesse saído da minha boca, alguém veio por trás de mim e bateu forte na minha bunda.

— Que merda é essa?

Ele levantou os braços na frente do corpo.

— Relaxa, gata. Aqui somos todos amigos.

— Preciso ir.

Eu rapidamente me virei, pronta para correr, mas ele bloqueou a minha passagem.

— Você acabou de chegar e já está indo embora? Billy não vai ficar feliz se você voltar sem a sua bebida.

— Ah é? Pois Hayes não vai ficar feliz se souber que colocou as mãos em mim.

— Hayes? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Você é *old lady* dele?

Sem hesitar, declarei:

— Sou.

— Entendi.

— Pra mim é mentira, — Christoff retrucou. — Hayes só vai ter uma *old lady* no dia em que os porcos voarem.

O cara que bateu na minha bunda me encurralou na parede atrás de mim.

— Por que está correndo, gata? Só quero experimentar.

— Experimentar, o quê?

— A sua bocetinha.

Meu coração parou, e eu abri a boca para gritar, mas só consegui soltar um mero guincho antes de ele colocar a mão sobre os meus lábios.

— Shh... não precisa fazer cena. Além disso, ninguém vai te ouvir aqui, gata.

Eu choraminguei com os olhos marejados de lágrimas.

— Não precisa chorar. Não vamos te machucar. É só de brincadeira.

Os outros dois homens vieram em nossa direção.

— É, linda. Somos uma família. Nós compartilhamos essas coisas.

Choraminguei de novo. A adrenalina correndo nas minhas veias me fez morder a sua mão.

— Sua piranha estúpida!

Corri mais ou menos meio metro até que Christoff me agarrou pelo cabelo e me puxou de volta para ele. Em um movimento rápido ele quase me jogou contra a parede.

Eu estava usando uma saia jeans o que facilitou para ele passar os dedos na parte interna da minha coxa. Fechei os olhos. Eu precisava fechar. Por instantes, tive o que poderia ser descrito como uma experiência fora do corpo.

— Você quer tornar as coisas difíceis, menina durona? Vamos ver como eu posso ser durão?

— Por favor...

Implorei não sabendo pelo quê.

— Adoro quando elas imploram. O que acha de implorar de joelhos?

O que estava acontecendo? Billy havia armado para mim? Por quê?

Pergunta após pergunta atravessou a minha mente em questão de segundos. Não podia acreditar no que de repente estava acontecendo comigo. Eu queria lutar, mas não tinha como derrotar três homens grandes.

A única coisa que eu podia fazer era me render, mas essa não era a minha natureza. Eu estava prestes a tentar gritar de novo, mesmo que não adiantasse. Eu tinha que fazer alguma coisa. Porém, no momento em que abri a minha boca, eu ouvi:

— Se você tem amor a si mesmo, Christoff, solte a minha garota.

CAPÍTULO 18

HAVEN

— Fala sério, Hayes, só estávamos brincando com ela, — Christoff declarou em tom de sabichão.

O som de uma arma disparando me deu um susto e eu dei um sobressalto.

— Da próxima vez, — Hayes declarou, — eu não vou errar.

Christoff me soltou. Quando me virei, fiquei de cara com Hayes, que apontava uma arma para a cabeça de Christoff.

Era como se de repente, eu estivesse num filme de máfia.

Hayes não demonstrava medo. Do contrário, estava calmo. Tranquilo. Sereno. Como se fizesse aquilo todos os dias. Eu nunca imaginei que o veria daquela forma. Eu não conseguia mexer os pés, estavam grudados no chão.

Hayes leu a minha mente e deu a ordem:

— Docinho, preciso que venha até mim agora.

Eu podia ouvi-lo, mas ainda não conseguia me mexer.

Em vez disso, ele andou até mim. Sem deixar de mirar nos homens.

O cara que bateu na minha bunda bradou:

— A gente só estava brincando.

— Ah é, — Hayes respondeu num tom sombrio. — E se eu atirar no seu pau, ficamos quites?

Ouvi eu mesma exigir:

— Por favor, não faça isso.

Era a última coisa que eu queria ver. Aquilo já era traumatizante o suficiente para mim. Não precisava de nenhuma imagem na minha cabeça também.

Ele agarrou a minha mão e me colocou atrás de si, em segurança, e eu imediatamente me senti mais tranquila, apesar do que poderia ter acontecido se ele não tivesse chegado. Aquele pensamento fazia o meu corpo estremecer.

— Você tem sorte de eu não te matar por ter tocado no que é

meu, filho da puta. Só não vou fazer isso porque ela me pediu e salvou a sua pele. Dê graças a Deus, mas não vai durar muito.

Dizendo aquilo, ele recuou, sem tirar a arma nenhuma vez da mira deles enquanto saíamos do prédio. Quando pisamos do lado de fora, eu soltei o meu braço com um puxão e ele rosou em resposta.

— Haven, não vai me encher o saco agora.

Ignorando o seu pedido, vociferei:

— Como você sabia onde eu estava?

— Coloquei um rastreador no seu telefone.

Meu queixo caiu.

— Por isso você sabia sobre o Adam na noite do jogo de futebol? — Ele concordou com a cabeça. — Seu pai não te contou aonde tinha me mandado?

Ele fechou os punhos na lateral do corpo.

— Quando voltei para o bar e você não estava, rastreei o seu telefone. Não demorou muito pra eu ligar uma coisa na outra.

— Ele armou pra mim?

— Sim, mas era para me atingir.

— Ai, meu Deus!

— Falei pra ficar longe dele.

— Ele foi me procurar no estoque.

— Caralho! — ele bradou, olhando para o depósito. — Precisamos ir embora.

Eu balancei a cabeça.

— Não vou para lugar nenhum com você.

— Escuta aqui, — ele disse. — Eu sei que você está assustada, mas vou dar um jeito no meu pai.

— Como? Ele é o seu pai e acabou de tentar me machucar!

— Ele quer *me* machucar, — Hayes apontou enfaticamente para si mesmo. — Você é apenas a arma que ele pode usar para fazer isso.

— Por quê? Não entendo nada disso! E por que você estava tão calmo lá? Com que frequência você aponta uma arma para a cabeça das pessoas, Hayes?

— Eu avisei você, Haven. Eu avisei você sobre mim, porra! Mas você não me ouviu! Você nunca me ouve! E agora olha só o que aconteceu! Tudo isso poderia ter sido evitado se você tivesse me ouvido!

— Se eu tivesse te ouvido, nós não estaríamos juntos agora! Era isso que você queria?

— Porra! — ele rosou de novo. — Não consigo pensar agora. Precisamos ir.

— Você mata pessoas para seu pai?

— Haven, — ele enfatizou, — não faça perguntas que você não

entende.

— Então, me faça entender! Não quero ter medo de você, Hayes, e no momento, é exatamente o que eu sinto!

— De quem é a culpa? — Com os dentes cerrados, ele disse: — Eu sempre fui esse mesmo cara. Não menti para você.

— Mas também não me contou porra nenhuma sobre você! É por isso? Porque você é realmente um monstro?

— Querida, eu te falei isso desde que nos conhecemos. Se quer culpar alguém, culpe a si mesma. Eu sabia que uma hora isso iria acontecer, e tentei o máximo que pude mantê-la em segurança, mas a verdade é que, o único jeito disso acontecer é você ficar longe de mim.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não foi isso que você quis dizer.

Ele sorriu com sarcasmo e disse em tom áspero:

— Foi o que quis dizer com todo o meu ser.

— Seria assim tão fácil para você não me ver nunca mais?

— Se for para manter você em segurança, então que seja assim.

Não sou bom para você.

— Achei que você não fosse um por cento. Isso era mentira?

— Não use palavras que você não entende.

— Que tal essas palavras, então... Você me ama?

Ele se virou para mim com dor no olhar e respondeu:

— Não use palavras que eu não entendo.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto, não tinha como esconder dele.

— Não chore por mim, docinho. Eu não valho a pena. — Eu recuei, colocando as mãos na frente do corpo. — Haven...

Eu virei as costas e o deixei ali parado. Odiando o fato de que ele estava me deixando ir embora.

Hayes não correu atrás de mim.

Nem lutou por mim.

Nada.

Enquanto saía do estacionamento, vi que ele voltava ao depósito. Segundos depois, ouvi reverberar o barulho de um tiro, e soube, no fundo do coração...

Que o tiro tinha partido da sua arma.



Hayes

— Seu filho da puta! — Christoff berrou, caindo no chão por causa do meu tiro no seu pau.

Seus homens colocaram as mãos na frente do corpo, se

rendendo a mim imediatamente.

Fracotes do caralho.

O outro desgraçado afirmou:

— Só estávamos zoando com ela, Hayes.

— Ah é? — zombei, no limite da irritação. — Agora é a minha vez de zoar vocês.

Puxei o gatilho. A bala passou raspando na cabeça dele de propósito. Ele caiu imediatamente no chão, implorando misericórdia, enquanto o outro cara corria para ajudar Christoff.

— Você disse que não ia atirar.

— Minha garota não está mais por perto, filho da puta.

Outro tiro do outro lado da sua cabeça.

— Pelo amor de Deus!

— Se algum de vocês chegar perto dela de novo, será a última coisa que vão fazer. Está claro?

— Está! — gritaram juntos.

Virei as costas e fui embora antes de deixar que a minha raiva fizesse algo por mim. No final das contas, ela estava ali por uma razão e uma razão apenas.

O maldito do Billy Hayes.

Entreí na caminhonete e corri para o bar. Depois do que parecia uma eternidade, cheguei lá afobado, procurando por ele, mas dei de cara com Mark.

— Cadê o Billy?

— Não tenho certeza, cara. Vocês...

Dei a volta no bar, perguntando para todo mundo se tinham visto ele até que, finalmente, o encontrei nos fundos, do lado de fora. Ele estava no telefone. Aproveitei a distração, agarrei o seu cabelo e bati a sua cara no prédio de tijolos.

— Mas que porra...

Com a arma na sua têmpora, soltei a trava de segurança.

— Tudo o que preciso é de uma porra de uma bala para finalmente me livrar de você, — vociferei, empurrando o cano com mais força na sua cabeça. — Deveria ter feito isso há anos. O que você fez com a minha mãe... O que fez comigo... Você não merece viver. Por causa dessa porra de lealdade que eu não deveria ter por você, fiquei na minha e joguei os seus joguinhos. — Ele não disse uma palavra, mas seus olhos estavam fixos na minha arma. — Cansei de ser o seu filho. Entendeu? Depois do susto que você fez Haven passar, você não é mais meu pai.

— Hayes...

— Não! Você não tem o direito de falar. De agora em diante, acabou.

— Chase...

— Você acha que isso me atinge? — O cano da arma entrava cada vez mais fundo na sua pele. — Pelo que me lembro, sempre te odiei. A única prova que consegui hoje é a de que você é mesmo um desgraçado. — Ainda com a arma em sua têmpora, eu o virei de frente para encará-lo nos olhos. — Se você usar a Haven para me atingir de novo, eu juro pela minha mãe que não vou pensar duas vezes antes de terminar com a merda da sua vida. — Minha mandíbula cerrou. — Está claro, Billy?

— Está, — ele respirou.

Devagar, eu recuei...

E eu estava falando sério.

CAPÍTULO 19

HAVEN

Deixei a caminhonete do Billy no bar com as chaves no banco do motorista. A última coisa que eu queria era vê-lo. Em vez de entrar para o meu turno, fui embora.

Eu mal podia acreditar como as coisas tinham mudado entre a gente. Num piscar de olhos, eu vi aquele lado de Hayes sobre o qual ele estava me alertando. Num minuto estávamos em completo êxtase e felicidade juntos e no outro, ele havia se transformado naquele homem que eu não reconhecia. Minha cabeça girava com tantos acontecimentos.

A verdade era que eu estava com medo de Hayes e do que ele era verdadeiramente capaz. O barulho do tiro que ouvi conforme me afastava, continuou ecoando ao meu redor.

O que ele fez?

A pergunta se repetia na minha cabeça. Ele tinha passado meses me dizendo que não era quem eu achava que fosse. Eu não conseguia imaginar ele apontando a arma para a cabeça deles como se fosse a coisa mais fácil no mundo de se fazer. Eu odiava me sentir daquela forma. Eu sabia que tinha conhecido um lado diferente dele. Sem sombra de dúvida, sabia naquele momento que ele era duas pessoas diferentes.

Uma comigo.

Outra com eles.

Para onde iríamos a partir de agora?

De algum lugar, liguei para Cove me encontrar em casa. Sendo a melhor amiga que ela era, já estava sentada na frente de casa me esperando quando cheguei. Pulou do carro primeiro e correu para a minha porta e a abriu.

— Meu Deus! O que está acontecendo?

— Ai, Cove...

O choque estava passando, joguei meus braços em volta do seu pescoço e desabei. Ela afagava as minhas costas.

— Haven, você está me assustando. O que aconteceu?

Depois que me acalmei e que estávamos no meu quarto, contei para ela:

— Billy me mandou ir buscar umas bebidas num distribuidor. Não achei nada estranho até chegar lá. O depósito era no meio do nada. Deveria ter sido a minha primeira pista de que havia alguma coisa errada, mas não achei que fosse me mandar para uma armadilha daquele jeito.

— Como assim, armadilha?

— Tinha três caras lá e eles começaram a querer pôr as mãos em mim. Um deles bateu na minha bunda quando tentei fugir. O outro me jogou contra a parede e começou a passar a mão na parte interna da minha coxa.

Os olhos dela se arregalaram.

— Por favor, me diga que não é o que estou pensando?

— Teria acontecido se Hayes não tivesse aparecido com uma arma.

Ela colocou a mão sobre o coração.

— Ai, graças a Deus! E ele a usou?

— Pedi pra ele não usar, mas acho que só significava não usar na minha frente. Depois que brigamos no estacionamento, ouvi um tiro enquanto eu ia embora.

— Você acha que ele...

— Não sei.

— Nossa, uau.

— Ele está há meses me avisando que não é quem eu acho que é, e agora estou me perguntando por que não acreditei nele.

— Ele só estava te defendendo.

— Possivelmente matando alguém?

Ela deu de ombros.

— O mundo não vai parar de girar por causa de gente como aquela.

— Não é ele que decide isso.

— Desculpe, Haven, mas, às vezes, você tem que fazer justiça com as suas próprias mãos. Hayes não fez aquilo sem motivo. E se ele não tivesse aparecido? Acha que eles teriam parado ali? Aqueles caras poderiam ter te matado depois de te usar. Ele só estava fazendo o que qualquer homem faria pela mulher que ama.

— Você acha que ele me ama?

— E por que não amaria? — ela sorriu.

Ouvir a sua perspectiva sobre as coisas estava me fazendo repensar em como me sentia a respeito de tudo aquilo.

— Dois erros não fazem um acerto, Cove.

— Você preferia que ele fosse um covarde e não defendesse ou

protegesse você, Haven?

— Não sei. Estou tão confusa.

— Na minha opinião, ele tem um lado obscuro. Isso não é nada diferente dos policiais que acabam com um bandido; só porque têm um distintivo, não quer dizer que estejam certos. Eles só estão fazendo o seu trabalho, e o trabalho de Hayes é te manter em segurança. Sem falar em todas as outras mulheres que ele pode ter salvado, porque você sabe que não é a primeira a vez que eles fazem isso.

Ouvi suas palavras, considerando tudo o que ela dizia.

— Isso significa que essa não é a primeira vez que ele atira em alguém?

— Não tenho a resposta para essa pergunta, mas tenho certeza de que ele sabe o que está fazendo. Tenho sérias dúvidas de que ele atiraria em alguém sem pensar nas consequências.

— É isso que me assusta. E se ele faz isso o tempo todo?

— Talvez ele só acabe com caras maus.

— Isso aqui não é *Dexter*, Cove.

— Adoro essa série, — ela sorriu maliciosamente.

Balancei a cabeça.

— Não somo nem um pouco parecidas. Como somos melhores amigas?

— Os opostos se atraem.

Eu ri, embora estivesse me sentindo péssima.

— O que vai fazer agora?

— Não sei.

— Como terminou a briga?

— Com ele me dizendo para ficar longe dele. Hayes disse que era a única forma de me proteger.

— É isso que quer fazer?

— Claro que quero ficar com ele. Mas não numa vida assim.

— Seus irmãos iriam surtar.

— Eu sei. Você consegue imaginar?

— Eu nem quero imaginar.

— Tem mais essa: a minha família. Eles nunca aprovariam Hayes ou esse tipo de vida.

— Talvez ele abandonasse essa vida por você.

— Cove, não posso pedir a ele que faça uma coisa dessas.

— Por que não? As pessoas mudam a vida delas umas pelas outras o tempo todo.

— Acho que ele não vê a gente dessa forma. Toda vez que falo sobre o futuro, ele imediatamente muda de assunto. Hayes não nos vê juntos muito além da minha formatura.

— Isso vai acontecer logo.

— É.

— Eu duvido muito que ele seja capaz de te dispensar, Haven. O cara te ama, e isso é óbvio. Você também o ama?

Concordei com a cabeça.

— Não posso evitar. Há algo profundo entre nós que eu não consigo entender, mas que sinto toda vez que estamos juntos. É como se nos conhecêssemos desde sempre.

— Talvez se conheçam.

— Você quer dizer em vidas passadas ou algo do tipo?

— Não, quero dizer nesta vida. Você mesma disse que ele começou a te proteger assim que te conheceu. Talvez haja alguma razão para isso.

— Nunca pensei sobre isso.

— Então, é melhor começar a pensar.

— Eu queria poder perguntar e receber uma resposta direta dele. Não sei nada sobre Hayes, Cove. Ele não me diz nada além do quanto é ruim para mim.

— Talvez tenha algum motivo para isso também.

— Droga! Odeio quando você faz as coisas terem sentido.

— Sou sábia para a minha idade, — ela sorriu.

— É mesmo.

— Você acha que ele tem algum amigo solteiro?

— Meu Deus! Você é terrível!

— O que é que tem? — Ela deu de ombros de novo. — Você pode achar que o que ele faz é assustador, mas eu estou adorando. Eu iria adorar um homem que não pensasse duas vezes em matar alguém para me manter em segurança. Isso me faria abrir as pernas na hora.

— Cove!

— Só estou dizendo que queria um homem fodão também. Principalmente se tiver o pau grande. Isso também é muito importante.

— Falou a garota que ainda é virgem.

— Uhm... — Ela apontou para si mesma. — Está vendo este templo aqui? Não vou dar pra qualquer um que me levar num restaurante legal algumas vezes. Os caras do colégio são um tédio. Os da faculdade são ainda piores. Só estão interessados em si mesmos, e eu quero alguém que esteja interessado só em mim.

— Está querendo dizer que quer um cara mais velho? Hayes é sete anos mais velho do que eu.

— Uhm... acho que não queria que fosse mais do que vinte anos mais velho.

— Vinte? Poderia ser seu pai.

— Meu pai só me teve depois dos trinta.

— Bem, poderia ser o pai de alguém.

— Não, definitivamente não quero fazer parte de nenhum

drama com a mãe do filho dele. Tem que ser alguém sem laços com alguma ex.

— Tá, mas daí você vai pegar um cara que nem Jace, que só trabalhou a vida inteira.

Ela me encarou.

— Nunca diga isso de novo. Você acabou de destruir toda a minha fantasia.

— Meu irmão não é tão ruim.

— Em que grau? Ele está pior do que nunca agora que é militar aposentado. Parece que tem um pau permanentemente enfiado no cu. Não me lembro da última vez que o vi sorrir. Ele está sempre carrancudo e ranzinza. Ele precisa transar. Aposto que faz anos que não transa.

— Minha nossa.

— Penso exatamente assim.

Eu sorri.

— Eu não me importaria se você se casasse com qualquer um dos meus irmãos, daí poderíamos ser irmãs de verdade.

— Acredite em mim, Haven. De todos os seus irmãos o último com quem eu me casaria seria Jace. Prefiro morrer solteira e sozinha a ficar cinco minutos com aquele babaca. Ele é tipo meu inimigo perfeito.

Quem poderia adivinhar que um dia...

... ela iria engolir aquelas palavras.

CAPÍTULO 20

HAVEN

Abri a boca para responder, mas alguém bateu na porta.

— Pode entrar, — berrei.

A porta se abriu, revelando meu irmão, Reid.

— Oi, — ele cumprimentou, sorrindo para nós com uma expressão carismática.

Reid era o diretor da própria empresa de desenvolvimento de propriedade comercial, que ele abriu quando tinha 21 anos. Agora ele tinha 33 e estava cheio da grana. Só que trabalhava vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Estava sempre no telefone. Sempre viajando para todas as partes do mundo.

Seu último projeto era em Dubai. Ele estava encarregado de construir o maior hotel cinco estrelas de lá e, há alguns anos, ficava morando lá de vez em quando para garantir que nenhum problema surgisse. Ele era totalmente controlador. Ninguém podia fazer nada tão bem quanto ele.

Todo ano, a revista Forbes o selecionava como um dos solteiros mais cobiçados. A imprensa o adorava, ele era charmoso e gostava de atenção. Todo lugar aonde ele ia, as mulheres caíam aos seus pés. Ele só precisava sorrir, e pronto.

Porém, meu irmão gostava de um tipo de mulher. Ele era bem exigente em relação a quem deixava se deitar em sua cama. Adorava as espanholas. Era definitivamente o seu tipo. Era engraçado, já que ele tinha crescido em uma fazenda como um cowboy, mas acho que os opostos se atraem.

Quero dizer, era só olhar para mim e Hayes. Só de pensar nele meu coração palpitava e meu estômago doía.

O que iria acontecer conosco? Tínhamos terminado hoje?

— Oi, — Reid interrompeu os meus pensamentos. — Tá me ouvindo?

Balancei a cabeça.

— Estou, desculpa, o que foi?

— Eu disse que vamos todos ao salão de bilhar, vocês duas querem vir?

— Uhm...

Cove respondeu para mim:

— Queremos. Vamos descer em um minuto.

— Certo. Não demorem uma eternidade.

Quando ele saiu, eu a repreendi:

— Que merda foi essa? Acha que eu quero sair agora?

— Não. Mas essa é mais uma razão para você ir. Olha, eu passo a noite toda aqui sentada com você se você quiser, mas acho que seria bom sair e passar um pouco de tempo com os seus irmãos. Você está meio sumida ultimamente. Eles vão começar a suspeitar. Além disso, vai ser bom para você ficar perto da família. É o que você mais gosta de fazer.

— Meu namorado pode ter matado alguém e você acha que a solução é ir jogar bilhar?

— Você também pode dançar.

— Cove...

— Eu alguma vez já te coloquei em uma roubada?

— Já.

Ela riu.

— Se não fosse por mim, você seria uma freira.

— Eu sou uma freira, basicamente. Hayes não toca em mim, lembra?

— Haven, está na hora de você aprender que sua boceta carrega todo o poder. Se você quer que ele a toque, então dê a ele uma razão para tocá-la.

Quando entramos no salão de bilhar, o lugar estava lotado de gente. Por sorte, encontramos uma mesa vazia perto do fundo. Era a primeira vez que eu saía com todos os meus irmãos depois de muito tempo. Eu nem me lembrava da última vez que tínhamos estado juntos assim, e silenciosamente agradei Cove por me convencer a ir com eles.

Depois de pedirmos comida, Jace perguntou:

— Você está bem?

Sempre tão perceptivo, eu achava que era culpa das táticas militares. Não tinha como guardar segredo dele. Era como se pudesse ver através dos meus olhos.

— Estou. Só um pouco cansada.

— Ser líder de torcida está te mantendo ocupada.

— Tenho muito mais responsabilidades agora que sou a capitã.

— Obviamente, — Troy entrou na conversa. — Você não para mais em casa.

— Olha quem fala.

— Por que estamos pegando no pé da Haven? — Cove perguntou chamando a atenção deles para ela. — Ela tem dezoito anos agora. Tem direito a ter uma vida. Vocês todos tiveram.

— Não importa quantos anos ela tenha, — Jace fez um aceno de cabeça para mim. — Ela é a nossa irmãzinha.

— Só que ela já não é tão pequenininha.

— Certo... falando no assunto, vou ao banheiro. Já volto, — eu disse e me levantei. Verifiquei meu telefone para ver se tinha alguma ligação perdida ou mensagem de Hayes.

Não tinha.

Eu queria muito mandar uma mensagem de texto pra ele, mas me recusava a ser a primeira a ceder.

— Isso não é lá muito maduro, — cochichei a mim mesma no espelho.

Respirei fundo e voltei para a nossa mesa, só que Cove me interceptou no meio do caminho e me puxou para a pista de dança.

A multidão se abriu para nós conforme a música mudava da banda ao vivo para o DJ que colocava os hits do momento. Estava quase impossível dançar, quase não tinha espaço.

Um rapaz bonito veio por trás de Cove e outro que deduzi ser seu amigo segurou na minha cintura e moveu a minha bunda na direção do seu pau. A cerveja de Cove, que ela devia ter comprado com a sua identidade falsa caiu quase toda no chão bem no nosso pé.

— Relaxa, Haven! — ela exclamou mais alto que a música. — Se divirta um pouco! Só estamos dançando.

E ela estava mesmo dançando...

Estava usando o cara como poste de *pole dance*.

Contrariando meu melhor julgamento, comecei a dançar com o outro cara, movendo meu corpo com a batida da música, enquanto suas mãos continuavam na minha cintura. Nos movíamos em sintonia um com o outro.

O tempo todo, eu só pensava em Hayes. A quantidade de vezes que tinha tentado arrastar ele para a pista de dança do bar era ridícula. Sempre me dizia que não dançava. Na maioria das vezes eu só roçava a bunda nele, como estava fazendo com esse cara qualquer atrás de mim.

O pensamento me fez sentir mal. Quase como se o estivesse traindo ou algo do tipo e estávamos apenas dançando. Eu estava quase agarrando a Cove para sairmos dali, mas já era tarde demais.

Meu olhar captou meus irmãos empurrando as pessoas para fora do caminho como se uma bomba relógio estivesse prestes a explodir.

— Puta merda, — exclamei conforme eles afastavam as pessoas do caminho, para chegar a mim o mais rápido possível.

Foi o punho de Ledger que apareceu primeiro, acertando o cara que dançava comigo bem na mandíbula. Antes que eu pudesse gritar com ele por ter exagerado, Jace acertou o cara que dançava com Cove. Cacos de vidro voaram para todos os lugares quando o copo de cerveja dela caiu no chão.

Num movimento rápido, Reid me jogou para cima do seu ombro, enquanto Jace fazia o mesmo com Cove. Ela começou imediatamente a bater nas suas costas, exigindo que ele a colocasse no chão.

— Quem você acha que é! — ela gritou.

Meus outros irmãos ficaram lá dentro, brigando com aqueles homens por nada. Só estávamos dançando.

— Jace! Me coloca no chão! Agora!

E foi o que ele fez, mas os pés dela bateram no chão com tanta força que ela teve que pôr as mãos no seu peito para se equilibrar.

Reid me colocou no chão, mas eu não consegui brigar com ele.

Nem um segundo depois, Jace rosnou:

— Não quero nem mais uma palavra saindo da sua boca, Cove.

Ela o empurrou o mais forte que conseguiu.

— Vai se foder!

Com a mão sobre seu pescoço, ele a encostou no prédio, segurando-a no lugar.

— Você é um péssimo exemplo para Haven! Você é encrenca!

— E você é um babaca autoritário! Ela tem dezoito anos, sua anta!

— E você também! Por que estava bebendo?

— Porque eu posso! — Ela tentou empurrar a sua mão, mas nem saiu do lugar. — Jace, se você não me soltar, eu vou...

— Vai fazer o quê? — ele rosnou com a mandíbula cerrada.

O peito dela subia e descia.

— Você vai ser boazinha e vai sentar a bunda na minha caminhonete. Entendeu?

— Boazinha? Você tá falando sério?

— Enquanto você agir como criança, vou te tratar como criança.

— Criança? Já sou adulta! Posso fazer o que quiser. Você não é meu irmão!

— Graças a Deus! Eu teria vergonha se fosse.

Aquilo a magoou. A mudança em sua expressão foi rápida, mas eu percebi.

— Jace...

Ele levantou o dedo no ar atrás do seu corpo, me pedindo silêncio. Seu olhar zangado não desfez a expressão irritada de Cove.

Put a merda. O que estava acontecendo?

— Quer anunciar a sua boceta como se fosse de graça? Assim você vai encontrar homens que não vão pensar duas vezes antes de transar com você numa cabine de banheiro. É isso que quer para si mesma, Cove?

Ela recuou ao ouvir o que ele dizia com brutalidade. Eu nunca tive tanta vontade de bater no meu irmão como naquele momento pela forma como estava falando com ela;

— Jace, já chega!

Ele não me ouviu, eu nem esperava que ouvisse.

— Algum dia você vai perceber que está enrascada se não começar a mudar seus modos. Tenha mais respeito por si mesma, menina. — Dizendo isso, ele a soltou. — Agora, senta a bunda na minha caminhonete que vou te levar pra casa.

— Me viro de Uber, — ela respondeu.

— Cove... não vou falar de novo.

Ela olhou para mim e fez movimentos com a boca dizendo:

— Vai com ele.

O olhar dela encontrou o dele de novo:

— Não sou problema seu, Jace.

— Agora é.

Contrariada, ela foi embora com ele e eu fiquei ali completamente chocada e sem acreditar.

A noite tinha sido oficialmente...

... uma merda.

CAPÍTULO 21

HAVEN

Eu estava voltando para casa quando, de repente, a luz de aviso da temperatura do painel começou a piscar. Segundos depois, começou a sair vapor de baixo do capô do carro.

— Merda, — murmurei, encostando o carro no acostamento da rodovia.

Já era de noite, e eu estava voltando do shopping, porque precisava de alguma distração do caos em que a minha vida tinha se transformado. Não tinha falado nem visto Hayes nos últimos dias. Meu turno no bar estava chegando e não tinha ideia de como ia lidar com o fato de estar lá ou ter que vê-lo, ou ver o Billy, por sinal.

O que eu diria para Billy? Será que ele falaria comigo? Ou só iríamos fingir que nada tinha acontecido?

Minha mente girava com perguntas sem respostas e inseguranças sobre o futuro. Parecia que eu não sabia qual era o lado certo ou o errado das coisas. Naquele momento, eu achava que ele já teria me ligado ou mandado mensagem. Mas não parecia que Hayes ia fazer nada daquilo tão cedo. Eu desejava ceder e procurá-lo, mas não conseguia agir.

Levantei o capô do carro e o vapor imediatamente queimou o meu rosto, me fazendo pular para trás.

— Ai! — gritei. — Que ótimo! Agora não posso nem mais abrir o capô do meu próprio carro? O que mais falta acontecer? Não vou conseguir voltar pra casa?

Respirei fundo e peguei meu telefone do console do carro para ligar para o serviço de assistência da rodovia.

Tocou duas vezes.

— Olá! — a gravação atendeu. — *Estamos com um grande número de ligações no momento. Por favor, continue na linha. Se quiser, podemos retornar para você quando for a sua vez. Basta apertar o número um e digitar o número do seu telefone que alguém retornará assim que possível.*

Eu digitei e desliguei.

Pensei em ligar para o meu pai ou algum dos meus irmãos, mas desisti da ideia. A última coisa que queria era ter que ouvir sermão para cuidar melhor do meu carro. Assim, fiquei esperando a ligação sentada no porta-malas do carro, olhando as estrelas. Encontrei Orion quase imediatamente, o que me fez sentir ainda pior.

Parecia que eu ia ter que esperar eternamente. Como Troy era o que menos falaria, estava quase ligando para ele quando ouvi o som familiar de uma Harley atrás de mim. Nem precisava me perguntar quem era.

Quando ele tirou o capacete, nos encaramos.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Então, com que frequência você rastreia a minha localização, Hayes?

— Estou aqui pra te resgatar e você vai me encher o saco, docinho?

— De todas as formas. — Fiz um movimento em direção ao capô do carro. — Prossiga.

Não demorou muito para ele descobrir o que estava acontecendo. Hayes ficava muito sexy embaixo do capô, consertando o problema com a tranquilidade e a confiança de um mecânico habilidoso que sabia o que estava fazendo.

— Pronto, — ele informou, fechando o capô.

— Obrigada, — respondi, observando-o de longe. O silêncio ficou ensurdecedor por alguns instantes até que eu finalmente o quebrei. — É isso? Você vai embora agora e continuará me ignorando?

— Te pergunto o mesmo.

— É, mas eu sou a garota, — apontei com firmeza para o meu peito. — É o cara que deve ir atrás.

— Achei que as mulheres fossem sexualmente libertas agora. Achei que se aplicava a isso também.

Eu ri, sarcástica.

— Você sempre tem que dar a última palavra, né?

— Podemos ficar nesse vai e vem por horas, Haven. O que acha de fazermos isso lá em casa?

— Você quer que eu vá para a sua casa?

— Não foi isso que acabei de dizer?

— Aff! — Balancei a cabeça. — Pode esquecer.

Dei um passo na direção ao meu carro, mas ele bloqueou meu caminho.

— Eu quero que você vá para casa comigo, — admitiu. — Mas nada mudou. Ainda não sou bom para você.

Só que antes, eu precisava saber...

— Você matou aqueles caras?

Ele estreitou os olhos.

— O que você acha?

— Não tenho certeza.

— E se matei?

— Não quero que você vá para a prisão por minha causa, Hayes.

— Por sua causa ou por você, Haven?

Engoli em seco.

— Sabendo disso, você ainda quer ficar comigo?

Não hesitei em responder:

— Quero.

Ele me encarou por um minuto antes de confessar:

— Não matei aqueles caras, mas fiquei com vontade.

Eu concordei com a cabeça, aliviada.

— Ok, você vai na frente.

Não demorou muito para chegarmos a sua casa. Estacionei o carro no lugar de sempre e o segui para dentro. Enquanto entrávamos, coloquei meu telefone no modo avião. Não queria que fôssemos interrompidos.

— Está com fome? — ele perguntou indo para a cozinha.

— Um pouco.

Hayes tirou hambúrgueres da geladeira e uma frigideira e colocou sobre o fogão.

— Você vai cozinhar para mim?

Ele sorriu e me olhou.

— Minha mãe sempre dizia que tudo fica melhor de estômago cheio.

Meu coração esquentou. Era a primeira vez que ele mencionava qualquer coisa sobre sua vida ou sua mãe. Tentei fingir que não ligava, mas por dentro eu estava louca de animação.

— O que você vai fazer? — perguntei, me fazendo de indiferente.

— Tacos.

— Adoro tacos. Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Pelos próximos trinta minutos, cozinhamos juntos, como um casal normal, e eu aproveitei cada segundo. Depois que comemos, Hayes foi tomar um banho, e eu fui para o deck ao lado do seu quarto. Estava sentada na espreguiçadeira olhando as estrelas quando ele voltou.

Hayes apontou para o lugar a minha frente, silenciosamente perguntando se podia se sentar. Concordei com a cabeça, puxando os joelhos de encontro ao peito. Ele estava sem camisa, usando shorts de academia, e eu resisti à vontade de pular em cima dele.

Que droga, ele estava lindo.

Tinha uma bebida nas mãos, cor de âmbar. Eu sentia o cheiro do uísque no seu copo e percebi que nunca tinha visto ele beber antes.

Desafiando-o, declarei:

— Acho que é a primeira vez que vejo você beber.

Ele deu um gole.

— Normalmente não bebo.

— Isso quer dizer que estou fazendo você beber?

— Se tem uma coisa que você deve saber a meu respeito, Haven, é que não lido com os meus problemas bebendo.

— Então, agora eu sou um problema?

— Querida, você é um problema desde o dia em que nos conhecemos. — Eu odiava quando ele dizia aquilo. — Não estou querendo te machucar, docinho. Acredite em mim, é a última coisa que quero fazer.

— Eu sei.

— Sabe?

— É, eu sei.

Ele simplesmente concordou com a cabeça, levando o copo à boca.

— Posso tomar um pouco?

Seu olhar se estreitou. Eu nunca esperaria o que aconteceu em seguida. Segurando minha nuca, ele me puxou para perto.

Quando seus lábios encontraram os meus, Hayes lentamente sinalizou para eu abrir a boca para ele. Quando abri, o uísque da sua boca encheu a minha. Aquilo imediatamente enviou uma sensação ardente e gostosa que foi descendo do meu peito até o estômago. Ele olhou para mim de novo antes de se afastar, eu choraminguei ligeiramente diante da separação.

Um pouco abalada, eu disse:

— Isso foi gostoso. Se você está tentando me deixar menos chateada com você, vai ter que fazer mais.

— Sinto o mesmo, querida.

— Mas eu sou boazinha, — disse brincando para aliviar a tensão. — Você tem sorte de ter me conhecido.

— Meninas boazinhas têm que ficar longe de tipos como eu.

— Eu sei que o que você faz é perigoso. Sei que tem um motivo para você ser assim. Mas também conheço você... Eu enxergo através de você. Você é um homem com um grande coração e eu sou a prova viva disso. Você não é mau para mim. Só pensa que é.

— Docinho...

— Eu sei como é ficar sozinho, sentir que não tem ninguém do seu lado, mas você tem a mim. Estou do seu lado, Hayes. Não importa o que aconteça. Então, pare de me afastar. Estou cansada de ouvir

você dizer que não temos futuro juntos quando tudo o que eu quero é um futuro com você. Mesmo que negue, eu sei que você também quer. Você só está lutando contra isso.

— Eu querer um futuro com você é o menor dos nossos problemas, Haven.

— Você precisa do que para ver que sou boa pra você? Você precisa de mim. Agora, somos um time.

— Haven...

— Por que você não me deixa participar? Eu posso ajudar... podemos ajudar um ao outro. Por que insiste em lutar contra isso? Eu entendo que tenha feito algumas merdas, mas você não precisa continuar a fazer essas coisas. Poderia parar a qualquer momento e construir uma vida diferente para você mesmo. Uma vida em que eu e você estivéssemos juntos.

Ele balançou a cabeça.

— Eu nunca vou esquecer a sua expressão no outro dia. Você estava com medo de mim.

— Eu estava em choque. Aconteceu muita coisa ao mesmo tempo. E, sim, eu fiquei momentaneamente com medo de você, mas depois de pensar sobre isso nesses últimos dias, estou mais do que grata por você ter aparecido naquela hora. Se você não tivesse, quem sabe o que poderia ter acontecido comigo. Você me salvou, de novo.

— Você só está com problemas por minha causa.

— É culpa do seu pai, não sua. Você precisa do que para entender isso?

Eu conseguia ver a mente dele girando. Hayes não tentou esconder as emoções de mim como costumava fazer. Porém, o tormento que ele exibia era difícil de presenciar. Eu estava causando estrago na vida daquele homem, mas não podia desistir dele.

Hayes era meu.

— Estou cansada de todo mundo me tratar como se fosse uma garotinha.

Seguindo o conselho da Cove, eu fiquei de pé, confiante.

Ele observou cada movimento meu quando tirei o vestido e o joguei de lado. Antes que pudesse se opor, tirei o copo da sua mão e joguei o uísque no meu peito.

— Você quer se perder. — Nada poderia me impedir de falar com convicção: — Então faça isso dentro de mim.

CAPÍTULO 22

HAVEN

Estava claro como o dia. Seus olhos ficaram vidrados como os de um homem possuído, enquanto a sua aparência se enrijeceu de uma forma que ficaria para sempre gravada na minha memória. Eu não estava de sutiã, estava ali de pé só de calcinha.

Nunca me senti tão exposta como naquele momento ali com ele. Seu olhar predatório espreitava cada centímetro do meu corpo. Eu estava completamente a sua mercê e estava amando cada segundo.

Com um rugido alto, ele agarrou a minha bunda e me posicionou a sua frente. Continuamos a nos encarar quando ele começou a lamber o uísque do meu umbigo até o meu peito. Meu coração batia tão alto que eu podia jurar que ele conseguia ouvir.

Num tom suplicante, ele gemeu:

— O que está fazendo comigo? — Sua boca estava agora sobre a minha calcinha. — Diz pra mim, docinho. É isso que você quer?

— É, — ofeguei sem nenhuma vergonha.

Com os dentes, ele puxou a calcinha pelas minhas pernas até ela embolar aos meus pés.

— Eu não mereço você.

— Merece, sim. — O olhar possessivo que ele lançou para o meu local sagrado é uma lembrança que vou levar para o túmulo. — Você é linda pra caralho, Haven, linda de morrer. — Olhando para mim com os olhos semiabertos, ele disse: — Agora, vou saborear o meu pêssogo maduro.

Em resposta, eu gemi e mordi o lábio inferior.

Ele cheirou o meu perfume e eu quase morri de vergonha, mas aquilo foi rapidamente substituído pelo ardor que ele provocou quando deslizou a língua pela minha virilha.

— Caralho... — ele suspirou antes de chupar meu clitóris para dentro da sua boca num movimento forte, mas gentil.

Eu nunca tinha sentido nada parecido. Meu peito ficou pesado, ele subia e descia. Minhas pernas começaram a tremer e eu não

conseguia ficar de olhos abertos. Eu não sabia o que fazer com as mãos. Eu sentia que ia explodir. Precisando de algum lugar para me segurar, agarrei seu cabelo e ele deu um rosnado alto, que vinha do fundo do peito.

Hayes chupava de cima para baixo.

De um lado para o outro.

Mais forte.

Mais rápido.

Eu não aguentava mais. O jeito como sua boca me devorava era demais para eu me controlar. Tudo começou a girar e minha respiração falhou.

Eu suspirei.

Ofeguei.

Eu me retesei.

Eu me sentia como se estivesse sendo desmontada e rasgada. Não conseguia nem controlar meus movimentos, muito menos os meus suspiros. Eu fazia todo tipo de ruído, que parecia estranho saindo da minha boca.

— Eu não posso... Hayes... não posso...

Ele agarrou a minha perna e a colocou no seu ombro. Aquele ângulo fez o mundo desmoronar sobre mim enquanto os espasmos consumiam todo o meu corpo.

Eu arfei, gritando:

— Ai, meu Deus, Hayes!



Hayes

Observando...

Saboreando...

Sentindo...

Escutando...

Haven gozou e, por saber que eu era a causa daquilo, um pouco da minha excitação escorreu pelo meu pau. Eu não parei até engolir toda a sua doçura.

Quando ela se recompôs, descansei a testa na sua barriga, ambos tentando desesperadamente recuperar o fôlego. Tinha sido tão intenso para mim quanto para ela, a tenda na minha calça jeans só provava que eu estava certo. Eu conseguia ouvir e sentir o coração dela batendo no peito.

— Hayes, — Haven chamou, me fazendo olhar para ela.

Ela brilhava.

Ela nunca pareceu tão bonita quanto naquele momento, e

aquilo me atingiu como uma granada na cabeça.

Eu estava cego por ela.

Consumido por ela.

Destruído por ela.

Haven era dona de cada pedacinho meu, até da porra da minha alma.

Eu a amava.

Nos encaramos por não sei quanto tempo, sabendo que assim que um de nós abrisse a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, perderíamos o momento para sempre. Tudo mudaria de novo. Não saber se mudaria para melhor ou pior era definitivamente a parte mais difícil.

Era óbvio que ela estava pensando exatamente a mesma coisa que eu. Estava escrito em todo o seu lindo rosto. Porém, eu não achava que seria tão difícil ouvi-la proferir:

— Eu te amo, Chase Hayes.

Eu queria tanto dizer aquilo, estava bem ali, na ponta da minha língua, morrendo... implorando para sair.

Não podia.

Só iria piorar as coisas, se é que era possível naquele momento.

— Eu sinto muito mesmo, docinho... não posso.

Sua resposta não me chocou.

— Eu sei que você me ama, Hayes. Não me importa se você vai dizer ou não. Eu sinto em cada milímetro do meu corpo. No meu coração. Na minha alma. Sou sua.

Eu não sabia o que responder. Eu mal sabia como me sentir.

Olhando fundo nos seus olhos, eu conseguia ver a verdade sobre ela. Haven transbordava. Eu estava me afogando em seu amor.

— Eu te amo, — ela repetiu como se soubesse que eu precisava ouvir de novo. — Por favor, fique comigo, Hayes. Não interrompa aqui. Eu quero você. Quero estar com você. Por favor...

Gostaria de poder dizer que não esperava o que aconteceu em seguida, mas eu estaria mentindo. Embora nada pudesse ter me preparado para aquilo.

Eu deveria tê-la impedido. Eu deveria ter dito não.

Eu deveria ter feito alguma coisa, qualquer coisa...

Em vez de deixá-la se sentar no meu colo. Suas mãos delicadas desceram pelo meu peito em movimentos lentos e agonizantes, me fazendo prender a respiração. Seus dedos delinearam o meu peitoral e deslizaram para contornar o meu abdômen, apenas vacilando para desenhar todas as minhas tatuagens no meio do caminho.

Era tão profundo.

Tão tocante.

Tão intensamente adorável.

Aquela era Haven Beckham.

Meu docinho.

Meus dedos me imploravam para tocá-la, sentir sua pele contra a minha, ansiando por algo que não deveria, sabendo que aquilo só causaria malditos problemas.

— Por favor, — ela ronronou como se aquilo fosse a resposta para tudo. — Se você não consegue me dizer, então apenas continue demonstrando para mim. — Ela pegou a minha mão e colocou-a sobre o seu coração acelerado. — É isso que você faz comigo toda vez que está por perto. Desde o primeiro momento em que te vi, eu penso em você todos os dias. Por favor... apenas fique comigo.

Eu pude ver o acúmulo de meses de ansiedade, vontade e desejo nos seus olhos quando ela hesitantemente se inclinou para frente, colocando as mãos de volta no meu peito. Vagarosamente levando os lábios para encontrar os meus. Ela começou com um simples selinho, mas foi abrindo a boca, em busca da minha língua.

Aquilo tudo era ela, mostrando tudo o que havia lhe ensinado. Eu a deixei continuar, permitindo que se sentisse no controle por alguns segundos. Me perdendo nela, lutava uma batalha contínua entre o certo e o errado quando se tratava dela.

As pessoas têm limites, e eu estava no meu. Não conseguia controlar meus movimentos, pois Haven estava sentada sobre os meus braços.

Murmurei contra os seus lábios:

— Você é a coisa mais linda que eu já vi.

Eu a beijei.

Eu a exigi.

Eu a amei da única forma que sabia.

Ela sorriu, rebolando os quadris sobre o meu pau, numa exigência silenciosa. Agarrei firme a sua cintura, como queria fazer desde o momento em que ela tinha montado no meu colo. Haven ofegou quando eu me levantei num movimento rápido, e entrelaçou as pernas na minha cintura. Continuei a beijando enquanto ia até a cama. Colocando-a no colchão, parei sobre a sua figura inebriante, e sua respiração se acelerou quando percebeu que agora estava embaixo de mim.

— Pelo amor de Deus, o que você está fazendo comigo? — eu repeti, apoiando a minha testa na dela, olhando para os seus lábios carnudos.

Ela era tão linda.

Tão inocente.

Era tudo o que eu sempre quis, mas nunca achei que fosse conseguir até aquele momento.

Não consegui deixar de beijá-la com mais agressividade do que

antes. Suas mãos deslizaram para a minha nuca, me puxando para mais perto, só que não era perto o suficiente. O beijo se tornava mais urgente e exigente cada vez que ela me puxava, e estava cheio de emoção misturada com desejo puro e algo que eu nunca havia sentido antes.

Minhas mãos continuavam a vagar pelo seu corpo. Saber que eu era o único homem que já a havia tocado daquela forma mexia de todo tipo de jeito com a minha cabeça.

Principalmente com o meu pau.

Era conflitante.

Era uma luta.

Era a primeira vez na minha vida...

... que eu queria perder o controle.

CAPÍTULO 23

HAYES

Ela jogou a cabeça para trás, dando aos meus lábios mais acesso à sua pele quente. Eu nunca tinha ficado assim com nenhuma outra mulher, me demorando, querendo explorar cada centímetro do seu corpo.

Eu precisava dela.

Eu a queria.

Eu. A. Amava.

Tocar Haven era como voltar para casa.

Ela era o meu lar.

— Você é tão linda, — gemi beijando o seu coração.

— É seu, Hayes. Sou sua. Só sua. Para sempre.

Rosnei, beijando-a com fervor, sem quebrar a nossa conexão em nenhum momento. Ela tinha a pele mais macia que eu já havia tocado.

— Eu te amo. Te amo tanto, — ela falou de novo, querendo marcar aquelas palavras na minha pele. — Faça amor comigo, — ela me pediu com a voz rouca. — Eu pertenço a você. Só a você.

Eu a beijei uma última vez antes de descer beijando e lambendo seu corpo.

— Hayes, — ela murmurou com o corpo trêmulo quando beijei gentilmente o seu clitóris.

Ela ainda estava sensível por causa da minha última investida, mas eu precisava deixá-la pronta, embora meu pau fosse machucá-la de qualquer forma. Abri sua boceta e a comi com a língua.

Sem tirar os olhos de Haven, vi que ela segurava os lençóis com força por causa do seu clímax, cada vez mais rápido e intenso. Enfiei o dedo e ela estava tão molhada.

Tentei enfiar mais um dedo, na tentativa de abrir o máximo que conseguia, mas sabendo que não importava o que fizesse, ainda assim seria doloroso para ela. Percebi que ela estava próxima do clímax quando seus quadris começaram a se mover por conta própria

nos meus dedos e na minha boca.

— É isso aí, docinho, — provoqueei. — Fode a minha boca assim.

Nem um minuto depois, saboreei seu orgasmo. Não parei até ela terminar. Baixando as pernas, ela pediu para eu parar.

Haven observou quando eu tirei o short e abri a mesa de cabeceira para pegar uma camisinha.

— Ah, — ela suspirou. — Não precisa.

— Haven, não vou engravidar você.

— Não, não vai. Eu tomo pílula.

Eu recuei.

Ela sorriu, corando.

— É para regular meu ciclo.

Eu exultei, e me rastejei pelo seu corpo.

— Você vai precisar me dizer se estou te machucando.

Ela concordou com a cabeça, mordendo o lábio inferior. Gentilmente, enfiei o pau em sua boceta. Sentir Haven em volta do meu pau, milímetro por milímetro, era quase demais para suportar. Pela sua expressão, eu sabia que estava doendo, então desci a mão e esfreguei seu clitóris já sensível.

Ela arfou.

Seus lábios abertos.

As coxas apertadas.

— Está tudo bem?

Enfiei um pouco mais.

— Aham... — foi só o que conseguiu responder.

— Quase lá, docinho. Caralho, Haven, você é tão apertadinha.

— Desculpa, — ela sussurrou.

Eu ri encostado nos seus lábios.

— Nunca se desculpe por isso.

Quando eu estava totalmente dentro dela, fiquei por um tempo apreciando o que Haven estava dando para mim. Eu não merecia aquilo. No entanto, por Deus, era meu por direito.

— Você está bem?

Ela estava suando muito, com dificuldade para respirar por causa da dor que o meu pau causava na sua boceta.

— Estou...

Desejando lhe dar um pouco de conforto, eu disse:

— Você não tem ideia do que isso significa para mim, Haven. Ter você na minha vida, estar dentro de você, é a melhor coisa que já me aconteceu.

— Você vai me fazer chorar.

— Daí eu vou beijar as suas lágrimas. Você é a minha dona, docinho. Sabe disso, não sabe?

— Sei.

Dei uma boa olhada em Haven, com a intenção de me lembrar dela exatamente daquele jeito.

O cabelo longo e sedoso espalhado no meu lençol.

As bochechas ligeiramente coradas.

Os lábios carnudos.

Os olhos serenos.

Ela era a visão da perfeição.

Dei um beijo suave no pulsar no seu pescoço, amando senti-lo bater nos meus lábios. Ela me observava apaixonadamente conforme eu fazia as coisas que precisava e que a partir daquele momento não poderia mais viver sem.

Eu estava condenado.

Não tinha como ficar sem aquilo.

Sem ela.

— Eu nunca fiz amor com ninguém, Haven. Eu sei foder. Rápido e com força. Preciso controlar cada fibra do meu ser para não foder você agora. É o que eu sei fazer. Foi isso que aprendi. Mas por você, vou tentar fazer amor.

Uma lágrima rolou pela sua bochecha e eu a beijei.

Cada vez que eu estocava, ela sentia o movimento do meu corpo, deixando-a um pouco mais molhada. Eu a beijei gentilmente de novo, aproveitando cada golpe da minha língua, que dançava junto com a dela.

Saboreando a sensação aveludada da minha boca na sua, comecei a fazer movimentos para dentro e para fora de sua boceta molhada antes de me afastar para olhar em seus olhos.

Eu adorava ver cada emoção que eu sentia através do seu olhar. Ele espelhava cada sentimento que se mostrava dentro de mim num nível que nunca entendi muito bem, mas eu não ligava porque estava lá.

Aquilo era para mim.

Somente. Para. Mim.

Passei o polegar no seu rosto e ela sorriu quando beijei a ponta do seu nariz e comecei a estocar um pouco mais rápido. Com um pouco mais de força. Posicionando meu joelho um pouco mais alto, levantei sua perna e sua respiração acelerou. Eu sabia que estava estimulando seu ponto G um pouco melhor naquele ângulo.

— Assim está gostoso?

— Está...

Desci a mão para brincar com seu clitóris.

— Assim... eu gosto assim... eu gosto assim...

— Seu corpo foi feito para mim, Haven. Você foi feita só para mim. Você é minha agora. Entendeu?

— Você promete?

— Eu juro.

Segurei sua nuca e ficamos nos encarando. Minha testa pairava sobre a dela enquanto tentávamos recuperar o fôlego e encontrar a sintonia perfeita.

— Não feche os olhos. Quero assistir você gozar no meu pau.

— Eu gosto dessa coisa safada que você está fazendo.

— Querida, você não tem ideia. Estou pegando leve com você.

Mal posso esperar para foder você em todas as posições e reivindicar meu direito a todos os seus buracos.

Seu corpo começou a estremecer.

— Diga, — eu rosnei em meio a um beijo.

— Hayes, eu te amo, — ela disse com a voz rouca e eu juro que meu pau ficou mais duro.



Haven

A cada beijo.

A cada toque.

Cada vez que ele enfiava.

Estava me fazendo promessas silenciosas.

Ele beijava apaixonadamente meu rosto, a minha mandíbula, minha testa e a ponta do meu nariz. O quarto começou a girar como quando sua cabeça estava no meio das minhas pernas.

Inclinei a cabeça para trás e minha respiração ficou mais acelerada e urgente. Ele imediatamente começou a lamber meu pescoço e meus seios, deixando pequenas marcas. Eu não queria me mexer, queria aproveitar a sensação de ter ele em cima de mim. Seus olhos estavam animados, iluminados e cheios de amor por mim.

Nossas bocas estavam abertas, ainda se tocando enquanto ofegávamos profusamente, tentando sentir cada sensação do seu pau dentro de mim. Nossos corações pareciam palpitar nas paredes.

— Caralho, Haven... goza no meu pau.

E eu gozei.

— Hayes... — suspirei.

— Caralho, — ele gemeu em algum lugar entre o prazer e a dor.

Eu caí.

Ele caiu.

Nos encontramos em algum lugar no meio do caminho.

Meu mundo girava fora de controle, e o dele também, quando eu desabei debaixo dele e seu corpo se tencionou em cima do meu.

Ele era a minha casa.

Ele sempre seria a meu lar.

Depois que ele gozou fundo dentro de mim, eu repeti várias vezes:

— Eu te amo, Hayes.

Não importava quantas vezes eu dissesse, não seria o suficiente. Aquele deveria ter sido o começo de tudo, mas, na realidade, havia uma grande chance de ser...

... o nosso fim.

CAPÍTULO 24

HAYES

— Eu preciso dele o quanto antes, — ordenei no telefone.

— Precisa do que o quanto antes? — Haven se intrometeu, entrando no meu quarto só de toalha depois do seu banho.

Desliguei a ligação sorrindo para ela.

— Olha só como você está gostosa assim. — Ela sorriu maliciosamente. Andando em direção a ela, perguntei: — A sua boceta apertadinha está muito dolorida?

Os olhos dela se arregalaram.

— Você quer mais uma rodada? Sabe que para alguém que estava tão decidido a não fazer sexo comigo, você não deveria estar pensando nisso agora. Transamos duas vezes desde a noite passada e me acordou com a boca lá embaixo.

— Lá embaixo? — brinquei passando os braços ao seu redor. — O que posso dizer? Eu queria comer você de café da manhã. — Ela corou. — Querida, eu fodi você com a língua. Por quanto tempo você ainda vai ficar vermelha desse jeito? — Ela riu quando eu agarrei a sua bunda. — E então, quando vai deixar eu te foder aqui atrás?

O queixo dela caiu.

— Você não queria tirar a minha virgindade e agora você acha que tem direito a todos os meus buracos.

— Que tal se da próxima vez for esse aqui? — insinuei, esfregando sua boca com meu polegar.

— Ah, entendi. — Ela jogou os braços em volta do meu pescoço. — Você também quer a minha boca lá embaixo?

— Docinho, eu queria mais do que tudo que você caísse de boca no meu pau, mas me deixa fazer um café da manhã para você primeiro.

Bati na sua bunda, fazendo ela gritar.

— Posso comer bacon? Eu queria carne.

— Vou encher você de carne, — esfreguei o pau nela.

— Uau, — ela estava animada. — Você está de bom humor

hoje.

— Tem outra coisa que você precisa saber sobre mim, sempre fico de bom humor quando as minhas bolas estão vazias.

— Hayes! — Bati na sua bunda de novo e saí. — Ai, meu Deus, você é fogo.

— Os homens são simples, docinho. Nos deixe satisfeitos quanto à fome e ao sexo e ficaremos contentes.

— Obrigada pela dica.

— Querida, eu te dei muito mais do que só uma dica.

Ela abafou uma risada e me seguiu para a cozinha, sentando-se no banquinho da ilha.

— Aproveitando que você está tão de bom humor, precisamos conversar.

— Essas são as palavras que todo homem quer ouvir.

— Estou falando sério.

— Eu também, mas não consigo conversar com você molhada de toalha.

Tirei a camiseta e joguei pra ela.

Ela sorriu, pegando no ar.

— Também estou sem calcinha.

Grunhi alto, tirando os ovos e o bacon da geladeira.

— Pare de ser tão deliciosa antes que eu te debruce sobre o balcão e queime a comida.

Ela riu de novo.

— Ok. Vou colocar a roupa.

Eu concordei com a cabeça e liguei o fogo baixo.

— Eu gosto de você com a minha roupa e sem calcinha.

— Certo... Que tal se você se concentrar enquanto conversamos sobre o seu pai?

— Haven, não tem o que discutir.

— Como assim?

— Você não vai voltar para o bar.

— O quê? — ela exclamou.

— Você me ouviu.

— Vou voltar para o trabalho, Hayes.

— Ótimo, você pode trabalhar em outro lugar.

— Ah, então você quer que eu trabalhe em outro lugar onde você não possa vigiar cada passo meu?

— Não me sacaneie, docinho. Você pode trabalhar no shopping ou algo assim.

— No shopping? Não vou ganhar tanto dinheiro quanto estou ganhando no bar.

Eu me virei, encostando no balcão com os braços cruzados sobre o peito. Aquela mulher ia me mandar mais cedo para o

cemitério.

— Você quer trabalhar no bar do homem que mandou você para uma armadilha? Faça isso fazer sentido.

Ela pensou no assunto por alguns segundos.

— E você?

— Eu, o quê?

— Você foi tirar satisfação com seu pai por causa do que ele fez?

Eu concordei com a cabeça.

— O que ele disse?

— Ele não podia falar muito com a minha arma apontada para a sua cabeça, podia?

Ela foi para trás.

— Você fez o quê?

— Lidei com a situação. É tudo o que você precisa saber.

— Eu posso cuidar da situação sozinha.

— Bem, isso funcionou muito bem lá no depósito, não é mesmo?

— Agora estou mais esperta.

— Você devia ter ficado esperta o tempo todo.

— E daí? Ele vai pensar que pode me fazer fugir da sua vida?

Você vai facilitar assim pra mim?

— Nada disso é fácil.

— Hayes...

— Você só precisa marcar essa viagem para o próximo ano. Isso vai te dar mais tempo de ganhar o dinheiro.

— Não.

— Haven...

— Não me venha com Haven nesse tom paternal. Vou fazer a minha viagem depois da formatura com ou sem você.

— Por que tem que ser depois da formatura? A Europa não vai fugir. Você pode ir a qualquer hora.

— Você não entende.

— Você não está facilitando o entendimento para mim.

— Tenho que ir depois da formatura. — Inclinei a cabeça para o lado, confuso. — Eu tenho que fazer isso porque ela não pode. — Estreitei o olhar, prestando atenção ao que ela me contava. Haven curvou a cabeça e a balançou. — Desde que eu me entendo por gente, minha mãe e eu prometemos uma à outra que viajaríamos depois da minha formatura, e eu tenho intenção de cumprir essa promessa. — Ela parou de falar e olhou para mim. — É a única coisa dela que eu tenho, Hayes.

Eu não sabia o que dizer. Eu mal respirava. No momento exato, o bacon começou a chiar e eu me virei imediatamente e joguei

a comida queimada na pia.

— Puta que pariu! — rosnei, desligando o fogo.

Apoiando as mãos no balcão, fechei os dedos, irritado pra caralho com o rumo dos acontecimentos.

Quando senti aquelas mãos gentis passando nas minhas costas, congelei.

— Desculpa. — Seus lábios roçaram minhas costas e parecia que ela enfiava uma lâmina na minha pele. — Não quero brigar com você de novo. Sei que nunca contei nada sobre ela para você. Odeio falar no assunto. Dói muito. — Dei um longo suspiro. — Será que você pode tentar entender? Quero honrar a nossa promessa e não vou conseguir fazer isso se não continuar a trabalhar no seu bar. Juro que assim que me formar, eu saio, tá bom? Você nunca mais vai ter que se preocupar com o fato de eu estar perto do seu pai. — Ela beijou suavemente minhas costas e me virou para encará-la. Olhando fundo nos meus olhos, ela acrescentou: — Não fique bravo comigo. Eu te amo.

— Não sou um violino, docinho. Você não pode me manipular como se fosse um.

— Eu não estou te manipulando. Eu realmente te amo muito. Não queria te contar sobre a minha mãe desse jeito. Eu só precisava que você entendesse porque estou tão decidida a ficar no emprego.

O meu olhar intenso se desviou para a sua cicatriz na sobrancelha.

— É. — Ela leu a minha mente. — É do nosso...

— Se eu concordar com isso, você tem que me prometer que vai ficar longe do Billy. Está claro?

Ela franziu o cenho.

— Você não quer saber o que aconteceu com a minha mãe?

— Não quero compartilhar histórias tristes.

— Mas eu quero saber a sua. É sobre a sua mãe, o seu passado, ou ambos?

— A minha vida inteira foi uma história triste, Haven.

— Como assim? — *Silêncio*. — Por que não pode ser sincero comigo?

— Não posso voltar no tempo e mudar as coisas. O que aconteceu, aconteceu.

— Pelo menos eu sentiria que sei de alguma coisa. Você não me conta nada e não entendo o porquê.

— Sou um homem fechado. Foi assim que sobrevivi. Não sei me abrir com ninguém. Principalmente você.

— O que tem de errado comigo?

— A única coisa que tem de errado com você, docinho, é que você me ama.

Seus olhos se encheram de lágrima.

— Bem, se há algo de errado nisso, eu não quero estar certa. Seu pai não pode ter esse domínio tão forte sobre você. Tem que haver outra razão. Por favor, pare de me afastar e só me conte o que está acontecendo. Isso vai consertar tudo.

— Não, querida. Vai despedaçar o seu mundo.

Lágrimas rolaram pelo seu lindo rosto. Não tentei secar nem beijar as lágrimas. Era eu que estava causando aquela dor, eu merecia cada uma delas.

— É assim que vai ser sempre entre a gente? Você com a guarda alta?

— Haven, me desculpe, não posso dar a você o que você quer.

— Pode, sim! Mas você não quer. — Ela se virou de costas abruptamente, como se não pudesse mais me olhar. — Você é a primeira pessoa que... — Seu peito subia e descia. — Durante dez anos, senti que algo em mim tinha morrido, e tinha mesmo. Pela primeira vez na minha vida, você levou embora esse sentimento, mas fica estragando tudo.

Vê-la daquele jeito estava partindo o meu maldito coração. Para um homem que achava que não tinha mais um, era devastador. A vida podia mudar tão rápido. Numa idade tão jovem eu tive que aprender a respirar com a dor até que um dia, ela começou a fazer parte de mim.

E agora...

... eu não sabia sobreviver sem ela.

CAPÍTULO 25

HAVEN

Eu amava aquele homem, mas não conseguia de jeito nenhum fazer com que ele estivesse realmente comigo. Queria saber sobre o seu passado.

Sua mãe.

Sua vida...

Porém, ele estava decidido a manter o seu muro tão alto que eu nunca seria capaz de escalá-lo. Estava óbvio que não importava o que eu dissesse ou fizesse para que ele pensasse que poderia ser sincero comigo.

Que podia confiar em mim.

Do contrário, minhas palavras e ações apenas o afastavam ainda mais.

Eu era uma garota paciente, mas estava chegando ao meu limite com ele. Não tinha como fazê-lo entender. Não importava o que eu fizesse.

Ele me virou e segurou a parte de trás do meu pescoço, me fazendo olhar para ele.

— Hayes... — tentei me afastar. — Agora estou brava com você de novo.

— Querida, vai se acostumando. Vai acontecer muitas vezes.

— Por que você tem que ser tão difícil?

— Eu sinto muito, não posso ser o homem que você precisa e quer. Acredite em mim, me sinto mal de ver você assim. Eu odeio essa situação e saber que sou a causa é ainda pior. Não consigo mudar quem sou. Foi isso que aprendi. Só me dê um pouco de tempo, ok? Me deixe esclarecer umas coisas. Prometo que vai ser a primeira a saber quando eu estiver pronto. Você pode fazer isso por mim? — Enquanto ele limpava as minhas lágrimas, eu suspirei profundamente. Ele sorriu. — Me deixe compensar pra você.

— Ah, não! — Estendi o dedo na frente do meu corpo. — Você

não pode usar o sexo para fugir da conversa sobre o meu emprego no bar. Não vou desistir daquilo. Volto a trabalhar este fim de semana.

— Pelo amor de Deus! — ele exclamou. — Por que é tão difícil pra você me ouvir?

Devolvi as suas mesmas palavras:

— Eu sou assim. Foi isso que aprendi.

— Tá bom. Não quero que você viaje sozinha, mas quero muito menos que trabalhe no bar. Se tiver que fazer isso, eu te dou o dinheiro para viajar.

— Hayes, você não pode estar falando sério.

— Estou falando seríssimo.

— Não posso aceitar o seu dinheiro.

— Pode, sim.

— Não, não posso. Vai saber quando vou ter para te devolver.

— Não precisa devolver. Considere como um presente de formatura.

— Você está ficando louco, não posso aceitar.

Ele abriu a boca para responder, mas seu telefone tocou. Tirando o aparelho do bolso do short, ele atendeu.

— Alô.

Reconheci na hora a voz de Cove do outro lado da linha.

— *É a Cove. Uhm... desculpe te ligar, mas eu peguei seu número com o Mark. A Haven está com você?*

Tomei o telefone da mão dele.

— Cove, — exclamei, entrando em pânico na hora. Se ela estava ligando para Hayes, era porque a coisa estava ruim. — O que foi?

— *Ai, meu Deus!* — ela gritou. — *O que aconteceu com o seu telefone?*

— Como assim?

— *Está caindo direto na caixa postal.*

— Puta merda. — Meu estômago se contraiu. — Esqueci de tirar do modo avião ontem à noite.

— *Você precisa ir pra casa.*

— Ai, meu Deus...

— *É! A sua família está surtando, Haven! Estão te procurando a noite toda. Jace veio até a minha casa, mas eu não queria te dedurar, então não atendi a porta. Sorte que meus pais estão fora da cidade. Ele parecia pronto para matar alguém.*

Eu estava ferrada.

— *Seu irmão precisa mesmo trabalhar naquele temperamento e aprender a lidar com a raiva dele. Seu irmão deixou um recado muito desagradável no meu carro. Sem falar na quantidade de vezes que ele me ligou. Você deu meu número para ele?*

— Não, — respondi, balançando a cabeça apesar de ela não poder me ver.

— *Droga! Ele deve ter conseguido quando fiz ele parar no posto de gasolina no caminho para a minha casa.*

— Cove, não perde o foco!

— *Ah, desculpa! Seu irmão enche meu saco como mais ninguém. Eu sei que você está passando pelo seu próprio drama, mas me lembre de te contar o que tive que aguentar quando ele me levou para casa.*

— Está saindo do assunto, Cove.

— *Eu teria ligado para Hayes ontem à noite, mas não consegui contato com Mark, e ele só me retornou há alguns minutos. Liguei para você assim que desligamos; não falei com ninguém da sua família, mas você precisa ir para casa agora. Eles já devem ter acionado o FBI para procurar você.*

O pior era que ela não estava exagerando.

— Obrigada por não atender Jace. Te devo uma.

— *Imagine.*

— Te amo. Te ligo mais tarde se estiver viva.

— *Também te amo e vou rezar por você.*

— Tchau.

Desliguei e fui correndo para o quarto de Hayes me vestir. Como ele tinha ouvido a conversa, eu não precisava explicar nada.

— Por que você não tirou o seu telefone do modo avião ontem à noite?

Eu respondi, sarcástica:

— Ah, não sei. Talvez porque você tenha me deixado um pouco ocupada a noite toda? — Olhei ao redor do quarto. — Cadê a minha calcinha?

Ele procurou dentro do bolso do seu short e a jogou para mim.

— Você cheira calcinha agora?

Com a expressão séria ele perguntou:

— O que você vai dizer à sua família?

— Sei lá. Talvez que eu e a Cove fomos a um show? O *Life of Debauchery* não está em Rock Springs essa semana?

— Você está perguntando para mim?

— Certo... tenho quase certeza de que estão no Rock Springs, que fica a umas três horas daqui. Vou dizer que decidimos ir de última hora e que eu mandei mensagem quando chegamos lá, mas o sinal estava uma bosta e a minha mensagem não chegou. Era um show de rock, nós fomos para a pista e perdemos nossos telefones.

— Não sei o que é mais assustador: o fato de você ter inventado uma mentira tão rápido ou que ela faça tanto sentido. Acha que vão acreditar em você?

— Acho que sim.

— Odeio o fato de você estar mentindo para a sua família por minha causa.

— Não é culpa sua. É minha. Eu deveria ter tirado do modo avião. Eu só... nós estávamos... você sabe... e eu esqueci completamente.

— Se não fosse por minha causa, você não teria esquecido.

— Hayes, por favor, não começa. Não podemos ficar tendo essa discussão repetidamente. É cansativo e está desgastando o nosso relacionamento. Deveríamos estar na fase da lua de mel, não nessa porcaria desse pingue-pongue. Já sou adulta e estou cansada de todo mundo me tratar que nem criança, ou pior, que nem uma bonequinha de porcelana que pode quebrar a qualquer minuto.

— É melhor você se apressar, docinho, — ele mudou de assunto. — Não tem necessidade de fazê-los esperar mais.

— Estamos bem?

Ele concordou com a cabeça.

Depois que me vesti, peguei a minha bolsa e dei um beijo nele.

— Dirija com cuidado, tá bom?

— Vou dirigir.

Dei nele um último beijo e corri para a porta, tentando desesperadamente ignorar a expressão preocupada em seu rosto. Apesar de Hayes ocupar uma boa parte da minha mente, não conseguia parar de pensar no que a minha família havia passado naquela noite.

Eu normalmente adorava o fato de Hayes morar a uma hora de casa, mas naquela manhã senti exatamente o contrário. Parecia que eu tinha dirigido durante cinco horas quando finalmente estacionei o carro.

— Merda! — berrei, notando imediatamente os carros de polícia parados ali também.

Mas não fiquei surpresa. Meu pai tinha conhecidos na cidade. Mal tive tempo de registrar o que estava acontecendo, corri para a porta da frente. Assim que pisei na escada do alpendre, a porta se escancarou e meu pai apareceu.

— Graças a Deus, — ele bradou, me estreitando nos braços.

O jeito como ele me apertou foi desesperador para mim. Eu me senti uma merda, mais do que já estava me sentindo. Só me fazia lembrar da última vez que ele havia me abraçado daquela forma. Meus irmãos logo apareceram, e já foram me abraçando também.

— Haven, — um dos policiais falou, chamando a minha atenção. — Você tem ideia do que fez a sua família passar?

— Eu posso imaginar. Não percebi que a minha mensagem não tinha chegado até encontrar o bilhete que Jace deixou no carro da Cove.

Jace zombou:

— Aquela garota é encrenca.

— Isso não é justo. Não é culpa dela que perdemos nossos celulares.

— Onde você estava? — Alexander perguntou.

— Pensei que você tinha que voltar para Los Angeles. O que tá fazendo aqui?

— O que acha, pequena? Não podia ir sabendo que ninguém te encontrava.

— E o seu filme?

— Não se preocupe. Eles não podem começar a filmar sem mim.

Alexander era ator. Tinha feito o primeiro papel mais importante há três anos. Ele tinha a mesma idade de Hayes e já conquistou tanto.

— Eu sinto muito. Eu e Cove fomos assistir ao show do *Life of Debauchery* em Rock Springs. Eu mandei mensagem, mas o lugar estava lotado e o sinal devia estar péssimo. Acho que a mensagem não chegou.

Reid acenou para mim com a cabeça.

— Cadê o seu telefone?

— Nós fomos para a pista e perdemos.

— Isso é extremamente conveniente, — Jace insinuou.

— Não quisemos voltar dirigindo, então ficamos em um hotel lá perto. Eu não queria assustar todos vocês achando que algo tinha acontecido comigo. Eu sinto muito. Prometo que não vai acontecer de novo.

Eu podia ver nos seus olhos que não acreditavam em mim.

Merda.

Apesar de que o olhar do meu pai era uma mistura de incerteza e curiosidade.

— Pelo menos está em casa agora, — outro policial se intrometeu. — Podia ter sido bem pior.

— Obrigado, Doug, — meu pai apertou sua mão. — Agradeço por não ter esperado as vinte e quatro horas.

— Sem problemas.

Quando eles foram embora eu repeti:

— Não sei o que dizer além de sinto muito.

Jace falou entredentes:

— Que tal a verdade?

— Ele está certo, — Ledger rosnou, — Por onde raios você andou?

— Pequena, se você estava com algum cara, — Jace fechou os punhos ao lado do corpo, — Deus me ajude a não matar o desgraçado.

Troy completou:

— E eu te ajudo.

— É isso? — Alexander perguntou. — Você passou a noite com alguém?

Meu Deus. Eles estavam me massacrando.

— Não, — balancei a cabeça fervorosamente. — Eu disse a verdade.

— Com que tipo de homem está se encontrando que não tem respeito pela sua família?

— Jace, não estou com ninguém.

— Mentira! Espera que a gente acredite na sua história com a sua melhor amiga desonesta?

— Cove não tem nada a ver com isso.

— Essa menina é um pé no saco desde pequena. Por acaso foi aquela piranha que te apresentou para esse cara com quem você anda dormindo?

Eu arfei, mas antes que pudesse gritar com ele, nosso pai interveio:

— Já chega! — O olhar de todos se dirigiu para ele. — Eu sou o pai dela. Vocês são os irmãos. Se ponham nos seus lugares! — *Graças a Deus!* Nunca o agradeci tanto como naquela hora. — Agora deixem ela em paz! A garota já disse onde estava. Ela já se desculpou. Fim de papo.

— Pai, é óbvio que ela está mentindo.

— Jace, já chega! Vocês todos vivem as suas próprias vidas. Ela tem dezoito anos e logo vai se formar. Haven também tem direito de viver a própria vida. Não podem cuidar dela para sempre. Sua mãe não ia querer isso nem pra vocês nem para ela. Agora, mostrem algum respeito pela irmã de vocês. Fui claro?

Eles acenaram com a cabeça, se afastando. Aproveitei para entrar em casa e sair de perto deles. Nunca teria imaginado que o nosso pai...

Ficaria do meu lado.

CAPÍTULO 26

HAVEN

Depois de mudar de roupa, fui para a piscina, lembrando quando nós brincávamos ali enquanto nossa mãe observava da janela da cozinha. A alegria pura em seu rosto era uma das suas expressões que eu mais gostava. Não sei por quanto tempo fiquei lá fora, sentada com os pés na água.

Por alguma razão, eu sentia muita falta dela naquele momento. Quando, de repente, meu pai se sentou do meu lado com o pé perto do meu.

— Eu sinto muito, pai. Me sinto péssima pelo que você deve ter sentido ontem à noite. Eu só posso imaginar o que você passou.

Mais uma vez, ele me surpreendeu com a pergunta:

— Ele te faz feliz? — Me endireitei, olhando para ele. Ele sorriu amavelmente. — Eu não nasci ontem, Haven.

Estreitei os olhos.

— Por que me defendeu se também acha que estou mentindo?

— Amor, eu não acho. Eu sei.

— O que você sabe?

— Sei que nunca está por perto ultimamente. Está sempre fora com a Cove. Meu anjo, eu reconheço esse seu olhar. É igual ao que a sua mãe lançava para mim. — Comecei a sentir as lágrimas empoçando nos meus olhos. Nós nunca falávamos dela daquela forma. — Minha menininha está apaixonada.

— Pai, desculpe mentir pra você.

— Você está usando proteção? — Nós nos encaramos. — Não é fácil para mim ter esta conversa com você, Haven. Você é a minha menininha. Você sempre será a minha menininha. Esta é definitivamente uma conversa que você deveria estar tendo com a sua mãe, mas ela não está aqui e não estou pronto para ser avô ainda.

Lágrimas rolavam dos meus olhos, sabia que era difícil para ele olhar para mim como se eu não fosse mais a sua garotinha.

— Pai, não é assim. Ele me respeita. Acredite em mim, é a

última coisa que ele quer.

Ele secou as minhas lágrimas.

— É como se num piscar de olhos você tivesse se transformado nessa mulher linda de quem eu não poderia ter mais orgulho. Você nunca me deu tanto trabalho como seus irmãos. Sempre foi a minha menininha boazinha. Agradeço a Deus todos os dias por você. — Ele pausou, esperando as suas palavras serem absorvidas. — Desde o primeiro instante em que peguei você no colo, sabia que era especial. Eu só não percebi o porquê até não ter mais a sua mãe por perto. Você lembra tanto ela e eu sei que Deus te enviou para me dar forças para viver sem ela.

As lágrimas rolavam livremente pelo meu rosto. Não tinha como pará-las.

— Assistir você crescer e se tornar tudo o que sempre quisemos foi uma das maiores alegrias da minha vida, Haven. Não posso imaginar a minha vida sem você. — Eu sentia o peso de suas palavras na boca do meu estômago. — Depois de todos esses anos, quando olho para você e vejo sua cicatriz na sobrancelha, eu não sinto mais dor. Do contrário, ela ajudou a me curar. Você e seus irmãos são as nossas maiores conquistas e vocês são o único motivo pelo qual sobrevivi à perda do amor da minha vida.

— Pai... — chorei. — Eu sinto tantas saudades dela.

— Eu sei, meu amor. — Ele me puxou para perto de si e beijou o topo da minha cabeça. — Eu achei... meu Deus, Haven..., achei que tinha perdido você também, e se tivesse, eu não iria sobreviver. Não posso perder as minhas duas garotas.

— Eu sinto muito. Por favor, me perdoa. A última coisa que quero é que passe pelo que passou ontem à noite.

— Quem é esse cara por quem a minha pequena está apaixonada?

Eu sorri.

— Eu nunca entendi quando as pessoas diziam que você se apaixona por homens que parecem o seu pai, mas esse é o caso aqui. Ele é muito parecido com você. Quietos. Inspira respeito. Teimosos. Protetores. A lista de coisas que me lembram você continua. O jeito como você olhava para a mamãe é o jeito que ele olha pra mim, pai.

— Ele tem muita sorte de ter você. Ele sabe disso?

— Acho que sim.

— Como você o conheceu?

— Por aí.

— Ele está na faculdade?

— Não.

— Quantos anos ele tem?

— É mais velho,

— Quanto tempo mais velho, Haven?
— Não se preocupe. Não tenho atração por homens mais velhos.
— Eu dei um meio sorriso. — Ele não tem a sua idade.

Meu pai riu.

— Ele te trata bem?

— Trata.

— Ele te ama?

— Ama.

— Se ele te magoar, você sabe que iremos matá-lo, certo?

Concordei com a cabeça, sorrindo.

— Eu sei.

— Ele sabe disso?

— Está ciente.

— Vou conhecê-lo em breve?

— Espero que sim.

— Tem alguma coisa que você não está me contando. Eu sinto.

Não sabia ao certo quanto podia contar ao meu pai. Eu estava com medo de dizer algo errado. Em vez disso, apenas disse:

— Ele é complicado.

— A maioria dos homens é.

— Pelo que percebi, ele não teve a melhor das infâncias. Ele e o pai não se dão nada bem. Tem várias histórias ruins entre eles.

— E a mãe?

Dei de ombros.

— Ele não fala dela. Ele não fala muito sobre si mesmo, mas está sempre interessado na minha vida. Quer saber tudo sobre mim. Ouve atentamente tudo o que eu digo. Nunca conheci ninguém como ele. No momento em que nos conhecemos, senti uma conexão profunda com ele. Como se nos conhecêssemos desde sempre.

— Também senti isso com a sua mãe. É um sentimento muito bonito.

— Também é um pouco assustador.

— Pode ser, mas sei que você sabe julgar o caráter das pessoas. Você sabe a diferença entre certo e errado. Eu confio no seu julgamento.

— Obrigada, pai.

— Seus irmãos, por outro lado, você sabe como eles são protetores com você. Eles querem o seu bem. Não use isso contra eles.

— Eles nunca vão me deixar crescer. Eles ainda me tratam como se eu tivesse cinco anos.

— Eles ainda veem você como se tivesse cinco anos.

— Quando isso vai mudar?

— Meu anjo, quando trouxemos você para casa, achamos que seria difícil para eles, pois nunca tinham ficado perto de uma

bebezinha. Ficamos chocados porque aconteceu o oposto. Eles te amaram no mesmo instante.

— Eu sei.

— Vocês têm sorte de terem uns aos outros. É raro encontrar entre irmãos o amor que vocês têm um pelo outro.

Era verdade. Eu via isso em primeira mão com as minhas próprias amigas. Seus irmãos eram sempre maldosos com elas. Nunca queriam elas por perto. Eram como cão e gato se comparados com a forma como eu cresci com os meus irmãos.

— Só está sendo difícil para eles com tantas mudanças ocorrendo com você.

— Eles têm um péssimo jeito de demonstrar isso.

— Eles vão perceber, Haven.

— Espero que sim. É duro sentir que tenho seis pais, em vez de um.

— Sua mãe sempre se preocupou com isso. Quanto eles iriam afetá-la conforme você fosse crescendo. Você foi a que passou menos tempo com ela. Acho que é por isso que você e Troy sempre foram tão próximos. De todos eles, ele foi o que passou menos tempo com ela também.

— É... — foi a única resposta que encontrei.

— Vocês são uma família. Vocês vão brigar e discutir, mas no fim do dia, sempre terão uns aos outros.

— Eu sei.

— Sinto muito por você não ter experimentado um lar com outra mulher por tanto tempo quanto eles. Sei que isso te afetou de formas muito diferentes do que os afetou.

— Pai, você fez um trabalho incrível desempenhando os dois papéis para mim.

— Desde o dia em que nos casamos, prometemos um ao outro que se alguma coisa acontecesse com algum de nós, estaríamos sempre ao lado dos nossos filhos. Não importa o que acontecesse.

— Você a deixou orgulhosa.

— Eu tentei.

— Foi por isso que não se casou de novo?

— Minha menininha, compartilhar com alguém o tipo de amor que eu e a sua mãe compartilhamos não tem como substituir. Sou feliz com a vida que tenho. Você e os seus irmãos são o suficiente para mim.

Ouvi-lo dizer aquelas palavras era muito reconfortante. Eu me preocupava muito com ele. Principalmente depois que eu fosse embora para a faculdade e ele ficasse sozinho naquela casa gigante.

— Eu quero conhecê-lo, Haven.

— Você vai.

— Que tal se não demorar muito?

— Tá bom.

— Apenas lembre-se de que, o que quer que aconteça entre vocês dois, — suas próximas palavras não poderiam ter sido mais precisas: — já estava escrito nas estrelas.

Voltei a casa de Hayes no dia seguinte sentindo que...

... a bênção do meu pai ia junto comigo.

CAPÍTULO 27

HAYES

Dizer que odiei quando Haven entrou no meu escritório no bar era pouco.

— Não olhe para mim assim, Hayes. Eu te falei que voltaria ao trabalho hoje.

— Isso não torna mais fácil ver você aqui, docinho.

— Eu sei. Mas olha como estou bonitinha, — ela flertou.

Eu me inclinei para frente na mesa e apoiei os cotovelos.

Haven rodopiou, exibindo o uniforme de líder de torcida. A camisa plissada deixava pouquíssimo para a imaginação, e a bunda estava quase saindo para fora do shortinho.

— O que foi? — ela se fingiu de tímida. — Eu vim pra cá direto do jogo e não deu tempo de me trocar. Ou talvez, eu devesse servir as mesas usando isso hoje? Aposto que ganharia as melhores gorjetas.

— Haven, você está tentando me irritar mais do que já estou irritado?

— Claro que não. Só achei que... — Ela desfilou até a frente da minha mesa. — Talvez a gente pudesse estrear o escritório antes do meu turno.

— Por mais tentador que isso possa parecer, — me recostei na cadeira, — tenho uma ligação em alguns minutos.

— Mas você não está nem sorrindo e eu estou tentando atrair o inimigo. — Dei uma risadinha. — Viva! Consegui uma risadinha. Sabe o que mais tenho para você?

— Minha sanidade?

Ela bateu palmas, e cantou:

— Banguê, banguê, xique, xique, olha o trem! — E pulou no ar com as pernas aberta. Quando caiu no chão, continuou: — Vamos lá, Hayes! Faça o seu melhor!

Ela terminou a performance balançando a bunda na minha cara.

Embora eu estivesse chateado, meu pau não dava a mínima. O triste era que... ele tinha ficado duro pra caramba com aquela dancinha.

— Ainda está bravo comigo?

— Furioso.

— Ah, qual é? O que mais você precisa? Praticamente temos a bênção do meu pai, lembra?

— O seu pai é apenas um dos nossos problemas. O maior deles é o fato de que você não me ouve.

— Ouço, sim.

— Se ouvisse, não estaria na minha frente usando esse uniforme escrito “me coma”.

— De novo esse papo?

— Nós nunca fomos até o fim dele.

— Não tenho medo do Billy.

— Deveria ter.

— Então por que você tem quarenta e nove por cento do bar?
— Ela levantou os braços ao lado do corpo. — Ah, é, você não responde nenhuma das minhas perguntas, mas espera que eu cumpra todas as suas exigências.

Eu a surpreendi quando disse:

— Não tive escolha.

— Como assim? Ele te subornou?

— Não.

— Então foi o quê?

— Ele usou a minha mãe contra mim. — Ela recuou. — Você queria respostas, aí está uma.

— Como ele a usou?

— É uma longa história.

— Eu tenho tempo.

— Eu não — ela abriu a boca, mas meu telefone tocou. — Tenho que atender.

— Então, atenda.

— Preciso de privacidade, — informei em um tom severo.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Ah! — ela exclamou. — Uhm... claro. Sem problemas.

Eu não queria magoá-la, mas era óbvio que a tinha magoado.

— Docinho...

— Vou me trocar. Vejo você mais tarde.

Dizendo isso, ela se virou e saiu, fechando a porta atrás de si.

— Caralho. — Balancei a cabeça, esfregando as têmporas para afastar a dor de cabeça que se aproximava. — Alô.

Atendi o telefone, sentindo que o peso do mundo pairava sobre os meus ombros.

Haven

Com quem ele está falando?

A pergunta atormentava a minha mente enquanto eu me lavava no chuveiro dos funcionários para limpar o suor do jogo. Quando terminei, coloquei uma calça jeans rasgada e um *cropped*, também preendi o cabelo e me maquiei antes de sair para o bar. Durante a hora que se seguiu, atendi as minhas mesas até que vi Billy sentado na cabine do canto com seus amigos motoqueiros de sempre ao seu redor.

Tinha alguma coisa na forma como ele estava sentado ali sem dar a mínima para o mundo, completamente imperturbável a respeito do que ele me havia feito passar no depósito que provocou a minha raiva, e quanto mais eu pensava no que tinha acontecido, mais furiosa ficava.

O cara que bateu na minha bunda me encurralou na parede atrás de mim.

“Por que está correndo, gata? Só quero experimentar.”

“Experimentar, o quê?”

“A sua bocetinha.”

Meu coração parou, e eu abri a boca para gritar, mas só consegui soltar um mero guincho antes de ele colocar a mão sobre os meus lábios.

“Shh... Não precisa fazer cena. Além disso, ninguém vai te ouvir aqui, gata.”

Afastei a lembrança e o medo que sentia e decidi. Com um passo determinado depois do outro, eu estava de pé na frente dele antes de perceber o que estava fazendo.

Incapaz de voltar atrás, falei entredentes:

— Não sei o que você estava tentando armar para mim na semana passada, mas aquilo nunca vai acontecer de novo. De agora em diante eu não trabalho mais para você, eu trabalho para o seu filho, que, deixe-me lembrá-lo, é um homem muito melhor do que você.

— Detesto partir o seu coração, mas fui eu que ensinei tudo o que ele sabe.

— Bem, graças a Deus, ele não é nada parecido com você.

— É aí que você se engana, querida. Ele é exatamente como eu. Somos farinha do mesmo saco. Ele é sangue do meu sangue.

Eu não hesitei:

— Ele também é sangue do sangue da mãe dele.

Seus olhos se arregalaram.

— O que você sabe sobre a mãe dele? Ele te contou sobre ela?

— Eu sei que ela é o motivo pelo qual ele é a melhor coisa que já aconteceu comigo. Ele é protetor. Carinhoso. Amável. Faz qualquer coisa por mim. Diferente de você, que usa as garotas para executar os planos doentios que você tem em mente. Vou deixar algo bem claro, se acha, por um segundo, que me assustou quando me mandou para aquele depósito para ser estuprada, então se prepare. Seu tiro saiu pela culatra. Aquilo só fez com que nós nos aproximássemos mais.

— Estuprada? — um dos seus amigos motoqueiros se intrometeu.

— É, — afirmei olhando para ele. — Não sabe o que o seu Presidente fez pra mim na semana passada?

— Está na hora de calar a boca, — Billy rosnou.

Eu o enfrentei:

— Ou o quê? Olha a novidade, babaca! Não tenho medo de você.

— Mas vai ter.

Antes que a última palavra saísse da sua boca, Hayes tinha, de repente, se colocando entre nós.

Merda.

Foi só então que me dei conta do que eu acabara de iniciar.

— Se você sabe o que é bom pra você vai retirar o que disse agora mesmo ou eu farei isso por você.

— Meu filho. O maldito herói, — Billy sorriu maldosamente.

Olhei em volta, aliviada por perceber que nenhuma multidão havia se reunido. O lugar estava lotado e a música estava alta demais. Ninguém tinha notado.

— Eu sempre te odiei, — Hayes admitiu. — Não só eu, mas a sua esposa também. Você não passa de um monte de merda usando um colete de motoqueiro, Billy. Nunca passou disso.

— E você? Hein? Como se fosse melhor do que eu. Foi por sua culpa que a sua mãe morreu.

Minha boca se entreabriu.

Culpa dele?

Eu estava formigando. Sabia que as coisas não iam acabar bem entre eles.

Entre nós?

Eu nunca poderia ter previsto o que Billy alegaria em seguida... nem em um milhão de anos.

— Você está brincando com fogo, Hayes. Eu sei o que está fazendo. Ela não. Porque se soubesse, ficaria longe de você.

Como assim?

Resisti à vontade de fazer exatamente essa pergunta.

Se Hayes ficou chocado com a insinuação, não demonstrou nem um pouquinho.

— Não achou que eu fosse descobrir, não é? O que foi, filho? Achou que podia me ameaçar e eu não iria fuçar? É a primeira vez que vejo você dar bola para uma garota e não tinha entendido o porquê até agora.

O que estava acontecendo?

Eu estava tão confusa.

— Você vai contar para ela, ou eu deveria?

Eu deixei escapar:

— Me contar, o quê?

Hayes me lançou um olhar que me deixou muda.

— É isso aí, piranha, — Billy vociferou. — Se ponha no seu lugar.

— Hayes, não!

Seu punho voou com um soco no rosto de Billy em menos de um segundo, fazendo com que ele caísse em cima dos seus amigos motoqueiros.

— Da próxima vez, — Hayes avisou. — Não vou ser tão generoso.

Ele se virou, agarrou meu braço e voltamos rapidamente para o seu escritório. Assim que a porta se fechou atrás de mim, Hayes jogou no chão os papéis que estavam sobre a mesa.

— Eu sei, eu sinto muito. Eu só...

Ele me encarou.

— Você não me escuta!

— Eu não tinha a intenção de confrontá-lo, ok? — Precisava contar a ele a verdade. — Aconteceu. Juro para você. Eu o vi ali sentado, rindo e aproveitando a vida e então me lembrei do depósito e surtei.

— Haven...

— Não! Eu não sou essa menininha! Cresci com seis machos alfa fortes. Não sou essa garota dócil, incapaz de se defender! Ele precisava saber que não tenho medo dele. E que ele não me afastou de você! Desculpa. Eu não podia simplesmente deixar passar e deixar você me defender o tempo todo.

— Estou me esforçando muito para manter a minha calma neste exato momento. Você entende quanto isso é difícil pra mim?

Andei em sua direção e coloquei a mão sobre o seu coração. Estava batendo à mil por hora.

— Por favor, não fique bravo comigo.

— Estou furioso.

— Hayes...

— Não é com você que estou furioso. Isso é tudo minha culpa, — ele enfatizou, nervoso. — Eu sou o culpado! Eu sabia, Haven, mas, Deus me ajude, não consigo ficar longe de você.

Sua boca chocou-se contra a minha e minhas costas bateram na parede com um baque alto. Aquilo não era um beijo. Era medo.

Pela primeira vez, Hayes estava me mostrando a sua fraqueza. Eu só nunca imaginei...

... que seria eu.

CAPÍTULO 28

HAVEN

— Haven, — Mark chamou enquanto eu estava atrás do bar, arrumando as bebidas para a noite.

Eram apenas dez horas e o bar já estava cheio.

Desde a minha discussão com Billy, algumas semanas atrás, as coisas estavam um pouco tensas entre Hayes e eu. Para começar, embora dormíssemos na casa dele, ele não tinha mais me tocado. Era quase como se tentasse manter distância, mas, ao mesmo tempo, me quisesse em sua vida e na sua cama.

Eu não conseguia esquecer o que seu pai havia dito. E sabia que, se perguntasse para Hayes, não receberia uma resposta direta. Aquilo era, no mínimo, frustrante.

Eu sentia falta do toque de suas mãos. Muita falta.

— Haven, — Mark abriu caminho entre multidão e me trouxe de volta dos meus pensamentos. — Sua mesa do fundo acabou de ser ocupada.

— Ok.

Peguei meu bloquinho do balcão e me dirigi até lá, mas parei subitamente quando percebi quem estava lá, me esperando.

— Merda, — murmurei, me escondendo atrás de um dos pilares.

Nunca esperaria ver Jace, Ledger e Reid sentados na minha mesa.

Ai, meu Deus! Será que eles sabiam?

Não era possível. Se soubessem, não estariam me esperando. Teriam declarado guerra total.

O que eu faço?

Esperei até um grupo de garotas sair do banheiro. Usando-as como escudo, fui até o balcão e fiquei abaixada atrás dele.

— Haven, o que você está...

— Mark, você não entende.

Ele me olhou como se eu fosse louca e acho que, para quem

não sabia, eu realmente parecia estar maluca.

— Por que está se escondendo aí atrás?

— Onde está Hayes?

— Lá no estoque.

Andei agachada atrás do balcão e os bartenders me encararam do mesmo jeito que Mark. Quando estava fora da vista, fiquei de pé e corri pelo corredor para o estoque.

— Hayes! — chamei.

— Estou perto do uísque.

Eu o encontrei no meio das pilhas de caixas.

Ele olhou para mim e inclinou a cabeça de lado.

— O que foi?

— Meus irmãos estão aqui, e estão sentados na minha mesa. — Ele arregalou os olhos. — Eles não me viram.

— Porra, — ele disse.

— Não sei por que estão aqui. Eles nunca vêm para este lado da cidade.

Ele não respondeu, mas a sua expressão já dizia tudo.

— Tenho que ficar aqui escondida até eles irem embora.

— E se eles voltarem?

— Não vão voltar.

— Haven...

— Não vão voltar, — afirmei categoricamente.

Ele deu um suspiro profundo e coçou a nuca.

— Sei que isso é estressante.

— Estressante é pouco.

— Eles não sabem que trabalho aqui. Se soubessem, acredite em mim, nós já teríamos notado.

— Não significa que, uma hora, não vão descobrir.

— Pare de torcer pra isso.

— Docinho...

— Você pode, por favor, pedir a Dolly para atender as minhas mesas até eles irem embora?

— E se ficarem a noite toda?

— Hayes, pare de me fazer perguntas e peça para Dolly atender as minhas mesas antes que alguém diga o meu nome na frente deles.

— Pelo amor de Deus, — ele murmurou saindo do estoque.

Não achei que ele fosse voltar. Fiquei surpresa quando ele voltou. Eu estava arrumando as prateleiras.

— O que você está fazendo? Acabei de arrumar isso aí.

— Estou “rearrumando”.

— Por quê?

— Tenho que me manter ocupada para não entrar no modo

pânico total.

— Relaxa. Avisei todo mundo para não dizer o seu nome.

Colocando a última garrafa na prateleira, dei um suspiro alto e longo.

— Sinto muito por tudo isso, Hayes. Eu sei que essas últimas semanas têm sido difíceis, mas vai passar, e nós sairemos disso mais fortes e melhores.

Ele ficou calado, me deixando mais nervosa do que já estava.

— Você pode sair. Vou ficar bem aqui sozinha.

— Você não parece bem.

— Estou tentando ficar.

— O que você quer de mim?

Eu arqueei as sobrancelhas, sorrindo com maldade.

— Só consigo pensar em uma coisa.

— Docinho...

Tirei o vestido e fiquei só de calcinha na frente dele... pegando-o de surpresa.



Hayes

Meu olhar guloso desviou do delineador preto para os longos e espessos cílios, depois desceu para o batom salmão brilhante na sua boca carnuda. Eu já estava imaginando aqueles lábios envolvendo o meu pau.

Meu olhar predatório não parou ali. Foi descendo pelo seu corpo gostoso e curvilíneo, que não me cansava nunca. Meu pau se contraía só de olhar para ela.

Haven estreitou os olhos para mim com um olhar excitante. Me encarando até me tirar totalmente do sério. O aroma de sua excitação me envolveu quando ela se sentou devagar e provocativamente na mesa de metal atrás de si e abriu as pernas.

— Eu não gosto que brinquem comigo. Nós dois sabemos que eu só preciso tocar em você e, pronto, acabou a brincadeira.

Havia algo de animalesco na forma como ela me encarava, me atraindo com os seus olhos. Deveria ser pecado ser tão linda assim.

Eu sabia que sua boceta doía, tanto quanto meu pau pulsava para estar dentro dela. Tudo se movia tão rapidamente, numa velocidade distorcida que eu não conseguia acompanhar. Parecia ser uma coisa depois da outra se intensificando a cada dia que passava.

Eu queria tocá-la.

Beijá-la.

Comê-la.

Mas, principalmente, eu queria ser honesto com ela.

Mas não podia.

Ela iria me odiar.

O que seria muito pior do que simplesmente perdê-la.

Observei-a, faminto, até não conseguir mais. Haven nem viu de onde veio. Em três passos, eu estava segurando seu pescoço e fazendo ela cair de costas na mesa com um estrondo causado pela mudança rápida de movimento. Seus braços estavam acima de sua cabeça em questão de segundos, e eu a segurava com força pelos punhos.

Ela segurou a respiração enquanto seus olhos se arregalaram, e seu peito subia e descia à minha mercê. Exatamente como eu a queria o tempo todo. Me inclinei sobre seu corpo, precisando que ela entendesse que era eu quem estava sempre no controle.

Não importava o que acontecesse.

Inclinei-me para frente e parei sobre a sua pequena estrutura, fazendo com que ela parecesse tão pequenina embaixo de mim.

Tão indefesa.

Tão linda.

Tão totalmente minha.

— Acha que pode me provocar, querida?

— Eu...

— Eu deixei você falar?

Antes que Haven pudesse piscar, virei-a de bruços com os pés no chão e a bunda para cima.

Sussurrei no seu ouvido:

— Você é uma garota muito malvada. — Desafivelei meu cinto e baixei o zíper da calça jeans. Em um movimento rápido e repentino, abaixei sua calcinha. — Você acha que eu deveria dar o que quer ou bater na sua bunda para você aprender?

Ela se contorceu com o meu apertão e não hesitei em me ajoelhar.

— Hayes, o que você... — Minha língua estava em seu ânus pela primeira vez. — Hayes!

Passsei a língua pelas pregas e amei aquela sensação em meus lábios. Eu era um filho da puta descarado. Nunca disse que não era.

— Ah...

Eu sabia que ela ia gostar.

Rapidamente, deslizei por entre suas pernas e meu rosto ficou literalmente enterrado entre elas. Passando a beijar sua boceta em seguida, eu a chupei devagar com meus lábios. A sucção suave revelou o seu clitóris antes que a minha língua deslizasse para sua abertura.

— Você quer que eu te coma com a minha boca?

Ela estava pronta para implorar se precisasse.

— Quero.

— Fala. Fala pra mim o que você quer.

Chupei o seu clitóris de novo, fazendo-a entrar num frenesi e enterrar os dedos no meu cabelo.

— Por favor... — ela suplicava com ousadia.

— Por favor, o quê?

— Por favor, me coma com a sua boca.

Enfiei minha língua o mais fundo que consegui na sua boceta, fazendo com que o seu líquido escorresse. E eu saboreei cada gota.

— Você tem o gosto mais doce, — grunhi.

Lambendo.

Chupando.

Devorando.

Mais firme e exigente, mexia minha cabeça para cima e para baixo, fazendo movimento de um lado para o outro. Ela se contorcia e tremia ao mesmo tempo, enquanto eu continuava a esfregar a boca na sua boceta toda, eu queria mais. Eu queria que ela me molhasse inteiro, não só os meus lábios.

— Pede. Pede pra mim pra gozar como uma boa menina, — mandei, sem parar de torturá-la.

— Por favor... por favor, me faz gozar.

Deslizei o dedo médio e o indicador para dentro dela, até chegar no seu ponto G. Comi sua boceta exatamente como ela queria, exatamente como ela tinha fantasiado todas aquelas noites sozinha na cama dela ou na minha. Ela começou a rebolar o quadril e foder minha cara do jeito que ela gostava.

— Por favor... por favor... por favor...

Mexi meus dedos mais rápido até que a sua boceta se apertou, e eu sabia que ela estava próxima. Ela não conseguiu mais segurar e gritou o meu nome.

Não dei tempo para ela se recuperar e continuei comendo-a com minha boca, minha língua e meus dedos sem parar.

Ela gozou.

E gozou.

E seu gozo escorreu pela minha garganta.

Exatamente como eu queria.

Em segundos, fiquei de pé e a virei de frente. Lancei minha boca de encontro a dela e enfiei a língua. Haven gemeu, sentindo o seu próprio gosto.

— Da sua boceta docinha, eu quero sempre mais. Eu estava faminto por você.

Eu passava as mãos por todo o seu corpo, apertando, sentindo cada curva como se não conseguisse decidir onde mais eu queria apalpar. Ela se entregou ao meu toque, necessitando me sentir como se precisasse de ar para respirar.

Em se tratando de Haven, eu queria sempre mais, e o sentimento era mútuo.

Coloquei-a sentada na mesa e, com uma estocada, enfiei tudo dentro dela.

— Ah... — ela suspirou, tentando recuperar o fôlego.

Comecei a movimentar para dentro e para fora, cada vez mais exigente. Eu a comia como se quisesse nos transformar em uma só pessoa. Nada se comparava àquela mulher.

A nós.

Haven Beckham tinha sido feita para mim. Fim. De. Papo.

— Assim... não pare... assim... — ela ofegava com avidez enquanto eu segurava com força no seu quadril para poder socar dentro dela e o meu pau atingir o seu ponto G.

— Aqui, — eu a aticei. — Aqui, docinho? Ou aqui?

— Isso...

— Sua boceta é tão apertadinha, tão molhadinha, tão gostosa...

Seus olhos reviraram e suas costas se arquearam sobre a mesa, gozando gostoso. Eu a beijei, sufocando seus gritos de êxtase. Isso apenas intensificou meu desejo por ela e a minha necessidade. Seus gemidos foram ficando mais altos e mais perto eu chegava de me perder.

Eu a comi com mais intensidade. Mais rápido.

Estocando sem piedade dentro dela, minhas bolas estavam encharcadas com o líquido de sua excitação.

— É isso aí, gata... aperta o meu pau com a sua bocetinha molhada. Não me canso dela. Com você, eu quero sempre mais.

O barulho das nossas pélvis batendo uma contra a outra ecoava na sala.

— Eu te amo, — ela gemeu.

Era tudo o que eu precisava para gozar dentro dela. Foi só então que eu percebi...

... que eu tinha fodido ela com força.

CAPÍTULO 29

HAVEN

— Mamãe! — gritei, descendo as escadas e entrando na cozinha com o meu cofrinho de vidro. — Está pronta?

Congelei na hora, quando vi que meus irmãos e o papai também estavam lá. Jace estava em casa, de licença da Marinha.

— Onde vocês duas vão? — papai perguntou, beijando a bochecha da mamãe.

— Ah, você sabe... — ela piscou para mim. — Só duas garotas indo fazer compras.

Papai olhou para mim.

— Por que você está levando o seu cofrinho?

Eu não podia mentir, então apenas dei de ombros.

— Vamos chegar mais tarde hoje. Peçam pizza se ficarem com fome.

Eles concordaram com a cabeça.

Enfie os sapatos e a segui para o carro.

Quando estávamos saindo da garagem, eu brinquei:

— Essa foi por pouco.

— Foi, — ela riu. — Está animada?

— Estou muito animada!

— Quanto dinheiro você tem aí?

— Acho que um milhão.

— Isso é muito dinheiro

Até onde me lembrava, guardava todo meu dinheiro no cofrinho. Não sabia onde gastaria aquilo até que eu e mamãe decidimos viajar para o exterior depois que eu me formasse no ensino médio.

— O banco sabe que estamos indo?

— Sabe, eu agendei uma reunião. Estão nos esperando.

Nós íamos abrir a nossa conta privada, onde eu poderia deixar o meu dinheiro. Mamãe disse que se chamava depósito e nós íamos abrir uma poupança para nós.

— Quanto dinheiro você vai depositar?

— Um milhão, — ela piscou para mim de novo. — Vamos comer alguma coisa antes, estou faminta. O que você quer comer?

— Que tal lasanha?

— É uma ótima ideia.

Comemos em um dos meus restaurantes favoritos e conversamos sobre tudo. Já era o melhor dia de todos. Eu adorava passar um dia de menina e ter ela só para mim.

— O que você quer ser quando crescer?

Pensei naquilo por um momento.

— Não sei. Talvez líder de torcida.

— Eu fui líder de torcida.

— É mesmo?

— É, fui até capitã do time no último ano.

— Uau. Isso quer dizer que você era boa mesmo.

— Eu era. O papai adorava o meu uniforme. Ele ia a todos os jogos só para me ver.

— É porque papai te ama de todo o coração.

— É verdade.

— Mamãe, você acha que vou encontrar um garoto que vai me amar assim?

— Sei que vai.

— Como você sabe?

— Você é uma menininha muito especial.

— Sou?

— É.

— Como?

— Bem, para mim, você é uma alma antiga.

— Como assim?

— Significa que você age como se fosse mais velha do que realmente é.

— É por isso que papai diz que só tenho oito anos, mas me comporto como se tivesse vinte e um?

— Algo assim.

— Isso quer dizer que quando tiver vinte e um vou me comportar como se tivesse cinquenta?

— Essa é uma boa pergunta. Me pergunte isso quando tiver vinte e um.

— Tá bom, — concordei com a cabeça. — Mamãe, como você sabia que papai seria seu para sempre.

— Ele é a minha alma gêmea.

— Como assim?

— Quer dizer que aquela é a pessoa com quem você deve ficar.

— Ah... significa que minha alma gêmea já está por aí e eu só tenho que encontrar?

— Você não vai sair procurando por ele.
— Então ele vai me encontrar?
— Vocês dois vão se encontrar.
— Como eu vou saber?
— É difícil explicar. É uma coisa que você sente. Uma conexão imediata que você tem com alguém.

— Como com a melhor amiga?
— Parecido.
— Mas Cove é a minha melhor amiga.

Ela sorriu.

— Onde ela está?
— De castigo.
— O que ela aprontou agora?

Revirei os olhos.

— Ela chutou um garoto no pênis.
— Me lembre de matar os seus irmãos por terem ensinado essa palavra para você, — ela brincou.

Eu dei de ombros.

— Eles só me contaram porque disseram que se um pênis chegasse perto de mim eles iam cortá-lo fora. Mas a Cove não estava tentando cortar o daquele menino fora, ela só chutou ele mesmo.

Ela suspirou profundamente.

— Ai, meu Deus. O que vou fazer com vocês duas?

— Não foi culpa dela.

— O que aconteceu?

— Ele empurrou ela do trepa-trepa.

— Por que ela não contou para a professora?

— Foi o que eu disse para ela.

— É porque você é uma boa menina.

— Cove também é uma boa menina. Ela só faz más escolhas.

— Então, por que ela não contou para a professora?

— Ela disse que queria praticar seu chute de karatê.

Mamãe riu.

— Ah, Cove...

Mudei de assunto.

— A minha alma gêmea também pode ser meu melhor amigo?

— Você quer dizer, se você pode ter mais de um melhor amigo?

— É.

— Claro que pode.

— Que bom. Se não a Cove ia ficar chateada.

— Um dia, ela também vai encontrar a alma gêmea dela.

— Será que a gente encontra ao mesmo tempo?

— Seria legal.

Durante o resto do almoço, conversamos sobre quais países

queríamos visitar na nossa viagem ao exterior. Depois que terminamos, fomos ao banco e eu mal conseguia conter minha animação, segurando meu cofrinho bem firme nos braços.

Pulando para cima e para baixo, perguntei:

— Que horas mesmo é a nossa reunião?

— Vai demorar mais ou menos trinta minutos.

— Nós vamos chegar a tempo?

— Tempo de sobra.

Eu sorri, me sentindo muito feliz.

Mamãe estendeu a mão e segurou a minha.

— Te amo, meu amor.

Sorri de volta para ela.

— Também te amo, mamãe.



Acordei gritando, com a mão sobre o coração.

— Merda, — suspirei, tentando recuperar o fôlego antes de chutar para longe os lençóis ensopados.

Meus sonhos estavam ficando piores. Eu não conseguia mais acompanhá-los. Coloquei o robe, peguei o celular da mesinha de cabeceira e abri a porta da minha sacada para refrescar a pele suada com o ar fresco. Fiquei ali apoiada na grade pelo que pareceram horas até ir me sentar na espreguiçadeira.

Eram três da manhã e eu, impulsivamente, escrevi uma mensagem a Hayes.

Eu: Estou com saudades.

Para a minha surpresa, chegou outra mensagem de texto.

Hayes: Você deveria estar na minha cama.

Sorri com malícia.

Eu: Quem diria que você gostava tanto de noite do pijama.

Segundos depois, outra mensagem.

Hayes: Só com você. Mesmo que monopolize a cama e durma em cima de mim.

Meu sorriso se abriu.



Eu: É o melhor lugar para dormir. Te acordei?

Hayes: Já estava acordado.

Eu: O que está fazendo acordado numa hora dessas?

Hayes: Posso te perguntar a mesma coisa.

Eu: Tive um pesadelo.

Hayes: Sobre o quê?

Hesitei por um segundo.

Eu: Minha mãe.

Como ele não respondeu, perguntei:

Eu: Por que você ainda está acordado?

Ele ignorou a minha pergunta e mandou a dele.

Hayes: Com que frequência você sonha com ela?

Eu: Com mais frequência nos últimos meses. Acho que é só porque a minha formatura está chegando.

Como ele não respondeu de novo, perguntei:

Eu: Você está no seu deck?

Hayes: Estou.

Eu: Você fez um pedido para a estrela cadente que acabou de passar?

Hayes: Você fez?

Eu: Fiz.

Hayes: O que você pediu?

Eu: Só te conto se me contar o seu primeiro.

Hayes: Eu não faço pedidos, docinho.

Eu: Por quê?

Não achei que a sua resposta pudesse partir o meu coração...

Hayes: Não dá para pedir para mudar o passado.

CAPÍTULO 30

HAVEN

Joguei minha mochila em cima da cama de Hayes.

— Não sei por que você se preocupa em trazer roupa, — ele declarou. — Você usa as minhas na maior parte do tempo que está aqui.

Ele estava encostado na porta com os braços cruzados sobre o peito daquele jeito Chase Hayes que era só dele. Ele estava muito sexy sem camisa, só de shorts. Aquela era na verdade a roupa dele que eu mais gostava, ou a falta dela.

Ele sorriu:

— Gosta do que está vendo, querida? — Eu corei. — Você já sentou na minha cara vezes demais para, ainda, corar assim.

— Hayes...

— O quê? — Ele andou na minha direção, confiante e determinado. — Você quer sentar na minha cara agora? Estou meio faminto, eu comeria alguma coisa.

Dei um passo para trás.

— Você é um sem-vergonha, é isso o que você é.

— Aonde você acha que vai?

Dei outro passo para trás, provocando-o intencionalmente.

— Ah, você sabe... estou menstruada, — brinquei só para ver sua reação.

— Docinho, eu sou um homem. Seu sangue virginal já encharcou o meu pau. Você acha que isso vai me impedir de fazer alguma coisa? — Minhas sobrancelhas se arquearam enquanto ele inclinava a cabeça para o lado. — O que acha disso? Eu sei caminhar na lama. Eu sei foder com sangue.

— Ai, meu Deus! Seu safado, filho da...

— Olha só você, falando que nem gente grande. Acho que estou te contagiando, docinho.

— Vai ter que me pegar primeiro, — eu ri e saí correndo na direção oposta.

Ouvi seus passos pesados ecoarem no piso de madeira enquanto ele me perseguia. Quando estava do outro lado do sofá, parei, com as mãos na frente do corpo.

— O que foi? Não aguenta a minha energia?

— Vou te mostrar o que é energia.

Eu dei uma risada e corri para a cozinha. Num piscar de olhos ele passou os braços pela minha cintura e me jogou por cima do ombro, como se eu fosse leve como uma pluma.

— Hayes! — Ele bateu forte na minha bunda. — Para onde você está me arrastando?

— Eu não chamaria isso de arrastar.

— Que tal torturar?

— A única coisa que vou torturar vai ser a sua garganta quando você engasgar com o meu pau. — Meu queixo caiu. — Nós vamos tomar banho.

— Eu estava brincando! Não estou menstruada.

— Ótimo. Então posso lavar a sua boceta com a minha língua.

Ah... ele já...

Quando Hayes finalmente me soltou, as minhas pernas estavam bambas e minha voz, rouca. Deixei ele no chuveiro enquanto me secava e ia para o seu quarto. Peguei uma das suas camisetas da gaveta, aproveitando para sentir o cheirinho dele que ficava ali grudado.

Decidida a ajudá-lo a arrumar o quarto, comecei a recolher a roupa do chão e jogá-la no cesto.

— Por que os homens são tão bagunceiros? — sussurrei para mim mesma, engatinhando no chão.

Se ele fosse minimamente parecido com os meus irmãos, teria uma pilha de roupa debaixo da cama também. Levantei a saia da cama e, claro, eu estava certa. Tinha pelo menos algumas roupas escondidas ali embaixo. Tirei-as de lá e também joguei no cesto.

Foi só então que notei o que parecia ser uma caixa de sapato atrás da roupa suja. Rapidamente soltei a saia da cama, mas alguma coisa dentro de mim não sossegou. Hayes não me contava nada sobre si e a minha curiosidade aflorou naquela situação inesperada.

Sem pensar duas vezes, estiquei o braço e peguei a caixa, colocando-a no meu colo. Meu coração martelava no peito. Eu sabia que era melhor não xeretar, eu não era xereta. Porém, nem isso me impediu de abrir a tampa.

Arfei diante da foto que me encarava lá de dentro. Era uma mulher linda, atrás de um garotinho com as mãos em volta de sua barriga. Hayes devia ter oito ou nove anos na foto. Seus olhos eram iguais aos dela, assim como também era o seu sorriso.

Meus dedos, se movendo por conta própria, tiraram a foto da

caixa. Pela segunda vez em poucos minutos, fui pega de surpresa pelo que encontrei embaixo da foto.

— Que porra é essa? — perguntei balançando a cabeça. — Impossível. Como? O quê?

Muitas perguntas passaram pela minha cabeça em questão de segundos. Eu estava congelada. Incapaz de me mover um centímetro. Cimentada no chão segurando firme a foto de Hayes e sua mãe. Não sei por quanto tempo fiquei ali daquele jeito. Completamente perturbada e confusa.

De repente, ouvi a sua voz perguntar secamente:

— Que merda você está fazendo?

Eu pulei, pega no flagra.

Nós nos encaramos.

Pela primeira vez, senti que encarava um estranho.

— Eu só estava tentando ajudar a limpar o seu quarto.

— Xeretando debaixo da minha cama?

— Eu não estava xeretando. Juro. Eu só estava... — hesitei, sentindo o quarto se fechar sobre mim. Levantando a caixa, perguntei: — Como você conseguiu isso Hayes?

Seu olhar se desviou de mim para os cacos espalhados na velha caixa de sapato.

— Haven, isso não é o que parece.

— Não é o que parece? — perguntei, me levantando abruptamente. — Eu sei exatamente o que é isso! Então por que está com você?

— Docinho...

— Não! Não ignore isso! Responda a porra da minha pergunta! — Ele apertou os dentes. — Por que Wilbur, meu cofrinho, está com você?!

Ele levantou os braços, em um gesto de rendição.

— Você precisa se acalmar.

— Me acalmar? Me acalmar? Como isso está com você, Hayes?!

— Porra! — ele exclamou entredentes, tirando a caixa da minha mão. Tentou pegar a foto, mas eu a tirei do seu alcance. — É engraçado que você está puta comigo quando não tem o direito nenhum de mexer nas minhas coisas.

— Isso não é seu. É meu.

— Ah, é? E a foto que você está segurando?

— É a sua mãe?

Ele só concordou com a cabeça, o que me enfureceu ainda mais.

Sem conseguir me conter, eu rosnei:

— Cadê ela? Hein? O que você tem a ver com o fato de ela ter

ido embora?

— Haven... por favor...

— Por favor o que, *Chase*?

— Eu sei o que está parecendo.

— Você não tem ideia do que está parecendo, porque se tivesse, já teria respondido às minhas perguntas!

— Abaixa a porra da sua voz.

— Ou o quê? — Sua expressão endureceu. — Você vai responder às minhas perguntas?

— Vou, mas não agora.

— Por que não?

— Docinho, eu só preciso que confie em mim.

— Pra você continuar a esconder a sua vida de mim?

— Não estou escondendo.

— Está omitindo. Dá na mesma!

— Não acabei de falar para parar de levantar a voz pra mim?

— Em um segundo vou levantar muito mais do que a voz, Hayes. — Ele grunhiu, dando um passo para trás. — O que está acontecendo?

— Vou te contar assim que puder.

— Por que não agora? Não faz sentido.

— Preciso que você me entenda e me dê mais tempo.

— Tudo o que eu faço é te dar tempo. Por que não pode me contar agora? Por que está guardando todos esses segredos de mim?

Minha cabeça girava cada vez mais rápido. Eu sufocava naquela fantasia em que eu obviamente vivia. A realidade me encarava de frente. A verdade sobre ele batia no topo da minha cabeça.

Pouco a pouco, eu ia me afogando nas suas indiscrições e o fato de que era ele que as amontoava sobre mim era difícil de engolir.

Como se lesse os meus pensamentos, Hayes jurou:

— Prometo te contar tudo quando puder.

— Quando isso vai acontecer? Antes ou depois que eu me formar? — Bati a foto no seu peito. — Eu só quero conhecer você e você torna isso tão difícil. O que o meu cofrinho está fazendo com você? Não faz sentido. Eu o perdi no dia que...

Eu não conseguia nem dizer aquelas palavras.

Doía muito.

Seu olhar se desviou para a minha cicatriz.

Segundos.

Minutos.

Horas poderiam ter se passado com o seu olhar intenso.

— É, Hayes, — confessei antes de falar com convicção: — Perdi o meu cofrinho no dia em que ganhei esta cicatriz.

A expressão em seu rosto mudou de raiva para tristeza. Vi isso claramente. Os momentos em que ele me mostrava o que estava sentindo eram as melhores e as piores lembranças que eu tinha. Se Hayes estava permitindo que eu visse a sua verdadeira natureza, havia um motivo.

— Eu entendo quanto isso deve estar sendo difícil para você, — ele concordou, esfregando a pele desbotada da minha sobancelha. — Estou cansado de te machucar, docinho. Isso está me matando por dentro.

— Você só precisa ser sincero comigo e podemos deixar tudo isso para trás. Por que você insiste em nos deixar presos neste lugar, quando é óbvio que está destruindo nós dois?

— Ainda não estou preparado para deixar você ir.

— Ir? — Balancei a cabeça. — Não vou a lugar algum. Prometo.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Já chega de enigmas, Hayes. Estou implorando para você me contar a verdade. Quer que eu fique de joelhos também?

A agitação interna que ele sentia enquanto pensava no que fazer a seguir era evidente. Eu não esperava que ele confessasse o que eu queria desesperadamente ouvir dele.

— Porra, docinho... sou eu que estou de joelhos por você. Por favor, acredite em mim. Eu vou te contar tudo em breve.

Foi só porque o vi tão vulnerável pela primeira vez...

... que eu fiquei.

CAPÍTULO 31

HAYES

— Quanto? — Trevor perguntou na festa.

— Cento e cinquenta.

— Por trinta gramas?

— É.

— Tá meio caro, não acha?

— Quer a erva ou não?

— E a bala?

— Quanto?

— Um grama.

— Cem.

Ele tirou o dinheiro da carteira.

— É melhor que seja coisa da boa, Hayes.

— Você não vai se decepcionar.

Depois de me pagar, ele enrolou um baseado. A festa estava lotada de gente. Não dava para dar um passo à frente sem trombar com ninguém. Era a quarta festa naquela semana onde eu vendia as drogas do clube do meu pai. Ele ainda não tinha percebido, mas eu sabia que era só uma questão de tempo até isso acontecer.

Eu lidaria com ele quando chegasse a hora. Até lá, eu fazia o que tinha que fazer.

— Quer um tapa? — Trevor ofereceu.

— Não. Estou de boa.

— Você nunca relaxa, irmão. Parece um velho e tem, o quê? Quinze anos? Você é o melhor fornecedor. Todo mundo na escola te conhece. Dá uma relaxada. Vem se divertir uma vez na vida.

Não dei atenção a ele, passei o resto do dia dando a todos a diversão para a noite. Era sábado, e tinha muita coisa pela frente. Por uma boa parte da tarde, rejeitei as inúmeras gatinhas que estavam no meu pé a todo momento.

Queria ficar sozinho. A verdade era que aquele era o último lugar onde eu queria estar. Porém, eu não podia deixar passar uma festa onde

podia ganhar milhares de dólares em algumas horas. Eu não vendia drogas só por mim. Também fazia aquilo pela minha mãe. Era a única forma de conseguirmos abandonar o merda que era o seu marido e meu pai.

Eu sabia que ela ficaria decepcionada comigo se descobrisse. E era por isso que eu tomava cuidado extra. Eu não queria partir o seu coração. Meu pai já havia feito aquilo por nós dois.

Ela passava todas as horas do dia e da noite pensando nele. Naquela época ele passava ainda menos tempo em casa, se possível. Eles viviam vidas separadas, mas eu via nos olhos dela.

Ela sentia saudade dele.

Possivelmente, ainda o amava.

Eu não conseguia entender o motivo. Ele não era nada bom para ela. Nunca tinha sido. Ainda tinha que descobrir o que a fizera se apaixonar por ele em primeiro lugar. Desde que me lembrava, ele a tratava muito mal. Ele só se importava com as putas do seu clube.

— Isso aqui está muito bom, — Trevor exclamou, dando uma tragada.

Estávamos sentados em um dos sofás no salão de jogos, jogando conversa fora, fingindo que nos divertíamos. Eu agia como se nada estivesse acontecendo na minha vida, quando, na verdade, todo dia parecia que eu estava me perdendo cada vez mais.

Na maioria dos dias, eu nem reconhecia o homem que olhava para mim no espelho. Passava mal. Eu nem ia para a escola, e quando ia, arrumava confusão por alguma bobeira.

Principalmente brigas.

Todo mundo sabia quem era o meu pai. Ele era um criminoso e ninguém me deixava esquecer aquilo. Diziam que eu seria como ele. Um Fora-da-Lei que não valia nada. A parte triste naquilo tudo era que era verdade. Eu estava tomando bomba em todas as matérias; mal ia para a escola e a única razão para ir era para a minha mãe sair do meu pé.

Eu não aguentava vê-la chorar dia após dia, principalmente quando era por minha causa. Aquilo me devorava vivo. Por mais que eu odiasse vender drogas para todo mundo, aquela era a resposta a todas as nossas preces. Eu faria o que fosse preciso para dar a ela a vida que merecia. Eu devia aquilo a ela.

Ela era a minha mãe.

Eu a amava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Eu queria que ela ficasse orgulhosa e sabia que estava fazendo exatamente o oposto, mas estava determinado a conseguir uma vida melhor para nós. Ela iria entender quando visse quanto dinheiro eu conseguia ganhar para nós.

Embora eu ainda não estivesse num ponto em que me sentisse confortável o suficiente para contar para ela. Mais alguns meses e seríamos capazes de fugir de tudo aquilo. Eu só rezava silenciosamente para que

meu pai não descobrisse antes. Se ele descobrisse, eu estaria morto. Ele não hesitaria em me matar, junto com todos os outros filhos da puta que ele havia matado por terem roubado dele.

Ele ainda não tinha percebido que eu pegava as drogas do clube quando ele não estava na cidade por causa das merdas ilegais que ele fazia. Eu não roubava o suficiente para ele notar. Meu pai tinha muita droga. Demoraria bastante. Pouco a pouco, minhas economias estavam engordando.

Respirei profundamente, olhando sem rumo para a mesa de centro à nossa frente, que estava coberta de carreiras de cocaína e baseados. As pessoas andavam por toda parte, fumando maconha, tomando pílulas, transando a céu aberto e tomando uma quantidade obscena de álcool.

A maioria das gatas aparecia seminua, ou pronta para foder com o primeiro que desse droga de graça para elas. Elas me lembravam todas as vadias do clube com quem meu pai se deitava todos os dias.

Eu não era muito de usar droga. A última coisa que precisava era me viciar e estragar a minha vida ainda mais. A culpa, às vezes, era demais para suportar, e eu dava um tapa aqui e ali ou um trago para esquecer.

Quando estava vendendo, precisava ficar sóbrio e equilibrado, garantir que estava sempre alerta e não estava sendo roubado. Eu não confiava em ninguém, principalmente quando se tratava desse tipo de negócio.

Nunca antes tinha me sentido tão vazio e oco. Entre Os Fora-da-Lei, Billy e a minha mãe, era uma coisa depois da outra ultimamente. Meu pai estava pegando no meu pé para entrar para o clube, dizendo umas merdas de que aquilo era o meu legado. Estava tudo uma bagunça. As paredes estavam começando a se fechar sobre mim, e aquela era a minha única saída. Eu não queria acabar como ele e sabia que se não fôssemos embora, aquilo uma hora aconteceria com ou sem o meu consentimento.

Ele garantiria que acontecesse.

Os únicos amigos que eu tinha eram os demônios ocultos que nunca me deixavam sozinho. Eles eram a minha companhia, sempre sentados bem ali ao meu lado, esperando para me dominar.

Toda vez que eu fechava os olhos, me lembrava como ele batia nela. Porém, agora que eu estava mais velho, ele sabia que era melhor não pôr a mão nela, mas aquilo não anulava todos os anos de abuso que eu havia testemunhado enquanto criança. Eu assistia o mundo brincar na minha frente, enquanto era mantido como refém das minhas lembranças.

Quando, do nada, alguém gritou:

— Polícia! Corre!

— Caralho!

Levantei num salto para recolher as coisas de cima da mesa.

Eu não ia simplesmente deixar milhares de dólares ali. A casa toda

estava um pandemônio.

Gente correndo.

Caindo.

Gritando.

Trabalhei o mais rápido que consegui, jogando primeiro a cocaína dentro da bolsa e depois a erva e os baseados enquanto os policiais invadiam a casa. Um por um, eles entraram, derrubando qualquer um que encontravam no caminho.

— Porra!

Só mais algumas pílulas e eu iria terminar.

Pelo canto dos olhos vi o xerife vindo na minha direção. Eu ia correr na direção oposta, mas outro policial me derrubou no chão. Ele atirou a minha maldita cara naquele piso que estava mais sujo do que pau de galinheiro e eu vi estrelas na hora.

Em questão de segundos ele tinha me algemado.

— Você tem o direito de permanecer calado. Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado, — ele me informou e me colocou de pé. — Se você não puder pagar um, um defensor público será indicado para você.

— Vai se foder!

Ele me jogou contra a parede de concreto.

— Você compreende os direitos que acabei de ler para você? Tendo isso em mente, você ainda quer dizer alguma coisa?

— Quero, estou falando com você agora mesmo! Vai à merda!

— Xerife! — outro policial interrompeu, fazendo um aceno de cabeça na minha direção. — Ele é menor! É o filho do Billy Hayes!

Por alguma razão, ouvi-lo dizer aquilo me fez calar a boca. O xerife me virou de frente para ele.

— Chase? — ele comentou como se soubesse quem eu era. — Puta merda. Você era um garotinho da última vez que o vi.

— A qual vez você está se referindo? Ao clube do meu pai? Ou quando você foi na minha casa porque ele espancou a minha mãe?

Ele hesitou antes de apalpar os meus bolsos e encontrar todas as drogas que eu tinha conseguido pegar no curto espaço de tempo. Tinha gente ainda correndo pela casa toda, e não prestavam atenção em nós.

— Meu Deus... — ele disse. — A sua mãe não merece isso.

Fechei os olhos e curvei a cabeça, envergonhado. Meu corpo não conseguia mais se sustentar. Todas as emoções misturadas doíam dentro de mim. Os sentimentos que habitavam os espaços escuros e ocultos do meu âmago e a frente da minha mente estavam vivos e presentes.

Deixei que me dominassem, controlando cada parte do meu ser. A escuridão caiu sobre mim, enquanto eu continuava ali imerso na dor que saía de mim. Só imaginando quando ela descobrisse o que eu andava fazendo todos aqueles meses.

Fiquei surpreso quando o xerife anunciou.

— Ele está limpo!

Meus olhos se abriram no momento em que ele tirou o celular do meu bolso e observaram quando ele apertou um botão, ligando para a minha mãe.



— Não! — berrei alto enquanto meu corpo se levantava na cama com a mão sobre o coração.

— Hayes? — Haven chamou se sentando na cama ao meu lado. — Você está bem? — Afastei a lembrança. — Ai, meu Deus. — Ela esfregou o meu braço. — Com o que estava sonhando? — Empurrei as suas mãos, sem querer que ela me tocasse. — Hayes...

Pulei da cama, tinha necessidade de mais espaço. Fui para o deck e em alguns minutos ouvi seus passos se aproximando. Não demorou muito e senti seus lábios nas minhas costas, queimando a minha pele suada.

— Por que não me contou que também tem pesadelos?

— Não é problema seu.

— Mas eu te amo.

— Continua não sendo problema seu.

Ela me virou para encará-la e olhou fundo nos meus olhos.

— Quando você vai se abrir? Estou aqui do seu lado.

— Odeio acabar com o seu barato, querida, mas no minuto que eu me abrir, você vai fugir de mim.

— Isso não é verdade.

— Mas essa não será a pior parte, docinho.

Ela fez uma careta quando eu rosnei...

— Você também vai me odiar.

CAPÍTULO 32

HAYES

— Haven, já chega dessa besteira, — exige saindo do meu escritório no bar.

Ela não parava de me encher o saco desde que eu tinha acordado em pânico na noite anterior. Minha cabeça latejava de tanto eu brigar comigo mesmo por ter sido tão descuidado e ter mostrado a Haven um lado meu que ela não conhecia.

— Hayes, você não pode continuar me afastando.

Eu me virei abruptamente e ela tropeçou no próprio pé.

— Eu estava te afastando quando a sua boceta estava na minha cara hoje de manhã?

— Você não pode usar o sexo como arma. Não é a mesma coisa e você sabe disso.

— A única coisa que eu sei é que você está me enchendo o saco. — Ela franziu as sobrancelhas. — Não olhe pra mim assim.

— Então pare de me magoar.

— É isso o que eu faço! Eu sou um babaca!

— É, é mesmo! Mas você também é amoroso, carinhoso, protetor, e por aí vai! Do que você precisa para enxergar isso? Para *me* enxergar? Não vou a lugar algum. Eu te amo!

— Está aí o seu primeiro erro. Você não deveria me amar.

— Ah, Deus... voltamos a essa discussão de novo?

— Quantas vezes vou ter que te dizer que nunca encerramos essa discussão?

— Quantas vezes vou ter que te dizer que não dou a mínima para o que você diz? Eu sei quem você é por dentro e isso está te matando!

Nós estávamos no meio do corredor e o DJ já estava tocando música, tentando se preparar para a longa noite que teríamos a frente. As portas iam se abrir em breve. Já tinha fila ao redor do prédio.

— Esta conversa acabou, — cortei, me virando e indo para o bar.

— Não acabou, não! — ela gritou no exato momento em que policiais entraram com tudo pelas portas do bar.

Nunca vou esquecer o olhar de medo no seu rosto enquanto eles se espalhavam, como um enxame de abelhas. Ela instantaneamente colocou as mãos para cima, embora não tivesse motivo para fazer aquilo. Eles não estava atrás dela.

Eles correram imediatamente para os Fora-da-Lei e Billy, que estavam sentados no lugar de sempre, nos fundos.

O xerife me agarrou e bateu o meu rosto no pilar.

— Você tem o direito de ficar calado.

— O quê? — Haven correu para o meu lado. — Por que você está sendo preso?

— Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal, — o xerife acrescentou. — Você tem direito a um advogado. Se não puder pagar um, um defensor público será indicado para você.

Eu não disse uma palavra. Era incapaz de falar com ela olhando para mim com aquela expressão tão assustada em seu rosto lindo.

— O que está acontecendo? — ela perguntou apressada. — Por que você está prendendo ele? Ele não fez nada de errado!

— Você compreende os direitos que acabei de ler pra você? — ele perguntou ignorando-a. — Tendo isso em mente, você ainda dizer alguma coisa?

Eu balancei a cabeça em resposta.

O xerife agarrou o meu braço e me levou em direção à porta.

— Hayes! — Haven gritou atrás de nós. — Diga pra ele que está prendendo o cara errado! Você quer o pai dele, não ele! — Eu olhei para trás, para ela, enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas, e aquela cena partiu meu maldito coração.

— Com licença, senhorita. — Outro policial se aproximou dela. — Você trabalha aqui?

— Nem uma palavra, Haven. Nem uma! — gritei de longe.

O xerife começou a me arrastar para fora do bar.

— Vamos!

— Você me ouviu? — repeti para ela: — Fique de boca fechada!

Assim que nos aproximamos do carro do xerife, ele me jogou no banco de trás e eu observei dois policiais tentando fazer o mesmo com Billy. Só que ele estava resistindo. Ele perdeu e eu odiei quando o colocaram sentado ao meu lado. No segundo em que sua bunda encostou no banco, ele cuspiu na cara deles.

— Que porra é essa? — ele brigou enquanto fechavam a porta na sua cara.

— Acalme-se, — ordenei entredentes por cima daquela

besteira dramática e interminável.

— Que porra está acontecendo?

— Sei tanto quanto você. Que merda suspeita você está fazendo agora para eles invadirem o nosso bar?

— Não fiz... quer dizer... os negócios de sempre.

— Ah, é? — bradei. — Muito bem, com quem você andou fodendo recentemente? — Seu olhar se arregalou. — Eu começaria por aí.

— Não diga nada até o nosso advogado chegar, — ele ordenou.
— Você me entendeu?

— A lei não vai te proteger quando chegar a sua hora.

— Se você sabe o que é bom pra você, vai calar a boca.

— É aí que você se engana, Billy. Se for pra você morrer, — não hesitei em ameaçar... — Vou cantar feito um canarinho.



Haven

Fiz o que ele tinha me pedido e não disse nada aos policiais. Embora eles tenham tentado me fazer várias perguntas.

A única coisa que perguntei foi:

— Aonde estão levando ele?

— Ele vai para o centro.

Não vacilei: entrei no carro e fui para a delegacia. Eu estava tão abalada que liguei para a única pessoa que me veio à cabeça.

— *Alô*, — ela atendeu.

— *Cove...*

— *Que foi?*

— Você pode me encontrar na delegacia?

— *Ai, meu Deus! Está tudo bem com você?*

— Hayes foi preso.

— *Por quê?*

— Eu não sei. Você pode, por favor, me encontrar lá?

— *Já estou indo.*

Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta, mas, ao mesmo tempo, parecia que o tempo passava voando. Graças a Deus, Cove estava encostada na lateral do seu carro quando parei o meu.

Ela olhou para mim.

— Você está bem?

— Não.

— Vai dar tudo certo. — Ela me abraçou. — Vamos lá descobrir o que está acontecendo.

Concordei com a cabeça, esgotada demais para falar.

Quando eu pensava que as coisas não poderiam piorar entre a gente, aquilo aconteceu e jogou todo o resto para fora da água como um maldito tsunami. Como não éramos da família, não nos disseram nada na delegacia. Eles nos trataram como se não passássemos de uma mera insignificância.

— Você pode pelo menos me deixar falar com Chase Hayes? — implorei para a atendente.

— Sinto muito, senhorita. A menos que seja da família, não pode vê-lo.

— Então, quanto é a fiança?

— Mais uma vez, não posso te dar essa informação.

— Então, você serve pra quê?

— Haven... — Cove disse, esfregando as minhas costas como forma de me dar apoio. — Não é culpa dela. Pela lei, eles não podem nos dizer nada para não serem processados.

— Isso é mentira!

Eu sabia que estava agindo de forma grosseira, mas não conseguia evitar. Tudo parecia estar dando errado comigo e eu mal conseguia ficar de pé naquele momento.

O que mais faltava acontecer?

— Vem cá, — Cove sugeriu, me puxando antes que eu arrancasse a cabeça da atendente. — Vamos comer alguma coisa e pensar o que vamos fazer.

— Tá bom.

Ela estava certa. Eles não iam nos dizer porcaria nenhuma. Quando estávamos saindo, meu telefone tocou com uma chamada de um número privado e meu coração acelerou, sentindo intuitivamente que era Hayes.

— Alô, — atendi me segurando por um fio.

Uma gravação declarou:

— *Você tem uma chamada a cobrar de Chase Hayes da delegacia. Para aceitar a cobrança, diga “sim”.*

— Sim!

— Obrigado.

Segundos depois, eu ouvi a sua voz.

— *Docinho?*

— Ai, meu Deus! Você está bem?

— *Estou.*

— O que está acontecendo?

— *Preciso que você faça uma coisa para mim.*

— Qualquer coisa.

— *Preciso que ligue para o Mark e peça para ele pagar a minha fiança.*

— Mark? — eu recuei, ofendida. — Eu posso pagar.

— *Haven, só faça o que estou te pedindo.*
— *Confie em mim.*
— *Isso não tem nada a ver com confiança e tudo a ver com querer deixar você fora disso.*

— *Já estou envolvida. Faça parte da sua vida, não faço?*
— *Pelo amor de Deus. Certo. Tem um cofre atrás da minha prateleira no meu quarto. Pegue o dinheiro e pague a minha fiança.*

— *De quanto eu preciso?*

— *Dois mil.*

— *Aonde eu levo o dinheiro?*

— *A um fiador, e o resto é com eles.*

— *Ok. Vou fazer isso agora mesmo e depois eu volto.*

— *Volta?*

— *Estou do lado de fora da delegacia com a Cove. Eles se recusam a dizer qualquer coisa porque não somos da família.*

— *Mas que porra, Haven?!*

— *O que você queria que eu fizesse? Tinha que ligar para alguém. Ela é a minha melhor amiga. Ela não vai falar nada.*

— *O problema não é a Cove. É o fato de você já estar aqui. Por que você nunca me ouve?*

— *Você vai mesmo usar o seu único telefonema para me passar uma bronca?*

— *Ele respirou fundo.*

— *Então, procure o fiador e depois vá para casa. Eu te ligo quando sair. Você pode fazer isso por mim?*

— *Eu concordei com a cabeça mesmo que ele não pudesse me ver.*

— *Posso.*

— *Boa garota.*

— *Te amo.*

— *Eu sei.*

— *Em seguida, ele desligou.*

— *Só que eu tinha o péssimo pressentimento de que aquilo não terminaria ali. Do contrário...*

— *... aquilo era apenas o começo.*

CAPÍTULO 33

HAVEN

A tensão que eu sentia esperando Hayes ligar desde a noite anterior era palpável. Eu nunca tinha passado por nada como aquilo antes e era mais do que surreal para mim. Tudo com Hayes era tão diferente. Se a minha família soubesse o que estava acontecendo na minha vida naquele momento, a situação seria irremediável.

Depois que eu e Cove falamos com o fiador, voltamos para a minha casa. Não tinha ninguém lá. Nos próximos dias, meu pai ficaria fora da cidade tratando de negócios e meus irmãos deveriam estar ocupados ou já teriam aparecido. Fiquei grata pela privacidade. Eu não iria conseguir disfarçar o que estava realmente sentindo. Eles saberiam que estava acontecendo alguma coisa.

Enquanto olhava fixamente para minha cicatriz no espelho do banheiro, desejei sentir o amor e o apoio da minha mãe. Às vezes parecia que aquela cicatriz era a única coisa que tinha restado dela para mim. Por alguma razão, sempre me fazia sentir mais próxima a ela. Eu não podia falar sobre o que estava acontecendo com ninguém além de Cove, mas só isso não estava ajudando como costumava ajudar.

Eu precisava da minha mãe.

Limpei as lágrimas dos olhos, sabendo no fundo do coração que ela entenderia o que eu estava passando com Hayes. Era algo que só uma mãe entenderia. Nunca desejei tanto um abraço dela como naquele exato momento.

Tanta coisa tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas e eu estava lutando para decidir o que era certo e o que era errado quando se tratava do cara por quem eu havia me apaixonado. Só que eu não era aquela garota que vivia no limite, que, ainda por cima, namorava um cara que estava sendo preso.

Os meses em que ele havia me avisado que não era bom para mim finalmente me mostravam a sua cara feia. Eu não conseguia aguentar as emoções que havia sentido naquele único dia me

despedaçando. A única coisa que eu tinha certeza era do quanto eu o amava. Era o tipo de amor de que minha mãe falava pra mim o tempo todo.

Conexão.

Paixão.

Desejo.

Dor...

Estava tudo ali, acertando meu coração, de um jeito atormentado, mas afetuoso.

Eu não queria acreditar que ele era ruim para mim. Desde o dia em que nos conhecemos, eu lutava contra aquilo. Negando todos os fatos. Tentar viver o momento com ele era a única coisa que parecia certa.

Eu tentava freneticamente recuperar o fôlego e empurrar tudo aquilo goela abaixo e não me render à vizinha no fundo da minha mente que gritava que alguma coisa entre a gente não estava certa.

Eu odiava aquela vizinha, e quanto mais eu ficava ali, mais alta ela se tornava. Cove bateu na porta.

— Está tudo bem aí?

— Sim. Vou sair num minuto.

Depois de lavar o rosto, voltei para o meu quarto. Cove deu um tapinha ao lado dela na minha varanda para eu me sentar.

— Você tá bem? — ela perguntou quando me sentei ao seu lado.

— Não tenho mais certeza.

Ela franziu a sobrancelha.

— Eu sinto muito, Haven. Sei que isso é difícil para você.

— Estou perdida de verdade. Não sei o que fazer.

— O que aconteceu?

— Não sei nem por onde começar.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Ele está com o meu cofrinho, Cove. Ou, pelo menos, o que sobrou dele.

Ela arregalou os olhos, entendendo imediatamente o que aquilo significava.

— Como?

Dei de ombros.

— Não faço ideia. Estava escondido em um caixa embaixo de sua cama com uma foto dele com a mãe.

— Puta merda!

— Quanto mais eu penso nisso, menos faz sentido de aquilo estar com ele.

— Você o questionou sobre isso?

— Questionei, mas ele não se explicou. Só disse que iria

explicar quando pudesse.

— Talvez ele tenha algum motivo para isso.

— Como, o quê?

— Ele sabe sobre a sua mãe?

— Um pouco.

— Será que ele também não conhecia a sua mãe?

Eu recuei, não esperava um comentário como aquele.

— Como?

— Sei lá. Só estou me fazendo de advogado do diabo aqui.

— Eu não sabia até a noite passada que Hayes também tinha pesadelos com a mãe dele. Ele acordou gritando.

— Onde está a mãe dele?

— Não sei. Ele não fala sobre ela.

— Certo...

— É confuso, não é? Não estou enlouquecendo?

— É definitivamente confuso. — Ela sorriu para me acalmar.

— Você tem ideia do porquê ele ter sido preso?

— Tenho certeza de que é por causa dos negócios suspeitos do Billy, e ele só foi de gaiato.

— Bem, você com certeza conseguiu achar um *bad boy*.

— Sorte a minha.

— Por falar nisso. — Ela se animou. — Conheci uma pessoa.

— Espera, — balancei a cabeça. — O quê?

— Eu sei.

— Quando?

— É tão aleatório. Na noite em que o babaca do seu irmão insistiu em me levar para casa, eu o fiz parar num posto de gasolina para mim. Eu precisava ir ao banheiro.

— E?

— Ele estava saindo do banheiro masculino e nós trombamos. Eu juro, Haven, senti uma eletricidade acender todo o meu corpo.

— Você conheceu um cara no posto de gasolina?

— Eu sei, quando você fala assim, soa meio estranho. Mas eu também já conheci caras em lugares piores.

— Você encontrou com ele de novo?

Ela concordou com a cabeça, animada.

— Acho que encontrei o meu próprio *bad boy*.

— Como ele cham...

Meu celular tocou e o número de Hayes apareceu brilhando na tela.

— Oi, — atendi.

— *Você está bem?*

— Você que acabou de sair da prisão e está perguntando se eu estou bem?

Cove fez silenciosamente com a boca: “Uau!”

Eu estava começando a perceber que a minha melhor amiga era uma romântica incurável.

— *Obrigado por pagar a minha fiança, docinho.*

— Claro. Onde você está?

— *Estou indo para casa tomar um banho, e depois vou para o bar.*

Mark está enlouquecendo com a fila na porta. Preciso ir lá controlar os danos.

— E o Billy?

— *Eu não sei. Acho que o advogado dele pagou a fiança também.*

— Você sabe por que foi preso?

— *Só Deus sabe se tratando dele. Preciso descobrir o que está acontecendo. Acho que ele irritou a pessoa errada.*

— Quer dizer que você está em perigo?

— *Não se preocupe comigo.*

— Você sempre diz isso.

— *Você pode me encontrar no bar em umas duas horas?*

— Posso.

— *Te vejo lá.*

Desliguei.

— A conversa não parece ter sido muito produtiva.

— Parece até que eu estou namorando o James Bond.

— Uhm... — Ela pensou por um minuto. — Está mais para Jax Teller do *Sons of Anarchy*.

— Acho que sim.

— De qualquer forma, não importa o que aconteça, estou do seu lado.

— Eu sei.

E eu sabia mesmo.



Hayes

Assim que Haven entrou no bar, fui até ela. Antes que qualquer outra merda acontecesse, precisava da minha garota, abraçar ela apertado, bem perto do meu coração. Desejava sentir o seu coração bater de encontro ao meu. Só para me lembrar que ela ainda era minha.

Ficamos perdidos um no outro por alguns minutos, e nada em volta importava. O mundo parou de girar.

O tempo parou. Éramos só nós dois.

Ela também se sentia assim. Estávamos em sintonia. No momento em que um de nós se afastasse, a ilusão iria se dissipar e no

despertar estariam os nossos demônios, que sempre estavam ali entre nós.

— Eu te amo, Hayes, — ela sussurrou.

Era como se soubesse que eu ansiava por ouvir aquilo. Eu a beijei como se minha vida dependesse daquilo.

Foi então, que o inferno baixou na Terra.

Não tinha mais como fugir do passado ou do futuro. O presente estava finalmente batendo na porta. Eu sabia que uma hora aquilo iria acontecer, mas, mesmo assim, não estava preparado para a confusão que aconteceria.

Escolhas...

Todos nós tínhamos as nossas.

Boas.

Ruins.

Certas.

Erradas.

Naquele momento, estava tudo misturado, como se fosse uma coisa só. Até que não restasse nada além da verdade das minhas decisões.

Eu nunca quis magoá-la. Eu já tinha causado estrago suficiente. Porém, o destino tinha outros planos para mim, e não dava para fugir do destino.

Ou então...

Ela não estaria nos braços do seu inimigo.

— Que porra é essa?! — uma voz áspera rugiu.

Nós imediatamente nos viramos para encarar as consequências das minhas ações, que olhavam para mim.

— Ah, não, — Haven murmurou.

Em segundos, meu mundo inteiro caiu sobre nós, enquanto seus três irmãos estavam bem a nossa frente, prontos para ir à guerra.

Comigo.

CAPÍTULO 34

HAVEN

Instintivamente me coloquei na frente de Hayes, e olhei para Jace, Ledger e Reid bem a nossa frente.

— O que estão fazendo aqui?

— O que *você* está fazendo aqui? — Jace acenou com a cabeça na direção de Hayes. — Com ele?

— Não é da sua conta.

Ledger riu com ironia.

— Não é da nossa conta? Que porra *você* está fazendo, Haven?

— O que parece que estou fazendo? Vivendo a minha vida.

— Mentindo pra gente? — Reid balançou a cabeça. — Não educamos *você* pra isso.

— O que *vocês* queriam que eu fizesse? *Vocês* nunca aprovariam o meu relacionamento com ninguém.

— Relacionamento? — Jace vociferou. — *Você* só pode estar brincando. *Você* está namorando esse descarado?

— Ele não é descarado!

— Docinho...

Jace interrompeu:

— Docinho? — Ele inclinou a cabeça para o lado de maneira ameaçadora. — É melhor que isso não signifique o que eu acho que significa, filho da puta.

Meu coração batia tão acelerado que eu achava difícil respirar. Meus lábios se abriram e meu peito subia e descia a cada momento que as coisas pioravam entre a gente. O pânico começou a se instalar, e minha mente começou a pensar descontroladamente. Eu tentava ansiosamente organizar os pensamentos, mas eles estavam tão empacados quanto os meus pés estavam grudados no chão.

— Por favor, parem. Não façam isso.

Ledger retrucou:

— É meio tarde pra isso, não acha? Agora, *você* vai responder a minha pergunta? Que porra *você* está fazendo com ele?

— Eu trabalho aqui.

— Desde quando? — Reid perguntou.

— Por que isso importa? Tenho dezoito anos, faço o que eu quiser.

— Não daríamos a mínima mesmo que você tivesse cinquenta, — Reid informou.

— O pai sabe que vocês estão aqui fazendo isso comigo?

— Não, — Jace balançou a cabeça. — Não queríamos incomodá-lo com as suas decisões de merda.

Hayes fechou os punhos na lateral do seu corpo, eu senti atrás de mim.

Jace não perdia uma, e deu um passo na nossa direção.

— Que foi, filho da puta? Vai ficar se escondendo atrás da nossa irmãzinha?

— Não sou criança!

Hayes não recuou.

— Se vocês continuarem a desrespeitando, vão descobrir rapidinho o que ela significa pra mim.

— Significa pra você? — Jace jogou a isca. — Você quer dizer mais do que só a boceta?

— Ai, meu Deus! — gritei. — Quem você pensa que é? Você não é o meu pai! Nenhum de vocês! Se o pai soubesse...

— Que você foi na delegacia, — Jace disse, — pagar a fiança desse Fora-da-Lei?

Eu me engasguei, mentalmente me castigando.

Tudo tinha acontecido tão rápido que eu não tinha parado pra pensar que os policiais iam contar à minha família que eu tinha estado na delegacia no dia anterior.

Jace declarou:

— Ou que você estava aqui quando fizeram a batida ontem à noite? Qual parte disso você acha que nosso pai precisa saber?

Eu só consegui responder:

— Não é o que parece. O pai dele é dono de parte do bar também. Ele é o Fora-da-Lei. Não Hayes.

— Porra, pequena, — Reid falou em um tom tão áspero que eu nem reconheci. Estava tomado de pura angústia e preocupação. — No que você foi se meter? Você tem ideia de quem são esses homens?

— Já chega, — Hayes ordenou.

— Ah, seu filho da puta, — Jace avisou. — Nós estamos só começando. Ela não sabe, não é?

O tom duro e exigente na voz de Jace só aumentou o meu medo. Por um rápido segundo, me perguntei se eles conseguiam sentir o cheiro do medo em mim, mas não cedi.

Eu não podia. Não iria.

Se eu cedesse, perderia Hayes, e me recusava a desistir dele sem lutar.

— Não sei, o quê? — perguntei, encontrando novamente a minha voz.

Encarei os olhos escuros e desalmados de Jace. Pela primeira vez, não via meu amado irmão olhando para mim. O que eu via era o homem que foi para a guerra e voltou destruído.

Observei sua postura assustadora e estranha, o jeito como as suas mãos estavam ao seu lado, sem esconder o fato de que ele estava por um fio. Observei cada detalhe dele. Principalmente como estava pronto para bater em Hayes. Quase como se estivesse esperando por aquele momento há muito tempo.

Eu me concentrei na minha respiração.

Inspira, expira.

Um

Dois.

Três.

Inspira, expira.

Um

Dois.

Três.

Até que eu repeti:

— Não sei, o quê?

Não tinha como confundir a energia no bar enquanto eu silenciosamente rezava para que aquele fosse apenas mais um sonho ruim. Outro pesadelo do qual eu acordaria em breve, gritando e coberta de suor.

Esperei por uma resposta, enterrando as unhas nas palmas das mãos para não desmaiar. O silêncio repentino era ensurdecador. Eu o sentia no fundo na minha alma e no meu ser.

O piso de concreto era sólido embaixo dos meus pés e as batidas do meu coração ecoavam ao meu redor. Meus olhos observavam o salão, perplexa com a reviravolta nos acontecimentos.

Quatro dos homens mais importantes da minha vida estavam prestes a ir à guerra uns contra os outros. Eu queria me rastejar para o espaço vazio em que eu estivera vivendo, procurar refúgio dentro de mim mesma era a única forma que eu sabia de lidar com aquilo.

Sobreviver.

Viver de novo depois que a minha mãe morreu.

Pensar nela geralmente me trazia paz, não tristeza como naquele momento. Passei os braços em volta da barriga, em um gesto reconfortante. Só de observar aquele impasse, eu sabia que o que aconteceria a seguir iria me ferir muito.

Sem remorso. Sem dó.

Nada além da verdade, que eu implorava por ouvir.
— Alguém vai me dizer o que está acontecendo?
— Por que você não conta para ela, Hayes? Já que ela significa tanto pra você, — Reid provocou.
Eu me virei, e fiquei olhando apenas para Hayes.
A expressão assombrada em seu rosto ficou gravada em mim.
Ela seria para sempre parte de mim.
Exatamente como também seria a sua verdade.

Hayes

Como é mesmo aquela frase?

Há um momento na vida de todo homem... e eu tive muitos deles. Só que aquele em específico iria destruir a única mulher que eu já havia amado.

Meu coração saltava do peito e as paredes se fechavam sobre mim. O tempo, mais uma vez, parou para nós.

Nada se movia.

Principalmente eu.

Bile queimava no fundo da minha garganta, ameaçando emergir. Havia um sentimento familiar no ar, uma sensação de morte, que queimava nossos sentidos, quer eu quisesse, quer não. A lembrança daquele dia passava na minha mente como um filme repetidas vezes. E eu era incapaz de parar.

Sempre tinha sido.

Sempre seria.

Arrependimento.

Culpa.

Vergonha.

Eles também viviam dentro de mim.

Éramos um só.

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Mesmo que eu quisesse muito contar a ela a verdade, não conseguia fazer isso.

— Seu filho da puta, — Jace acusou. — Não consegue contar, não é?

Olhei para ele, sentindo o peso de suas palavras na minha mandíbula cerrada.

— Não se preocupe, não tenho problema nenhum em contar a ela a verdade sobre você.

Meus olhos estavam grudados nos dela. Quase como se eles estivessem fundidos um no outro e nada pudesse separá-los, apenas a verdade escondida à vista.

Eu.

Foi naquele momento que eu me perdi de verdade.

Foi naquele momento que eu realmente percebi.

Eu estava sozinho.

Abandonado.

Eu merecia.

Estremeci, meu corpo se entregando. Todo o resto da força que eu ainda tinha evaporou como um ladrão no meio da noite. Era o único conforto que eu tinha desde o dia em que a minha mãe também havia me deixado.

A minha visão embaçou.

A minha garganta se apertou.

— Por favor... — Haven implorou, simplesmente me fazendo lembrar daquele dia. — Por favor, só me diga a verdade.

Eu queria alguma coisa, qualquer coisa, que me impedisse de sentir as emoções que me arrastavam cada vez mais para o fundo do sofrimento que eu mesmo criara. Eu não tinha ninguém para culpar além de mim mesmo. Era culpa minha. A culpa seria sempre minha.

Não importava quanto eu quisesse.

Rezasse.

Implorasse para que não fosse.

Segundos se transformaram em minutos, e minutos se transformaram em horas. Eu continuava ali parado, de pé, como um homem no corredor da morte, esperando pela sua execução. Só que a minha não viria na forma de agulha ou de cadeira elétrica, a minha viria na forma de nove palavras que sairiam da boca de um dos homens cuja vida eu havia destruído.

Não deixei de perceber a ironia naquilo.

Perder Haven era a minha condenação e minha punição quando Jace revelou:

— A mãe dele matou a nossa por causa dele.

Eu só precisava daquelas palavras para ser jogado de volta ao dia em que todos nós perdemos...

... as nossas mães.

CAPÍTULO 35

HAYES

Minha mãe atendeu a ligação que o xerife fez do meu telefone.

— Oi, amor.

— Sra. Hayes, — o xerife cumprimentou, me puxando para fora da casa barulhenta com ele. — Só um minuto.

Quando estávamos de pé ao lado do seu carro na rua, ele tocou no viva-voz de propósito, para que eu ouvisse a angústia dela.

— Sra. Hayes, — ele anunciou. — Ainda está aí?

— Estou, — ela respondeu com um desconforto imediato no seu tom de voz. — Quem está falando? Está tudo bem com Chase?

— Me desculpe por fazer isso, mas quem está falando é o xerife Thomas.

— Ai, meu Deus...

Mesmo ouvindo o desespero em sua voz, não consegui dizer nada. A última coisa que eu queria era magoá-la e odiava que aquilo estivesse acontecendo sem o meu consentimento.

Olhei para o xerife com extremo desprezo. Eu preferia que ele me prendesse a ouvir a conversa deles.

— Sinto muito ter que lhe dizer isso, mas seu filho está sob minha custódia.

— O quê? Por quê? O que aconteceu?

Ela mal conseguia fazer as perguntas rápido o suficiente. Elas voavam para fora da sua boca.

— Recebemos um telefonema anônimo de que havia uma festa com menores de idade e o seu filho foi encontrado com porte de vários entorpecentes ilegais.

— O quê?!

— Odeio ser a pessoa a lhe dar essa notícia. Porém, ao que parece, ele não está sob a influência de nenhuma droga, então tenho quase certeza de que seu intuito era somente venda e distribuição.

— Ai, meu Deus...

Fechei os olhos, não tive escolha. A vergonha me devorava vivo.

— Veja bem, já fui chamado para ir a sua casa muitas vezes ao longo dos anos, e sei que vocês dois já passaram por muita coisa. Por causa disso, vou dar ele esta chance e não vou prendê-lo. Porém, vou contar com você para dar um jeito nele.

— Não acredito nisso. Meu marido sabe?

— Dado o seu histórico familiar, não o contatei.

Ela deu um suspiro de alívio.

— Muito obrigada, xerife Thomas. Nunca vou ser capaz de lhe agradecer o suficiente por fazer isso pelo meu menino. Por favor, pode ficar tranquilo que vou dar um jeito nele e isso nunca mais vai acontecer.

— Pelo bem de vocês dois, espero que seja assim. Estamos na Avenida Parkwood, 3927. Não vou liberá-lo da minha custódia até que a senhora venha buscá-lo.

Ouvi o barulho do alarme do carro dela.

— Estou saindo do mercado. Estou a caminho agora mesmo.

— Para que fique bem claro, se eu pegar ele fazendo isso de novo, a lei vai dar um jeito nele da próxima vez.

— Certo, entendi. Prometo que não vai acontecer de novo. Posso, por favor, falar com ele?

— Só um minuto.

Ele me encarou.

— Vou tirar a sua algema. Se você correr, não vou ter outra escolha a não ser revidar com a arma de choque. Você me entendeu? — Concordei com a cabeça. — Filho, preciso que você diga. Você me entendeu?

— Entendi.

Depois de tirar as algemas, ele segurou a minha cabeça e me empurrou para o banco traseiro do seu veículo antes de me devolver o celular. Rapidamente, ele fechou a porta. Aquela era a primeira vez que eu entrava em um carro de polícia, ainda mais no do xerife.

Tirando do viva-voz, falei:

— Oi, mãe.

— Oi, mãe? É só isso que você tem a dizer em sua defesa? — Eu não sabia o que responder, então fiquei calado. — Chase, o que você acha que está fazendo? Vendendo drogas? Não te eduquei pra isso! — Curvei a cabeça, sentindo como se ela tivesse me dado um soco no estômago. — Não pense nem por um minuto que não vou testar para ver se você está drogado quando chegarmos em casa.

— Eu não uso drogas.

— Ah, então você só está vendendo? Não sei o que é pior.

— Desculpa.

— Desculpa? Como pôde fazer isso comigo? Depois de tudo o que passamos? Depois de tudo o que você viu do seu pai. Meu Deus, foi ele que colocou você nisso? Você está vendendo para ele?

— Não.
— Chase... eu conheço o seu pai. Se você estiver mentindo para ele...

— Não estou.
— Então, de onde está pegando as drogas se não é dele?
— Do clube.

Ela arfou alto, me fazendo sentir pior.

— Você está roubando deles?
— Desculpa, mãe.
— O que você estava pensando? Por que cargas d'água você...

Incapaz de me conter, eu gritei:

— Precisávamos do dinheiro para ir embora! — Ela arfou de novo e rompeu em lágrimas, partindo ainda mais o meu coração. — Eu sinto muito, mãe. Por favor, não chore. Você sabe que eu odeio quando você chora.

Se eu pensava que não tinha como me sentir pior, estava redondamente enganado. Não havia palavras para descrever o que eu estava passando.

— Eu estava fazendo aquilo por nós. Sou um homem agora. É o meu dever te proteger.

— Me proteger? Seu trabalho nunca foi cuidar de mim.

— Então quem vai cuidar?

— Não acredito nisso. Nunca quis que você sentisse que tinha que ser um homem. Você é apenas uma criança.

— Criança? Quando eu fui criança, mãe? Quando ele estava te enchendo de porrada? Ou quando você chorava até dormir me abraçando? Qual dessas vezes na nossa vida de merda eu fui criança?

Eu nunca iria esquecer quanto ela chorava. Eu já a havia ouvido chorar centenas de vezes, mas nunca daquele jeito. Eu não conseguia segurar a raiva, o desespero, a dor e a agonia de ter que crescer tão depressa.

— Precisei tomar uma atitude porque você não tomava! Você não o largava. Não importa quantas vezes eu tenha implorado. Você continuava lá como se fosse um cachorro para ele podia fazer o que quisesse. O que esperava de mim? Eu não conseguia mais ver aquilo! Não consigo mais viver naquela casa! Ali só tem as suas lágrimas e os meus gritos pedindo para ele parar de bater em você!

Ela não aguentava mais, mas eu não parei. Queria ter parado.

Faria qualquer coisa para retirar tudo o que disse para ela, mas eu estava irritado demais. Depois de anos sem fazer nada, só assistindo ela aceitar por vontade própria o abuso dele, eu descontei na pessoa errada.

— Você acha que é isso o que eu quero? Vender essas porras dessas drogas? Odeio fazer isso! Odeio viver essa vida! Eu poderia ter feito muito mais da minha vida! Estou repetindo na escola! Não tenho amigos!

Tudo mundo nessa merda de cidade acha que eu não passo de um Fora-da-Lei de merda. Sou filho de um criminoso e você nunca se lixou para isso! Você alguma vez pensou, nem que fosse por um segundo, em mim? No quanto isso me afetaria? Pra quê? Para que você fosse só mais uma das vadias dele implorando pela sua atenção?

Ela chorava copiosamente enquanto eu continuava a cuspir veneno.

— Se estou vendendo drogas é porque te amo o suficiente para te desejar algo melhor do que isso. Você tem ideia de quantas noites eu rezei para você fazer o mesmo por mim?

— Chase...

— Eu odeio ele! Sempre odiei ele! E luto todos os dias da minha vida para não odiar você também!

— Desculpa, meu amor. Eu te decepcionei, — foi a última coisa que ela falou antes do meu mundo inteiro desabar sobre a minha cabeça.

Num piscar de olhos, o barulho de metal e vidro se despedaçando irrompeu do outro lado da linha. O que se seguiu só poderia ser descrito como o meu pior pesadelo se tornando realidade.

— Mãe! — gritei, sentindo o coração explodir no peito. — Mãe! — Seu telefone caiu no que parecia ser o chão. — Mãe!

O xerife abriu a porta imediatamente.

— O que está acontecendo?

— Mãe!

Eu não conseguia parar de gritar.

O xerife tirou o telefone das minhas mãos.

— Sra. Hayes?

Em poucos segundos as pessoas começaram a gritar por socorro do outro lado da linha e ele arregalou os olhos.

— O que está acontecendo? — perguntei freneticamente. — Onde ela está?

Ele olhou para mim uma última vez e depois rastreou a localização dela pelo meu celular. Fiquei ali sentado, em estado de choque, enquanto ele corria para o banco do motorista.

Ele agarrou o rádio do console central e relatou:

— Possível 11-80 na Avenida Himes. Nenhuma informação sobre ferimentos. Preciso de todos os policiais de ronda se dirigindo para lá.

Ele ligou as luzes de emergência e ordenou:

— Coloque o cinto.

Depois disso, só me lembro de estarmos atravessando um cruzamento onde o caos imperava por toda parte.

Caminhões de bombeiro.

Ambulâncias.

Mais carros de polícia.

Uma multidão em cada esquina.

Foi só quando eu vi o carro dela totalmente destruído que entendi o que havia acontecido. Meu olhar assustado se desviou para o outro carro do acidente que também estava totalmente destruído.

Eu juro que meu coração parou de bater quando percebi dois corpos embrulhados no chão e, então, perdi de vez a cabeça.

Eu sabia.

Eu era o seu filho.

Nós éramos uma coisa só.

— Não! — gritei com toda a força, tentando abrir a porta.

— Filho, se acalme, — o xerife ordenou.

— Não sou seu filho! — Eu batia na porta com o ombro sem parar. — É a minha mãe! — O resto pareceu acontecer em câmera lenta. Um pesadelo que me assombraria eternamente. — Não! — eu gritava com toda a força.

A adrenalina corria pelas minhas veias, dominando cada pedacinho do meu corpo. Minha visão se afunilou, não via nada, a não ser o desastre que havia causado. Se não fosse por mim ela não teria batido o carro.

Ela era a única pessoa que eu já havia amado. A única luz que iluminava a escuridão ao nosso redor.

Rezei para Deus.

Para os santos.

Para todos os anjos pedindo para que aquilo não estivesse acontecendo.

Ela não deveria morrer daquela forma. Não pelas minhas mãos. Não num acidente de carro. Ela não merecia aquilo.

— Por favor... — eu implorava não sei pelo quê. — Por favor...

Não conseguia me mexer. Mal conseguia respirar.

A verdade era demais para eu suportar.

Demais para eu presenciar.

Demais para eu sobreviver.

Devagar, fui afundando em meu desespero. No meu próprio inferno pessoal, desligando tudo ao meu redor e abraçando os joelhos, como fazia quando era pequeno quando via meus pais brigarem.

Ninguém me protegia da realidade da minha vida.

Deixei as lágrimas rolares pelo meu rosto enquanto a minha mente me traía. Imagem após imagem da minha mãe passavam na minha frente.

Seu sorriso.

Sua risada.

Seu aroma reconfortante.

O jeito como ela iluminava um lugar quando entrava.

Sua voz.

Suas lágrimas.

O jeito como ela me abraçava, apertado, de encontro ao seu corpo.

Mentalizei eu mesmo olhando para outra coisa, mas não conseguia. Eu me forcei a encarar o que eu tinha feito. Lembrei do carinho que seus olhos já tinham me transmitido com tanta adoração, como se eu fosse o amor da sua vida.

O tempo todo ela dizia que me amava.

Me dizia que estaria sempre ao meu lado, não importava o que acontecesse.

Me prometia que eu era um bom menino. Eu seria para sempre seu bom menino.

Não aguentei mais.

Chorei copiosamente.

Desmorenei.

Me despedacei de dentro para fora.

Então, de repente, vi uma garotinha gritando, sendo retirada em uma ambulância.

— Mamãe! — ela gritava como eu. — Cadê a minha mamãe!

Os momentos seguintes eu percebi como se piscasse os olhos.

— Wilbur! Eu quero meu cofrinho! Pega o meu cofrinho!

Pisquei.

Macas foram jogadas na rua de cimento.

Pisquei.

Ela sendo colocada em uma delas.

Pisquei.

Seu corpo sendo levado embora.

Pisquei.

— Mamãe! — a menininha gritava, espelhando o tormento em minha alma. — Eu quero a mamãe!

Pisquei.

Ela sendo amarrada em uma maca enquanto o sangue cobria os seus olhos saindo de um corte feio nas suas sobrancelhas.

— Quero o meu cofrinho! Por favor! — ela implorava descontroladamente.

Pisquei.

O carro do meu pai chegando.

Pisquei

Anarquia.

Pisquei.

Loucura.

Pisquei.

Nada, a não ser escuridão.

Pisquei.

Meu pai gritando comigo:

— O que você fez? Que porra você fez?

Pisquei.

— Isso é culpa sua! Isso é tudo culpa sua!

Pisquei.

Ele brigando com os policiais.

Pisquei.

Eu, subitamente fora do carro do xerife.

Pisquei.

Andando para o outro veículo do acidente que eu causei.

Pisquei.

Cacos de vidro nas minhas mãos.

Pisquei.

Nada, além da escuridão.

Pisquei.

Ela morreu naquele dia por minha causa, mas a verdade devastadora era que...

... eu morri com ela também.

CAPÍTULO 36

HAVEN

— Docinho...

Meu coração martelava no peito e meu estômago se revirava. Eu sentia que ia passar mal. Tinha algo no jeito como Hayes me olhava que me deixava sem fôlego.

Queria perguntar para ele se era verdade, mas não tinha voz. Depois de meses desejando saber a verdade, eu estava petrificada ao saber a resposta para aquela pergunta que iria destruir nós dois.

Hayes estava certo.

Ele estava certo desde o começo.

Eu queria olhar em volta, mas não conseguia desviar os olhos dele. Nossos olhares estavam grudados. Fundidos juntos, como o nosso passado. Nenhum de nós rompeu a intensidade do nosso olhar, e as minhas emoções continuavam a me invadir, desordenadas.

Ele estreitou os olhos, olhando para mim com um desejo visível de desmoronar ali mesmo comigo, me mostrando um pouquinho do homem que eu tinha conhecido e amado por todo aquele tempo. Seus olhos esquadrihavam meu rosto e lutavam uma batalha interna que era uma verdadeira guerra dentro dele. Que acontecia bem na minha frente.

Foi ele quem rompeu primeiro a nossa conexão, incapaz de continuar olhando para mim. Seu olhar atormentado desceu para as suas botas e as suas mãos se enterraram nas mechas de seu cabelo e os puxaram, como se ele quisesse arrancá-las.

Do mesmo jeito que fazia com o meu coração e a minha alma.

Ele estava se preparando para algo que eu ainda tinha que compreender e entender. Como quando as pessoas dizem que a sua mente pode se proteger de qualquer coisa que ela ache que possa machucá-la...

Eu nunca havia entendido aquela afirmação até aquele momento.

“Mamãe! Eu quero a minha mamãe!”

Gritando...

Chorando...

Sangue...

Tanto sangue.

Dor.

Escuridão.

Um funeral que nunca esquecerei.

Um adeus que nunca dei.

Um último “eu te amo” que não deveria existir.

Um futuro que agora se manchava com a lembrança do corpo dela voando pela janela.

Passei anos me perguntando porque ela havia esquecido de colocar o cinto de segurança. Seu único erro custou a vida de seus filhos sem a mãe.

Meus olhos se encheram de lágrimas e, de repente, era difícil respirar.

— Hayes...

Pareceu uma eternidade até ele olhar para mim pela fenda de seus olhos.

Seu olhar.

Comportamento.

Aura.

Tudo era o meu reflexo.

Meus lábios se entreabriram, e dei um suspiro profundo, mas meus olhos nunca se desviaram dos dele. Puxei o ar com o corpo completamente paralisado.

— É verdade? — perguntei tão baixo que eu mal consegui me ouvir.

Ele não se moveu nem disse uma palavra. Ele nem piscou.

Meu coração acelerou e juro que Hayes podia ouvi-lo. Não tinha como não ouvir, ele ecoava no espaço entre nós.

— Só me diga a verdade.

Silêncio.

Nada.

Nem uma reação.

Cada segundo que passava parecia que horas, dias, meses tinham se passado.

— Por favor...

Silêncio.

Comecei a balançar a cabeça descontroladamente, como se estivesse respondendo as minhas próprias perguntas. Mordi meu lábio inferior a ponto de começar a doer. Tentava sentir outra coisa além do desespero do homem que eu pensava conhecer. Sua expressão, nem por um momento, deixou de mostrar uma quietude profunda e um

olhar penetrante. Ele me encarava como seu eu estivesse o magoando tanto quanto ele me magoava.

Seu silêncio era ensurdecedor, como um leque de pequenas lâminas cortando cada centímetro da minha pele. Eu o sentia em todo lugar e tudo de uma vez, mesmo que não estivesse me tocando.

Fiquei irritada porque ele não me respondia.

— Por que está aí parado em vez de me contar a verdade?

Ele fechou os olhos por alguns segundos, murmurando:

— Eu sinto tanto, Haven, — disse, curvando a cabeça, envergonhado.

Coloquei a mão trêmula sobre o coração, tentando controlar minha respiração e o desejo de me jogar no chão, devastada por um passado que não podíamos mudar.

O bar estava se fechando sobre mim, deixando minha visão confusa e turva em relação ao que estava ao meu redor, inclusive ele. Meus lábios começaram a tremer. Meu peito começou a subir e descer. Libertando as lágrimas dos meus olhos e fazendo um riacho escorrer pela lateral do meu rosto.

— Fala pra mim! — gritei, meu corpo tremendo descontroladamente.

Ele só balançava a cabeça de um lado para o outro.

— Docinho, eu... — ele disse olhando de volta para mim com os olhos atormentados.

— Responde a porcaria da minha pergunta!

Ele esticou os braços para mim, mas empurrei a sua mão. Eu podia sentir, aquilo iria nos destruir no fim.

— Sente muito pelo quê?

— Você sabe, — foi tudo o que ele disse.

Antes de perceber o que fazia, minhas mãos se conectaram ao seu peito num baque alto, e eu o atingi repetidas vezes.

— Pequena, calma aí! — Jace ordenou, mas não ouvi. Não conseguia.

Meu coração se partia.

Despedaçava na frente de todo mundo, exatamente como os meus irmãos queriam.

Eu me virei abruptamente, e o encarei:

— Era isso que você queria, não era, Jace? Foi para isso que vocês vieram? Pra partir a porra do meu coração?

Foi a primeira vez que vi a verdadeira agonia invadir os olhos dos meus irmãos desde a morte da nossa mãe. No dia em que a enterramos, eles todos se tornaram lembranças distantes das pessoas que haviam crescido comigo. Tudo mudou. Nós nos perdemos na lembrança dela.

— Vocês não podiam me deixar ser feliz! — gritei, sentindo

que minha vida se acabava mais uma vez. — Vocês não podiam deixar eu ficar com ele! Por quê?

— Pequena... — ele tentou se justificar. — Estamos apenas tentando proteger você.

— Do quê? De ser amada? De ser feliz? De querer compartilhar a minha vida com alguém?

— Ele não é pra você!

— Nem nenhum de vocês!

— Haven, — Ledger interrompeu. — Deixa a gente explicar.

— Vocês não são melhores em nada! Nenhum de vocês! Querem fingir que fizeram isso por mim, mas é mentira! Não fizeram isso por ninguém, só por vocês mesmos! Não sou mais uma menininha e vocês querem morrer porque não podem mais me controlar! Por quê? Porque acham que vou acabar morta que nem ela?

Reid concordou:

— Não podemos perder você também.

— Porque isso não é nada melhor!

Hayes tentou passar os braços ao meu redor, querendo e precisando me abraçar.

— Me solta! — gritei, tentando me desvencilhar do seu abraço.

Ignorei a dor que circulava por todo o meu ser e tentei me soltar de qualquer jeito, mas isso só fez com que ele me segurasse com muito mais força.

— Docinho, estou por um fio aqui... Por favor... — ele pediu quando não parei de lutar contra ele. — Nunca quis te machucar. Você sabe disso... Eu te avisei, mas você não me escutou. Você se recusou a me escutar e agora olha o que aconteceu.

— Por que você não me contou? — falei sinceramente, sentindo que ia despedaçar a qualquer momento. — Você teve tantas chances de me contar a verdade! Por que preferiu que eu descobrisse desse jeito?

Ele me virou para poder encará-lo, ainda segurando meus braços fortemente.

— Eu não queria perder você. Não depois que me apaixonei.

Ouvi-lo dizer aquelas palavras pela primeira vez era como sentir ácido corroendo a minha pele.

Queimava.

Assustava.

Ardia o meu coração.

Eu me soltei, e comecei a bater o punho contra o seu peito, e ele aceitou cada golpe, sabendo que merecia.

Eu queria machucá-lo.

Eu precisava machucá-lo.

Mas também, apesar de tudo...

Eu queria continuar a amá-lo com cada milímetro do meu ser.

Quando, de repente, ele segurou meu pulso no meio de um golpe e me puxou de encontro ao seu corpo, me segurando contra seu peito, contra seu coração. Contra a agonia e a dor que iria sempre existir dentro dele.

Eu desabei, perdendo todas as forças.

Para lutar.

Para chorar.

Para odiá-lo.

Eu caí no chão...

E ele caiu comigo.

— Eu sinto muito mesmo... — Hayes se desculpou, segurando meu rosto, pegando nele com tanta força e devoção. Tanta agonia e dor. — Também perdi a minha mãe, e passo cada segundo desde aquele dia tentando viver sem ela. Se eu pudesse trocar de lugar com qualquer uma delas, eu trocaria... Juro pra você... trocaria no mesmo segundo. Mas isso não muda o fato de que eu te amo, Haven Beckham.

Encarei seus olhos cheios de sofrimento, que me pediam silenciosamente perdão.

Quanto mais força ele usava para me segurar, mais eu queria machucá-lo.

Despedaçá-lo.

Odiá-lo.

Só que eu não conseguia.

Minha mãe não deixava.

Ela sabia... Ela sempre soube que nós nos encontraríamos. Nossa conexão tinha sido criada com a morte das nossas mães. Era um entendimento que só nós poderíamos compartilhar.

— Você está me ouvindo? Eu te amo, docinho. Eu te amo pra caralho.

Eu chorei com as mãos dele nas laterais do meu rosto.

— Haven, se levante, — Jace ordenou. — Agora!

— Jace... — Ledger disse. — Deixa ela em paz.

— Haven, estou falando sério, — Jace exigiu. — Se levante do chão antes que eu faça isso por você.

— Jace, — Reid falou. — Ledger está certo. Para com isso.

Eu não aguentava mais, empurrando as mãos de Hayes, eu me levantei.

— Vocês todos! — rosnei. — Já chega! — Olhei de um para o outro. — O que você fez, Hayes? Como o acidente foi culpa sua?

Como ele não respondeu rápido o suficiente, Jace respondeu por ele:

— Seu namoradinho estava vendendo drogas em uma festa quando a polícia chegou. Em vez de prenderem ele, ligaram para a

mãe ir buscar. Por causa dele, ela estava dirigindo sem cuidado e passou no sinal vermelho que matou a nossa mãe. É por esse homem que você está apaixonada, *docinho*, — ele zombou.

Meus olhos se conectaram com os de Hayes de novo.

— É verdade?

— Haven...

— É verdade?!

— É, — ele concordou com a cabeça. — Mas eu só estava vendendo drogas para tirar a gente daquela casa. Eu não podia mais ficar assistindo enquanto meu pai a matava aos poucos, mas no fim, não fez diferença. Fui eu quem fez isso para ele.

Minhas mãos voaram para a minha boca.

Eu queria a verdade e lá estava ela.

— Vocês querem proteger a sua irmãzinha, — Hayes afirmou, se inflando. — Bem, eu só queria proteger a minha mãe.

Eu abri a boca para responder, mas ele me interrompeu:

— Docinho, vou facilitar as coisas pra você. Sua família é tudo o que você tem, e eu não poderia me olhar no espelho se você escolhesse ficar comigo em vez deles. Já perdemos o suficiente, e eu prefiro que você perca a mim do que o que resta da sua família. Sempre achei que seria você que iria me deixar, mas, no final das contas, eu é que tenho que ser forte e deixar você.

Eu não esperava ele dizer o que disse em seguida. Nem por isso, doeu menos.



Hayes

Precisei reunir todas as forças para partir o seu coração pela última vez.

— A partir de agora, você não trabalha mais aqui. Agora dê o fora do meu bar.

Eu fiz o que tinha que fazer.

Mesmo que...

... fosse a última coisa que eu quisesse.



CAPÍTULO 37



HAYES

Era mais de meia-noite quando sentei na mesa da sala de jantar naquele inferno de casa onde eu havia crescido. Nunca fora um lar. Apesar de minha mãe ter tentado. Eu não ia lá havia anos, muitos demônios viviam dentro daquelas paredes.

Lugar maldito.

Enquanto estava ali sentado, minha vida passava diante dos meus olhos. A única coisa que eu via eram os anos de abuso que tive que presenciar pelas mãos do meu pai. Nenhuma vez ele teve que responder pelo que fez a gente passar.

Ele não se importava. Nunca se importou.

Nós éramos apenas mercadorias para ele.

Coisas que ele podia usar e abusar quando quisesse. Ele prosperou descontando todas as suas frustrações no rosto e no corpo da minha mãe. Eu estava esperando por ele. O fato daquele filho da puta nunca ter vendido aquela casa e ainda morar nela apenas aumentava as lembranças que faziam estragos na minha mente.

Era agora ou nunca...

E eu me recusava a deixar que me controlasse por mais tempo. Você colhe o que planta, e havia chegado a hora dele.

A última coisa que eu queria era qualquer distração, interrupção ou retaliação. Aquilo era entre meu pai e eu.

Não tinha nada a ver com mais ninguém.

Depois de hoje, não haveria mais segundas chances, nada a refazer, não havia volta. No fim das contas, seria o fardo que eu carregaria sozinho. Exatamente como eu queria que fosse.

A porta da cozinha se abriu, me lembrando quanto eu odiava aquele maldito barulho. Só que agora as minhas emoções não estavam relacionadas ao medo. Pelo contrário, eu estava atento.

Ele estava no telefone e não prestou atenção em mim até que parou abruptamente. Suas botas cruzaram o limiar da sala de jantar e ele viu que era só eu que preenchia o grande espaço entre nós.

Eu estava sentado no seu maldito lugar, na cabeceira da mesa.

Ele rapidamente desligou a ligação e estreitou os olhos para mim, perguntando:

— Que porra você está fazendo aqui? Sua caminhonete não está parada lá na frente.

Eu fiz um aceno para a cadeira do outro lado da mesa retangular, ordenando que se sentasse. Ele entendeu a minha exigência silenciosa e se dirigiu com cautela para a cadeira paralela a minha. Seus olhos não se desviaram dos meus quando ele se sentou como eu havia pedido.

Fiquei surpreso por ele realmente me ouvir. Ele devia estar querendo alguma coisa de mim.

— Tá com medo, velho de merda?

— De você? — ele retrucou sorrindo.

— Eu mesmo.

Ele sorriu maliciosamente, arqueando uma sobrancelha.

— Tal pai, tal filho.

Devagar e deliberadamente fiz que não com a cabeça.

— Não sou nada parecido com você, filho da puta.

Ele encostou na cadeira e colocou as botas na mesa de madeira com um baque alto e surdo.

— É isso que você acha? Que não é como eu? Você é exatamente como eu, Chase Hayes. Sou sangue do seu sangue.

Não vacilei, perguntando:

— Por que você me teve?

— Como é que é?

— Você me ouviu.

— Não entendi a pergunta.

— Por que você me teve se nunca se lixou para mim? Pronto, — zombei. — Entendeu agora? — Ele revirou os olhos, completamente indiferente a minha pergunta. — Você é um pai de merda.

— Ah é? — Ele inclinou a cabeça. — O meu também era, mas ele me ensinou a ser durão. O que você queria de mim? Um maldito abraço? Ora vamos, Chase. Você tinha a sua mãe pra isso e olha o que fez com ela. Você acha que não se parece comigo? Nunca matei a minha própria mãe. Eu diria que você é pior que eu, filho.

— Não sou seu filho.

— Chega de drama, Hayes. Que merda você quer?

— Quero respostas e você vai dar elas a mim.

— Ou o quê?

— Vou fazer você implorar por misericórdia.

— Vai se foder! Não sei o que está querendo desenterrar, então pare com essa porra de enrolação e fala logo por que está aqui. Você

não vem aqui há anos.

— Sempre me perguntei se você queria morrer.

Ele recuou, absorvendo as minhas palavras antes de bater a mão na mesa. Ela chacoalhou por alguns instantes, mas eu não me mexi um milímetro.

— Quero dizer, quantos homens você fodeu ao longo dos anos? É uma pergunta razoável. Já se perguntou quando a sua hora vai chegar?

— Se está tentando me assustar, não está funcionando.

Eu sorri, colocando uma arma sobre a mesa. O cano voltado para ele.

Seus olhos se estreitaram, passando da arma para mim.

— Tá com medo agora, seu bosta?

— O que você está fazendo, Chase? Sou o seu pai.

— Você não é nada para mim. Nunca significou nada para mim. Deve saber disso?

— É culpa da sua mãe. Ela colocou você contra mim.

— Não, — balancei a cabeça de jeito estranho. — Foi você mesmo que fez isso.

— E daí? Vai me matar por ser um pai ausente? Meu Deus, quem diria que você iria se tornar um fracote?

— É aí que você se engana. Não vou te matar por ser esse desgraçado que você é, vou te matar porque deveria ter feito isso há muito tempo.

— Você não pode estar falando sério.

Eu me levantei segurando a arma. Cada passo era mais determinado que o anterior.

— Vou te matar por todas as vezes que surrou a minha mãe. Por todas as vezes que a fez chorar. Por todas as vezes que a vi carregar na maquiagem e sorrir para te proteger, mas do quê? Todo mundo nesta cidade sabe que você é um criminoso. Eu estaria fazendo um favor aos policiais. Afinal de contas, fui eu que contei para eles.

Seus olhos se arregalaram.

— É isso aí. Eles invadiram o bar por minha causa. Só minha.

Ele cerrou a mandíbula.

— Plantei arquivo atrás de arquivo na sua escrivaninha.

— Que arquivos?

— Ah, você sabe... as merdas que você andava fazendo com Christoff e os homens dele. Então me diga, velho der merda, há quanto tempo você traficava armas?

— Como você sabe disso?

— A ironia de você ser morto por uma das suas próprias armas, — dei de ombros. — Não podia ser melhor. — Foi só então que ele percebeu que eu estava de luva. — Está coberta com as digitais de

Christoff. Dois coelhos com uma cajadada só. Essa é pela Haven. Você mexeu com a garota errada.

Suas narinas se dilataram.

— Você não pode fazer isso!

— Já fiz. Olho por olho, filho da puta.

— Por quê? — ele perguntou asperamente. — O que eu fiz para você além de dar uns tapas na inútil da sua mãe, que não servia pra nada, só pra ficar deitada ou de joelhos pra mim?

Bati nele com a arma, mandando a sua cabeça com tudo para trás.

— Se falar dela assim de novo vou te torturar antes de pôr uma bala na sua cabeça. — Ele cuspiu sangue no chão. — Quer saber o que fez para mim? Como se o estrago físico e emocional que causou a sua própria família não fosse o suficiente. Que tal todos esses anos, todo esse tempo, que eu vivi sabendo que foi por minha causa que ela ultrapassou aquele sinal vermelho, a única razão para aquilo foi porque eu estava vendendo a merda da sua droga para que a gente pudesse se afastar de você?

— Quê?

— É, *papai*. Eu estava tão perto. Mais alguns meses e teria dinheiro suficiente para que a gente pudesse recomeçar em outro estado, onde você nunca mais nos veria. Eu finalmente tiraria a gente daqui, pra longe de você e da sua merda sem fim! Com o que mais você se importava além daquele clube miserável! — Levantei os braços na lateral do corpo. — Onde estão seus amigos motoqueiros agora? Nem mesmo eles podem te salvar deste destino pelas minhas mãos. — Ele fechou os punhos. — Pode-se dizer que sou o seu ceifador da morte e vim recolher o que me pertence. Só não vou levar a sua alma, porque essa vai direto pro inferno.

— Chase...

— Você tem ideia do que tive que conviver por sua causa? Não consigo nem me olhar no espelho! Eu só vejo a morte dela em minhas mãos! O jeito que falei com minha mãe antes de ela morrer! Aquilo nunca teria acontecido se não fosse por sua causa!

Eu ficava enjoado de saber que éramos do mesmo sangue e que ele era o meu pai. Ele tinha em suas mãos um pouquinho de tudo. Coisas que faziam o tráfico de armas parecer brincadeira de criança.

Meu momento.

Tudo pelo que eu tinha esperado, buscado, investigado. Todas as noites em claro, toda a merda que eu tinha passado. Todas as vidas que ele havia tirado.

A minha.

A da minha mãe.

Quase a da mãe da Haven.

Todas se colidiam.

Só que daquela vez, não havia mais dúvida. Não havia mais luta. Não havia mais “e se”. Tinha chegado a minha hora de fazer o que era certo. Tudo o que eu sempre quis me levava aquilo. Nada mais importava.

Só a minha maldita vingança contra ele.

CAPÍTULO 38

HAYES

— Eu trouxe de volta, Billy. Para onde tudo começou e agora onde tudo vai terminar.

— Você nunca vai se safar. Vai apodrecer na prisão se me matar! E daí, o quê? Hein? Não vai mais ter o seu *docinho*. Pense nela, filho. Você vai perder tudo.

— Eu sabia que você iria tentar usá-la para me manipular. Só que todas as pistas do seu assassinato levarão diretamente a Christoff e aos seus homens. Você mesmo disse, a minha caminhonete não está aí na frente. Ninguém sabe que estou aqui. Me considere um ladrão na noite. — Eu me inclinei mais para perto do seu rosto. — Agora, vá para a sala de estar.

Seu peito subia e descia enquanto dava um passo depois do outro na direção que eu havia apontado. Seguindo-o de perto, me lembrei de todas as vezes que havia batido em minha mãe até ela cair naquele chão.

Das muitas vezes que ele tinha me jogado na parede. O jeito como os gritos dela ecoavam pelo corredor. Meu coração pulava no peito. O som dela implorando para ele parar, mas ele não parava. Eu me lembrei de tudo. Cada minuto de sofrimento que ele havia causado de propósito para o seu próprio divertimento doentio e perturbado. Na maioria das vezes, só me lembrava de sentir muito ódio por ele.

Paramos quando chegamos no exato lugar onde ele mais batia nela.

— Vire-se, quero olhar nos seus olhos quando tirar a sua vida do mesmo jeito que tirou a nossa.

Com os braços levantados, ele se virou.

— Você não precisa fazer isso, Chase. Eu posso ir para a prisão.

— Preciso, sim. Não vai ser bom pra você ir para a prisão. Este é o único jeito de eu me ver livre de você.

Era a primeira vez que eu via o medo puro no rosto do meu pai, que finalmente compreendia que ia mesmo morrer. Ele nunca

achou que a morte viria pelas mãos de seu único filho.

Seu maldito filho pródigo.

— Olhe nos meus olhos, filho da puta. — Ele não fraquejou. — Suas últimas palavras? Eu deveria ter feito isso quando era criança! Talvez assim minha mãe não estivesse enterrada.

— Isso, ela teria transformado você em um merda inútil e ingrato! — Eu não esperava aquela confissão. — Acha que eu não tinha descoberto que você estava vendendo as minhas drogas do clube? Melhor ainda do que saber que você era exatamente como eu foi descobrir o quanto você era bom!

— Que porra é essa? — falei, ouvindo com atenção.

— Você é meu filho! Você puxou a mim, não a ela! Eu fiz o que tinha que fazer!

— Billy...

— O único motivo para ela ter passado naquele sinal vermelho foi porque eu cortei o freio do seu carro. Precisava me livrar dela para ficar com você! Ela era sempre tão protetora com você e você também era meu! Era a única razão para eu te querer!

Eu não só dei um passo para trás como também cambaleei.

Havia um sentimento familiar pairando no ar, queimando os meus sentidos. Onde estaria para sempre gravado na minha pele. Só que aquela seria a primeira lembrança que não iria nunca, de jeito nenhum, me assombrar.

— É isso aí, Chase. Todo esse tempo você se culpou e isso trabalhou a meu favor. Eu sabia que ela nunca concordaria com você traficando drogas, fazendo coisas pra mim, então eu a matei para ficar com você.

Eu fui pra cima dele, agarrando a sua garganta e batendo as suas costas com tudo na parede. Ele perdeu o fôlego e uma lufada de ar escapou pela sua boca.

Inclinei meu braço para trás, gritando:

— Seu filho da puta!

E dei não um, mas três socos na sua cara antes mesmo que ele terminasse de proferir a última palavra, enviando seu corpo para o chão com sangue jorrando pelo nariz.

Ele riu, cuspidando vermelho vivo no chão, e tentou levantar a cabeça, apertando o nariz.

— Depois de tudo isso! Qual é a porra do seu problema?

Ele ria, apoiando as costas na parede, limpando o sangue do nariz com as costas da mão.

— O que for preciso.

Chutei ele no estômago o mais forte que consegui. Ele caiu imediatamente para o lado.

Eu ofegava.

Meus olhos queimavam.

Eu estava com sangue nos olhos.

Dizer que era raiva não chegava nem perto de como eu estava me sentindo naquele momento. Dominava cada fibra do meu ser.

— Pra quê? Para que eu fosse leal a você? É disso que se trata? — gritei, chutando-o mais três vezes.

Ele gemeu, apertando o estômago. Tossindo sangue dos golpes que eu dava com a minha bota.

— Se levanta! Se levanta, filho da puta!

— Hayes, eu...

Como ele não se levantou. Eu agarrei o seu pescoço e o coloquei de pé.

— Eu deveria estrangulá-lo com as minhas próprias mãos.

Bati no rosto dele, no estômago, nas costelas.

Pelas palavras.

Pelas mentiras.

Pela verdade sobre ele.

Ele se ajoelhou de novo, pensando que eu tinha terminado. Nós dois estávamos arfando muito, e também suávamos muito, e o sangue pingava do seu rosto e corpo. Nossos olhos não se desviavam um do outro, selvagens e insolentes, observando um ao outro.

Ele afrouxou a camisa e eu a levantei para limpar o sangue que escorria no seu olho esquerdo do corte acima da sobrancelha.

Aquele corte me lembrava a cicatriz de Haven.

O peito dele subia e descia, enquanto tirava a camisa e jogava para o lado.

Foi então que eu percebi que aquilo ainda não tinha terminado.

Estava longe de terminar.

Eu me inclinei sobre seu rosto e corpo machucados, como ele costumava fazer com a minha mãe.

Meu corpo balançava.

Minha cabeça latejava.

A dor se irradiava para todo lugar.

Gemendo no chão, ele cuspiu mais sangue, segurando o lado do corpo. Continuei ofegando vigorosamente, tentando impedir meu coração de pular pra fora do peito. Eu pisquei diante da agonia daquilo que ele havia revelado.

Seu rosto não tinha nenhuma expressão. Pela primeira vez, eu encarava o homem que havia matado a minha mãe. Todo esse tempo, eu tinha achado que era eu. Os anos que havia passado sob seu controle não tinham servido para nada.

Olhando para ele com desgosto, falei entredentes:

— Isso é pela minha mãe.

Engatilhando a arma, nós nos encaramos por um milésimo de segundo. Eu precisava que ele soubesse que era eu que o matava.

— Hayes, não...

Dei um tiro na sua cabeça.

Meu pai não foi o único que matei naquele dia.

Meus demônios sumiram.

Ele os levou consigo.

CAPÍTULO 39

HAVEN

Já tinham se passados dois meses desde a última vez que vi Hayes. Ele não tinha ligado, nem mandado mensagem, nem e-mail, absolutamente nada. Eu iria me formar em algumas semanas e, por mais que quisesse viajar para o exterior e manter os planos que tinha com a minha mãe, aquilo não iria acontecer.

Não só porque eu não tinha conseguido economizar dinheiro suficiente, mas também porque a única coisa que eu conseguia fazer era me entregar à depressão.

— Haven, vamos! — Cove exclamou na cozinha. — Vai ser a épica festa anual do Derrick. Vamos!

Balancei a cabeça, rabiscando qualquer coisa no meu caderno. Ela o tirou da minha mão.

— Ei! — Ela suspirou profundamente, me mostrando a página. — Quantas vezes você vai escrever Chase Hayes no seu caderno? Parece que voltamos ao ensino fundamental. Você se lembra da sua obsessão com o Ryan Gosling?

— *Diário de Uma Paixão* é um dos melhores filmes já feitos.

— É, se você quiser chorar por três horas.

— Cove...

— Não me venha com Cove, Haven Beckham. Estou tentando ser a melhor amiga solidária, mas, tipo, por quanto tempo pretende ficar... — ela fez um gesto na minha direção, — ... assim.

— Você sabe que pode ir à festa sozinha.

— Grossa.

— Desculpa, só não estou a fim de festejar.

— Acredite em mim, eu sei disso. Quando foi a última vez que lavou o cabelo?

Pensei naquilo por um segundo.

— Não me lembro.

— Quando foi a última vez que colocou roupa de verdade?

Olhei para mim mesma.

— Estas são roupas de verdade.
— Você está literalmente usando esse mesmo moletom por não sei quanto tempo.

Eu dei de ombros.

— Eu ponho pra lavar.

— Você não é assim.

— Talvez agora eu seja.

— Não. Isso está te destruindo.

— Por que você tá me dando bronca?

— Ah, não sei, — ela disse sarcasticamente. — Provavelmente porque você desistiu da sua vida.

— Você está exagerando.

— Estou? Quantas vezes você vai precisar ler o artigo do jornal?

— Billy foi morto, Cove. Pelo mesmo homem que quase me atacou, se não fosse por Hayes. Acho que posso me sentir afetada por isso.

— Eles todos tiveram o que mereciam.

— Eu sei, mas não consigo deixar de pensar no que teria acontecido comigo se Hayes não tivesse aparecido. Quero dizer, eles eram capazes de matar. E se...

— Não mataram. Você está segura. Billy se foi e eles estão na prisão. Você pode deixar isso para trás agora.

— Não consigo parar de pensar em como Hayes está lidando com tudo isso.

— Tenho certeza de que ele deve estar comemorando.

— Cove...

— O quê? — Ela balançou a cabeça. — Haven, não finja que o relacionamento deles era dos mais amorosos.

— Ele ainda era o seu pai.

— E daí?

— Você está sendo muito insensível.

— Não, estou sendo realista.

— Só estou preocupada com ele, só isso.

O som dos passos dos meus irmãos ressoou pela casa quando eles entraram na cozinha. Eu tinha trocado algumas poucas palavras com eles desde a noite em que tinham arruinado a minha vida.

Tirei meu caderno das mãos de Cove e estava saindo da cozinha para ir ao meu quarto quando Jace anunciou:

— Pequena, você não precisa sair correndo toda vez que chegamos.

Olhei feio para ele.

— Também já chega desses olhares, — Reid exigiu. — Quer me mandar fazer mais alguma coisa?

— Pelo amor de Deus, — Ledger suspirou. — Por quanto tempo mais você vai continuar dando esse gelo nos seus irmãos?

— Não em todos eles, só vocês três.

— Você acha que porque o Alexander e o Troy não estavam lá eles não concordam que tínhamos que fazer o que fizemos?

— Eu realmente não dou a mínima ao que vocês *acham* que tinham que fazer, Jace. Vocês perderam o meu respeito no momento em que não levaram em consideração o que eu queria e como me sentia. Não me deram chance alguma. Vocês três decidiram por mim. Isso é justo?

— Escuta, — Ledger começou. — Eu admito que não foi o nosso melhor momento, mas você pode se colocar no nosso lugar por um segundo? Acordar com uma ligação do xerife dizendo que a sua irmã caçula está se relacionando com a turma errada. Depois descobrir que é o filho da mulher que matou a nossa mãe. Como você esperava que reagíssemos?

— Desculpa, Haven, — Cove se intrometeu. — Mas ele tem um pouco de razão.

Eu arfei.

— Você está do lado de quem?

— Do seu, sempre.

— É mesmo? Porque parece que está do lado deles.

— Não estou. Eles passaram completamente dos limites, mas eu consigo entender por que reagiram daquele jeito. Eu consigo imaginar como foi para eles descobrirem que você estava na delegacia gritando com todo mundo.

— Cove, você não está ajudando.

Jace estreitou os olhos para ela. Era óbvio que ele tinha sido pego de surpresa pela forma como ela estava sendo sensata em relação ao que tinha acontecido. Acho que ele estava ainda mais surpreso por ela estar defendendo-os.

Ela chamou a atenção dele:

— Não olhe assim pra mim, babaca. Ainda te odeio.

A expressão divertida em seu rosto não mudou.

— Só quero dizer que eles são a sua família e, independente do resultado do que aconteceu, só estavam tentando te proteger.

— E quando isso termina?

— Haven, por mais que eles sejam um pé no saco, e, acredite em mim, eles são um enorme pé no saco, pelo menos você tem irmãos que cuidam de você. Meus pais não dão a mínima para mim e eu sou filha única. Eles passam mais tempo cuidando das suas carreiras do que já passaram alguma vez envolvidos na minha vida. Se não fosse por você e a sua família, eu não teria ninguém. — Ela apontou para Jace. — Menos você. Eu odeio você, mas de resto, — ela deu um

sorriso meigo, — eu gosto de todos vocês.

Jace sorriu.

— O sentimento é recíproco, lindinha.

— Eca! — ela zombou.

— Lindinha? — eu recuei. — Desde quando você chama ela assim?

Cove ignorou a minha pergunta.

— Se você me chamar assim mais uma vez, vou arrancar esse sorriso da sua cara no tapa.

— Eu adoraria ver você tentar.

— Ok... — interrompi. — Já terminamos esse especial de fim de tarde? Eu gostaria de sair desta conversa agora.

— Pra que a pressa? — Ledger perguntou, andando na minha direção até parar na minha frente. — Sabemos que te magoamos, pequena, e, por isso, pedimos desculpas. Nenhum de nós quer continuar assim com você.

— Então, vocês deveriam ter pensado melhor antes de se intrometer na minha vida como se tivessem o direito de fazer isso.

— Haven...

— Não! Vocês não podem simplesmente se desculpar. Hayes não tem culpa do que aconteceu com a nossa mãe. Foi só um acidente trágico. Poderia ter acontecido com qualquer um, e ele também perdeu a mãe. Vocês acham que foi fácil pra ele passar por tudo aquilo?

— Como você ainda pode defender ele? — Jace questionou. — O pai do cara foi morto por criminosos. É com desse tipo de homem que você quer se cercar?

— Foi Billy, não Hayes. Eu o amo, Jace, e esse sentimento não acabou só porque você quer. O que todos vocês queriam era tirar ele da minha vida, e isso vocês conseguiram, não falo com ele há mais de dois meses. Já conseguiram o que queriam. O que mais querem de mim?

— Que você não nos odeie, — Reid respondeu com sinceridade.

— Tarde demais. Vocês são meus irmãos. Eu sempre vou amá-los, mas neste momento, toda vez que olho pra vocês, eu vejo a dor que me causaram. E o fato de não sentirem nenhum remorso pelo que fizeram me faz odiá-los ainda mais. Não sei mais o que dizer. Além do mais, não quero ter nada a ver com vocês.

Jace concordou com a cabeça.

— Não contamos ao pai o que aconteceu naquela noite. Você pode considerar isso pelo menos?

— Ótimo. Quer uma bolachinha também?

— Haven...

— Não fale comigo nesse tom. Não funciona mais. O que o pai sabe?

— Ele sabe quem é o Hayes. Só não sabe que esteve envolvida com ele.

— Está certo, bem, se vocês querem que eu os respeite e as coisas voltem ao normal entre nós, então fiquem longe! Preciso de tempo e não sei de quanto. O que sei é que sinto que uma grande parte de mim está faltando. A mesma parte que sumiu desde que nossa mãe morreu. Hayes foi a primeira pessoa na minha vida que preencheu esse vazio em mim, e vocês tiraram ele de mim como se não significasse nada.

— O que podemos fazer para nos retratar? — Jace perguntou.

— É tarde demais. — Dei um passo para trás. — Ele saiu da minha vida, então só me deixem em paz.

Enquanto subia as escadas, parei quando ouvi Cove acrescentar:

— Ela nunca vai perdoar vocês se não consertarem o que fizeram.

— Ela vai superar, — Jace retrucou. — Aquele cara não é pra ela. Ela merece coisa melhor.

— E o que faz você pensar que ele não é pra ela? Para sua informação, babaca, a primeira vez que eles se conheceram, ele a expulsou do bar porque ela era menor de idade e ainda despediu o segurança que ia deixá-la entrar e que também, por acaso, ia tentar levá-la para casa. O que, novamente, Hayes impediu e ele mesmo a trouxe para casa. Por quê? Porque ele queria garantir que ela estaria em segurança.

Ninguém falou.

Cove continuou:

— Sem falar das vezes em que ele a rejeitou e bateu nos caras que precisava para protegê-la no bar. A maioria das mesas que ela atendia era de mulheres. Mais uma vez, quem acham que era responsável por isso?

— Se ele estava tão preocupado, por que a contratou? — Reid perguntou.

— Ele não a contratou. Na verdade, ele se recusou a contratá-la. Quem a contratou foi Billy.

— Por que ela queria trabalhar num bar? — Ledger perguntou.

— Eu não quero trair a confiança dela, mas acho que foi a única forma que ela encontrou de reparar o dano que vocês causaram. Vocês devem saber que a mãe de vocês e ela tinham um pacto de fazer uma viagem de meninas para o exterior quanto ela se formasse. Era algo que elas planejaram por anos antes do acidente de carro. Na verdade, elas estavam a caminho do banco para abrir uma conta

poupança para isso no dia do acidente. Haven estava tentando manter a promessa e ela sabia que vocês seriam contra, então ela precisava de um emprego que a ajudasse a juntar dinheiro em pouco tempo.

— Uau, — Jace suspirou. — É como se nem a conhecêssemos.

— É exatamente isso. Hayes ficou meses tentando mantê-la distante, mas vocês conhecem a irmã que têm, quando ela quer alguma coisa, não para até conseguir. — Em tom sarcástico, Cove acrescentou: — Queria saber a quem ela puxou. Ah, e também não vamos esquecer do fato de que ele a salvou dos mesmos criminosos que mataram o pai dele.

— O quê? — eles gritaram juntos.

— Calma. Hayes resolveu a situação, ok? Ele chegou com tudo. Vocês acham que ele não é bom para ela, e eu odeio ter que contar esta novidade para vocês, mas ele só tem sido bom para Haven. Ele é exatamente o tipo de homem que vocês iam querer ver com ela. Honestamente, ele é bem parecido com todos vocês e se tivessem dado a ele meia chance, teriam visto isso também.

Nunca amei tanto a minha melhor amiga como naquele momento.

— O que estão fazendo é afastar ela cada vez mais de vocês. Nós nos formamos em três semanas. Há faculdades no mundo todo dispostas a abrir as portas para ela. Para onde vocês acham que Haven vai querer ir? Porque eu digo a vocês agora mesmo que, se eu fosse ela, eu iria para a faculdade que estivesse o mais longe possível, só para me livrar de vocês. Vocês estão perdendo ela, e a sua mãe deve estar se revirando no túmulo pela forma como trataram Hayes.

Ela parou, esperando que absorvessem as suas palavras.

— Haven sabe o que é certo para ela porque todos vocês ensinaram o que ela deveria esperar do homem que amasse. Ela não ficaria com um criminoso. E o fato de vocês pensarem que ela faria isso? Não diz nada sobre ela, mas diz tudo... — e ela acrescentou com convicção: — sobre vocês.

CAPÍTULO 40

HAYES

Quase dois meses e meio já tinham se passado e não havia um segundo do dia em que eu não pensasse ou sentisse falta de Haven. Ela continuava consumindo cada milímetro de mim como sempre. Sua formatura seria na semana seguinte e eu imaginava como ela estaria da cabeça aos pés. Como seu lindo sorriso iluminaria o palco. Como a sua família estaria orgulhosa.

Como eu estava orgulhoso.

O assassinato de Billy apareceu em todos os jornais. Como eu tinha planejado, nenhuma pista levava a mim. Pela primeira vez na vida, eu estava livre, e só queria a minha garota de volta. Não aguentava mais ela longe da minha cama todas as noites. Tínhamos perdido muito tempo separados, e eu pretendia recuperar cada minuto.

Embora não quisesse, esperei os ânimos se acalmarem. Eu precisava agir certo com ela. Contra tudo o que há de sensato, me vi atravessando os portões de sua casa. Rezando para que aquilo não acabasse com os punhos de um dos seus irmãos na minha cara, ou, coisa pior, do seu pai. Antes de poder pensar no que estava realmente fazendo, eu estava de pé na porta de entrada da casa dela.

Pronto para lutar por Haven.

Do mesmo jeito que ela lutara por mim.

Foi o pai dela que abriu a porta. Se ele ficou surpreso de me ver ali, não demonstrou.

Estendi a mão.

— Olá, sr. Beckham, eu sou...

— Eu sei quem você é.

Eu desejei que tudo terminasse bem.

Para a minha surpresa, ele apertou a minha mão e disse:

— Pode entrar.

Haven estava na escola na parte da manhã. Eu tinha esperado um momento em que ela não estivesse por perto. Isso tinha que ser

resolvido entre mim e eles, sozinhos. Sem a sua influência.

Eu entrei, parando abruptamente quando vi todos os seus cinco irmãos ali de pé com os braços cruzados sobre o peito. Escondi um sorriso, respeitando o que quer que eles estavam tentando fazer.

— Eu sei porque você está aqui, Hayes.

— Achei que saberia.

Seu pai olhou em volta.

— Acredito que vocês se conheçam.

Eu acenei com a cabeça para eles.

— Algo do tipo.

— Vamos para a sala de estar.

Eu os segui e me sentei na poltrona, enquanto eles se espalhavam pelo amplo espaço.

Seu pai se sentou na poltrona paralela à minha. Esperei ele falar primeiro.

— Não precisamos fazer rodeios, Hayes. Minha filha está devastada há alguns meses e acho que isso tem alguma coisa a ver com você.

— Também estou devastado, senhor.

Ele estreitou os olhos para mim.

— Meus filhos me informaram a respeito das circunstâncias do seu relacionamento com a minha filha.

— Imaginei que eles teriam feito isso mesmo.

— O que tem a dizer a seu favor.

Eu me inclinei para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Estou apaixonado por ela.

— Ela também está por você.

— Eu sei. Não vou fingir que só essa conversa será suficiente para fazer com que gostem de mim, mas espero que diminua a sua preocupação em relação a ela e a mim.

— Estamos ouvindo.

— Tenho certeza de que ficou sabendo pelas notícias que meu pai foi morto a tiros.

— Fiquei, — o sr. Beckham concordou. — Sinto muito pela sua perda.

Eu não hesitei:

— Eu, não. Meu pai era um desgraçado. Ele passou a maior parte da minha infância batendo na minha mãe e, quando isso não funcionava, ele vinha pra cima de mim. Cresci em uma casa onde só havia desespero. Tive que crescer rápido, e não vou mentir para vocês que isso não tenha mexido comigo também como adulto. Até a sua morte, eu achava... — respirei fundo, e ajetei a minha postura. — ... que era responsável pelo acidente de carro.

— O xerife disse...

— Eu sei. Ela passou no sinal vermelho para ir me buscar. A verdade é que eu vendia drogas não porque queria ser como o meu pai. Era completamente o oposto. Eu não queria me parecer em nada com ele, e sabia que se não ficássemos longe dele, eu não teria chance. Foi por causa disso que eu estava vendendo drogas, pra começar. Estava tentando ganhar dinheiro para a gente desaparecer, mas depois descobri que ela não passou no sinal vermelho. O desgraçado mexeu nos freios. — Os olhos deles se arregalaram, chocados. — Ele a queria fora da situação para poder me controlar e me fez pensar que tinha sido minha culpa para continuar a me manipular sem a proteção dela.

— Meu Deus! — Jace exclamou.

— Billy teve o que mereceu. Isso deveria ter acontecido há anos. Eu nunca entendi por que ela não o deixou até o meu aniversário de 21 anos. O único motivo pelo qual detenho quarenta e nove por cento do bar é porque ela deixou para mim em seu testamento. Se ela ainda fosse viva, o bar teria ficado sob a minha custódia quando eu completasse 21 anos. Não sei o que aconteceu entre eles. O que sei é que o meu avô deixou quarenta e nove por cento do bar para ela no seu testamento. Suponho que ele estava provavelmente tentando prejudicar o filho. Billy nunca a deixou ver um centavo do dinheiro e ela sabia que se fugíssemos, eu não teria nada. Acho que para ela, isso era o certo a fazer por mim.

Eles ouviam atentamente o que eu estava lhes contando.

— Eu não queria ter nada a ver com o bar, mas, mais uma vez, Billy conseguiu me enganar, dizendo que era o último desejo da minha mãe e que eu não podia ir contra o que ela queria, já que era o responsável pela sua morte. Eu não podia dizer não. A culpa pelo que tinha feito era pesada demais.

— Você é o dono do bar agora? — Reid perguntou.

— Sou, mas fiz uma série de mudanças. Pra começar Os Fora-da-Lei não são mais bem-vindos. Nunca fiz parte do clube de Billy. Prometi a minha mãe que nunca faria e, se tem algo que precisam saber sobre mim é que eu sempre mantenho a minha palavra.

O sr. Beckham concordou com a cabeça.

— Eu sabia quem a Haven era quando ela foi no meu bar pela primeira vez. Foi por isso que a expulsei. Eu não a queria perto de mim por causa do que eu havia provocado, mas ela é persistente. — O sr. Beckham riu. — Mas como estou feliz por ela ser assim. Esses últimos meses sem ela têm sido os piores da minha vida. A sua filha... Ela é única.

— É, — ele concordou. — Eu soube disso quando a segurei no colo pela primeira vez. Se não fosse por ela, perder a minha esposa teria sido muito mais difícil para todos nós.

— Teria mesmo. Não me sinto assim desde que a minha mãe

era viva. Ela é tudo o que eu sempre quis e nunca soube que poderia ter.

— Até agora, quando você apareceu na minha porta, eu não sabia que era com você que Haven estava envolvida. Sei que meus filhos e ela têm andado meio distantes uns dos outros, então, quando vi seu rosto, não foi difícil somar dois mais dois.

— Homem esperto.

— Deixe-me começar dizendo uma coisa para você, Hayes. Quando o xerife nos contou o que tinha acontecido com a minha esposa, eu nunca culpei você. Nem por um segundo. Você era uma criança. Eu criei seis. Meus filhos podem agir como se fossem anjos, mas também se envolveram nas suas próprias confusões das quais não tenho nenhum orgulho. É isso o que as crianças fazem. Para mim, sempre se tratou de um acidente trágico em que todos nós perdemos alguém. — Engoli em seco, sem esperar que ele dissesse aquilo. — Se eu pudesse voltar no tempo, desejaria ter lhe concedido um pouco de paz de espírito dizendo que sabia que a responsabilidade não era sua. Teria provavelmente te ajudado muito no sentido da sua culpa pelo acidente e, por isso, eu peço desculpas. Não posso falar pelos meus filhos, mas continuando, você tem a minha bênção e, no final das contas, é só dela que você precisa.

Meu olhar se desviou para os irmãos de Haven.

— Não espero que sejamos próximos ou mesmo que gostem de mim, mas preciso que saibam que estou apaixonado pela sua irmã e ela é só o que importa para mim.

Eles se entreolharam até que Jace falou por todos:

— Se, por qualquer razão, você a machucar, saiba que vamos atrás de você. Não pense nem por um segundo que vamos deixar de protegê-la, mas pelo menos sabemos... que estamos entendidos agora. Se fizer ela chorar, não vou pensar duas vezes em fazer você chorar também.

Soltei um suspiro que não tinha percebido que estava segurando. O alívio que sentia era muito necessário.

— Antes de ir, preciso pedir a permissão de vocês para fazer uma coisa...



Haven

Joguei os meus livros no balcão da cozinha e peguei uma garrafa de água da geladeira. Momentos depois meus irmãos entraram.

Revirei os olhos assim que os vi e fui andando na direção

oposta.

— Espere um segundo, — Jace exigiu.

— Droga. — Me virei para encará-lo. — O que foi agora? Não gosta da minha roupa? Ou essa água não é saudável o suficiente para você?

— Chega de sarcasmo. Você vai querer ouvir o que ele tem a dizer, — Ledger falou.

— Tá bem.

— Depois de pensar em tudo o que aconteceu, chegamos à conclusão de que se Hayes te faz feliz, então está bom para nós.

Eu recuei.

— Você está bêbado?

— Estou falando sério. Queremos que seja feliz e odiamos no que o nosso relacionamento se transformou. Você é mais importante para nós do que o que pensamos do homem com quem quer ficar.

Balancei a cabeça.

— Por que mudaram de opinião?

— Merdas acontecem, pequena. Todos nós sabemos como é perder uma das pessoas mais importantes da nossa vida. Nunca vamos superar a perda da nossa mãe, mas todos sabemos que Hayes não foi responsável pelo acidente. Foi apenas um dia trágico.

Olhei para todos eles.

— Não estou entendendo, mas aceito. Hayes procurou vocês ou algo do tipo?

— Algo do tipo, — Reid respondeu.

Com os olhos arregalados, falei:

— Vocês não têm ideia do quanto isso significa para mim. Não sei mais o que dizer. Estou em choque.

Jace me puxou para um abraço.

— Pode começar dizendo “eu te amo”.

Eu não tinha certeza do que tinha acontecido naquela manhã. O que sabia era que ia finalmente conseguir o que queria.

Chase Hayes.

CAPÍTULO 41

HAVEN

— Bem-vindos formandos, colegas, familiares e amigos. Parabéns a todos que avançam com a vida hoje, — o diretor da nossa escola anunciou pelo microfone, no centro do palco diante de todos nós. — Gostaria de começar agradecendo a todas as famílias e amigos. Sei como devem estar orgulhosos dos seus filhos e filhas que caminham rumo a um novo capítulo de sua vida. Eu mesmo tenho um filho que se forma no ano que vem e a sensação de orgulho que sinto dele não pode ser descrito em palavras.

Eu mal podia acreditar que aquele dia havia finalmente chegado. Depois de quatro anos estudando, me formar com uma média de notas das mais altas fazia tudo aquilo valer a pena. Fui aceita em todas as faculdades em que havia me inscrito, e eram mais de doze.

Tantas cartas de “Parabéns, você foi aceita”, mas eu não podia me comprometer com nenhuma delas. Eu não sabia em que pé estava com Hayes e, apesar dos meus irmãos estarem do meu lado, eu não tinha conseguido criar coragem de procurar ele.

Durante todo o nosso relacionamento, tinha sido eu que tinha lutado por ele e não queria fazer aquilo de novo. Para que desse certo entre nós, eu precisava que ele fizesse o mesmo por mim.

Juro que pisquei e meu nome estava sendo chamado no palco. Eu sorri e subi. Depois de apertar a mão de todos, dei uma olhada na plateia, procurando minha família. Quando, de repente, dei de cara com um homem que não esperava estar lá.

Hayes estava sentado ao lado do meu pai com um buquê de rosas nos braços, orgulhoso. Precisei reunir todas as minhas forças para não correr até ele. Fiquei ali, sem acreditar, pelo que pareceu uma eternidade até conseguir descer e voltar para a minha cadeira. Fiquei aflita até o final da cerimônia.

Será que tinha sido coisa da minha imaginação?

Assim que jogamos os capelos para cima, peguei o meu e corri

para perto deles. Só que nem cheguei até lá. Hayes me encontrou no meio do caminho.

Eu corri para os seus braços. Acho que nunca corri tão rápido. Ele imediatamente me levantou no ar. Parecia que eu voltava para casa. Estava mais do que agradecida por ter ele ali comigo. Eu não tinha palavras para descrever o que sentia. Era tudo o que eu sempre quis.

Quando ele me colocou de volta no chão, eu o beijei como se a minha vida dependesse daquilo e Hayes correspondeu cada gesto.

Ele foi o primeiro a se afastar, revelando:

— Por Deus, como senti a sua falta.

— Eu também. Não acredito que está aqui.

A expressão sincera em seu rosto me cativava como sempre. Colocando as mãos nas laterais do meu rosto ele me trouxe para perto de si.

— Não posso perder você de novo. Nunca vou te perder. Eu te amo, Haven.

Meu peito subia e descia, eu absorvia a cada palavra que ele dizia.

Seu cheiro.

Seu corpo.

Seu olhar.

Sua boca.

Seu coração.

— Também de amo.

— Vem comigo.

Ele não precisou pedir duas vezes. Depois de almoçar com a minha família e Cove, o que foi meio surreal, pulei na garupa da sua Harley. Mesmo que eu estivesse bonita de vestido, eu não ligava.

Passei os braços em torno do seu peito forte e musculoso e simplesmente deitei a cabeça com o capacete nas suas costas. Era maravilhoso. Nunca pensei que chegaríamos ao ponto em que finalmente poderíamos sair em público. Que não teríamos que esconder o que significávamos um para o outro. Tudo o que passamos nos levava para aquele ponto no tempo, onde estávamos juntos e era isso o que importava.

Ele estacionou a Harley e então pegou a minha mão para entrarmos. Quando já estávamos sentados no seu deck, Hayes segurou a minha cintura e me colocou em seu colo, com as pernas ao seu redor. Seus dedos subiram pelos meus braços e pararam ao chegarem no meu rosto para desenhar meus lábios com o polegar.

— Eu te amo pra caralho. Não vou te perder de novo. — Ele parou, estudando a minha expressão. — Pela primeira vez na vida estou feliz, docinho, e preciso que saiba que é por sua causa.

Sem poder me segurar, lancei minha boca de encontro a dele. Segurando firme nas laterais do seu rosto, eu o beijei exatamente do jeito que tinha fantasiado nos últimos dois meses. Sua língua encontrou a minha. A mera sensação dele me levou ao limite, e tudo o que fazíamos era beijar. Eu mal podia esperar para que suas mãos me tocassem. Nossa língua continuava a se mover em sincronia uma com a outra.

Eu estava onde era o meu lugar.

Hayes me beijou uma última vez deixando os lábios se demorarem por mais alguns segundos antes de descansar a testa na minha, respirando rápido. Suas mãos ainda estavam nas laterais do meu rosto. Quase como se ele precisasse de um momento para acreditar que eu estava ali.

Que *nós* estamos ali.

Senti seu sorriso encostado na minha boca.

— Eu tenho uma coisa para você, — ele sussurrou.

Eu ri.

— Estou percebendo. — Ele riu e eu gemi quanto se afastou. — O que foi?

— Eu quero todas as cartas na mesa entre nós, docinho.

— Ok.

— Você está me perguntando há meses por que eu detinha parte do bar e agora estou pronto para te contar tudo.

Eu ouvi tudo o que Hayes disse com sinceridade, totalmente atenta e aliviada que não haveria mais segredo entre nós.



Hayes

— Uau, — ela balançou a cabeça. — Eu nem sei o que dizer sobre tudo isso. Não acredito como ele era mau. Eu sinto muito, Hayes. Você não merecia passar por nada daquilo. Não consigo imaginar como era ter ele na sua cola daquele jeito.

— Agora ele se foi. Nunca mais vou precisar me preocupar com ele.

— Eu sei. Uhm... — ela curvou a cabeça.

— Haven, pode perguntar.

Nossos olhares se encontraram.

— Você sabia que Christoff estava atrás dele?

Eu não queria mentir para ela, então simplesmente respondi:

— Eu resolvi isso.

Vi em sua expressão que ela sabia o que eu queria dizer sem eu ter que confessar.

— Dois coelhos com uma cajadada só, hein?

Eu sorri.

— Olha só para você, falando que nem gente grande.

— Preciso me preocupar com a polícia batendo na nossa porta um dia?

— Nossa porta?

Ela sorriu maliciosamente.

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Não, docinho. Sou seu para sempre.

— E o bar?

— É todo meu.

— Isso significa que posso voltar a trabalhar lá?

— Vamos ver se você vai se comportar na nossa viagem.

Ela arqueou as sobrancelhas.

Colocando a mão no bolso traseiro da minha calça jeans, tirei um envelope e entreguei para ela.

— O que é isso?

— Abra e descubra.

Ela abriu.

— Ai, meu Deus!

— Duas passagens de primeira classe para a Itália. Achei que podíamos começar por lá e comer umas lasanhas.

Ela me derrubou na espreguiçadeira e beijou todo o meu rosto. Minhas mãos agarraram sua bunda e eu a levantei em um movimento rápido, carregando-a para o meu quarto e a deitei na cama, embaixo de mim.

— Não acredito que você fez isso. Minha família vai pirar.

— Já consegui a permissão deles, mas eu não teria aceitado um não como resposta.

— Chase Hayes! — Ela estava exultante. — Quando você fez isso?

— Quando fui conversar com eles.

Ela arfou.

— E eles não te mataram?

— Ainda não.

Eu ri.

— Você está cheio de surpresas hoje. Você sabe que não precisava da permissão deles, né?

— Mas eu queria.

Ela beijou a minha boca.

— Obrigada. Não acredito que vamos para o exterior e vou conseguir cumprir o pacto com a minha mãe! Você é maravilhoso, eu te amo.

— Foi um prazer. Também te amo.

— Preciso ir para casa fazer as malas.

Beijei o seu pescoço e fui descendo pelo seu corpo.

— Você não vai a lugar nenhum até que a gente tenha terminado.

— Pode demorar dias!

Nos próximos dois dias, não a deixei sair da minha cama.

Dos meus braços.

Do meu pau.

Aquele era o seu lugar.

Pela primeira vez em muito tempo, eu finalmente dormia em paz. Os únicos sonhos que eu tinha...

... eram sobre o nosso futuro juntos.

CAPÍTULO 42

HAYES

Era a nossa última noite na Itália e, no dia seguinte, viajaríamos para Amsterdã. Haven queria conhecer a casa de Anne Frank e eu queria vê-la enrubescer no Bairro da Luz Vermelha.

Naquela noite, eu pretendia ir devagar com ela antes de lhe entregar o que estava louco para entregar desde que tínhamos chegado, mas que tinha decidido esperar até a nossa última noite. As duas últimas semanas tinham sido exatamente como eu esperava. Andávamos para lá e para cá o dia inteiro e, no final do dia, estávamos exaustos, o que não me impedia de meter meu pau fundo nela.

Eu a joguei sobre o meu ombro.

— Você parece um homem das cavernas! Você sabe que sei andar, não sabe?

— Assim é bem melhor.

Meus sentidos estavam ampliados, e eu sentia o seu cheiro ao meu redor quando a joguei na cama.

— Você sabe que a maioria dos homens carrega as mulheres nos braços, não nos ombros...

— Eles são frouxos e eu estou prestes a te afrouxar.

— Hayes!

— Além disso, eu gosto da sua bunda na minha cara.

— Acredite em mim, eu sei.

— Preciso te foder agora, docinho. Ter você para mim de novo e depois talvez eu possa fazer amor com você a noite toda.

— Promete?

Eu me afastei.

— Aonde você vai?

Aquele era o momento perfeito. Abri o cofre do quarto e peguei um presente para ela.

— Isso estava aí o tempo todo? — Concordei com a cabeça. — Foi por isso que você não quis me dar a senha? — Concordei com a

cabeça de novo. — Malandro. — Entreguei o pacote para ela. — Você sabe que não precisa ficar me dando presentes? Esta viagem é mais do que o suficiente.

— Querida, é melhor você ir se acostumando.

Ela sorriu se sentando.

— O que é?

— Abra e descubra.

— Mas está tão bem embrulhado. — Ela cuidadosamente rasgou o papel nos cantos, e eu me segurei para não abrir para ela.

Quando finalmente desembulhou tudo e abriu a caixa, ela imediatamente se desfez em lágrimas.

— Eu consertei pra você.

— Wilbur, — ela chorou. — Como você fez isso?

— Encontrei uma pessoa capaz de juntar as peças que eu tinha recuperado do original e fazer um cofrinho novo em folha.

Ela o segurou próximo do coração.

— Não acredito que você fez isso.

Eu me ajoelhei ao seu lado e sequei as suas lágrimas.

— Faria qualquer coisa por você.

Levantando o cofrinho até o rosto, ela ouviu que havia algo lá dentro.

— Já tem dinheiro nele?

— Só tem um jeito de você descobrir.

Ela se concentrou em mim enquanto abria a tampinha e virava o cofre, revelando um anel. O queixo dela caiu.

— Hayes...

Peguei o anel do seu colo, exibindo as nossas pedras de nascimento.

— Quero que você viva a vida comigo ao seu lado, mas quando for a hora certa vou te pedir em casamento. Por enquanto, este é um anel de compromisso. — Coloquei-o no seu dedo anelar, prometendo: — Você é minha para sempre, Haven Beckham.

E todas aquelas palavras eram verdadeiras.



Haven

— Você também é meu para sempre, Chase Hayes. Saiba apenas que, quando você me pedir, direi “sim”.

Não havia mais nada a ser dito entre nós, a não ser “eu te amo”.

No momento em que seus lábios tocaram os meus, ele rosnou e os abriu, me convidando a fazer o mesmo.

E eu fiz.

Suas mãos apalpavam todo o meu corpo, como se não soubesse o que mais queria tocar.

Eu me entregava a cada toque.

A cada sensação.

A cada emoção que ele provocava dentro de mim.

Ele era meu.

Eu estava amando a emoção do que estava para acontecer quando ele colocou a mão no cinto.

Eu o queria.

Eu o desejava.

Eu precisava dele.

De cada pedacinho.

Hayes moveu ansiosamente o quadril em direção às minhas mãos enquanto eu abria o botão e o zíper, incapaz de fazer aquilo com rapidez suficiente. Tirando seu pau grande e grosso para fora, eu o masturbei de maneira agressiva e urgentemente para cima e para baixo antes de colocá-lo na boca.

— Caralho, Haven... — ele suspirou.

Nós dois entramos em frenesi quando eu engoli seu pau, engasgando, até ele agarrar no cabelo da minha nuca.

— Me chupa, docinho. Me fode com a sua boca. — Coloquei a mão. — Que boazinha, assim, é tão bom... é bom pra cacete.

— Uhm... — murmurei enquanto engolia seu pau de novo com a minha mão se movendo em sincronia com a boca.

Ele estendeu a mão e apertou minha bunda por alguns segundos, depois deslizou a minha calcinha para o lado.

Eu gemi quando Hayes começou a esfregar o meu clitóris. Enquanto ele empurrava seu quadril na direção da minha boca, eu me perdia batendo gostoso para ele.

Não demorou muito para eu gemer:

— Vou gozar.

Encharquei a sua mão, soltando seu pau com um estalo.

Em um movimento rápido ele abriu a minha blusa, mandando para todos os lados os botões, que caíram no chão. Sem querer interromper a nossa conexão, nem mesmo por um minuto, tirei meu sutiã em segundos e, finalmente, senti suas mãos fortes e ásperas apalpando meus seios enquanto ele lambia e chupava meus mamilos, fazendo minhas costas se arquearem na cama.

Não parei de bater para ele quando ele arrancou bruscamente a minha saia e calcinha, incapaz de tirá-las com rapidez suficiente.

— Quero foder você com a minha língua, — ele disse sem fôlego, colocando imediatamente o rosto entre as minhas coxas.

Não tive tempo nem de piscar e a sua língua já estava na

minha boceta, girando na minha abertura.

— Ai, meu Deus! — arfei enquanto ele colocava minhas coxas nos ombros, chupando meu clitóris de um jeito que me fez enlouquecer de desejo.

Minhas mãos se enterraram instantaneamente no seu cabelo.

Como se lesse a minha mente, ele abriu os olhos e olhou para mim, chupando meu clitóris. Eu amava observar ele enquanto fazia aquilo para mim. Era tão erótico e sexy. Sua cabeça se movia de um lado para o outro, seguindo um ritmo para frente e para trás.

— Ah! — gritei, tentando recuperar o fôlego.

Meu peito se erguia a cada manipulação precisa da sua língua e dos seus lábios. Sua boca estava literalmente me comendo viva. Vi quando ele enfiou dois dedos na minha fenda molhada, fazendo minhas pernas tremerem. O que só o encorajou a me foder mais forte com o dedo e me lamber mais rápido. Aquilo me levou quase ao êxtase.

Hayes parecia primitivo e excitante e aquilo era a minha perdição. Eu gozei tanto que meus olhos se reviraram e minhas mãos se fecharam no lençol.

Posso jurar que vi estrelas.

Ele não me deu nem um minuto para me recuperar, já foi tirando a camisa e arrancando as botas e a calça. Jogou tudo no chão e me levou para o meio da cama.

Eu não podia esperar mais.

— Por favor... — implorei, balançando os quadris de encontro ao seu pau enquanto ele sorria pairando sobre mim.

— Você quer o meu pau, docinho? — Hayes provocou.

Eu concordei com a cabeça ansiosamente. Meu corpo todo formigava, enviando espasmos pelas minhas pernas.

— Eu quero você.

Ele segurou seu pau, batendo forte, acentuando o seu tanquinho e o “V” na parte inferior da barriga.

— Fala pra mim que você quer o meu pau.

Meus olhos dilataram e tentei pegar no seu pênis, mas ele interceptou meu movimento e prendeu minhas mãos acima da minha cabeça, segurando-as firme pelo pulso.

— Deixa eu ouvir você dizer, — ele exigiu, beijando meus lábios.

— Por favor... eu quero o seu pau, — repeti só para ele.

Hayes não vacilou, em um movimento rápido, enfiou o pau dentro de mim. Eu estava tão molhada que encharquei suas bolas.

— É isso aí, Haven... bem assim... aperta a porra do meu pau com a sua bocetinha doce e apertada. Que eu quero sempre mais.

O barulho das nossas pélvis batendo uma na outra ecoava pelo

quarto e meu corpo tremia. Eu era de Hayes para ele fazer o que quisesse.

Ele não parou, suas mãos se moviam pelas laterais do meu rosto, e ele me prendia com seus braços. Eu amava sentir seu peso sobre mim enquanto ele continuava a fazer aquele movimento de entra e sai. Exatamente como eu queria. Tentei manter o seu ritmo, mal terminando um clímax antes de começar o outro.

— Continua gozando no meu pau. Pega o que é seu.

— Hayes... — ronronei, sem ar e ofegando. Gozando intensamente.

Ele soltou aquele rosnado que vinha do fundo do seu peito.

— Mais uma vez.

Ele manipulou meu clitóris, conseguindo exatamente o que desejava. Nós arfávamos muito, e ele me pegou totalmente de surpresa quando me jogou para cima dos seus joelhos.

Segurando firmemente meu quadril ele deslizou de volta para dentro de mim, me empurrando para frente.

— Hayes!

Com a mão no meu pescoço, ele me puxou de encontro ao seu peito, nunca desistindo de adorar minha boceta.

— Eu te amo.

Ele olhou bem fundo nos meus olhos e disse com convicção:

— Eu te amo pra caralho também, Haven. Você é minha.

E nós dois gozamos juntos.

Passamos a noite toda daquele jeito, fazendo amor, enrolados um no outro. Preparados para o futuro...

Juntos.

EPÍLOGO

HAYES

— Hayes, se você não sair de cima de mim, não vamos conseguir pegar o nosso voo para casa amanhã de manhã.

— Casa, — falei com a boca colada nos seus lábios. — Eu gosto da forma como isso soa. Quando você vai contar pra sua família que vai morar comigo?

— Uhm... — Ela me beijou. — Talvez da próxima vez em que estiverem todos bêbados?

— É melhor você embebedá-los assim que passar pela porta. Não vou dormir sem você na nossa cama.

— Nossa cama, — ela sorriu. — Eu gosto de como isso soa.

— Comece contando que você vai pra Universidade de Wyoming no outono.

— Vai, Pistol Pete!

— Líder de torcida, como sempre.

— Eu com certeza vou tentar entrar para o time.

— Querida, contanto que eu consiga te foder com aquele uniforme, o resto não importa.

Ela riu.

— Continue com o que estava dizendo.

— Quando eles ficarem animados que você não vai mudar de estado para ir à faculdade, você pode contar a novidade de que vai morar comigo.

— Uhmm...

Meu pau se contorceu com aquele gemido.

— Se você continuar fazendo esses barulhos, nós com certeza vamos perder o voo amanhã.

— Não acredito como passou rápido a nossa viagem. Como seis semanas podem passar voando assim?

— O tempo voa quando a gente está se divertindo.

— Foi a melhor viagem da minha vida. Sei que a minha mãe está sorrindo para nós lá em cima, feliz pelo que vivemos aqui.

— A minha mãe também.
— Talvez elas sejam amigas.
— Com certeza são.
— Você acha?
— Eu sei. Ela ficou anos me falando que encontraria a pessoa certa. Ela iria garantir que isso acontecesse.

Haven arfou ligeiramente.

— Minha mãe me dizia a mesma coisa.
— Nosso amor estava escrito nas estrelas.
— Estava. Eu adoro ouvir isso. — Eu a beijei. — Mas é sério!
Para! Preciso arrumar as malas.

— Droga! — Pulei para o lado, deitando com as mãos embaixo da cabeça. — Tá bom, mas que tal fazer as malas pelada? Assim eu posso pelo menos aproveitar o show.

— Você é terrível. Nós dois sabemos o que vai acontecer se eu fizer a mala pelada. Não vou fazer mala nenhuma. Além disso, como você ainda pode querer fazer sexo? Meu corpo fez literalmente parte do itinerário a viagem inteira.

— E eu avalio com cinco estrelas.

— Você é a coisa mais fofa do mundo.

— Só estou tentando transar.

Ela jogou o travesseiro em mim.

— Que tal jogar a boceta em vez do travesseiro?

— Hayes!

— É melhor você correr.

Seus olhos se arregalaram, sabendo que eu ia persegui-la. Era a sua brincadeira favorita. Ela riu e saiu correndo pelo quarto.

Eu não hesitei em ir atrás. Haven era o meu mundo, e eu não tinha problema nenhum em dizer isso a ela.



Haven

Parei atrás do sofá com as mãos levantadas na frente do corpo, fazendo Hayes parar do outro lado do sofá.

— Preciso arrumar as malas e você não está ajudando.

— Você acha que isso vai me segurar?

Ele andou até mim com passos precisos e calculados. Antes que eu pudesse correr, ele me derrubou no sofá e deitou o corpo em cima do meu.

— Como foi que voltamos a isso? — eu ri.

— Porque com você, eu quero sempre mais. — Devagar, ele beijou o meu pescoço. — Vou ser rápido.

— Essa palavra não faz parte do seu vocabulário.

Quando seu rosto estava onde eu mais gostava, ele lambeu em volta da costura da minha calcinha, depois enganchou os dedos nela e a deslizou pelas minhas pernas.

— Docinho...

Meu telefone tocou, interrompendo.

— Espere um pouco.

— Droga!

Ele caiu sentando no sofá ao meu lado.

— Você é um bebezão. Deve ser o meu pai, perguntando que horas nosso avião vai pousar. Você sabe como ele está animado em nos ver.

— Ver você, mas, boa tentativa.

Revirei os olhos.

— Ele gosta de você.

— Revire os olhos de novo e vai ver como vou deixar a sua bunda vermelha.

— Você vai ter que me pegar primeiro.

Dizendo aquilo, pulei do sofá, enquanto ele tentava me agarrar, e peguei o telefone da mesa de centro.

— Ah, é o Jace.

— E ele ainda é um pé no meu saco.

— Shh. — Atendi o telefone. — Alô.

— Oi, pequena.

— O que foi?

— *Que horas vocês chegam amanhã?*

— Umas dez da noite.

— *Quer que a gente vá buscar vocês no aeroporto?*

— Não, vamos pegar um Uber.

— *Certeza?*

— Sim, não tem problema.

— *Tá bom.*

Pelo tom da sua voz, eu sabia que tinha alguma coisa errada.

— Está tudo bem? — Ele hesitou por um momento. — Jace, você está me assustando.

Hayes se sentou, olhando para mim com preocupação.

— *Não quero que descubra quando chegar. Prefiro que ouça de mim primeiro.*

— Ok...

Coloquei a mão no coração, tentando abraçar não sei o quê.

Jace deu um suspiro profundo enquanto eu me sentava na mesa de frente para Hayes.

— Jace, esse suspense está me matando.

Hayes mexeu a boca sem falar: “Põe no viva-voz”.

Assim eu fiz.

— *Desculpe fazer isso com você, Haven.*

Hayes colocou a mão na minha perna, em um gesto de conforto. Com três palavras, Jace jogou a minha vida num redemoinho quando revelou...

— Levaram a Cove.

Para Hayes e Haven.

É só o começo, ou também é o *fim* para... Jace e Cove.

Fim!



Não esqueça de avaliar este livro!



AGRADECIMENTOS



Assistente pessoal: Leanne Trn

Designer de capa: Lori Jackson

Formatação da versão em ebook: Leanne Trn

Formatação da versão encadernada: Sarah Barton

Assessoria de imprensa: Danielle Sanchez

Agente: Stephanie DeLamater Phillips

Blogueiros e Influenciadores literários: Sem vocês eu não seria nada. Obrigada pelo seu apoio de sempre. Meus leitores VIPs.

Fotografia: Michelle Langcaster

Modelo: Chad Hurst

Gestor de equipe de marketing promocional: Leeann Van Rensburg, Jamie Guellar Teasers

Promotores: Shereads.pang, Leanne Trn, Madaline Bird

Meus administradores do grupo de leitores VIP: Lily Garcia, Leeann Van Rensburg, Jennifer Pon, Jessica Laws, Louisa Brandenburger

Marketing promocional e Hype Girls: Vocês são os melhores.

Meus alfas e betas: Obrigada por me ajudar a trazer este livro à vida.



SOBRE A AUTORA



M. Robinson é autora best-seller do Wall Street Journal e do USA Today de mais de trinta livros de romance contemporâneo e suspense romântico. Coroada como a “Rainha da Angústia” por seus leitores fiéis, você sentirá sua caneta cortando seu coração enquanto sua alma sangra com as palavras de suas histórias a cada virada de página.

Mais notavelmente conhecida pela série *Good Ol’ Boys*, o mais novo lançamento a agraciou com o best-seller nº 1 na Apple Books com a série *Second Chance Contract*. Os homens de *Second Chance* são poderosos, inteligentes e vão te surpreender e te deixar com as pernas bambas — os sonhos mais loucos de toda mulher.

A autora vive em um barco ao longo da Costa do Golfo da Flórida com seus dois cachorrinhos e com Bossman, o namorado dos livros da vida real, a inspiração para todos os seus alfas que falam sacanagem.

Quando ela não está em sua caverna escrevendo sua próxima história de amor épica, geralmente você pode vê-la correndo loucamente pela Target ou no drive-thru do Starbucks, reabastecendo seu estoque de cafeína. Sim, ela se autoproclama viciada em compras, mas apenas se estiver gastando o dinheiro de Bossman.

Você pode seguir a autora, Ted, Marley e Bossman no Facebook, Instagram e em sua plataforma social favorita, o TikTok.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authormrobinson

www.facebook.com/AuthorMRobinson

www.tiktok.com/@authormrobinson

www.authormrobinson.com



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>